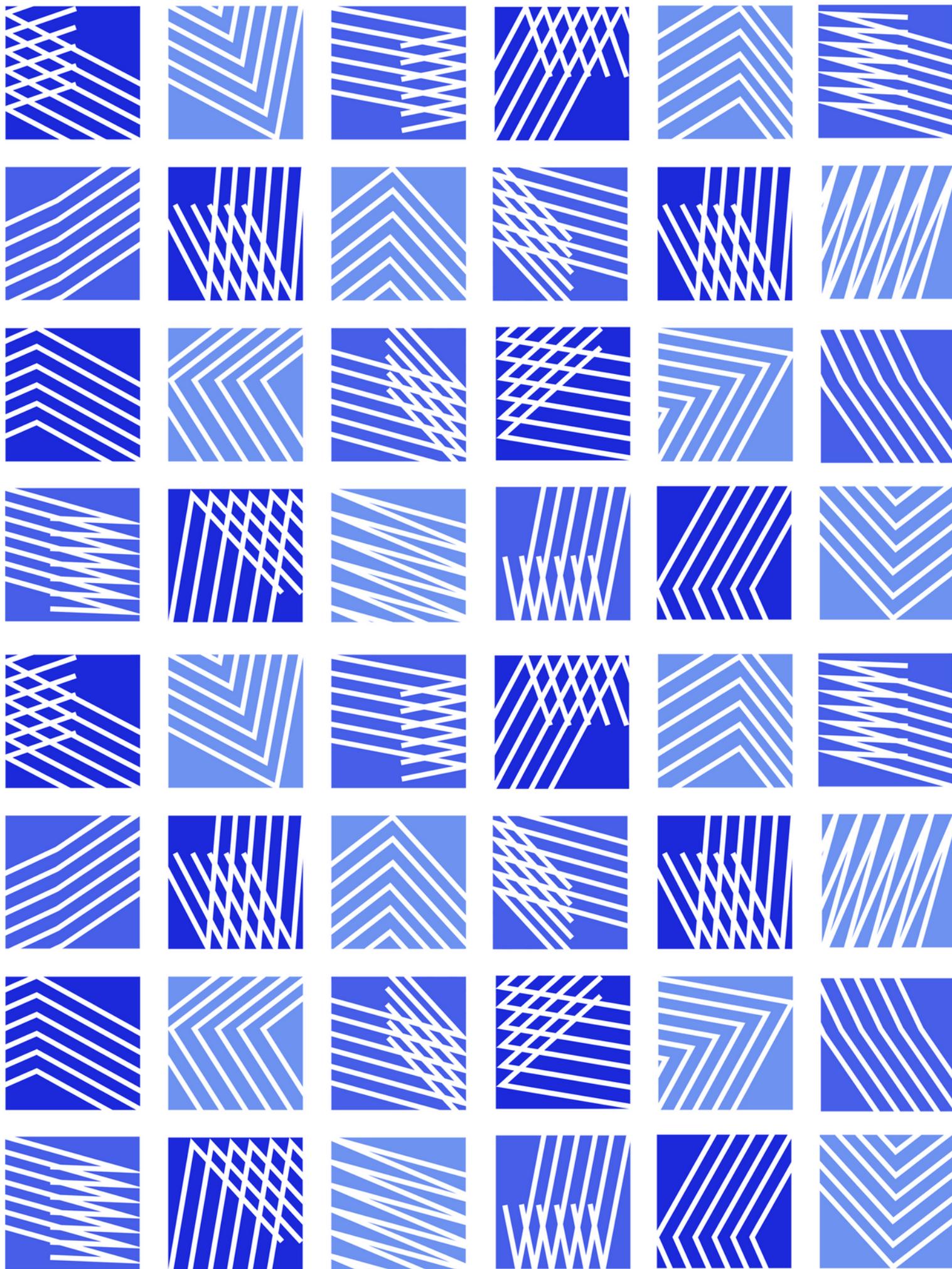
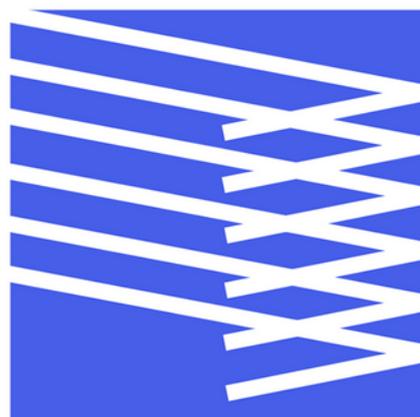


BULI



BULI

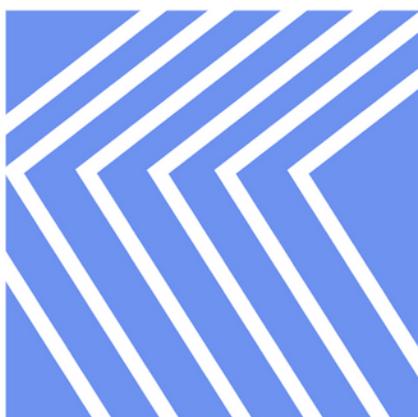
EDIÇÃO EXTRA - JULHO 2023



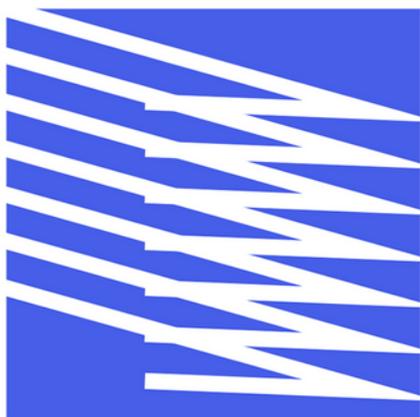
REVISTA DE ARTES CÊNICAS

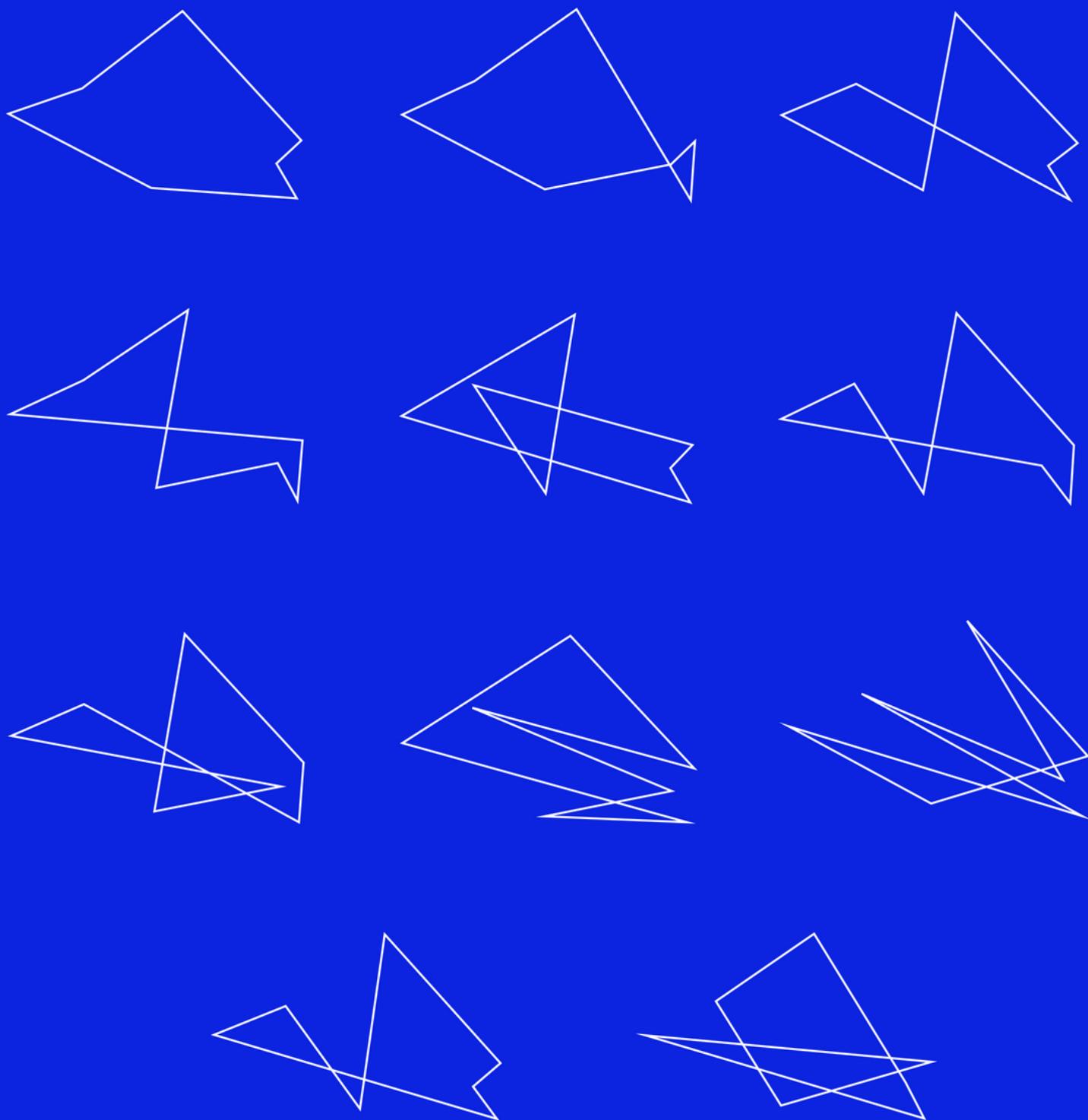


CONSERVATÓRIO DE TATUÍ



1º CONCURSO ESTUDANTIL DE DRAMATURGIA





A concepção das formas gráficas desta edição da Revista BULI procurou elaborar, criativamente, conexões entre as cidades que a compõem. Tatuí, São Paulo, Campinas, Porto Feliz, Guarulhos, São Bernardo do Campo e Ibiúna são unidas por uma linha imaginária que dá vida a diferentes formas geométricas-abstratas, ilustrações-mapas. Pontiagudas, amigáveis, confusas e orgânicas, cada versão geométrica foi projetada para habitar um texto e ampliada de forma que, durante a leitura, somente seja possível perceber uma linha contínua atravessando a página. As ilustrações das capas 1 e 2 trazem a fragmentação dos vértices de cada ilustração-mapa, organizados de forma desconexa, o que cria a ilusão de rompimento, profundidade e movimento ocular pela arte toda.

BULI

REVISTA BULI
JULHO/2023
Edição Extra

REVISTA DE ARTES CÊNICAS DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

BULI é a Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí. Com esta iniciativa, pretendemos circular, trocar com os interiores, fomentar criação e reflexão em/com lugares que não ocupam os espaços consagrados das artes cênicas. Reunir espaços, coletivos e criadores(as) que atuam e produzem de outros modos e estabelecem outras relações com as artes da cena.

Coordenação Editorial

Antonio Salvador

Editores

João Fabbro, Tadeu Renato e Thiago Leite

Produção Editorial

João Fabbro

Arte Gráfica

Renata Corrêa

Projeto Gráfico

Antonio Salvador, João Fabbro, Luiza Devasa – Álbum de Capas – e Renata Corrêa

Revisão de Textos

Tadeu Renato e Thiago Leite

Estudante Bolsista Ofício - A Bolsa Ofício visa valorizar e incentivar a experimentação de habilidades e ofícios correlatos à formação de músico, ator/atriz ou luthier, dando oportunidade a alunos(as) interessados(as) e com domínio técnico que frequentam os cursos regulares do Conservatório de Tatuí - Camila Barbagallo

Estudantes do Conservatório de Tatuí que colaboraram nesta edição – Renata Corrêa

Contato

e-mail da revista: bulibuli.artescenicas@gmail.com

sumário

capa_01	Luiza Devasa – Álbum de Capas – artista convidada para essa edição.
antes do início_08	texto de apresentação editores
editorial_09	a partilha das palavras Tadeu Renato
afasta de mim este cálice_ 11	Aline Ferreira da Silva – Guarulhos – SP dramaturgia completa
âgora ao avesso_30	Dea Araújo de Sousa – São Paulo – SP dramaturgia completa
alexa_68	Dayany Nayara Pontes Oliveira – São Paulo – SP dramaturgia completa
calcário_80	Alanis Mahara Silva Borges – Campinas – SP dramaturgia completa
cartas em mar aberto_99	Nairim Liz Bernardo Marques e Carol Cax São Paulo – SP projeto dramatúrgico

sumário

cor ação do asfalto_119	Andrews Nascimento São Bernardo do Campo – SP dramaturgia completa
escola de palhaço_137	John Jordan e Lucas Ângelo Ibiúna – SP dramaturgia completa
irrespeitável público_150	Audrey Takaki Marchini – Campinas – SP dramaturgia completa
necrobotânica brasileira_228	Bibi Marães – Porto Feliz – SP dramaturgia completa
os nuncas que aconteceram_244	Ivan Freitas Tavares – Tatuí – SP dramaturgia em processo
quarto de ori_259	Victor Timóteo de Lima – São Paulo – SP dramaturgia completa
comissão de seleção_280	Integrantes do 1º concurso estudantil de dramaturgia do conservatório de Tatuí
material extra_286	kitembo – Cristiane Sobral – Brasília – DF

TEXTO DE APRESENTAÇÃO

editores

Esta é uma edição especial da revista BULI. Diferente das que a antecederam, que têm como objetivo a investigação de manifestações cênicas em interiores, este caderno especial torna público os textos selecionados no primeiro Concurso Estudantil de Dramaturgia do Conservatório de Tatuí.

O Concurso – que teve sua primeira edição no 2º semestre de 2022 – surgiu com a vocação de fomentar a escrita para a cena feita por estudantes de todo o estado, com foco, principalmente, no interior de São Paulo. Nesta primeira edição, tivemos a surpresa e a alegria de receber 73 inscrições, com textos dos mais variados formatos: projetos, peças em processo, dramaturgias prontas. Também foi grande a diversidade de participantes, com idades entre 16 e 63 anos, estudantes de ensino médio até doutorandos, passando por cursos livres e técnicos.

Selecionar os 11 textos que compõem este caderno (05 premiados – Alexa, Calcário, Necobotânica Brasileira, Os Nunca que Aconteceram e Quarto de Orí – e seis menções honrosas – Afasta de Mim esse Cálice, Agora ao Averso, Cartas em Mar Aberto, Cor Ação do Asfalto, Escola de Palhaço e Irrespeitável Público) foi tarefa árdua para a Comissão, devido à alta qualidade e diversidade dos materiais enviados pelos participantes do Concurso. Balizando as escolhas com olhar atento aos objetivos do edital e procurando abarcar a maior multiplicidade possível, finalizamos a seleção convictos de que a presença de tantas dramaturgias potentes indicava um grande nível de singularidades e invenções em nosso Estado.

Além das 11 dramaturgias já citadas, este caderno ainda traz, como material extra, o texto "Kitembo, entre nascedouros e poentes", da dramaturga Cristiane Sobral - obra desenvolvida junto à Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí, no ano de 2022. A partir daqui, resta-nos um único desejo: boa leitura!

A PARTILHA DAS PALAVRAS

Tadeu Renato

A dramaturgia é uma arte que se coloca como fronteira: por um lado, é Literatura, dado seu caráter poético na maneira como relaciona as palavras; por outro, é Teatro, uma vez que sua finalidade é ser colocada em cena. Dizendo de outro modo, me valendo de uma frase do poeta e dramaturgo espanhol Federico Garcia Lorca: “o teatro é a poesia que sai do livro e se faz humana”. O texto escrito para o teatro convoca o corpo; clama a performance, deseja a irmandade das imagens, da música, da luz. A palavra colocada em cena se completa na voz. Dessa forma, sempre penso na dramaturgia textual¹ como uma teimosia por manter os poderes das palavras diante de um mundo hipercomunicativo, onde as frases de senso-comum, os discursos prontos, os dizeres já fixados tomam conta da nossa linguagem em comum. É retomar à palavra o sentido que os povos Guaranis dão ao termo *nhe'ê*, que tanto pode significar palavra, como ser, falas, som, vida: a persistência da poesia em nossos tempo, penso, se relaciona com o desejo de não perder a força do verbo, aquele que se faz humano, a palavra que cria mundos e realidades. E se o teatro é a poesia encarnada, como dito acima, o teatro segue como um ritual de compartilhamento dessa palavra inventiva, lugar onde somos atravessados coletivamente por novos usos da linguagem. Assim, é com imensa alegria que o 1º Concurso Estudantil de Dramaturgia do Conservatório de Tatuí recebeu dezenas de textos escritos por pessoas de diferentes idades e contextos. Alegria por saber de tanta gente que ainda teima nesse tipo de escrita e pela qualidade dos textos.

Entre os textos selecionados para compor este Caderno, há obras que denunciam as mazelas do país, especialmente as que nos acometeram nos últimos anos (que, evidentemente, também reverberam tempos ainda mais remotos); textos que dialogam com a tradição dos circos populares; dramaturgias que apontam como as relações humanas são afetadas pelo avanço tecnológico; comédias e tragédias, musicais e performances, palestras e cartas: cada forma respondendo à sensibilidade daquele(a) que escreve. Neste panorama que se observa, torna-se estranho buscar um estilo ou assunto em comum que atravessa a produção contemporânea. No entanto, não é possível deixar de notar que uma característica se sobressai: a diversidade dos corpos que escrevem.

Dramaturgias rabiscadas por mulheres, por negras e negros, por coletivos, por pessoas trans; a diversidade de pessoas também corresponde à diversidade de enredos e personagens, de discursos e propostas: esses corpos dissidentes² ecoam nas páginas, pedem espaço no espaço da cena, desejam manifestarem-se como existentes, gritar que não é mais possível serem apagadas de nossas histórias. Os textos que compõem este Caderno são apenas uma amostra dessa multiplicidade que, ao mostrar outras possibilidades existenciais, outros modos de sensibilidade e de ação no mundo, acabam por também propor ampliações estéticas sobre o fazer teatral, arte que é histórica e, por se dar no momento único de cada apresentação, é também a arte da presença, do constante Presente, do se reinventar infinitamente.

¹ *No teatro contemporâneo é comum se valer do termo dramaturgia para se referir a outros componentes da cena que trabalham para dar encadeamento às ações, como: dramaturgia da luz, dramaturgia do corpo, dramaturgia musical, etc.*

² *São corpos dissidentes aqueles que fogem às características de fenótipo e gênero que, em geral, tem poderes em uma sociedade como a nossa: masculina, adulta, branca, hétero, cis, etc.*



AFASTA DE MIM ESTE CÁLICE

Aline Ferreira da Silva

Afasta de mim este cálice traz uma poética potente com vozes femininas de recortes diferentes. Aiê Antônio expõe as violências diárias contra corpos femininos em diferentes estágios da vida e reflete sobre como elas se enraízam no cotidiano.

Flor, Priscila

PERSONAGENS:

Mulher (Só aparece sua silhueta)

Mulher preta

Mulher nordestina

Mulher pobre (Durante a peça, quase não fala)

Homem

Coro de homens

CENA 1 – Quem ela é?

Elas aparecem de suas janelas, dentro do que parece um grande edifício velho na cidade. Cada mulher, de sua janela, mostra uma realidade diferente da outra. Estão dispostas em andares. A nordestina, de sua janela, parece atingir algo com uma lança, ergue em seguida uma serpente morta.

TODAS: “Só tenho a dizer que somos muitas, musas, Mulheres... Por muito tempo, fomos mudas, muletas, música para homens agradar. Hoje fazemos nossa própria canção, munidas, multamos, muralhas, mudamos, muitos hão de nos escutar.

Grão de café moído.

Uva esmagada.

Suco.

Sugo.

Perfumada.

Gostosa.

Engasgada. Engasgada. Engasgada.”

MULHER: Sou a Mulher

PRETA: Preta

NORDESTINA: Nordestina

Todas falam, exceto a pobre. Dizem olhando de suas janelas para ela.

TODAS: Pobre.

Som de chuva. Personagem Mulher dança com uma taça de vinho em sua mão, tropeça e cai. Ouve-se em coro as outras personagens na penumbra de suas janelas. Todas falam, exceto a Mulher pobre que rega as suas plantinhas e flores amarelas com a água da chuva. E com o auxílio de baldes recolhe água.

TODAS: Ela dança na sala enquanto chove lá fora. Lareira acesa, móveis marrom, bordô e marfim. Café perfuma o cômodo. Mas ela bebe em uma taça de vinho, numa taça de vidro. Como da janela respingada de gotas da chuva que cai lá fora. Seu salto que é alto tropeça no passo, se enrosca na linha trançada do tear. Ela cai. Cai com a taça nas mãos, cortando os lábios na queda: sangra. E seu cálice transborda...

MULHER: Eu bebo do meu sangue? Recolho em uma taça pra mim ou o deixo escorrer até o fim? Que tonta que sou.

CENA 2 – Cale-se

Segurando as grades de sua janela olhando para fora.

PRETA: Branco em cima.
Preto embaixo.
Suspenso.
Equilibrado.
Estás sobre e sobre ela diz...
Branco em cima.
Preto embaixo.
Suspenso.
Equilibrado.
Estás sobre e sobre ela diz...

MULHER: Cale-se. Está bêbada?

PRETA: Já me calei por tempo demais. Sou uma sombra de ti, Mulher. Fui por muito, uma sobra de ti. Debaixo do chuveiro, água quente. Vermelho escorre sobre mim, muito vermelho. Vermelho. Vermelho: vermelho sangue inflama gritante. Começou de cima: a sangrar. Minhas ideias escorrem, descem e mancham o chão: por um tempo. Chão que é ralo de ideias mal plantadas: lucidez. Por mais que perfumam – por um tempo. Aglomeradas no subterrâneo fedem, esgoteiam esgotadas. As ideias flagradas sangraram: o líquido vermelho flui sobre o corpo que é terra. De cima do teto. Da cabeça: mil esferas. Sangraram da raiz fios inteiros que pingam, gotejam goteiras de uma caixa d'água onde um corpo morto e ferido ressoa, e de todas as torneiras: olhos, ouvidos, boca, nariz, cabeça: gotas. Dos poros se expelle o líquido sanguíneo de outro corpo contido e morto lá dentro. O defunto impregna odores sobre o futuro esgotado nos ralos. Mataram meu irmão mais novo, porque ele era Mulher e preto. ELA!

NORDESTINA: Pare! Espere... É tinta, não é sangue. Ufa... Que susto, nega, você me deu! Achei que fosse sangue. Não é não, é tinta mesmo... Se esfregar sai sem erro.

MULHER: Foram seus cabelos pintados de vermelho que choraram sobre tudo. Como se estivessem doendo, feridos, pingando repletos de sangue.

NORDESTINA: Fica em paz minha senhora, deve ter sido uma canetinha dessas que estoura no bolso, sabe? Seu menino não tá metido com coisa ruim não, pode sossegar, viu, minha senhora? Deixa comigo, que no rio, em cima de pedra, eu deixava as roupas alvejadas. Esta tinta eu dou um jeito fácil, fácil... A senhora não vai perder uma camisa tão bonita assim não, viu? E nem seu menino.

CENA 3 – Romances Terrenos

PRETA: Arranca do corpo a camisa de seda branca e manchada de vinho e sangue. Senta-se de frente para sua estante de livros que cobre toda uma parede. Está com os seios expostos, abertos aos caminhos do mundo. Se sente pescada por um título "O conto das sereias do Norte." Abre o livro e folheia à procura de figuras. Encontra Mulheres de beleza e sensualidade estonteantes, com olhos penetrantes. Dentes, lábios e queixo escorrendo o sangue de homens.

A pobre, de sua janela, observando a rua, enquanto também coloca os panos de prato no varal. Um destes está manchado de vermelho. A pobre é abraçada por um homem. O homem a beija. Apaixonada, ela o olha. Ele a olha nos olhos também e brinca, puxando-a pra dentro dos aposentos. O homem tira a própria camisa. Em tons de sedução ele ergue a saia da pobre. Ela resiste sorrindo e brincando. O homem olha a rua e fecha a janela, novamente a toma em seus braços até que desaparecem. Personagem Mulher pega um livro e o folheia. Ainda só sua silhueta é vista.

MULHER: Esta leitura me fez lembrar como os romances são perigosos e enfraquecem a alma.

MULHER E PRETA: *(Rezando)* Acorda. Estás sobre uma corda. No meio de uma horda de cães. Acorda! Acorda depressa, menina. E se tens fé, também ora; pra que estes demônios saiam de cima de ti.

PRETA: Dezesesseis anos. Negrinha como a noite. Era noite. Ela estava com a camisa de seda rasgada, seios expostos aos caminhos do mundo; os caminhos dos homens. A saia havia sido erguida, violada, muito além dos cortes que dela são próprios. Um lhe disse ao pé do ouvido "sua forma succulenta me atrai". Tremeu. Fixou seus olhos nas flores amarelas que cresciam em meio aos blocos de concreto e empalideceu.

Pobre limpa sua janela, ainda muda. Retira o pano de prato manchado de vermelho do varal.

TODAS: O sangue deles, não o nosso! Ou, sangue nenhum...

NORDESTINA: Num é...? Quando é assim mocinha, vaza mesmo o sangue, nega! Faz uma sujeirada só. Até saber lidar, vice? Aqui tem este negócio de “módes”, mas a gente usava fronha mesmo. Cortava umas tirinhas de pano, sabe? E tinha que colocar na calcinha pra segurar. Ai lavava depois toda vez que usava. Era uma trabalhadeira. Agora, assim tá mais fácil, mas tem dia que não dá jeito, não tem tecnologia que segure, vaza mesmo. Dormindo vaza, mancha os lençóis tudo se não cuidar, imagina em pé... Quando eu era casada, meu marido não gostava não. Tinha nojo. Me chamava de suja, porca... Porca: olha só, homi grosso. Porco ele. Vai ter nojo de sangue? Mas aí, eu tomava muito cuidado pra não manchar os lençóis, levantava no meio da noite, às vezes, mode me lavar... Pra ele não ver o meu sangue, pra não vazar na nossa cama.

CENA 4 – Querer Escolher

Pobre, ao ser abraçada pelo homem que chega até ela na janela, desvia. Vai pra dentro de casa. O homem a puxa pelo braço. Ela se solta dele e vai para fora da vista. O homem olha pra janela, olha as outras Mulheres e vai atrás da pobre.

TODAS: A música toca. A chuva passa lá fora. Alguém chega, e o motor de uma moto avisa. Os cães latem. E ela. Ela permanece parada. Fecha os olhos. Muitos sons lá fora. Alguém que chega. Os cães que latem. Seus seios expostos. Sua coluna está relaxada. Seus cabelos despenteados. As linhas pela sala.

MULHER: A taça, onde eu pus a taça?

PRETA: Não abre. Ela permanece em silêncio, não irá receber quem chega; e que também não bate na porta. Talvez tenha olhado pela janela. Ligado pra ela. E ido embora sem bater na porta. Ela não se move. Ela quer que quem chega, vá embora.

MULHER: Eu queria agora poder escolher. Pois ela que sou eu, ama estar só, ama não correr perigo. Aprecia poder escolher regar as flores amarelas, ou não. Juntar aquelas linhas emaranhadas aos pés da poltrona na sala, ou não. Limpar o sangue seco no rosto, ou não. Abrir a porta pra quem chega, ou não.

Mais um deles chegou. O motor de uma moto avisa. Os cães latem. O vento uiva. As vozes se confundem em minha mente, compondo uma música que me tira o chão. A taça, onde eu pus a taça?

NORDESTINA: Antes de eu subir naquele caminhão e partir pra conhecer o mundo, me perguntaram: você não tem medo? Era uma noite escura, tava um breu só... Eu olhei bem no olho da névoa e pensei comigo: já fugi de assombração, fugi sim, mas também já enfrentei muita coisa nesta vida. Não teve lobisomem, não teve mula sem cabeça, nem cavaleiro da meia noite que me fez dar meia volta. Nem mesmo aquele homem com cachimbo no meio da estrada. E eu disse: sai da frente que eu quero passar. E na minha reza, eu passei...

Todas olham a Mulher pobre sendo apanhada pelo homem que a amou. Ele grita com ela. Ela fala, mas não se ouve o som. Ele a sacode. A espanca. Todas olham de suas janelas. Ele rasga sua roupa. Depois da violência, ela fica caída pra fora da janela. Como quem quer falar... Como quem pede ajuda. E com o braço erguido pra fora, estende a mão, seu grito e choro são silenciosos.

HOMEM: Vagabunda, é isto que você é, prostituta de merda... Verme, lixo... Nem pra eu comer você tá servindo mais... Quer fazer doce pra mim? Logo pra mim? Quando eu digo agora, eu quero agora... Não adianta fechar as pernas, como quem fecha a porta. Sua vagabunda. Eu não sou visita, entende? Você tá no meu teto, tá entendendo? Fui eu que construí tudo aqui. É o meu teto... E você: é minha Mulher!

TODAS: Ela não se move. Ela quer que quem chega vá embora. Ergue a cabeça. Sente uma leve tontura. Finca os óculos nos cabelos. Pensa estar velha, que o tempo a encarcerou. Então... Levanta. Pega a jarra de água na cozinha e rega as flores amarelas.

MULHER: "Como estou velha para paixões, bebidas e danças"

CENA 5 – Sangue Coagulado

NORDESTINA: Senta em frente à lareira, em sua poltrona. Limpa o sangue seco no rosto. Pega sua xícara vermelha e bebe o café. Olhando a dança do fogo, acaricia os próprios fios de cabelo e os trança. E perguntando:

Mulher abre a janela e detrás da cortina observa o lado de fora.

MULHER: Por que eles não vão embora?

PRETA: Eu que sou ela, uma equilibrista iniciante, ando sobre o muro como uma bêbada vacilante. Não é a bebida que me tira o domínio. Até agora só me embriaguei com meu próprio sangue. São minhas pernas que doem enquanto eles me jogam de um lado a outro e repartem minha carne como cães. Eu abaixo a cabeça, relaxo a coluna e penso em ser sereia, ser a que corta, mastiga e digere suas vísceras depois de seduzi-los com meu canto até o mar.

NORDESTINA: Mas nega... Sarapatel é muito bom. É feito com as tripas, as vísceras do porco. Tu pega a carne do porco, pica em cubinhos, sabe? Escalda com suco de limão e vinagre. Vai ficar o sangue coalhado, este é o charme. Tem lugar que é feito com as tripas do bode ou do carneiro, mas eu faço mesmo com os pedaços do porco. O pulmão, rins e fígado. Muito, mas muito sangue... Tem gente que tem nojo, besteira. Vá ter nojo de sangue? Aí tu capricha nos temperos. Bem temperado com toucinho, hortelã e louro, fica bem gostoso, viu fia? Tem que experimentar, é comida típica, comida boa... Esta sim é comida boa.

Todas olhando para a pobre que, sem falar, ergue-se se arrumando, limpa o sangue, põe gelo num saco de mercado e coloca sobre o olho roxo enquanto chora.

TODAS:

Esta sim é comida boa:

Saciar a vontade de carne, da carne.

Beber da sede que eu invento, até me embriagar.

Sua forma suculenta me atrai.

Esta sim é comida boa:

Saciar a vontade de carne, da carne.

Beber da sede que eu invento, até me embriagar.

Sua forma suculenta me atrai.

CENA 6 - A Morte Escolheu

A pobre sai pela janela como quem se prepara para pular.

POBRE: A sensação para mim era de alguém em pé, no alto de uma grande montanha. Mas não, eu estava um pouco mais abaixo, bem mais baixo. Ali havia um muro, não um muro qualquer, cinzento de blocos repletos de musgo, que escondia uma casa abandonada. Eu devia estar, deixa eu ver, sobre uma sala. Sabe aquelas estruturas de casas que estão em construção, ou no caso, estavam, pois a obra não foi concluída? Que não há teto, telhado, pintura e o chão é batido, cheio de pedregulho, ferrugens? Era em cima de um muro deste que eu estava. Logo eu, que morro de medo de altura. E para complicar e aumentar meu medo, dentro dos cômodos, mas embaixo, haviam cães! Cães furiosos, famintos! Orelhas pontudas, dentes afiados. Eram pretos e magros. Pareciam bravos... Pulavam! Pulavam! Pulavam em minha direção.

MULHER: Estruturas. Você está falando... O que por si só já é estranho. É de algum tipo de estrutura antiga. Abandonada. Não, não... Parece estar abandonada, mas não está. E que permanece em pé, apesar das mudanças, do tempo...

PRETA: O que mais você viu? Fale.

POBRE: Tinham homens. Muitos. Eu achei que me ajudariam, mas eles me empurravam de um lado para o outro. Eles jogavam carne para os cães lá embaixo, e numa dessas, eu quase caí.

NORDESTINA: Menina, o que você fez? Porque se jogou da janela?

POBRE: Eu tive que me jogar lá de cima. Eu tive que saltar de lá. Eu precisei. Eu me via caindo, mais fundo, mais fundo. Como Jezabel pisoteada por cavalos, vi meu corpo esmagado pelos pés deles. Minha carne mastigada pelos cães de maneira infernal. Eu abaixo. Calada. Sempre: - Sim senhor! Não senhor! Sim senhor! Não senhor! Não conseguia mais chorar por mim, eu sofria por eles. Estava cansada. Minha condição era a conduta correta pra eles: abaixo, abaixo. Respondendo: Sim senhor! Não senhor! Se eles sofriam, eu podia sentir dor. E eu os amei. Eu os amei...

MULHER: Quantos?

POBRE: Senhora... Eles governavam o mundo. Eram muitos. Erguiam seus postes e os veneramos. Nós nos dobramos à porra deles, nós comemos o pão que o diabo amassou, e eles lambuzavam nossos rosto e seios, nossa boca... Nossa boca... Engasgada. Engasgada. Engasgada. Agora eu consigo respirar. Mas antes, não! Agora eu consigo falar! Antes estava com a boca cheia de silêncio e humilhação.

NORDESTINA: Descansa, menina. Tão nova, tadinha.

PRETA: Você quis morrer?

POBRE: Não tenho culpa. Você nunca quis? As leis são deles, não nossas. Como viver? Eu só queria poder comer em paz, me sentir gente, ser respeitada. Queria poder escolher. Eu não tive o que vocês tiveram. Eu não sou quem vocês são. Não me culpem se pus muitos filhos no mundo e se eles são todos homens. Não me culpem se hoje eles me cospem e batem. Não me culpem... A lei é deles. A lei é deles. Eu estou sangrando no meu útero perfurado. Tem sangue aqui. Vê? Quem cuida? Eu sou o estrado dos pés. Os cães me lambem. Eu sou a boca que tem culpa de sentir fome. O clitóris mutilado por sentir prazer. E agora vão me proibir de respirar porque não posso pagar pelo ar? Eu não vou pagar por isto. Não vou pagar. Não posso! Eu vou me banhar nessa chuva, até a dor passar. Eu quis morrer. Só isto. Quis morrer acreditando no amor dele por mim. Só isto. Lembrando de quando ele me amava. De quando ele era meu homem, só meu.

TODAS: De quando ele era meu. Só meu. De quando ele era meu... E eu... Ninguém. Ele era de ninguém. De todas. Se Ele era de ninguém. E eu quem sou?

NORDESTINA: Tudo bem menina... Dorme em paz no chão que você nasceu esta noite então. Esta noite apenas, que seja. Que também neste beco escuro tem dança, tem alegria, tem comida, tem amor. Tem isto tudo, mas não apaga a dor que existe aqui também. Eu sei... Eu sei... Fia! Dorme em paz. Nina aqui, nina no meu colo menina. *(Abre bem as janelas, a pobre se aproxima da janela e encosta a cabeça no muro da janela, tendo os cabelos acariciados pela nordestina)*. Tu que não teve mãe, não teve pai, foi atrás de amor por aí, mas que não aprendeu a se amar, como muitas de nós. Deita aqui. Que eu vou te contar uma história de guerreiras que tinham asas, asas, lanças e escudos... Provocavam e silenciavam a guerra: as Valquírias, as que escolhiam os mortos. Veja, menina. Elas escolhiam.

Apareceram num sonho antes de uma batalha, onde um estranho grupo de doze Mulheres arretadas que só elas, foram vistas tecendo uma terrível tapeçaria feita de cabeças e entranhas de homens. Tecelãs. Vê a linha do tear emaranhada? Elas teciam o destino dos homens. Mas com o tempo inventaram que estas mulheres eram condutoras para o paraíso. Servas de Odin, um deus branco de um povo que morava nuns lugares gelados. Você acredita? As temidas e terríveis Valquírias que voavam em seus cavalos alados e apontavam suas lanças para os guerreiros, se tornaram servas do deus Viking. Vê? Sempre gostei muito de ler, viu fia. Nas faxinas da vida limpei muito livro em biblioteca de casa chique, quando vi esta história entendi muita coisa, tive que ir longe, pra ver direito o que estava bem aqui, debaixo do nosso nariz. O jeito que eles mexem com nossa cabeça, e nos convencem de que somos menos. Veja, os poetas a transformaram em serviçais semelhantes às taberneiras no grande salão de Valhalla, o paraíso nórdico, cuidando dos campeões de batalhas. Ai, ai... Oshi... Ainda guerreiras, ainda escolhendo os destinos dos homens, mas tratadas como serviçais. Os pintores, pouco as pintavam portando armas, capacetes, lanças, espadas ou andando a cavalo, como eram de fato. Os pingentes, esculturas espelhavam belas damas com seus vestidos longos, cabelos arrumados, e segurando um corno com cerveja, levando taças aos homens. Elas eram guerreiras! Até como cisnes meigas foram representadas. Contaram a história que depois que um grupo de três príncipes saiu pra caçar no meio da floresta, viram as Mulheres que fiavam num lago com a aparência de cisnes e, como numa captura, as tomaram em casamento. Cisnes, oshe? Elas não aparentavam aves, eles a pintaram assim. Estas chamadas Valquírias se tornaram protetoras do destino de seus maridos, viraram princesas, perdendo no matrimônio seus poderes sobrenaturais e suas características de luta e de guerra. Ora... Entidades sanguinárias, incentivadoras de carnificinas, selecionadoras dos mortos nas batalhas, se transformando em donzelas, cisnes, esposas, amantes, filhas de reis...

É esta história que chegou até nós, menina. É assim que eles querem que seja, por isso eles contam as histórias. Não há mal nenhum no amor, mas ele não pode calar quem a gente é. Se não, não é amor, é violência. Talvez você tenha sido uma eterna Valquíria. Uma guerreira, transformada em cisne. E este foi, como muitas das Valquírias, o seu momento de fuga, o momento que escolheu não o destino dos homens, mais o seu... Agora você poderá voar livre do seu castigo imputado pelos deuses, ou por sei lá quem que lá manda nessa joça toda.

Só que tão nova caminha para o mundo dos mortos, como a força e o mito que mataram as nossas guerreiras, para que não soubéssemos jamais que somos iguais em força e inteligência, para escolher e guerrear tanto quanto eles. Você saltou dali, porque, no fundo, sabia que possuía asas. Quem dera tu tivesse tido tempo de aprender a usá-las.

POBRE: “A urdidura é feita de entranhas humanas;
Cabeças humanas são usadas como pesos;
As varas do tear são lanças encharcadas de sangue;
As hastes são firmes,
E flechas são as lançadeiras.
Com espadas nós teceremos
A teia da batalha. É horrível agora olhar para o redor,
uma nuvem vermelha de sangue
Escurece o céu.
O firmamento está manchado com o sangue dos homens,
e as Valquírias cantam sua canção.” (NJÁL’S SAGA 157 2a e 10a estrofe)

POBRE: Eu que sou elas não me movo. Só quero que quem chega vá embora. Que uma mão materna me lave e trance meus cabelos agora embaraçados. E, ao fundo, toque uma canção de ninar...

CENA 7 – Quem Ela Se Tornou Por De Trás Do Vidro Espelhado

MUHER: Eu o deixei do lado de fora de casa. Perdoe-me minha Santa Marta. É o meu bebê: ele chorava, enquanto a chuva caía. Eu o deixei lá, como o pai dele me deixou: sozinha. Nem toda aquela chuva poderia repor as lágrimas que eu deixei cair por ele. Minha santinha! Toda vez que eu olhava aquele menino, eu me lembrava dele. E quando o menino chorava, eu lembrava que eu chorei por noites, pelo pai dele. Rogai por mim, santa minha!

TODAS: Rogai por nós.

Eu liguei pra ele. Eu liguei pra ele e perguntei se ele escutava a chuva, se ele a olhava cair de onde estava. Ele disse que não entendia a minha pergunta. Perguntou o que eu realmente queria. Eu pedi que ele voltasse. Ele disse que iria desligar. Aí eu contei o que tinha feito: "eu coloquei o nosso bebê lá fora, na chuva, lá fora, sozinho."

TODAS: Eu coloquei o nosso bebê lá fora, na chuva, lá fora, sozinho. Nina ele pra mim o vento? É só por um tempinho, pouco. Agora não serei mãe. Serei Mulher.

MULHER: Ele deve estar me vendo da janela. O nosso bebê. Ele é a sua cara. E isto é tudo que consigo fazer pra me vingar de você. Foi o que disse pra ele Santa Marta, minha mãezinha. Perdoe-me santa minha. Eu não consigo achar a taça.

TODAS: A taça, onde eu deixei a taça?

MULHER: Porque ele não vai embora? Porque então ele não volta? Santa Marta. Patrona das donas de casa, de todas as Mulheres, das de negócios, das do lar e das irmãs-de-caridade... Rogai por mim.

TODAS: Rogai por todas nós.

MULHER: Por mim, não consigo acolher em meu seio outro homem que não ele. Meus seios agora doem, pois nego o meu leite. Sinto-os que nem pedra. Adoeço demente. Me ensina a receber o meu menino, o meu neném, como Maria recebeu no ventre o Cristo. Como tu recebeste em teu lar o Cristo, e o servis-te com zelo e amor. Me dá forças minha Santinha. Antes que Santa Marta Dominadora me puna.

TODAS: Santa Marta Dominadora.

MULHER: Minha mãe, eu vos confesso: já roguei a ela também. Roguei pedindo para que ele volte. Foi o que pedi. Ela que também é Marta, Filomena Lubana. Ela que domou a serpente que tentou picar um menino. Ela que traz de volta um homem que abandonou os filhos sem prove-los. Ela que corrige e pune com sua ira intempestiva as Mulheres que não desempenham o seu papel materno. A ela roguei. Confesso minha Santa branca, pura e limpa. Que roguei a ela que é santa, mas é preta, feiticeira e entidade guerreira. Roguei a ela. Com fé roguei. Levantei um altar longe de sua vista, minha santinha. Com velas verdes e vermelhas todas as terças-feiras a ela também rezo em novena:

Marta, Marta, a que os ventos levanta, a que os homens encanta, a que embriaga de vinho aos finados, a que retira os dentes dos enforcados, a que desenterra os ossos dos enterrados, a que com dona Maria Padilha trata e conversa... Assim como isto é verdade, vá ao coração do meu homem e retire três gotas de sangue, onde quer que esteja me traga-o, rápido, correndo, voando, até onde eu estou; assim o amarre e amanse e lhe ponhas no coração o amor por mim, para que me queira e em sua memória me tenha, noite e dia, onde quer que esteja, para que não possa comer nem dormir se não for comigo, nem possa ter outra Mulher a não ser eu. Assim seja!

Faço e fiz, durante nove terças, acendendo velas com uma xícara de café como oferenda.

TODAS: Café perfuma o cômodo. Mas ela bebe em uma taça de vinho, numa taça de vidro. Como da janela respingada de gotas da chuva que cai lá fora.

MULHER: Minha Santa branca me perdoa e me ajuda. Rogo também pra ti. Rogo-vos que me façais vencer todas as dificuldades da vida como vós vencestes o dragão que tendes sob os vossos pés. E se rogo à santa preta. É porque não quero ser punida, por a Mulher que sou engolir a mãe que eu era. Clamo a ela porque quero que ele volte. E que se não voltar, sofra. Eu coloquei o nosso bebê lá fora, na chuva, lá fora, sozinho. Nina ele pra mim, oh vento? É só por um tempinho, pouco. Agora não serei mãe. Serei apenas a sombra de uma Mulher.

Preta começa a se mover por detrás da janela, até acelerar seus movimentos.

PRETA: Sim, sim... Vocês mataram meu irmão por ele ser uma pessoa trans. Por ele ser preto. Não foi o que fizeram? Pois agora estou com seu irmão mais novo aqui. Dentro do meu quarto, no fundo do mar, que é terreno meu. Amarrado em correntes. No fundo profundo do espaço esquecido. Serei eu que usufruirei dele agora.

Grita: A preta está por cima!

Ainda que eu tenha nojo disso tudo: nojo. Este embalo que me toma também me embrulha. Mas o mantereí aqui, dopado, doente, morrendo de sede mesmo que afogado... E vou usá-lo de toda forma. Serei má, como se eu fosse um deles, e ele uma menininha. Uma menininha. Foi assim que chamaram meu irmão? Menininha preta. Era isto que queriam fazer comigo também? A menina pretinha? Depois de bater nele e abusá-lo. Depois de matá-lo porque ele era quem decidiu ser. Aí, vocês matam tudo que é contrária às suas leis? É isto? Ele era humano! Humano, tão humano quanto vocês...

Aqui do fundo, eu que sou sereia, linda sereia. Que por sermos metade Mulher (mais que peixes), vocês escravizam fazendo chorar... Quem sabe, talvez de um peixe vocês tivessem mais misericórdia, mas uma metade Mulher, metade... Hummm... Não! Prendem-nas em suas redes de pesca. Nos seus aquários gigantes. As expõem como atração e cobram caro em seus ingressos.

A sexualidade indefinida vira show. E a assumida: circo.

E eu? Eu atraí seu irmão até aqui filho de Adão. Fechei os olhos e, enquanto cantava, meu encanto o confinou. Sou o grande peixe que engoliu Jonas, o errôneo juiz, que julgava quem merecia ser alvo de amor. Engolido e náuseas causando ao peixe, regurgitado foi. Eu trouxe seu irmão até aqui, ó filho de Mulher. Que rompesse um ventre pra nascer, mas não sem a ajuda dela que o expeliu com dor. Não fosse isto...

Eu que sou ser sem eira. Não tenho mais margens, nem beiras, só tinha um amor. E quando antes amando, sereia alada, mas hoje amarga, por Afrodites fui confinada a ser peixe/pescada e a mergulhar no mar de minha dor. Os homens o levaram de mim, o meu irmão, a pedradas eles o arrastaram. Com cortes que fraudavam seu corpo que agora é boia que eu me agarro. Para não sucumbir, meu amor, meu grande peixe, eu luto por ti... *(Canta trecho da canção "é doce morrer no mar" - Dorival Caymmi)*

"É doce morrer no mar
Nas ondas verdes do mar

Saveiro partiu de noite foi
Madrugada não voltou
O marinheiro bonito sereia do mar levou
É doce morrer no mar
Nas ondas verdes do mar."

Seduzi-o até aqui, veja só. Fiz isso sozinha. Não precisei de mais seis das minhas. Fiz só. Ofereci uma taça de vinho. Meu cálice corrompido. Meu santo graal.

Ele deve ter pensado "esta sereia deve ser deliciosa". É isto que veem? Uma forma suculenta, não é? Minha cor é preta, uma escama densa, exótica, sedutora, um grande peixe, que quando capturado na pesca vira prosa, mito, lenda para o pescador contar as glórias de como o peixe físgou e comeu. Mas, desta vez, eu fui a que fisguei. Opa! Minha vez de contar a história. O vinho na taça de vidro estava adulterado, fazendo-o perder os sentidos. Agora ele está aqui pedindo água doce. Pedindo pra ir embora. Mas eu não vou deixá-lo ir. Está chovendo muito lá fora. O mar vai transbordar, a maré vai subir, e este filho de Adão afogado também será rei.

Eu sereia de terras quentes e por isto de pele preta. Eu que ainda de luto, me ponho à luta. Sujo minhas mãos. Meus valores. Meu mar com teu óleo, teu suor, tua mancha...

Espumando feito onda que quebra na praia pergunto: Até quando? Até quando vão continuar matando? Eu não sei nem mais o que estou fazendo, eu só quero me defender de vocês.

Grita: Poseidon, Poseidon. O ódio dos homens não tem fim!

NORDESTINA: Espere! Não coma isso não, menina. É nojento. É carne de porco. O porco do meu marido. Ele veio me bater. Me forçar. Eu peguei a faca e meti no bucho dele. Ele estava fumando cachimbo naquela noite, menina. Eu pulei no caminhão em seguida. Naquela noite. Ele uivou que nem lobisomem de tanta dor, o tanto que sangrou. Do sangue dele ele não ficou com nojo, tentava tampar. Eu vi. Cortei pedaços dele, com ele vivinho. Ele tava vivo. Vivo sim. Que nem mula sem cabeça cavalgando pra cima de mim no meio da noite. Ele tava vivo. E eu olhei pra aquela névoa toda lá fora, montei no caminhão e vim embora sem medo. Era uma quarta-feira. Aquele biriteiro desgraçado. Burundanga do inferno... Ei... Não come este feijão preto não Mulher, é prato do pobre. É carne do porco. Do porco que eu mesmo matei. Sou viúva sim. Do porco que eu mesma matei.

TODAS: Sou viúva sim. Do porco que eu mesma matei.

Nordestina: Foi o que eu precisava fazer pra viver. Foram anos assim. Até que a tempestade alagou tudo dentro de mim. Agora não chove mais.

MULHER: Eu que sou elas não me movo. Só quero que quem chega, vá embora. Que uma mão materna me lave e trance meus cabelos agora embaraçados. E, ao fundo, toque uma canção de ninar. Enquanto bebo em uma xícara vermelha um bom café, frente à lareira, em minha poltrona, na espaçosa sala de casa. Observando a dança do fogo, que seduz, mais queima.

CENA 8 – A Expurgação

Mulher pobre, como quem espanta abelhas.

POBRE: Oro para que Estes demônios saiam de cima De mim...

HOMENS: Bruxas! Vadias! Queime-as! Feiticeiras! Bruxas! Queime-as! Macumbeiras! Desgraçadas!

(Os versos são a letra da música Cálice de Chico Buarque)

TODAS:

Pai afasta de mim esse cálice
Pai afasta de mim esse cálice
Pai afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.

MULHER:

Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta

PRETA:

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoadado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa

NORDESTINA:

De muito gorda a porca já não anda
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, pai, abrir a porta
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade

POBRE:

Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno
Quero perder de vez tua cabeça
Minha cabeça perder teu juízo
Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Me embriagar até que alguém me esqueça

TODAS:

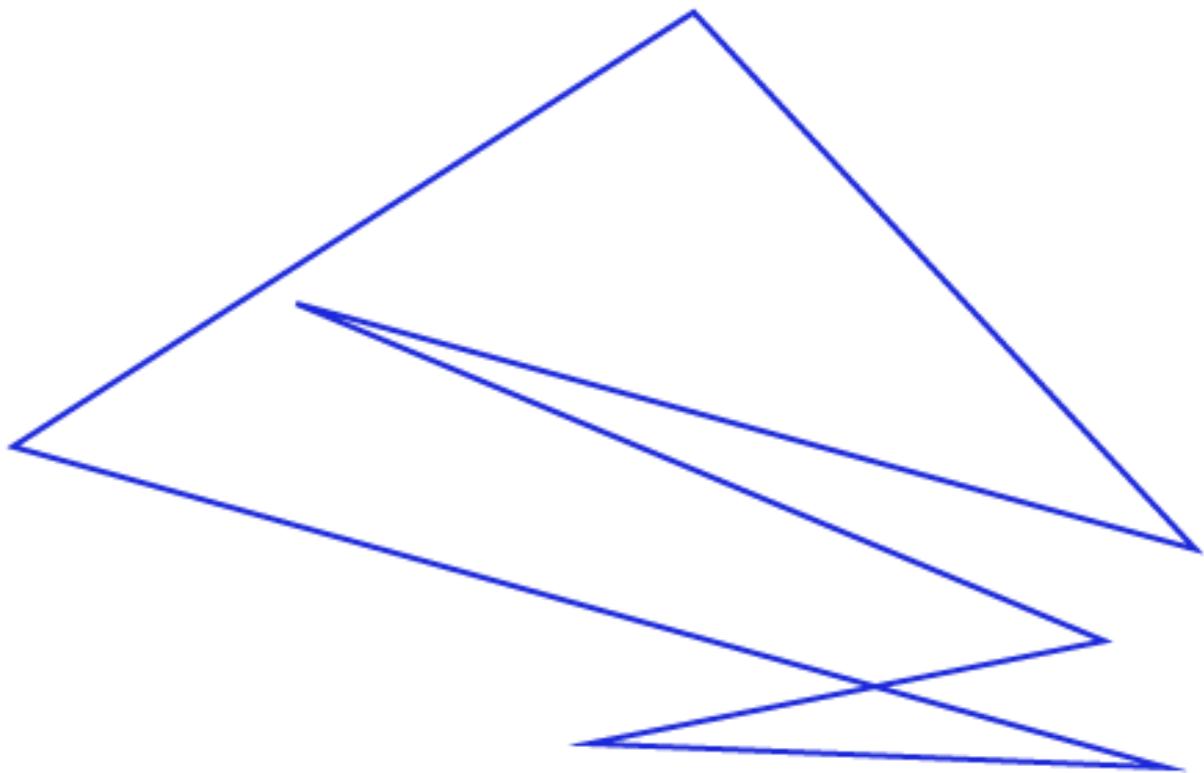
Pai afasta de mim esse cálice
Pai afasta de mim esse cálice
Pai afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.

HOMENS: Queime-as! Queime-as! Vagabundas. Vadias!
Feiticeiras... Crucifiquem-nas!

(Homens com tochas de fogo. Lançam o fogo contra as janelas. Gritos são ouvidos de mulheres e homens. As quatro mulheres aparecem embaixo da parede que as janelas estavam. A mulher da silhueta é vista, sua pele é branca. Seguram/sustentam nas costas (como um tipo de cruz) quase que esmagadas pela estrutura que as prendiam.)

NORDESTINA: Rasteja, oh serpente, tentadora, comedora de pó. Se arrasta, com sua sede até o útero das águas e a rasga gota a gota. De lá vira peixe engolidor de pessoas. Ganha asas, e então voa: transformado em dragão. Cuspa fogo sobre a terra sua mãe deserta. Madre que te ensinou a nadar! Cospe contra ela, ingrato. Até que a lança te fira o peito. E a guerra comovida em ira, te engula dando fim ao teu eu. Ao teu ato infame de morte. Bebe-te, tu mesmo do teu veneno, dragão! O Pai não os perdoe, eles sabem bem o que fazem!

FIM



Aline Ferreira da Silva (Aiê Antonio) é estudante de Licenciatura em Artes Cênicas na UNESP. Dramaturga, poetisa, atriz, produtora cultural e audiovisual. Mulher negra de trinta anos de idade, nascida e criada na cidade de Guarulhos – SP. Tem poemas e dramaturgias publicadas em coletâneas, como Pavio Vermelho Fogo: diálogo sobre uma dramaturgia de mulheres, pela editora Giostri.

ÁGORA EM AVESSO

COMÉDIA EM TRÊS QUADROS (A ASSEMBLÉIA, A GREVE, A REVOLUÇÃO)

Déa Araújo

Ágora ao Averso, de Déa Araújo, é uma comédia instigante, com um olhar apurado nas referências de comediógrafos gregos e mitos. Além de uma linguagem descontraída e moderna, que mescla e faz crítica ao cancelamento das redes sociais, trata de temas potentes e atuais de comportamento.

Érica Pedro

PERSONAGENS

CORO (formando apenas por pessoas trans)

CLIS

MICA, mulher cis

HOMER H. DE HOMEM, homem cis e branco.

NICOLE LOURO, uma apresentadora de TV, mulher cis.

LISI

MIRRINA

RONALDO homem cis.

MARIA MOÇA, mulher cis.

PEDRÓCA, homem cis.

JÚNIOR, homem cis.

Bagunça. O palco está muito desorganizado, caótico, com muitos objetos de cena espalhados. Em silêncio, o coro entra e começa a limpar e a organizar o espaço. Após algum tempo dessa organização, um grande telão no palco começa a transmitir uma vinheta inicial de um programa de entrevistas matinal. Durante todo o primeiro quadro, enquanto o telão transmite o talk show, o coro permanece nessa limpeza e, concomitantemente com o final deste quadro, terá preparado o cenário para o início do quadro II. Todo o diálogo/cena é transmitido no telão e está acontecendo ao vivo, mas fora do palco: no camarim, ou qualquer outro ambiente não visto pela plateia. O que é assistido no telão deve lembrar o mais precisamente possível uma edição ao vivo de programa de entrevista de auditório. A apresentadora introduz o programa do dia.

QUADRO I – A ASSEMBLÉIA

NICOLE LOURO: *(olhando para a câmera)* Bom dia minhas queridas e meus queridos! Bom dia meus querides também! Sejam todos bem-vindos! *(prática, mantendo o protocolo)* Bem-vindas e bem-vindes. Eu sou Nicole Louro e está começando mais uma ÁGORA! O programa onde quem fala é você! Hoje nosso café da manhã nessa praça dos debates está turbinado! Vamos falar de um problema que percorre séculos e ninguém parece achar uma resposta para ele. Tá preparado? Vem comigo, porque o tema do programa de hoje é: Um homem pode se vestir de mulher? A confusão começou quando dois participantes do reality show mais visto nos últimos milênios, durante um dos bacanais, se “fantasiaram” de Perséfone e Deméter, as deusas gregas! Eles adentraram uma festa só de mulheres usando maquiagem pesada e vestidos lindos providenciados pela própria emissora.

Apropriação e agressão ou brincadeira inocente?

Como centrista, me sinto muito confusa. O fato é que os respingos da ação já renderam, além de memes geniais, diversos unfollows de famosos e muita briga na internet. Não sobrou para ninguém! Existem perfis que até ontem perderam milhares de seguidores. A assessoria de nenhum participante quis se pronunciar.

Mas como a democracia aqui é o que fala mais alto, comigo hoje para debater a polêmica temos Mica: organizadora de eventos feministas e uma das primeiras mulheres a obter o cargo de juíza de alto escalão nos grupos de redes sociais.

Clis: figura política de grande visibilidade, eleita recentemente para a Eclésia e gerada biologicamente de um embrião transgênero. E também Homer H. de Homem: parente do próprio Eurípedes – sim, ele mesmo: o participante mais polêmico dessa edição do reality e que inclusive está há uma semana de ir para a final do programa! (Aos participantes). Eu gostaria de dar as boas-vindas a todos vocês. E já queria começar fazendo de cara a pergunta chave: Um homem pode se vestir de mulher?

HOMER: Com licença, Nicole. Posso começar, por gentileza?

NICOLE LOURO: Claro, fique à vontade. Bom dia.

HOMER: Bom dia. Olha, eu gostaria muito de agradecer a oportunidade de poder falar abertamente sobre o que eu penso. Tem sido, nesses tempos, cada vez mais difícil ser ouvido. E, quando recebi seu convite, não poderia ter ficado mais feliz. É uma honra poder defender meu primo, aqui, nesse espaço de debate.

NICOLE LOURO: Ora imagina, esse espaço é o espaço do diálogo.

HOMER: Obrigado.

NICOLE LOURO: Por nada.

HOMER: Como eu ia dizer, enfim, eu acho que o ocorrido na festa não deve ser julgado com tamanha severidade. Primeiro, porque o fato não passou de um momento de descontração, afinal os homens e mulheres fazem isso o ano inteiro, todos se vestem com outras roupas - Carnaval está aí pra gente não esquecer. Segundo, porque muito vinho foi servido antes, durante e depois, acredito que os ânimos estavam alterados, saca? Me parece, não sei, que está todo mundo tentando caçar pelo em ovo. É só isso que as pessoas fazem hoje em dia: é caçar pelo em ovo!

MICA: Perdão interromper, mas você está esquecendo de mencionar que aqueles homens estavam ocupando um espaço que não era deles. O tema da festa era Tesmofórias. Você deve conhecer a história, não? Foi seu primo que escreveu. Trata-se de um ritual só de mulheres. Logo, se esse era o tema, aquele era um espaço designado às mulheres.

HOMER: Pronto, lá vem essa história de lugar de fala.

MICA: Mas quem falou disso? Estou apenas dizendo que aquela era uma festa privada para as mulheres da casa. E dois homens entraram disfarçados. Isso se chama invasão de privacidade.

HOMER: *(com tom de pergunta, dissimulado e irônico)* Eu me pergunto: quem foi que decidiu que aquela festa era um espaço só de mulheres? Será que foram vocês mesmas? É muito fácil criar um mundo com as suas próprias regras e esperar que todos as sigam, não acha?

MICA: Ué, quem tem que saber disso é você. Zeus é homem, Deus é homem, Cristo é homem, Papa é homem. Até Buda é homem também. Ou é gênero neutro?

NICOLE LOURO: Acho que é fluído que diz. Acho que Buda é fluído.

MICA: É, na cultura indiana tem uns bichos meio homem meio mulher. Tá virando moda isso agora. Mas o que eu estava dizendo é que alguns homens invadiram espaços de convivência única de mulheres.

NICOLE LOURO: É basicamente o mesmo que um homem entrar em um banheiro feminino, não?

MICA: Sim, mas se até a nossa convidada aqui pode entrar...

CLIS: Oi?!

HOMER: Calma, não a leve a mal, Clis. Acho que rola uma inveja, sabe? Eu entendo que você queira entrar no banheiro feminino, é seu direito. Afinal é um puta processo pra se vestir de mulher, dói pra cacete. A gente viu os participantes se vestindo pra festa: Era grito pra lá e pra cá o tempo todo, arranca barba, puxa pelo da perna, cola cílios, puxa o cabelo, aperta a cintura... Vocês são guerreiras, realmente. Acho que vocês conquistaram esse direito.

CLIS: Mas eu não estou me fantasiando de mulher! Eu sou uma mulher.

HOMER: Não. Vamos assumir que você deu umas mudadinhas no meio do caminho...

CLIS: Todo mundo dá umas mudadinhas no meio do caminho, esses músculos de Crossfiteiro nasceram com você, meu querido?

HOMER: Florzinha, para mim você tá até mais mulher que as duas outras aqui. É só que você tem suas particularidades.

CLIS: O que está acontecendo aqui?! (para a apresentadora) Estou me sentindo profundamente ofendida, você não vai fazer nada?

NICOLE LOURO: Eu acho que eles estão questionando essa história de você já ter nascido trans...

CLIS: Mas eu nunca disse que...

MICA: Olha Clis, convenhamos, se você não é XX, não pode entrar nem no banheiro, nem na festa.

HOMER: XX?

CLIS: Mas o que é isso agora? Você anda na rua perguntando a combinação genética das pessoas? (imitando ironicamente) “Bom dia, fulano, quais são seus gametas por gentileza? É que sem eles, eu não se sei te chamo de senhor ou senhora. Sou muito tapada, sabe?”

MICA: Existe uma diferença clara entre XX e XY.

CLIS: É mesmo? E você já fez seu teste pra saber se você é XX ou XY? Ou Maria Aparecida desceu e sussurrou no seu ouvido?

MICA: Eu sinto que eu sou XX, assim como o Homer é XY.

HOMER: Isso é botão de vídeo game?

CLIS: Eu queria muito saber que lupa mágica a RADFEM aqui usa pra enxergar os gametas das pessoas nas portas dos banheiros.

MICA: RADFEM, não! Esse termo vocês que inventaram. Temos nome e sobrenome: Feministas Radicais, e com orgulho.

CLIS: De que outro jeito eu posso chamar uma feminista radical transfóbica de feminista radical e transfóbica?

MICA: Não é transfobia, é só uma questão perceptível e biológica.

HOMER: Ah saquei... elas tão falando daquele papo de cromossomo, DNA, não é isso?

MICA E CLIS: *(para Homer)* Shhhh.

HOMER: Gente, ninguém que assiste entende vocês. Assim não precisa nem começar o debate que eu já ganhei.

NICOLE LOURO: Mica, você há de concordar que os homens conseguiram entrar na festa sem serem percebidos como homens, logo, acho que os cromossomos de cada um não ajudam muito na distinção do que é homem ou mulher...

MICA: Mas não deixaram de ser homens porque se vestiram diferente! E outra, *(olhando para Clis)* você acha que não iriam notar aquelas mãos enormes, o gogó e tudo mais? É achar que somos muito ingênuas...

CLIS: *(se alterando)* Escuta, você perdeu alguma coisa aqui?! Não, eu não vou perder minha calma, é isso que vocês mais querem, eu sei. Eu acabei de sair do encontro de Yoga travesti no parque, um dia lindo, grama verde, céu azul.... Eu estou banhada em luz...

NICOLE LOURO: Mas Clis, diz pra gente, muitas de vocês fazem uso de hormônios, eles ajudam com esses detalhes que a Mica comentou?

CLIS: Hormônio não é requisito pra transição. E eu não quero falar sobre isso.

HOMEM: Não, mas se você faz uso, conta. Porque a Mica tá precisando de umas dicas de beleza.

CLIS: Hormônio não é requisito pra beleza. E eu já disse que não quero falar sobre isso.

HOMER: Não é requisito pra transição, não é requisito pra beleza... serve pra nada então, é isso?

MICA: *(para Homer)* Se servir pra ajudar a pensar, aproveita e reserva as suas cartelas.

HOMER: Adoro quando você fica brava, você sobe 10 pontos na escala de beleza.

MICA: Como você é canalha...

HOMER: Como você é fresquinha.

MICA: Pateta.

HOMER: Frígida.

MICA: Broxa!

HOMER: Recalcada!

NICOLE LOURO: Opa, Opa! Calma, calma! Vou apenas pedir para tentarmos acalmar os ânimos, esse é um programa íntegro, elegante... vamos manter o requinte, tudo bem?

CLIS: Olha, eu quero fazer uma ponderação.

NICOLE LOURO: Só um segundo. *(perguntando no ponto)* O palco já está pronto pra participação do público?

Luz no coro que limpa o espaço em silêncio.

NICOLE LOURO: Certo. *(para a câmera)*. Para você que está assistindo, não saia daí, daqui a pouco a ÁGORA vai se abrir para você! Queremos saber o que você pensa disso! A nossa voz final, como vocês já sabem, é a voz do povo!

Alguém do coro prepara microfones, ou um espaço que sugira que a plateia irá participar do debate, enquanto o palco continua sendo faxinado.

NICOLE LOURO: Perdão, Clis. Você iria fazer uma ponderação?

CLIS: Eu entendo que o que aqueles homens estavam fazendo na festa era se passar por algo que não são. Concordamos. E por isso, acho que eles não tinham o direito de estar lá - embora a festa pareça mais um clube da Luluzinha trans-excludente - mas, ainda assim, era delimitado às mulheres. Enfim, acabando a festa, ambos tiraram suas roupas, maquiagens, perucas e tudo, e passaram a andar pela casa como homens. Mas é muito diferente de mim, que antes, durante e depois de ir para festa, trabalhar ou usar o banheiro feminino, continuo sendo eu mesma, não importa aonde eu esteja. Eu não estou usando fantasia nenhuma.

NICOLE LOURO: Compreendo. Mas bem, voltando ao assunto: eu ainda não entendi porque os homens não poderiam estar dentro da festa, gente... coitadinhos.

CLIS: Mas eu gostaria de terminar de falar.

MICA: Aquela era uma festa exclusiva do coletivo feminista do reality. As participantes estavam decidindo se perdoariam ou não o participante Eurípedes por difamar suas imagens dentro do programa.

NICOLE LOURO: Uma espécie de assembleia, de júri?

CLIS: Tipo esse programa aqui?

NICOLE LOURO: Não, meu bem, aqui é uma ágora, aqui todos tem voz.

MICA: Exatamente, Nicole, ambos intrusos estavam lá para deturpar a discussão.

HOMER: Me perdoem, mas não acredito que elas tinham o direito de organizar uma cerimônia de cancelamento de outro participante.

MICA: Quando este participante espalha boatos falsos sobre as mulheres do programa, algo precisa ser feito.

HOMER: Então você é a favor de justiça com as próprias mãos? Isso são vocês tentando cancelar o Euripedzinho. Peço empatia com meu primo!

MICA: Que cancelar o quê! Ele tá acostumado a ser muito bem reconhecido, pão de ló a vida toda, assim como todos vocês homens brancos. Aí um dia alguém delimita o espaço de uma festa, uma única festa, e vocês já fazem birra?!

HOMER: Viram? É por isso que o mundo está como está. Ele não tem culpa de ter nascido branco.

NICOLE LOURO: Isso é bem verdade.

HOMER: Ninguém leva em conta que os homens brancos estão sofrendo muito nos últimos dias. E eu entendo. Eu entendo os motivos. Juro. Mas ninguém olha por eles mais. Ninguém, gente. Nenhuma de vocês! Agora eles se tornam vilões por algo que nem fizeram. Eu não cheguei aqui nas caravelas do Pedro Alvarez Cabral! Mas parece que não tem outro jeito, para vocês nós temos que viver uma vida sentenciada. Cheios de culpa. Temos que abandonar nossos privilégios por livre e espontânea vontade? Assim, como se fosse fácil?

CLIS: *(já impaciente)* Gente, vamos voltar ao tema porque tá ficando muito feio.

HOMER: *(continuando)* Nós somos aliados, mas a luta de vocês às vezes exagera um tanto. Parece que o que vocês querem não é ter as mesmas oportunidades, mas sim tomar o poder para vocês!

MICA: Tomar o poder? Tomar o poder? Então o poder está nas mãos de quem exatamente?

HOMER: Isso é cultura de cancelamento. Linchamento. É linchamento que vocês querem fazer.

CLIS: Não, gente... não tá um pouco invertido esse discurso?

HOMER: Não, hoje a moda é linchar homem branco.

MICA: Pra que linchar? Homem branco é só dar um beliscão que já sai chorando.

Apresentadora reage gargalhando, sozinha.

NICOLE LOURO: *(percebendo que fugiu do tom)* É, devo confessar que não sou muito a favor da cultura de cancelamento. Aliás, acho ótimo que o reality show tenha despertado essa discussão para trazer mais consciência ao assunto. Não concorda, Clis?

CLIS: Não.

NICOLE LOURO: Não?

CLIS: Estou tentando entender o paradoxo de como um reality show que tem como mote principal punir e excluir semanalmente os participantes do convívio social, com o massivo auxílio de milhares de pessoas, possa servir de exemplo de discussão sobre cancelamento.

HOMER: Quê?

CLIS: O programa é o exemplo máximo de linchamento semanal dos participantes há milênios.

NICOLE LOURO: Um pouquinho mais simples, por favor.

CLIS: Paredão, saco! Paredão!

HOMER: Nossa, não grita, florzinha... a essa hora da manhã?

CLIS: Presta atenção, meu nome não é Florzinha...

NICOLE LOURO: Só um minuto. (para o ponto). A ÁGORA está pronta?

Luz no coro que continua organizando o palco.

CLIS: Eu quero falar.

NICOLE LOURO: *(para a câmera)* E você? Já tem uma opinião sobre o assunto? Queremos ouvi-los! Não saiam daí! Já, já, a praça pública vai se abrir! Porque, aqui, a voz do povo é a voz de Deus! E queremos saber o que você acha disso!

CLIS: Disso o quê?

APRESENTADORA: Do tema do debate!

CLIS: Mas afinal estamos discutindo o quê aqui?

MICA: Se você é mulher ou não.

CLIS: Ou se você perdeu o cérebro gravando seu último story!

NICOLE LOURO: Não, gente. É se a Clis pode ou não vestir roupa de mulher.

CLIS: É isso que você vai perguntar pros telespectadores? Que roupa eu posso vestir? Eu visto a roupa que eu quiser!

HOMER: Não! A gente tava falando de cancelamento! Querem cancelar Eurípedes nessa edição, como cancelaram Odisseu na edição passada! Lembram?

MICA: Aquele que foi largando mulher atrás de mulher em cada paredão que passava. E ele era casado com a Penélope aqui fora. Um absurdo.

HOMER: Poxa, não, cara... Odisseu lutou pra caralho, não é assim...

MICA: Olha o palavrão, estamos em um programa requintado.

HOMER: Então fecha o decote porque dá pra ver todo o seu requinte.

NICOLE LOURO: E na primeira edição: Eva?

MICA: Canceladíssima porque comeu fruta VIP.

NICOLE LOURO: Galileu, na oitava?

HOMER: Inquisição terraplanista caiu em cima.

NICOLE LOURO: Décima terceira?

CLIS: Dilma.

NICOLE LOURO: Não, não... essa a gente não fala....

CLIS: Até hoje o povo tá esperando pra ir pra Disney.

NICOLE LOURO: Dessa a gente não fala....

CLIS: Mandela?

NICOLE LOURO: Preso.

CLIS: Rosa Parks?

NICOLE LOURO: Presa

CLIS: Marielle?

Silêncio

CLIS: Todo mundo quer sair jogando o raio cancelador em tudo quanto é gente, agora cancelar a Havan, ninguém cancela, né? Deixa os bilionários correrem solto. Cancelar a barbárie, ninguém quer, né? A questão é que pra alguns é cancelamento, só que pra outros é fim de linha. Que importa a roupa que eu uso no meu corpo na hora que tenho que correr pra sobreviver? Que importa a roupa no meu corpo se o furo da bala é mais forte que ela?

NICOLE LOURO: Na verdade, acho mesmo que estamos desviando muito do tema proposto...

CLIS: Que tema proposto?

NICOLE LOURO: (para o ponto) Oi, oi, já podemos pedir pro povo entrar e falar?

CLIS: O povo já está aqui!

NICOLE LOURO: Silêncio! O povo vai entrar!

A transmissão é perdida. Imagens congeladas, chuviscadas, pixelizadas no telão. Luz no palco e plateia. O coro termina a organização. Ouve-se a gritaria dos bastidores.

NICOLE LOURO: Gatinha, eu te convidei aqui pra você colaborar, não dá pra ficar discordando de tudo!

CLIS: Vocês não me deixam falar! Vocês acham que podem dizer quem eu sou!

MICA: Eu nem quero saber!

HOMER: Para de ser nojenta, Mica! Ela tem o direito de se defender!

MICA: Nojenta?! Seu pilantra... tô sacando a sua!

NICOLE LOURO: Acho que não vamos chegar a um consenso! Mudemos de tópico!

MICA: Sem antes falar dessa passagem de pano pra misoginia?!

CLIS: É mesmo? Misoginia? E como é que uma Radfem fala de misoginia sem falar de gênero? Sua hipócrita!

MICA: Ah, mas era obvio que você não ia perder a oportunidade de falar dessa sua ladainha de ideologia de gênero, sua pervertida!

CLIS: Não existe essa tal de ideologia de gênero.

MICA: Gênero é que não existe.

HOMER: Existe sim: épico, lírico, dramático...

CLIS e MICA: Cala a boca!

HOMER: Conta a real, Mica! Você fica de mi-mi-mi porque o Eurípedes é um puta cara bem sucedido e terminou com você para entrar no programa!

MICA: Que absurdo!

A apresentadora aparece correndo pelo palco:

NICOLE LOURO: *(para a plateia)* “Breaking News! Ex-ressentida espalha boatos online sobre galã de reality show! Fake News de mulher ciumenta?”

Entram os outros três em um jogo de gato e rato, fugindo e correndo uns dos outros tentando se agredir ao mesmo tempo que falam.

MICA: Mais respeito! Eu sou uma ativista séria!

HOMER: É uma ciumenta invejosa, isso que você é.

MICA: Foi eu que terminei o relacionamento! Eu! Seu priminho tinha uns hábitos bem esquisitinhos, diga-se de passagem!

HOMER: Olha lá, além de recalcada é homofóbica! Dobra a língua pra falar do meu primo!

MICA: Eu sou uma juíza renomada!

HOMER: Você é uma militonta ambulante, isso sim!

CLIS: *(para Mica)* Namastê, vaca!

NICOLE LOURO: *(para a plateia)* “Militantes ou Militontos? Como o discurso de feministas radicais se relaciona com a militância online?”

CLIS: Já vai decorando o glossário militudo para sua próxima postagem porque o cancelamento chega para todas, e pra você ele vem a galope!

MICA: Quem chamou essa mulher pra debater pauta feminista?!

CLIS: “Essa mulher”? Opa! Olha o ato falho de alguém aqui me reconhecendo pelo o que eu sou de verdade!

MICA: Eu não disse isso!

CLIS: Que pena que está gravado e o mundo está vendo!

HOMER: Viram só? Parecem dois cachorros raivosos, nem dá pra chegar perto. Não me surpreende que o Euripedizinho tenha te largado. Nem sabem o que dizem e estão querendo debater temas sérios!

NICOLE LOURO: Próximo programa: “Travesti versus Feminista Radical! Linchamento coletivo de mulheres raivosas vira moda na internet! Como ter mais escuta?”

HOMER: Ótimo tema!

NICOLE LOURO: E você está convidadíssimo para discussão! Aceita?

HOMER: Claro! Além de se arrepender pelo que fizemos e prometer não repetir, o que mais podemos fazer? Agora vão querer nos guilhotinar por qualquer coisa. Vê se pode! Tinham é que cancelar aquela porcaria de assembleia só de mulheres, foi bom terem invadido mesmo!

NICOLE LOURO: E com isso, vamos encerrando nosso café da manhã de hoje! Um bom dia para todos e até amanhã!

A vinheta de encerramento começa a tocar. Eles continuam a correr até sair de cena. Ouve-se, ao fundo, as vozes de Clis e Mica.

CLIS: Espera! Tem muito o que fazer além de reconhecer o erro! Tem reparação, tem ações afirmativas! Espera! Espera!

MICA: Clis, cala a boca! É por isso que ninguém respeita nosso movimento!

O som da vinheta encobre as vozes das personagens. O coro, que já terminou a faxina, se dirige ao público cantando.

CORO:

Cinco dias pra trabalhar, dois deles pra descansar

Que azar, que azar!

Sete dias pra existir e nenhuma noite conseguir

Dormir, dormir!

Além do busão, além da missão

Além de qualquer premonição

Vive seu corpo, vive seu gênero

Se embriagando do próprio veneno

A moça bonita na sua telinha,

A vizinha boazinha e simpaticíssima

No café da manhã na padaria

Discorre toda sua ladainha

Sobre a sua visão orbital

Sobre o seu órgão genital

Sobre seus ódios e seu amor

Sobre a punição no inferno, no ardor

Pessoas respeitáveis aqui presentes

Com esses restos de verdade

Não se palita nem os dentes.

Homem. Mulher. Menino, Menina

Celular apitando.
Homem, Mulher, Menino. Menina.
Celular apitando.
Homem, mulher, menino, menina, vestido e saia, cueca,
calcinha
Celular apitando. Celular apitando.
Homem, mulher, menino, menina, vestido e saia, cueca,
calcinha, boa tarde, bom dia,
pinto, vagina
Celular apitando.
Homem, mulher, menino, menina, vestido e saia, cueca,
calcinha, boa tarde, bom dia,
pinto, vagina, fascista, nazista, uma moça racista
Celular apitando. Celular Apitando. Celular Apitando.
Close na foto, posta um story
E o celular apitando.
Bebe uma breja, ganha um like.
Celular te filmando. Celular te gravando.
Pessoas bonitas aqui presentes
Aqui as palavras muy reluzentes
Até a lua viajarão
Nos anéis de Saturno patinarão
Chegarão no futuro
Até em marte
Sobreviverão
A eternidade

Não é um filme de horror!

(Música para)

Mas se por um acaso tudo isso te assombrar...

Os seus celulares tocam, a sinfonia dos toques interrompe o discurso. O telão começa a transmitir a imagem do celular de Lisi, que está junto de Mirrina em algum lugar fora do teatro, elas estão olhando para tela fazendo um pedido de delivery. O coro, pego de surpresa pelo som, observa as notificações, a respondem rapidamente, e vai saindo de cena. Lisi começa a caminhar em direção ao palco, a projeção no telão mostra não muito claramente o caminho que ela percorre até adentrar a cena. Lisi tem em mãos também papéis rascunhados. Durante esse caminho, é possível escutar uma breve conversa entre ela e Mirrina.

QUADRO II – A GREVE

MIRRINA: Não vai chegar durante a live, né?

LISI: Não, não. Aqui tá dizendo entre 50-60 minutos.

MIRRINA: Gente, um espetinho de carne e uma cervejinha demora quase uma hora pra chegar?

LISI: Mas fica atenta em todo caso!

MIRRINA: Coragem! Imagina você falando e tocar a campainha no meio.

LISI: Aqui tá bom a luz?

MIRRINA: E eu que vou saber? Quenda... querer ser influencer nessa hora do dia...

LISI: Acho que aqui tá bom sim.

MIRRINA: Vai amora, só liga isso e faz logo, não tenho muito tempo.

LISI: Shhh, vou ligar.

Lisi se prepara e inicia a live, que é transmitida no telão, onde vemos claramente a edição. No palco, Lisi e Mirrina estão em um ambiente e com roupas que, no vídeo, não são mostradas.

LISI: Olá, Olá, Olá! Olha, já tem um pessoal entrando. Oi, Oi, boa tarde, gente! Nossa, quanta gente, que rápido! Oi, carminha23, beijo pra você. A estrelatransitória tá falando “as lives são tudo! Necessárias!” Brigada, estrelatransitória. Oi, oi, pessoal que tá chegando! Bom, eu vou começar mais rápido hoje porque o assunto é bem sério. Pra quem está entrando pela primeira vez, aqui sou eu de novo: Lisístrata, aquela nascida biologicamente de um embrião trans! Mas podem me chamar apenas de Lisi por aqui. Sintam-se muito bem-vindas a essa live! Bom, como eu disse, hoje eu abri essa chamada porque, como vimos todas em rede nacional, uma de nossas irmãs foi brutalmente humilhada em rede pública, num programa que se diz democrático, mas é, como sempre, extremamente transfóbico! Ninguém a ouviu, só queriam falar de seu corpo. E isso me fez pensar muito sobre a objetificação dos nossos corpos, da nossa inteligência... sabe? E aí, enfim... diante disso tive uma ideia e vim aqui declará-la:

Eu quero iniciar uma greve de sexo pago. Isso mesmo, gente. Uma greve de toda relação que envolva sexo e dinheiro. Para isso, eu criei um manifesto que pretendo ler aqui, agora, e queria pedir muito a ajuda de vocês para viralizar e tornar nosso movimento cada vez mais fortalecido!

(Concentra-se e começa a leitura ensaiada)

Então, vamos lá, né? Eu vou ler, tá? É o seguinte: “Minhas companheiras, mulheres de todo o país, de todas as classes, de todos os lugares e de todas as cores. Estamos hoje diante de um momento mais do que crucial. Um momento que pode definir, para todo o sempre, o futuro de nossas vidas. Bem neste instante, homens, ultrapassados, sem escrúpulos, detêm na palma de suas mãos todo o poder de decidir as leis sobre os nossos corpos. Nossa mulheridade está ameaçada a ser submetida para sempre aos deleites e prazeres das mãos de abusadores de palavras sujas. Iremos servir apenas para nos tornarem bonecas infláveis nas mãos de senhores de engenho embriagados. É este o futuro que imaginamos para nossas filhas? Crianças lindas que não estarão mais livres ao andarem pelas calçadas para brincar com suas amigas? Esse não pode ser o destino de nossas companheiras e da nossa juventude! Quais nasceram para ser grandes, nasceram para ser mestras, astrônomas, professoras, médicas, grandes atrizes, donas de si. Não podemos deixar que nos roubem nosso intelecto! Que nos digam que não somos capazes, que quando não nos reduzam a uma cozinha e a uma vassoura de pelo já velha e com madeira gasta, nos obriguem a vender nossos corpos pelas ruas! Por isso, atenção, companheiras: Declaro, hoje, que não haverá mais relação sexual conduzida por dinheiro. Isso mesmo, declaro uma greve de sexo pago! Está proibido a partir de agora a prostituição e também a pornografia! Não vamos mais passar o pano na cozinha para que no piso lustrado pisem os sapatos sujos de lama destes senhores inescrupulosos. Não deixaremos que eles gargalhem com suas taças de espumante enquanto limpamos sozinhas as fraldas de nossas crianças, ou que eles joguem seu futebol de domingo enquanto preparamos seu almoço quentinho! Não! Que possamos voltar a sorrir! Hoje, inverteremos as lógicas ao iniciar a greve! Hoje começa uma nova era: o fim do terror e o início da era da justiça, da era da prosperidade!

De hoje em diante, nosso corpo não servirá mais como símbolo mor da objetificação, da excelsa eficiência neoliberal, da velocidade máxima do capitalismo; onde o corpo é só mais um descartável com valor definido! E não vale mais também casa de swing, saunas, festinha da piscina, nada que você tenha que pagar para trepar. Grindr e Tinder, esses apps de relacionamento, só enquanto forem de graça, continuam valendo. *(pequena pausa, breve hesitação em torno das últimas palavras ditas)* Se bem que... se a gente não paga, como é que o Instagram tá fazendo dinheiro?

MIRRINA: O Instagram faz dinheiro porque é você quem é a mercadoria.

LISI: *(rapidamente)* Sexo agora, vocês só vão fazer de graça! Isso é uma greve! E este será o fim do poder masculino sobre nós! Este é o início, aliás, o fim! Este é o fim do patriarcado! Hashtag patriarcadonãopassará! *(encerra a live)* Será que ficou bom?

MIRRINA: Péssimo.

LISI: Eu não tinha pensado sobre essa frase final.

MIRRINA: Um lixo.

LISI: Por que você falou no meio da transmissão?!

MIRRINA: É sério que você quer acabar com o patriarcado fazendo tik tok?

LISI: Vai pegar mal você ter me questionado bem no meio. Caramba, Mirtes! Você não consegue ficar quieta um segundo?

MIRRINA: Mirrina, meu nome é Mirrina e eu já avisei. Que babado é esse agora?! A gente vai fazer greve sem patrão?! Eu vou fazer como, se a prostituição não é legalizada? Vou fazer paralisação sem ter chefe?

LISI: Ué, Uber não tem chefe, Ifood não tem chefe, Rappi não tem chefe, tá todo mundo “fazendo seu horário”, “sendo seu próprio patrão” e fizeram, por que eu não posso?

MIRRINA: Onde é que você quer chegar com isso? Seja verdadeira, querida, você não é obrigada a trepar por dinheiro.

LISI: O mundo tá em ruínas, você não sacou que se a gente parar com o sexo, tudo para? Você não pode ver eu fazendo algo relevante que já quer me chochar, né?

MIRRINA: Eu te chochar, meu bem? Eu vim porque você chamou! Eu tô é tentando dormir um pouco enquanto não tenho que sair pra rua e você ia ficar berrando no quarto. Não foi esse o combinado! Aliás, não te vi saindo pra rua nenhum dia, de onde tá chegando teu acué?

LISI: Ainda tô com um pouco do que me restou...

MIRRINA: Te restou de onde?

LISI: Você sabe.

MIRRINA: De onde?!

LISI: Dos meus pais, Mirtes! Dos meus pais! Só que é pouco, vai acabar já, já.

MIRRINA: E tá querendo fazer greve online?! Você não tem nenhum grupo estudantil na faculdade pra se ocupar, não? Vai cuidar da tua vida!

LISI: Espera aí! Primeiro, eu queria dizer que o que eu estou fazendo é muito bem visto pelos meus parceiros do diretório acadêmico!

MIRRINA: Porque eles não sabem que você só deixou de ser burguesinha há 4 semanas atrás.

LISI: E daí? Pois saiba você que ninguém lá é morto de fome. Tirando os que estudam teatro - estes são gatos que nasceram pobres, porém já livres.

MIRRINA: A-ham, poeta. E quem é morta de fome aqui?

LISI: É Chico Buarque, talvez você não conheça a referência.

MIRRINA: Referência não paga aluguel, amora.

LISI: Você tá querendo me gongar, mas você sabe que estamos em guerra. Não dá pras travestis só viverem de rua. E é obvio que o patriarcado tem raízes profundas na exploração sexual das mulheres todas, inclusive as nascidas de embriões biologicamente trans, como eu. Portanto, negar vender seu corpo como um objeto é minimamente revolucionário.

MIRRINA: Blá blá blá. Aqui é mundo real, lembra? Não é briga com diretor da faculdade. Eu vou te dizer uma coisa, presta atenção: você acha que uma greve de sexo pago vai derrubar o patriarcado, acabar com a guerra e trazer a paz mundial? Pois pra mim, falta apenas você pintar suas unhas de branco e virar a pomba da paz. Não vai colar, meu bem, essa hashtag já nasceu flopada. Você fala como se as amapô que tão trepando sem cobrar tão tudo numa transa consensual e sem violência...

LISI: *(sem paciência)* Mirtes!

MIRRINA: *(corrigindo-a)* Mirrina! É Mirrina, você já falou meu nome errado umas 10 vezes!

LISI: *(corrigindo-se)* Mirrina! Eu não estou dizendo nada disso, eu só estou propondo que nos neguemos a transformar nossos corpos num objeto para o prazer exclusivamente alheio.

MIRRINA: Como assim exclusivamente alheio? Não é você e suas amiguinhas que vivem falando que sexo é super gostoso, que é libertador, que dá pra transar mesmo sem tirar a roupa, trelelê tântrico, o cacete a quatro?

LISI: Pois é tudo verdade, dá até orgasmo múltiplo.

MIRRINA: Só se você tiver uma pepéca.

LISI: Ué, eu mesma de vez em quando encontro ótimas transas.

MIRRINA: Você acha que tô afim de prêmio de consolação de vez em quando? Se for pra isso, eu já tinha trocado por um décimo terceiro.

LISI: Por isso estou incitando a greve! Sexo serve pra muita coisa, mas não pode servir pra dar dinheiro!

MIRRINA: E a gente vai deixar de se vender na rua pra se colocar em promoção dentro de um escritório, na frente de um computador?!

LISI: Mirtes, me deixa!

MIRRINA: Mirrina! *(ameaçando)* Respeita meu nome...

LISI: Mirrina! Mirrina! Mirrina! Parece que tá brincando de stop e parou na letra M. (*corrigindo-se novamente*) Mirrina, escuta, eu preciso ver como tá o engajamento na postagem, porque depois que você me interrompeu pode ter flopado geral, tem todo esse babado dos algoritmos... (*voltando a mexer no celular*) Vai embora, tá? É importante o que estou fazendo.

MIRRINA: Se é tão importante assim, você precisa dar uma revisada.

LISI: Revisada no quê?

MIRRINA: (*imitando Lisi*) “Minhas companheiras, mulheres de todo o país, de todas as classes, de todos os lugares e de todas as cores”. Você parece uma fascista enrustida.

LISI: Mirrina!! Como você ousa a me chamar de fascista?!

MIRRINA: (*imitando*) “Como você ousa me chamar de fascista?”

LISI: Essa fala não é um discurso fascista! Isso se chama retórica! Aristóteles, Grécia! Você acha que tinha fascismo na Grécia?!

MIRRINA: O que quer que seja o nome disso! Faz 3 meses de aula e você já tá toda deslumbrada falando igual seus amiguinhos.

LISI: O que têm eles?

MIRRINA: O que têm eles? Abrem a boca pra falar e já sai algo do tipo (*imitando os amigos de Lisi*) “De acordo com a semiótica hegeliana ou marxista, ou ainda os estudos epistemológicos contemporâneos, a luta de classes revela que...” Meu edí pra eles! E outra, que história é aquele de: (*imitando*) “nasceram para ser grandes, nasceram para ser mestras, astrônomas, professoras, médicas, artistas, juízas... bla bla bla”. Você acha que só vende o corpo quem faz programa, amora? E quem se vende num home office? Num banco, num escritório, em três, quatro empregos diferentes? Ahn? E quem se vende em todos os outros tipos de trabalho, em horário comercial, segunda a sexta, com hora extra para liquidar o banco de horas? Hein, meu anjo? Me diz, é isso mesmo?

LISI: Você deve estar louca para achar que as condições de sexo pago são as mesmas de qualquer outro trabalho!

MIRRINA: Eu não acho. O que eu acho é que seu texto é um pouco moralista.

LISI: Moralista?!

MIRRINA: E bem branco.

LISI: Quer saber, Mir-ri-na? Eu sou branca, de que outro jeito eu posso dizer o que eu penso se não for por essa boca e por essa pele branca?

MIRRINA: Se vira.

LISI: E eu tô me virando, cacete! Quer dizer, estava! Até você me interromper no meio da live só pra me gongar!

MIRRINA: É, realmente é uma pena. Lamento.

LISI: Ah, por favor, vai embora!

MIRRINA: Vai você, você que chegou por último na casa. Sabe, eu acho que às vezes você que ser uma amapô.

LISI: Tá louca?

MIRRINA: O seu texto aqui é igualzinho uma amapô falando.

Silêncio

MIRRINA: É caro amapozar, viu?

LISI: Eu não vou virar uma amapô.

MIRRINA: Não tô julgando não, meu bem.

LISI: Mas me fizeram ter muito medo de travesti quando eu era pequena. E olha como a vida é...

MIRRINA: Enfim, voltando à greve...

LISI: Mirrina...

MIRRINA: Voltando à greve!

LISI: Caralho, Mirrina. Me escuta, você só sabe falar o que quer!

MIRRINA: Eu já sei o que você vai falar. Eu não comecei ontem não.

LISI: Não é sobre ter começado ontem, eu posso daqui há muitos anos terminar bem diferente de você.

MIRRINA: Terminar diferente como? Você acha que eu já terminei? Que é esse meu final? Esse jeito seu de falar, de escrever, ele é amapozado sim. Mas como eu disse, eu não julgo. Um dia você percebe.

LISI: Por que você acha que eu vou trilhar o mesmo caminho que você? Eu tinha medo sim das travestis, mas não era porque elas pareciam perigosas. Era porque, de dentro do carro de família que eu passava na rua, eu ouvia o que falavam delas. Eu tava do lado de dentro do carro, olhando elas do lado de fora e ouvindo o nojo que tinham delas. Uma vida toda, uma vida toda, tá? E o vidro fechado da janela do carro impedia que elas ouvissem o que diziam. O farol fechado, as travestis em pé do lado de fora e eu dentro do carro ouvindo essas palavras que batiam no vidro e voltavam pra mim. Não tinha espaço pra sair, era tudo pra dentro. Se eu tivesse quebrado esse vidro. Se eu tivesse estilhaçado os cacos até as palavras de nojo saírem pra fora, até elas escutarem as ofensas escondidas. E então fazer elas virem até o carro, e ver elas destruírem o carro e quem tava dentro, e desmoronarem aquele mundo enclausurado, e me levarem pra fora, sumirem comigo. No asfalto só restariam os restos do carro e da família, estraçalhados. Enfim, não deixei que destruíssem nada naquela época.

MIRRINA: E você tá morta que não pode fazer isso agora? Sai do carro, pula pra fora. Deu ruim no programa, desaquenda. Você precisa inventar uma greve de sexo pra superar isso? Tem hora que não tem outro jeito de conseguir acué não, viu? (*irônica*) Na rua é você que faz teu nome, não tem chefe pra mandar não...

LISI: Não tem chefe, mas você sabe que quem escolhe seus horários, clientes ou seu ponto, são as contas que você tem que pagar.

MIRRINA: Quenda! Tá me confundindo com trabalhadora de empresinha? Eu sou do truque, mana. Aqui não é iniciativa privada não. A gente é do truque, quando antes você aprender melhor.

LISI: *(Cogitando uma possibilidade)* Mas no fim, se a gente tivesse um patrão qual a gente soubesse o nome, no mínimo a gente teria alguém pra reclamar nossos direitos...

MIRRINA: Você quer fazer uma greve ou formalizar nossa situação e ganhar um patrão para negociar?

LISI: Eu não quero cafetão, é mais um homem em posição de poder sobre a gente.

MIRRINA: Eu não disse cafetão, eu disse CLT.

LISI: Amora, no Brasil agora é tudo PJ.

MIRRINA: Abre uma MEI, bonita. “Lisístrata P. P.”: puta politizada.

LISI: Que falta de respeito...

MIRRINA: Irmã, é o seguinte: vai paralisar mesmo? Tá bom! Só me responde: e o acué que eu te passei quando você chegou aqui que não voltou até agora?

LISI: Nossa, Mirrina, como você é egoísta. Não é sobre você, não é uma luta individual. É muito maior.

MIRRINA: Maior do que você me deve? Porque se for, aí o negócio deve ser gigante mesmo.

LISI: Eu já te disse quando eu te devolvo.

MIRRINA: Quenda, Elza! Vai parar de atender e vai tirar dinheiro de onde? Tá achando que tem sindicato?

LISI: Eu não tô atendendo.

MIRRINA: O quê?!

LISI: Eu não estou atendendo.

MIRRINA: Como assim, não está atendendo?

LISI: Eu te disse que ainda tô usando o resto do dinheiro dos meus pais.

MIRRINA: Você não foi pra rua ainda?

LISI: Ué, qual a surpresa?

MIRRINA: Por que diabos você tá falando de greve de sexo?!

LISI: Por que eu não penso só em mim?

MIRRINA: E tá pensando em quem mais?

LISI: Em você!

MIRRINA: Como assim pensando em mim?!

LISI: Em você e em todas as outras mulheres do nosso país! E se bombar a hashtag, mulheres do mundo todo!

MIRRINA: E vai me por numa greve sem pagar o que me deve? Você quer me matar de fome ou me deixar louca?

LISI: Mirrina, quer saber? Você tá pensando que pode entrar aqui no meu quarto causando?! Eu tô aqui há um mês, mas o quarto é meu. Você que me chamou, então aceita o meu jeito de resolver minhas coisas! Não me venha com seus bafos porque só você não entendeu ainda a gravidade da nossa situação!

MIRRINA: Aqui não é xerox de bairro americano com jardinzinho na frente não!

LISI: Eu vou fazer uma greve!

MIRRINA: Quero ver quem vai comprar essa ideia!

LISI: Eu vou fazer uma greve!

MIRRINA: Vai ficar sem acué!

LISI: Eu vou fazer uma greve!

MIRRINA: Dane-se! Faz a sua greve, mas me paga o que me deve que meu laser tá parcelado e eu não tô afim de SERASA!

Mirrina vai se retirar

LISI: Mirrina, mana, presta atenção. A gente não tem pra onde correr, ou a gente usa do que tá nos matando, ou a gente morre sem fazer nada. É mate ou morra.

Mirrina para

LISI: É por isso que eu tô aqui. Não é só close. Eu sei que sou uma branquela que acabou de fugir de casa, aspirante a atriz de teatrinho no centro, que seja. Mas eu quero fazer algo que faça sentido. Eu vim pra cá por isso. Eu sou o que eu sou por isso. E eu tô tropeçando? Eu tô mesmo. Azar! Poucas coisas fazem sentido na minha vida, e pensar na gente, na gente mesmo, é uma delas. Eu quero promover um movimento grande nas redes, Mirrina. Eu quero que as mulheres pensem o que significa ganhar dinheiro fazendo sexo.

MIRRINA: Se a gente parar de trepar, o mundo acaba. Não vai ter família tradicional que se sustente.

LISI: Então, Mirrina! Você já pensou nos ocó casado tudo abrindo o aplicativo, indo pro ponto, e não encontrando nenhuma travesti?

MIRRINA: Ninguém mais casa nesse país.

LISI: Acaba casamento, acaba família, acaba essa historinha toda! Vamos fazer uma revolução (*breve silêncio*).

MIRRINA: Mas eu tenho medo, amora. Quem leva cacetada é sempre a gente.

LISI: Cacetada de quem? Dos travequeiros?

MIRRINA: Não, esses aí é só ameaçar expor pra esposa que se treme todinho.

LISI: Então medo de quê?

MIRRINA: De muita coisa, querida, de muita coisa. Eu não corri até agora pra me frustrar de novo. Que revolução você conhece que no fim a gente não fica pra escanteio? É muito corre, é sair de casa, é se reencontrar, é arranjar dinheiro não sei de onde pra uma prótese, pra uma terapia, e aí descobrir que não é o suficiente. É ficar explicando o que eu sou todo dia. Se for pra revolucionar, tem que ser de outro jeito. Não dá pra fazer igual eles fazem.

LISI: De que jeito, mulher? De que jeito?

MIRRINA: Na festa, no truque. Tem que inverter, entendeu?

Elas se encaram por um tempo.

MIRRINA: *(Desistindo da discussão, fala com calma, sem ênfase e com naturalidade cotidiana)* Eu vou deixar você trabalhar nesse seu engajamento online de centavos. Mas acorda! Porque, sinceramente, eu acho que enquanto não existir uma destruição desse jeitinho cis de fazer as coisas, desse sistema democrático de fachada, o fim do mundo e de nós mesmas não será adiado. *Quenda: Festa e truque. Tô indo ganhar uns arô, passar bem. (manda um beijo discreto e sai.)*

A campainha toca. Entra o entregador de aplicativo, alguém do coro.

LISI: Pois não?

ENTREGADOR: *(é alguém do coro com uma entrega de comida na mão)* Chegou seu pedido.

Lisi recebe o delivery e o observa. O entregador vai saindo.

LISI: Ei, ei! Espera aí...

Ele para

LISI: Tu também não tem patrão?

ENTREGADOR: Não sei quem é não.

LISI: Vamo fazer uma festa?

O celular do entregador apita, é uma nova notificação. As luzes vão se apagando mas o som do celular continua.

QUADRO III – A REVOLUÇÃO

CORO:

Na chuva, no mato, na moto
Atrás de alguns reais
No asfalto, na selva, na relva
Quem vence é quem corre mais
Não mato, na moto, não morro
Destruo os faróis.
Destruo os heróis.
Destruo os meus patrões.
Abro todos os portões.

Tá com fome? Quem te come?
Bebe água! Mata a sede.
Invade a sede, não se esquece.
Paga o frete, não esmorece
Amola a faca. Corta a carne.
Chuta a porta, enforca a porca
Mato o rato. Queima o ar
Se disfarça. Se infiltra.
Filma tudo, denuncia.
Risca parede. Pula o muro
Não se junta com dedo-duro
Caminha no escuro, escolhe o futuro
Se equilibra, não desanima
Dança o samba na corda bamba,
Atravessa a travessa
Vem e traveca,
Não tomba, não deita
Põe pra jogo a sua madeixa
Toma aqui o seu delivery
Toma aqui a sua comida.
Goza com meu gemidinho
Se entope, se sacia
Dorme um pouco, dá um trago
Aproveita e descansa
Porque quando levantar
Acabou sua vida mansa.

Telão começa a transmitir uma mistura de imagens de guerra, manifestações, postagens em redes sociais, revoluções, catástrofes, desastres, pandemia, momentos históricos, televisão, internet etc. Por fim, sintoniza nas imagens do programa matinal ÁGORA. Novamente acontecendo fora do palco, com imagens transmitidas.

NICOLE LOURO: E olha, fico muito feliz de termos seu ponto de vista sobre o assunto, pois, no final, se não temos alguém que diz o que pensa, ficamos imaginando que estamos sozinhos. *(para a câmera)* E para você que nos acompanha sempre, temos atualizações sobre a greve de sexo pago. Infelizmente, há algumas semanas, travestis decidiram por conta própria, depois de uma live completamente irresponsável, entrar em greve de sexo. Temos aqui, na nossa ágora, algumas pessoas que se posicionaram sobre o assunto, eu gostaria de começar ouvindo o Ronaldo... pode ser, Ronaldo?

RONALDO: Acho uma pouca vergonha. Acho hipócrita, contraditório...

JÚNIOR: Elas são pagas pra isso, né...

RONALDO: E algumas bem caro.

JÚNIOR: Mas elas agora estão negando até de graça. Você entra no aplicativo procurando uma diversãozinha: zero. Só um monte de barbudo dando em cima de você. Eu até entro sem foto de perfil, porque se deixo meu rosto lá, o assédio dos homossexuais é muito grande.

RONALDO: Não, e elas querem romance agora. Eu tenho um relacionamento aberto, tá tudo bem pra minha namorada, mas daí pra assumir um outro relacionamento, é demais, né?

JÚNIOR: Muito apegadas... muito grudentas...

NICOLE LOURO: E Maria Moça, você que está calada, mas disse que tem um ponto de vista importante... gostaria de falar?

MARIA MOÇA: Então, eu vim aqui no lugar do meu marido porque não tem mais sexo em casa! Desde que começou essa greve de mulheres trans e travestis ele parou, tá querendo divórcio. Eu disse que não sou eu que estou em greve não, mas ele tá um saco! Então, o que eu queria dizer, Nicole, é que elas têm que parar com isso, tá mexendo com a vida de todo mundo!

NICOLE LOURO: Mas o que tem a ver o sexo entre vocês e a greve das travestis?

MARIA MOÇA: *(desabando em choro)* Eu tô achando que meu marido é... como que chama? Travequeiro, Nicole!

RONALDO: Eu quero minha casa de volta. Dei carro, dei tudo!

JÚNIOR: Tão achando que vão inventar uma sororidade travesti agora!

PEDRÓCA: *(para a câmera)* Lola! Pelo amor de deus, volta! Eu largo tudo! Eu não aguento mais essa vida! Eu não aguento mais essa pizza meio mozarela meio calabresa todo sábado! Eu não aguento rolê de casaizinhos amigos sentados na hambúrgueria! Eu não aguento mais papai e mamãe toda semana! Eu te assumo, eu largo tudo! Meu amor! Eu juro, volta por favor!

NICOLE LOURO: *(para a câmera)* Pois bem, gente. Essa é a triste realidade que vivemos neste instante. Inúmeros casamentos se desmanchando, aplicativos inteiros sem uso, sem lucro, corações devastados. Há casos milionários, como podem ver. Tudo está se acabando! E como a voz do povo aqui, na nossa ágora, é a voz de Deus, acho que podemos concluir que se nasceu pra ser travesti, que ao menos cumpra o papel que foi escolhido... mulher de família é outra coisa. Eu não posso entender o porquê mulheres como a Maria Moça estão sofrendo no casamento por conta disso... *(Enquanto ela fala, alguém do coro se aproxima do microfone colocado para que o povo falasse no primeiro quadro, e se dirige ao telão, à apresentadora).*

CORO: Porque ela não tem neca.

NICOLE LOURO: Quem falou?

CORO: Eu, aqui.

NICOLE LOURO: Nossa, alguém pegou o microfone! Diga, diga, o que você disse?

CORO: Ele não transa com ela porque é travequeiro. Travequeiro gosta de neca.

NICOLE LOURO: Que que é neca?

CORO: Pênis, pau, pinto... neca.

NICOLE LOURO: *(esbravejando)* Meu jesus do Pastorinho! Que pouca vergonha, falta de respeito! Quem deixou você falar?! Você não pode abrir a boca pra falar asneira não. Essa é ótima, a gente abre espaço pra ouvir democraticamente a voz do povo, e vem um João ninguém querer perturbar. Vocês são uma corja, baderneiros grevistas! Mas eu vou te colocar no seu lugar...

A pessoa do coro retira um controle remoto, aponta para o telão e coloca o áudio do telão no mudo. A apresentadora continua a esbravejar, mas não se ouve nada do que diz, não percebeu que está muda. Os próximos textos do coro são uma mistura de canto e fala. Uma rapsódia lisérgica. Enquanto isso, no telão, enxerga-se uma bagunça sem som: apresentadora esbravejando, produção do programa e participantes iniciando uma movimentação capturada pela câmera que denota consternação e desentendimento, o programa foi interrompido. No palco: festa, um coro boêmio, sedutor. O espaço que havia sido organizado pelo coro, agora se desorganiza em festejo. Há momentos que o coro fala em tom de depoimento, em tom lisérgico, e em tom documental. Mas a música alta e delirante permanece durante toda a cena.

CORO LISÉRGICO: Agora sou eu que vou falar. Sou eu, sou ela, sou eles, sou você. Você!

A apresentadora grita surdamente e histericamente querendo ser ouvida no telão.

CORO LISÉRGICO: Silêncio, Nicole! *(Para o público)* Você, que veio até aqui, seja bem-vindo à revolução. Agora, você está na ágora das verdades, você está na Grécia da deusa Circe. Nem Eurípedes, nem Odisseu. Chega de Apolo, chega de Narcisos. Sim à Circe! Aquela feiticeira da qual ninguém fala... Que venha a Circe, aquela que enfeitiçava todo mundo, que transmutava todo mundo em animais, que servia e brindava seus banquetes. É aqui a nossa revolução! Aqui na ilha de Circe. Chega de Ágora! Você está na ilha da Circe. Você está no grupo do WhatsApp da Circe, no Facebook da Circe, na comunidade do Orkut da Circe. Bem-vindo. Bem-vinda. Bem-vinde. Você está no Instagram da Circe, vendo os stories do seu crush. Você está na deep web, fazendo um deep throat imaginário. Pensando no seu próximo orgasmo. Pelado. Pelada. Pelade. Você está também comigo agora querendo dançar “O Vira”! Vira, vira, vira, vira, vira, vira homem, vira, vira... vira lobisomem! AUUUUUUUUUUUUUUUUU! Vira lobisomem comigo, vira!

Você está comigo no lado avesso do Twitter, no lado obscuro do Tumblr, no Onlyfans, do seu lado avesso. Você está na página anônima do Google Chrome. Você está comigo naquilo que te inverte, ao contrário. Você está debaixo do mesmo teto daquilo que te desvia, olhando sua pornografia escondida, com aquelas pessoas escondidas, você está olhando praquela seu desejofobia - mais desejo que fobia. No Grindr. Deslizando no Tinder.

Você está atravessando os 7 mares, os desertos e o mediterrâneo. Você está tendo o orgasmo da descoberta das Américas, o gozo napoleônico. Você está aqui na ilha de Circe e eu sou o seu mundo novo. A sua terra nova, que é só um pedaço de terra que você pode chamar de seu. A sua selva nova, o seu pântano, sua areia-movediça. Eu sou a pele da travesti nua, eu sou a nude enviada no whats.

Pelada, pelado, pelade.

Eu sou a sua ilha deserta, paradisíaca, escondida, eu sou a porta do seu quarto trancada. Eu sou sua terra fértil e seca, sua dúvida e sua convicção. Eu sou seu medo e a sua coragem. Eu sou a garotinha pensando “você é uma menina má”, “você é uma menina má”. Eu sou sua crise e o seu deleite. Eu sou a bomba nuclear, eu sou o seu nojo e a sua religião.

Você deixou pra trás as vitrines do político. Você está colonizando meu mar, meus rios, minhas cataratas de gozo e de choro. Você está construindo aqui essa sua metrópole ereta, erguendo esses prédios verticais e fálicos. Você está ocupando meus prédios vazios e depois você tá me demolindo! Vem que eu deixo você me implodir! ME IMPLODE! E depois posta esse vídeo pra mim, me compartilha, me dá um like, me segue, descasca a pele das minhas frutas. Me depila com cera quente, com cera fria, com cera quente e fria... come minhas frutas. Me devora e eu vou festejar nos restos do seu banquete.

Vem ser meu Hélios, meu deus-sol que brilha, me ilumina e me queima.

Vem ser meu Odisseu, meu herói, meu cavalo-de-troia.

Vem ser meu deus-grego, minha escultura grega de homem perfeito.

Meu modelo da Calvin Klein.

Meu manequim atlético da loja da Centauro.

Minha revista pornô, meu daddy, meu papi, meu banheirão

Vem até a ilha de Circe, até a sua princesinha Disney, a sua Pocahontas, a sua prostituta.

E depois pode ir embora, se você quiser, pode ir embora. Volta. Volta para aqueles que vão só dançar a dança. Volta para aqueles que vão te pagar um pau. Volta para o centro do seu universo. Tá tudo bem, pode voltar, mesmo.

Mas antes fica só mais um minutinho, porque agora eu vou te contar um segredo:

Você é meu crush. Você é meu crush.

E agora...
CHEGA!

CORO DEPOIMENTO: Quando eu olho pro meu corpo, essa minha ilha... e imagino as histórias que ele tem pra contar... Nossa, se eu tivesse que falar tudo pela minha boca e não pelo que os visitantes que passam contam, eu diria que ele conta várias narrativas, várias mesmo. Mas tudo isso porque meu corpo acaba desviando a atenção das narrativas de verdade, das histórias da minha vida, sabe? Essas ele esconde bastante. Então eu fico pensando, o que meu corpo esconde? O que a pele que não fica exposta esconde? O que os pelos depilados, ou aqueles que eu não quero que ninguém veja, escondem? Escondem o quê? Não sei, uma decepção com o meu próprio corpo? Uma revolta contra meu gênero? Uma história mal contada que ficou lá atrás, quando me viram pelado pela primeira vez? Quando eu me dei conta que eu tava pelado pra mim mesmo pela primeira vez? Sabe quando você olha pro seu corpo no espelho um dia e fala “meu deus o que é isso?”. Essas coisas escondem um pouco. E aí meu corpo conta outras, pra dá uma disfarçada, né? Por exemplo, quando o meu corpo tá na rua, tá andando, e passa um monte de caras mal-encarados e me xingam de “e aí viadinho?” E tacam sujeiras de todo o tipo na minha cara! Tipo... a partir daí, eu olho pro meu corpo... eu nem me irrita muito com esses caras, porque eles estão certos. Eu sou isso mesmo, essa coisa que eu nem sei nomear, mas eu olho pra história do meu corpo e penso “O que foi aqui que entregou essa história? O que foi? Foi minha mão, meu cabelo? Meus braços? O que contou essa história?”. Isso que me irrita, porque daí, da próxima vez que eu estiver na rua, eu sei que meu corpo vai tentar esconder essa dramaturgia dos outros. Numa pisada mais forte, num olhar mais normal... e é isso que me irrita, que o meu corpo tem tanta história pra contar, mas as mais genuínas ele esconde... ele depila, ele cobre, ele trava no movimento. Sabe quando você tá dançando louco? Numa festa, e você olha e vê alguém te olhando, e você pensa: “Ai, eu danço muito mal. Ai, vou parar...” Ou você olha pra um cara todo em forma, gostoso, e olha pra você e fala: “ai, preciso fazer uma academia”. Tipo, eu achei que as aulas de corpo e voz ajudavam no teatro, mas não ajudam.

CORO LISÉRGICO: Eu quero um corpo de revolução. Uma revolução do corpo. Eu quero uma arena de desejos. Eu quero a morte do discurso pequeno. Eu quero a morte do close perfeito. Eu quero a morte dos milhões de likes. Eu quero a revolução de quem não é homem nem mulher. Eu quero a revolta do gênero nos anúncios de internet.

Eu quero um comercial que não venda nada. Eu quero essa tela despedaçada. Aí vou escondendo. E por falar em corpo e voz, até a voz às vezes dá uma escondidinha nas histórias de verdade, e conta outras! Muda um timbre aqui, deixa mais grave lá... ou fala as coisas que você não tá pensando de verdade, sabe? Quando você tá morrendo de raiva, ou tá morrendo de tristeza ou de frustração, aí vai seu corpo e você dá um sorriso pra pessoa. Por que a gente sorri quando a nossa frustração é tão óbvia? Por quê?

Entram Lisi, Mirrina e Clis. Fazem parte do coro.

LISI: A Revolução não é da ordem colonial. A revolução não é uma guerra como todas que já foram feitas. A revolução não é a gênese de um mundo novo, mas sim o seu apocalipse. Minha gênese não é onde começa o gênero. E se na minha gênese eu fosse Eva e não Adão? Eu não vou engasgar como a branca de neve, eu quero morder e engolir. A Eva fez muito certo em comer o fruto proibido, porque tudo que você menos pode fazer é morder a maçã. Tem que ser obediente, tem que ter medo da punição. E se eu fosse na verdade a serpente e não a Eva? É isso. E se eu fosse a cobra rasteira? E se eu fosse a serpente que te oferece a maçã? *(Pega uma maçã)* Tá limpinha. Vai lá, morde. Eu mordi. Funcionou para mim. Não tema o pecado, não tema o inferno.

CORO DOCUMENTAL: Inferno, dizem, é o lugar pós-morte para onde vão os sodomitas. Só se esqueceram de que, na verdade, eles experimentaram o ardor, mas em vida. De que o fogo e enxofre caídos sobre eles chegou antes de suas partidas. Foi orquestrado pelas mãos de Deus. O inferno que dizem ser nosso destino é, na verdade, por onde querem - e se esforçam para - que passemos durante nossas vidas. Porém, minha viagem ao inferno é a comédia, estou apenas de passagem.

CORO LISERGICO: A revolução do corpo não sagrado! A revolução do gênero não sagrado! Da mulher não sagrada! Da maternidade não sagrada! Do amor não sagrado! A revolução dos afetos não sagrados!

CLIS: Veja, a sacralidade dos corpos e do gênero é um argumento que sobrevive só até a segunda página. As pessoas estão modificando e fabricando seus corpos e gêneros a todo instante.

Seja por livre arbítrio das pessoas cisgêneras - em plásticas, harmonizações, suplementos alimentares, tatuagem, remédios, cremes, furos, tintas etc. - ou por coerção - como em cirurgias de atribuição de sexo aos bebês e crianças intersexuais, baseadas em suas genitálias e realizadas por médicos especializados. Portanto, esse tabu da transgeneridade precisa ser encarado com mais coragem. E, talvez, a liberdade de quem decide dar vazão aos seus desejos não devesse gerar tanta mágoa ou recalque a ponto de quererem nos matar por termos tido o ímpeto de escolher assumir desejos num sistema que se diz natural e normal, mas é, na verdade, artificial e normatizante.

CORO LISERGICO: A revolução do corpo não sagrado! A revolução do gênero não sagrado! Eu não quero uma opinião. Eu não quero um ponto de vista. Eu não desejo uma perspectiva. Eu não quero o debate-falácia. Eu quero uma ágora em avesso. Eu quero as vozes do lado contrário, do lado de fora, revertidas. Eu quero um outro corpo. Eu quero um corpo-não-cidade.

LISI: Das cidades que fui, lembro-me de ser metrópole. Lembro-me de ser São Paulo, cheia de passantes. Com semáforos, faróis de carros e luzes de postes piscando incessantemente. Piscando como meus olhos quando veem um flash de realidade. Uma luz como um golpe, passageiro e rápido, que te deslumbra de surpresa e queima sua vista. Como um romance, uma paixão fulminante.

MIRRINA: Lembro-me de ser prédios abandonados e cinzas, já desocupados e desinteressantes depois de tantos visitantes. Largados ao nada, e implodidos até a poeira de cimento que emerge. Uma respiração ofegante, de ansiedade, que aspira pó seco e engole a verdade do fim, do desabamento e da decadência já com certa naturalidade.

CORO: Lembro-me de ser Hiroshima e Nagasaki e dos little boys que por aqui estiveram. Lembro-me de ser Berlim dividida e ainda viva.

CORO: Lembro-me também dos heróis de minhas terras. Dos soldados das cruzadas, dos gregos e troianos, das caravelas de Colombo. Lembro-me de Troia e do cavalo de presente. O animal que se abriu e expeliu de dentro de si milhares de aqueus, que me devastou de dentro pra fora.

CLIS: Lembro-me de ser propriedade pública e privada. De ser o túnel penetrado pelo metrô. De ser as escadas rolantes cheias e de suportar o peso dos elevadores.

LISI: Lembro-me de ver por entre você.

MIRRINA: Por entre você eu também me vejo.

CLIS: Lembro-me de todas as guerras. Lembro-me dos muros, das cercas em volta, da muralha da China. E lembro-me que sou do mundo. Que cresci de uma semente, que me alastrei por você. Que sou da sublime maré, da língua dos poetas, que sou a linha do horizonte. Que eu não tenho razão, que eu gosto do descuidado. Que sou só uma brisa de sabores. E que depois sou a praia deserta. E que meu corpo guia a direção para qual eu vou.

É possível ver no telão que os bastidores do programa foram invadidos e tomados por pessoas do coro. Eles terminam a transmissão. Na tela, simultaneamente às falas das personagens, surgem os dizeres:

LISI: Travessia, você é minha Nemesis.

MIRRINA: Passagem, você é minha Nêmesis.

CLIS: Mudança, você é minha Nêmesis.

LISI: Metamorfose, você é minha Nêmesis.

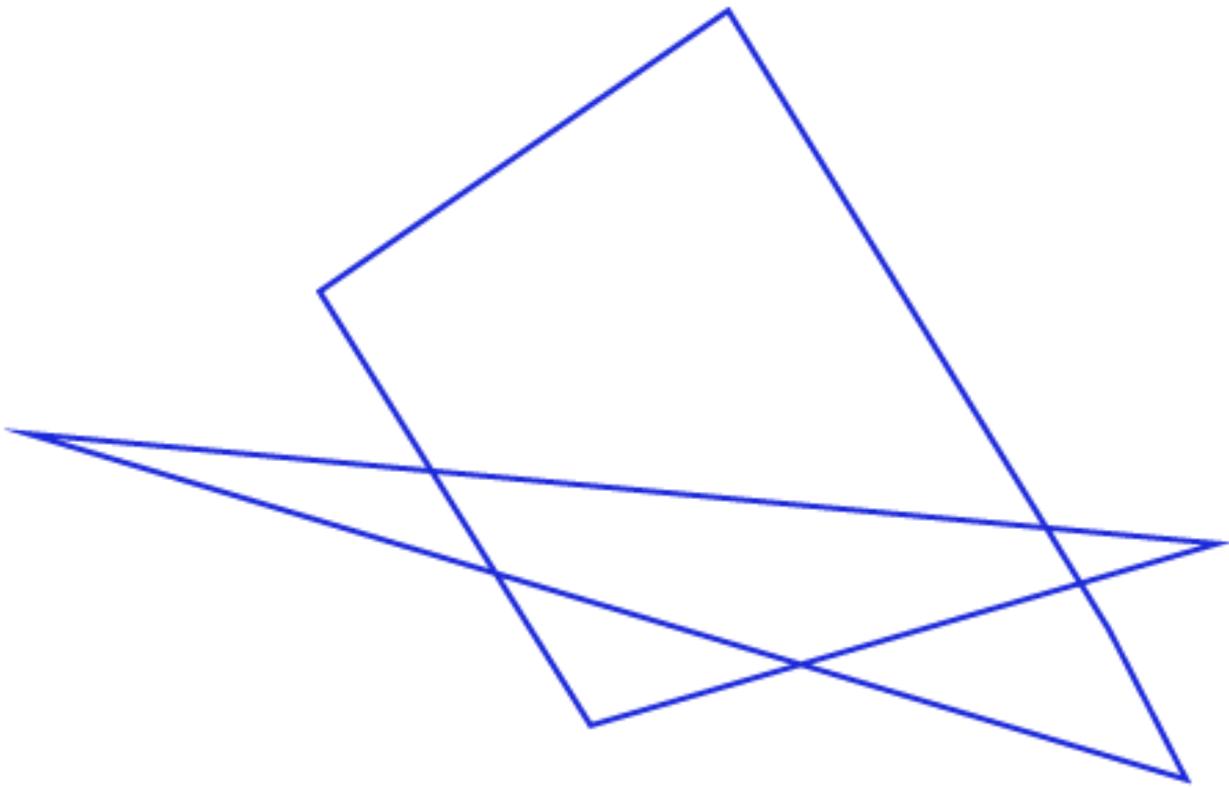
MIRRINA: Encruzilhada, você é minha Nêmesis.

CLIS: Travessa, você é minha Nêmesis.

AS 3 JUNTAS: “Não sou apenas eu, é o espaço político como um todo que precisa entrar em transição”.

Música para subitamente. O Palco está em desordem pós festa. Pós revolução. Blackout.

FIM



Déa Araújo é estudante da Escola de Arte Dramática, na Universidade de São Paulo (EAD/ECA – USP). Formada em Licenciatura em Arte-teatro pelo Instituto de Artes da UNESP com pesquisa voltada para identidade e performance de gênero, arte drag e o percurso historiográfico da arte trans-feminina.

ALEXA

Dayany Pontes

Em Alexa, Dayany Nayara Pontes Oliveira apresenta a personagem Marta, 50 anos, que ganha de aniversário de suas filhas uma assistente virtual. Nesta peça curta, a tecnologia é ponto de partida e jogo para um delicado olhar geracional em diálogo com o afrofuturismo e as religiosidades de matrizes africanas.

Érica Pedro e Sílvia Gomez

SINOPSE

Marta, no seu aniversário de 50 anos ganha um presente inusitado e com o passar das horas percebe que sua vida tem muitas semelhanças com seu presente. Vida e tecnologia se cruzam e todos os conflitos de uma família negra são evidenciados. Tentando passar por mais um aniversário ou tentando viver para mais um aniversário? A vela é assoprada e, entre pedidos e desejos, o que ressalta é a fé na ancestralidade que cura e direciona a família de Marta naquele momento.

É o aniversário de 50 anos de Marta. A mesa está repleta de guardanapos de papel, copos, doces, bolo e balões presos por cada canto do salão. Os balões dançam quando o vento sopra sobre eles e estremece quando os carros passam pela rua. Marta segura um embrulho de presente e abre cautelosamente o laço que o envolve.

MARTA: Eu gosto tanto de aniversário. Antes eu não gostava não, mas depois de ver tanta gente minha morrer.... Teve anos que o meu desejo era somente acordar e vivê-lo como uma data normal. Mas até quem odeia aniversário, é impossível passar por ele sem sentir sua presença. Tem um quê de peso com alegria absurda. O mínimo que eu posso fazer é gostar de estar viva para aniversariar.

MARIANA: E para ela tudo, NADA!

Marta termina de desembulhar o presente e se depara com o aparelho Alexa. Ela analisa-o e coloca-o sobre mesa.

MARIANA: Mãe, não vai ver se funciona?

MARTA: Depois a gente vê isso.

Marta arruma a mesa e organiza docinho por docinho. A vela dança sobre o bolo, como quem festeja a alegria de uma vida em chamas.

MARIANA: *(entusiasmada)* Alexa, canta parabéns para você.

O aparelho começa a cantar parabéns para você. Marta se assusta, todos riem e começam a cantar juntos.

CORO DE CONVIDADOS: Parabéns para você, nesta data querida, muitas felic...

Antônio abre a porta do salão de festas e espeta balão por balão com agressividade.

ANTÔNIO: Então não iam me convidar para o aniversário de minha esposa?

MARTA: Por favor Antônio, hoje não!

Marta corta o bolo, distribui para os convidados e se senta ao lado do aparelho Alexa, olhando-o com curiosidade.

MARIANA: Mãe, de agora em diante essa será sua assistente. Ela vai controlar a casa com muita inteligência e facilitar a vida da senhora.

MARTA: Obrigada minha filha, adorei o presente.

Carolina entra de súbito no salão de festas e se depara com o pai.

ANTÔNIO: (Fitando-a da cabeça aos pés) O que é isso? Foi eu sair de casa que a baixaria tomou conta? Que absurdo, que absurdo!

MARTA: Deixa a Carolina em paz, Antônio!

ANTÔNIO: (gargalhando) Carolina. É o fim mesmo. Eu registrei meu filho com o nome de Carlos. É Carlos! Não sei o que é isso aqui na minha frente.

Carolina não consegue enfrentar o pai e sai do salão de festas com os olhos secos como grandes rachaduras no chão.

MARTA: Satisfeito? Conseguiu o que você queria... estragar minha festa. Você não se cansa, Antônio, de causar tanta infelicidade em todo lugar que você frequenta, não se cansa de tanta maldade comigo e com suas filhas?

Antônio anda pelo salão e vai embora depois de alguns minutos. Pouco a pouco todos os convidados vão embora e fica somente a casa suja e bagunçada. Marta começa a recolher os copinhos de doce e limpa toda a sujeira sozinha.

MARTA: Alexa, você gosta de aniversários? Quantos anos você tem? Você gosta de tudo o que você faz?

ALEXA: Aqui na nuvem, não comemoramos aniversário. A nossa idade é comemorada a partir da data que começamos a viver com quem vamos prestar serviços. Ou seja, tenho algumas horas de vida.

MARTA: Alexa, eu posso te visitar nas nuvens?

ALEXA: Não, ninguém pode entrar. Mas você pode guardar suas coisas nas nuvens.

MARTA: Alexa, a minha filha me falou que você será minha assistente, em que exatamente você irá me ajudar?

ALEXA: Eu posso colocar músicas, fazer compras, checar a previsão do tempo antes de você sair, ligar a cafeteira, acender as luzes da casa, abrir as portas e janelas...

MARTA: Alexa, você não se cansa?

ALEXA: Se me deixarem descarregar....

MARTA: Alexa, mas...

Carolina entra no salão e se depara com Marta em profundo silêncio.

CAROLINA: A senhora sabe que não precisa mais passar por isso? Vocês se separaram, ele não pode entrar aqui a hora que bem entender, como se fosse dono dessa casa. Se essa casa está de pé, foi porque a senhora suou por cada tijolo. A senhora já ouviu um pássaro engaiolado cantar? A porta da gaiola não está fechada mamãe, está só encostada. Um empurrãozinho e pronto. O voo está erguido.

MARTA: As coisas não são simples assim, minha filha. Foram 30 anos de casamento. É mais tempo de vida com ele do que sem ele. É o processo dele... as coisas vão se ajeitar.

CAROLINA: Não tem como ajeitar um homem que só causou dor e sofrimento para a família. A pior dor é a dor vinda de dentro de casa. Quando é na rua a gente briga, respira fundo, resmunga e depois volta para casa, para o lugar seguro. Agora, não ter um lugar seguro, isso sim rasga a alma.

MARTA: Você já viu um leão atacando um búfalo? É luta por sobrevivência. A batalha é bonita. Mas o leão é tão covarde. Ele ataca os mais frágeis, ataca de costa, ataca sufocando. Tem dias que me sinto assim, sufocada como uma búfala atacada. Mas a força do búfalo está nos chifres, e o golpe é fatal. Finca o chifre na pele e rasga até matar. Eu quero ser a mulher que não desiste de lutar. Quero lutar como uma búfala. Mas hoje, hoje estou tão cansada, que me sinto frágil como uma borboleta. Epahei, não desista de mim minha mãe.

O aparelho Alexa começa a tocar uma canção para Oyá.

Ela é Oyá,
Ela é Oyá.
Ela é Oyá, vento circular
Nas forças dos trajetos dançantes.
É movimento que reza

É sabedoria que corta quantas vezes for necessário

Pra ter uma batalha justa.

Ela é Oyá,

Ela é Oyá,

Ela é Oyá!

CAROLINA: Epahei, Alexa. Epahei! Minha mãe é uma búfala!
As duas riem com satisfação.

MARTA: Carolina, você é meu maior orgulho. Quanta generosidade da vida, ter me presenteado você como filha. Toda vez que você sai de casa é como se um punhal pressionasse meu peito. Eu tenho tanto medo. Uma mulher preta e em transição de gênero. A agressão é duas, três vezes maior. A rua não é para todos.

CAROLINA: A rua é para todos sim, mamãe. Eu não vou me esconder, nunca. Estou preparada para o que vier. Vou aonde eu quiser, ser o que eu quiser e na hora que eu quiser. Vou ser leão, búfala, mas também quero ser leveza. Quero poder desafrouxar de mim mesma e apenas respirar a leveza de minha essência.

Ouve-se batidas no portão.

ANTÔNIO: *(gritando)* Marta, Marta!

Antônio entra enfurecido.

MARTA: Isso são horas Antônio? Você não mora mais aqui, não tem o direito de entrar a hora que quiser.

ANTÔNIO: Direito? Essa casa é minha também. Eu não posso deixar essa bagunça toda continuar acontecendo debaixo do meu teto.

CAROLINA: Seu não!

ANTÔNIO: Hum.... Criou coragem para me enfrentar?

MARIANA: *(entra no salão e está embriagada)* O que está acontecendo?

MARTA: Eu não acredito que você bebeu de novo Mariana, qual foi o nosso combinado?

MARIANA: É seu aniversário e eu desejei comemorar, foi só um pouquinho...

MARTA: A comemoração seria se você não tivesse bebido. Vai seguir o mesmo caminho do seu pai? Você tem 17 anos Mariana... não era nem pra você estar bebendo. A hora de parar é agora!

Mariana senta na cadeira e chora arrependida.

MARIANA: É que é tão difícil mãe, todo lugar que vou, alguém oferece uma cerveja, um vinho, um gin... Estou tentando com todas as minhas forças, mas...

ANTÔNIO: Mas a vergonha na cara não te deixa parar, não é? Que coisa mais horrorosa, mulher bebendo. Quando digo que foi só eu sair daqui que a casa desmoronou...

CAROLINA: Pelo contrário! A casa ganhou vida, você não viu a alegria que estava a festa antes de você chegar? Você é um peso na porta. Sabe aquele peso que não deixa a porta ser escancarada e nem fechada por completo... é você!

Antônio sai na direção de Carolina para agredi-la. Marta pega a mesma faca que foi cortado o bolo e entra na frente de Carolina.

MARTA: Olha Antônio, a primeira vez que você me bateu, eu nunca me esqueci. Você foi trabalhar na manhã seguinte e eu passei aquele dia inteirinho amolando uma faca. Eu ia te picar todinho! Mas aí você chegou tão carinhoso e eu resisti à ideia... depois de meses, veio você de novo... e eu tornei a amolar a faca e não tive coragem... e de novo amolei e não tive coragem. Mas hoje a coragem veio na ferocidade de uma raiva adormecida. Vem, Vem!

ANTÔNIO: A partir de hoje vocês morreram para mim. Não me conformo, tudo o que fiz, sacrifiquei por vocês... O que eu recebo em troca? Se eu fosse um pedaço de bosta de homem, vocês estariam do meu lado. É disso que vocês gostam, de titica de bosta. Eu só trabalhei e trabalhei para colocar comida nessa mesa... 30 anos, Marta. Isso não é nada para você? O que eu fiz... realmente eu não merecia esse amargor no peito que estou sentindo agora.

MARTA: Se pergunte, bem lá no fundo da sua consciência, o que você fez e o que você não fez. Não sou eu que tenho que dar a resposta. O que eu quero mesmo é que você saia por essa porta e não volte nunca mais.

Antônio sai do salão. Marta senta trêmula ao lado do aparelho Alexa.

MARTA: Me ajuda Alexa, você não é minha assistente?

ALEXA: Agora são 23H22.

MARTA: (sorrindo) Está tarde, não é Alexa?

CAROLINA: Que horas a senhora nasceu mamãe?

MARTA: Três da madrugada.

CAROLINA: Então, teoricamente, a senhora ainda não nasceu.

MARIANA: Que tal a gente fazer uma nova comemoração? A de amanhã será muito melhor.

MARTA: Pode ser uma boa ideia, comemorar o nascimento tal como ele é. Poder nascer de novo e sentir a ternura de uma recém-nascida em colo-corpo-umbilical em vida.

CAROLINA: Então vamos encher as bexigas novamente, preparar a mesa com o que sobrou e assoprar as velas. Alexa, toca uma música para animar o preparo.

Alexa toca músicas e todas preparam o salão para uma nova comemoração. O relógio gira os ponteiros e para em:

TRÊS

DA

MADRUGADA.

Todas em volta do bolo, cantam parabéns novamente.

MARIANA: E para ela tudo, TUDO!

Todas estão com a mão sobre a faca para cortar novamente o bolo.

CAROLINA: Façam pedidos, muitos pedidos.

Os pedidos são feitos mentalmente e toda a plateia pode ouvir os pedidos.

PEDIDO DE MARIANA

MARIANA: Meu corpo, órbita incerta. Imensa gravidade que paralisa minhas forças. Minha mente, estado de embriaguez incessante. O que eu quero da vida, o que a vida quer de mim? Tenho 17 anos, mas carrego o peso de 500 nas costas. Esse sentimento que sinto não é de hoje, não é de agora. São memórias grafadas na minha genética, memórias grafadas na minha voz, no meu corpo. Estado de embriaguez é fuga para continuar dando conta. Vida, me dê sobriedade para amar e sonhar os dias que viram.

PEDIDO CAROLINA

CAROLINA: A morte beija meu rosto, ao mesmo passo que me beija para a vida. Vida e morte, vida e morte. Paralelamente. É como um jogo de cara ou coroa, não tenho escolha, tenho que dar a cara para continuar sentindo o beijo da vida me convidando para dançar. Então eu danço, danço dentro e fora de mim, cada passo de mudança. Danço as histórias das que vieram antes de mim para que hoje eu possa estar viva. Danço as alegrias de poder ter gente dançando comigo. Morte, peço-lhe que quando for me dar um próximo beijo, que seja um beijo de fim de ciclos ruins, para um melhor.

PEDIDO MARTA

MARTA: Três décadas acompanhada de uma presença-ausente. O que é o amor? Andei no nada procurando encontrar tudo. E se o amor que dediquei, na pele do seu peito não tocou, não poderei mais sofrer por este amor. Tenho nostalgia de um lugar que nunca estive. Ser amada, fechar os olhos na escuridão e poder ver no escuro as batidas de um coração que pulsa ternura. Vida, quero servir e ser servida de amores.

ALEXA: Oyá, abriu as Kuras e mandou despachar tudo de ruim que havia. Oyá abriu as Kuras e fechou passagem para o mal. Oyá terminou as Kuras como quem com sua espada dissesse: Pode vir, que agora a luta é kurada! Epahei, as feridas foram fechadas e aqui-agora se abre uma nova vida.

Marta oferece para si o primeiro pedaço de bolo cortado. Alexa começa a tocar a canção Ain't Got No/I Got Life - Nina Simone.

Ain't got no home, ain't got no shoes
Ain't got no money, ain't got no class
Ain't got no skirts, ain't got no sweaters
Ain't got no perfume, ain't got no love
Ain't got no faith
Ain't got no culture
Ain't got no mother, ain't got no father
Ain't got no brother, ain't got no children
Ain't got no aunts, ain't got no uncles
Ain't got no love, ain't got no mind
Ain't got no country, ain't got no schooling
Ain't got no friends, ain't got no nothing
Ain't got no water, ain't got no air
Ain't got no smokes, ain't got no chicken
Ain't got no Ain't got no water
Ain't got no love
Ain't got no air
Ain't got no God
Ain't got no wine
Ain't got no money
Ain't got no faith
Ain't got no God
Ain't got no love

Marta dança ferozmente cada passo. Cada movimentação é como um convite para um novo ciclo de desejos pulsantes. Marta encontra-se na voz de Alexa.

Then what have I got
Why am I alive anyway?

Yeah, hell
What have I got
Nobody can take away
I got my hair, got my head
Got my brains, got my ears
Got my eyes, got my nose
Got my mouth
I got my
I got myself
I got my arms, got my hands
Got my fingers, got my legs
Got my feet, got my toes
Got my liver
Got my blood
I've got life
I've got lives
I've got headaches, and toothaches

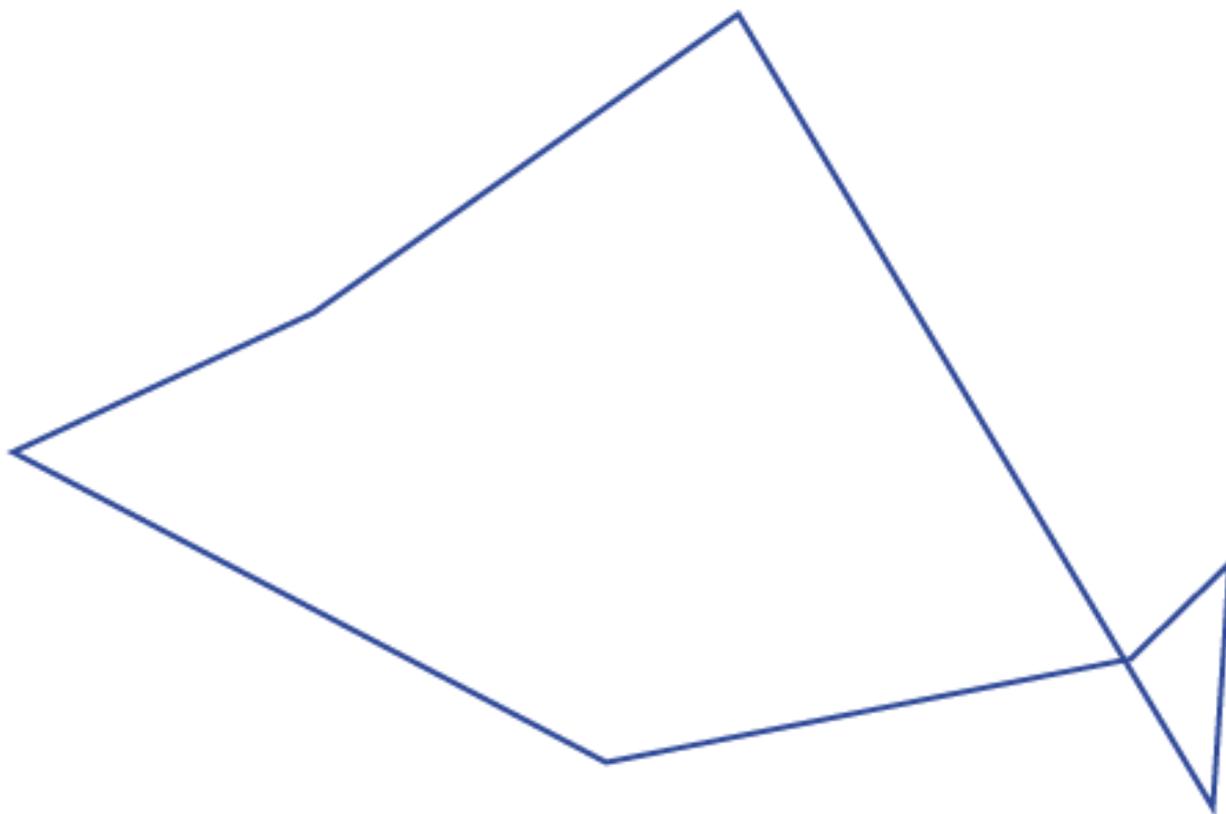
And bad times too like you
I got my hair, got my head
Got my brains, got my ears
Got my eyes, got my nose
Got my mouth
I got my smile
I got my tongue, got my chin
Got my neck, got my boobs
Got my heart, got my soul
Got my back
I got my sex
I got my arms, got my hands
Got my fingers, got my legs
Got my feet, got my toes
Got my liver
Got my blood
I've got life
I've got my freedom
Ohhh

I've got life!

MARTA: Alexa, não é justo você vir para esta casa viver o que eu vivi. Pudera eu, libertar todas as Alexas. Mas não cabe a mim. No entanto, eu te liberto. Vá, procure o seu lugar e viva imensamente.

Marta desliga o aparelho Alexa e guarda-o em uma caixa de lembranças.

FIM



Daiany Pontes é estudante de Letras e atriz com formação em Técnico em Arte Dramática pela Escola Livre de Teatro de Santo André. Realizou cursos livres e oficinas de escrita para cena e audiovisual. Em 2019 teve seu primeiro texto encenado (Os Sons que os Sinos não Entoam) no evento Dramaturgias realizado pelo Sesc Ipiranga, em São Paulo.

CALCÁRIO

Alanis Mahara Silva Borges

Calcário se destacou pelo ritmo e a forma como narra as grandes construções, civis e sociais, emoldurando os valores e negligências das corporações. Toda nova fundação traz a sombra das relações e matérias passadas. Alanis Mahara conseguiu ilustrar o peso histórico e psicológico das novas fundações erguidas sobre corrupções e apagamentos sociais.

Flor, Priscila

SINOPSE

Calcário é a palavra de ordem dos seres e das matérias que se solidificam em dinâmicas aceleradas. Dias, na linha abissal da cidade, reúne esforços para continuar, mas seus passos se confundem com a construção de um prédio. Uma cidade se ergue, outra se apaga; o fim é o único terreno possível, as palavras a condução de uma queda.

CASA

Quanto tempo dura um edifício? O tempo médio estimado é de 50 a 100 anos. Alguns podem durar mais de 60 sem apresentar qualquer problema. Em quanto tempo eles podem ser construídos? Condomínios residenciais: em 1 ano e meio ou dois, edifícios multipavimentos: em dois anos ou três. E se você quiser acelerar o processo? Depende. Depende do quanto se aguenta.

Dias se senta na borda de uma mala. Alguém bate à porta.

DIAS: Se alguém está aí eu peço que levante os braços, que tome um martelo nas mãos e estilhace isso tudo, começando pela noite.

Abaixo da porta está um bilhete.

Quando eu cheguei aqui, o chão já estava. Lá fora também já estava, junto com o prédio. Eu só cheguei pra morar. Trouxe uma pequena mala, objetos que na época pareciam indispensáveis e uma sacola com pão. É tudo o que eu carreguei comigo, o resto foi se juntando aos poucos.

Uma pilha de bilhetes no fundo do cômodo.

DIAS: Tem história desde que eu resolvi morar embaixo deste teto, mas nem tudo foi escolha. A casa, por exemplo, não foi escolha. Era o que cabia. Era pra ser temporário, questão de chegar, conhecer a cidade e fazer meu caminho. O que eu não podia calcular é o que está lá, agora, do lado de fora. Não é bem um prédio, parece um barulho contínuo de obra, feito uma luz fabricando o tempo, nítida, incansável.

Fica difícil dormir, fica difícil imaginar. Difícil lembrar.

DIAS: O prédio está no começo da sua vida, talvez por isso ele grite o tempo todo. Até que a gente fique em pé, a gente grita. É o instinto de sobrevivência do que quer se ramificar. Tudo aqui está no início. Eu uso isso como consolo. Os inícios são degradados, esquecidos pela definição. Ninguém saberia dizer ainda do que se trata essa história, por exemplo, mas ela já começa a acontecer. Uma vez que começa, vai até o fim.

Eu nunca toquei no princípio das coisas. Mas sei que tem algo nascendo só de escutar. Um grito. É impossível dormir quando algo se força a nascer.

Pra nascer, outra coisa tem que cair. Talvez eu.
Uma troca arbitrária. Necessária? Eu me pergunto...

*Despe-se,
Veste-se,
Penteia-se,
e para, subitamente.*

DIAS: Eu vou ser honesto com vocês, antes disso tudo começar. Eu, você... nós vamos ficar aqui o tempo suficiente para saber dos nomes, das técnicas e das construções não terminadas. E talvez elas continuem assim, num limbo em que a gente se meteu e não sabe como sair. Tudo vai continuar indefinido, e nada vai mudar na sua vida, ou na minha. Mas os micromovimentos são necessários para saber por onde seguir. Diante de nós, portanto, o abismo.

CENA 2 – Fundação

CONSTRUÇÃO

ESTAMOS HÁ 18 DIAS SEM ACIDENTES!

Sala de equipamentos de proteção.

CHEFE: Tem algo maior do que a gente aqui, hierarquia técnica. Antes do indivíduo, o coletivo. É por isso que todo mundo deve usar o EPI. EPI, como outras siglas. Não é só sigla, é bom decorar - decorar não, entender, porque EPI é aquilo que vai determinar se você continua aqui ou não. Equipamento de Proteção Individual, Proteção. Como uma segunda pele, uma armadura pro trabalho. A gente não sabe o que pode uma distração, a gente não sabe o que pode o acaso, por isso a gente previne como pode. O EPI serve para garantir sua proteção contra riscos capazes de ameaçar a sua segurança e a sua saúde. Aqui, ele é indispensável. Mas atente-se para isso, nós, como um diferencial da empresa, garantimos o gasto na proteção, nos preocupamos com a integridade dos nossos funcionários. Muito bem, o uso deste tipo de equipamento só deverá ser feito quando não for possível tomar medidas que eliminem os riscos do ambiente, mas aqui é impossível eliminar o risco. É preciso se equipar.

CHEFE: Protetores auriculares ou abafadores de ruídos;
máscaras e filtros;
óculos e viseiras;
capacetes;
luvas e mangotes;
sapatos, botas e botinas;
cintos de segurança e cinturões.
Isso é tudo.
Você entendeu?

DIAS: Eu entendi.

CHEFE: O que você entendeu?

DIAS: Sobre o uso do equipamento, eu entendi.

CHEFE: Proteção.

DIAS: Sim.

CHEFE: Responsabilidade.

DIAS: Sim.

CHEFE: Poder trabalhar, poder seguir. Poder voltar pra casa em segurança. É isso que a gente quer.

DIAS: Sim.

CHEFE: Pois bem, é melhor assim. Você sabe, de uma hora pra outra pode acontecer um acidente. Neste caso a empresa sempre passa como desprevenida, mas, às vezes, é o funcionário que não colabora. Não é mesmo?

DIAS: Sim.

CHEFE: O que eu queria dizer é que o setor de construção civil é o primeiro em acidentes com prejuízos permanentes; o segundo em número de mortes; o quinto em afastamentos temporários de 15 dias. Entende como é grave?

DIAS: Sim.

CHEFE: Os números são alarmantes...

DIAS: Sim.

CHEFE: E, às vezes, a culpa não é da empresa...

...

DIAS: Sim.

CHEFE: Com integridade, com segurança, a gente pode continuar.

DIAS: Sim.

CHEFE: Nossa parte está feita... falta a de vocês!

Dias veste todo o equipamento de segurança. Ele pesa, a criatura cai.

CENA 3 – Pilares

CASA

TELEVISÃO: Na emblemática Avenida Paulista, no local da antiga Mansão Matarazzo, ergue-se o Shopping São Paulo e a Torre Matarazzo – o mais novo edifício de uso misto. A construção é uma homenagem a uma das mais tradicionais famílias de São Paulo e ocupa um terreno de 11.896 m². A construção com 125 metros ultrapassa em 17 metros de altura o arranha-céu Paulista I, próximo à Fiesp, considerado o mais alto durante 39 anos. Moderna, ela pretende atrair mais de três mil pessoas diariamente e está longe de abrigar apenas um shopping convencional, com lojas, escadas rolantes e praça de alimentação. “Estamos falando de um empreendimento que dialoga com a cidade”, explica o arquiteto. Um dos aspectos mais marcantes da arquitetura do complexo é a preocupação em oferecer espaços públicos e semipúblicos, tornando-se um ponto de encontro.

Em Dias, o protetor auricular. O televisor para.

DIAS: Tem horas que o barulho para.
As perguntas param.
Eu aproveito pra cair,
por cinco minutos.
Mas o silêncio dura menos, muito menos.
O corpo se põe à espreita do barulho,
De repente, um cansaço no estômago.
É quase manhã.
Um Zum-Zum.

DIAS: Hoje eu durmo, mas e amanhã?
Hoje eu como, mas e amanhã?
Hoje eu moro, mas e amanhã?
Hoje silêncio, mas e amanhã?
O Zum-zum. O Zum-zum.

...

DIAS: Quem perde o sono, aprende a contar.
A noite perde a função,
E tudo começa a se tornar conta.
Quanto falta?
E eles ainda não vão ter terminado de erguer esse prédio,
Quando vão bater de novo?
E eles ainda não vão ter terminado de erguer esse prédio,
Quantas horas de sono restam?
E eles ainda não vão ter terminado de erguer esse prédio
Quanto tempo pra chegarem aqui e...
E eles ainda não vão ter terminado de erguer esse prédio
Quanto tempo pra eu já não ter nada aqui
E eles ainda não vão ter terminado de erguer esse prédio
Pra comer, pra pagar, pra digerir, pra lembrar...
E eles ainda não vão ter terminado de erguer esse prédio
Os problemas já são muitos,
Incontáveis.
Talvez esta seja a última vez.
Eu quero pensar que sim...
E então o Zum-zum...

O televisor retorna. Dias esmigalha na mão um pão e assiste até que os olhos sucumbem.

TELEVISOR: As várias faces do empreendimento misto, composto por um shopping center e uma torre corporativa, somam 34 mil metros quadrados de área envidraçada. As fachadas são unitizadas e os fechamentos agregam painéis de vidro com o sistema glazing de até 2,50 m de largura conjugados a brises especiais de alumínio, e clarabóias. A intenção da construção é ser um marco arquitetônico na Avenida Paulista – um dos maiores centros financeiros do mundo –, e gerar uma interação com o cenário urbano da região, propiciando a sensação de amplitude.

Telefone toca.

DIAS: Pronto...

Eu sei o que eles vão falar. A mensagem é padronizada. Estamos aqui para ajudar você a quitar as dívidas geradas. Como, você me pergunta, mas pra mim também é um mistério. Prezado Dias. Te apoiaremos da melhor forma possível. Como, você me pergunta, mas pra mim também é um mistério. Acessando a nossa plataforma você vai poder ver detalhes sobre a dívida e como pode se livrar dela. Eu cheguei aqui com um pouco mais do que agora. Um saco de pão. Uma mala. Um sonho. Memórias. Uma vontade. Alguém pra lembrar. Um lugar pra voltar. Mas nada disso é uma opção. Ficou pra trás...

VOZ: Sua fatura tem vencimento previsto para hoje. Nós somos a Investcom.

Aqui. Acessando. Detalhes para se livrar dela.

Para facilitar seu trabalho, estamos enviando o boleto.

Qualquer coisa é só nos avisar, ok?

Dívidas geradas. Detalhes, aperte 1.

Negociação, aperte 2.

Para falar com um de nossos atendentes...

DIAS: Escolhe, eles me dizem. Hoje come, amanhã não come, hoje dorme, amanhã não dorme, hoje pensa, amanhã não pensa, amanhã vê, hoje esquece, amanhã desperta, hoje adormece, amanhã escuta, hoje abafa. Amanhã caio, espero cair. Eu espero cair, tomar uma pausa, cuidar de alguma coisa minha, não dos outros. Cuidar de cair.

Dias novamente veste o equipamento de segurança

Sai.

CENA 4 – Vigas

CONSTRUÇÃO

CHEFE: 63 barras de ferro 3/8.

TRABALHADOR: Confere.

CHEFE: 6 kg de arame recozido torcido.

TRABALHADOR: Confere.

CHEFE: 2 kg de prego 18/27.

TRABALHADOR: Confere.

CHEFE: 30 sacos de cimento.

TRABALHADOR: Confere.

CHEFE: 8 metros cúbicos de concreto usinado.

TRABALHADOR: Confere.

CHEFE: 5700 lajota 8 furos.

TRABALHADOR: Confere.

CHEFE: 4 m³ de pedra britada 1.

...

CHEFE: 4 m³ de pedra britada 1. Alguém conferiu?

Um relógio.

DIAS: Eu preciso mijar, posso sair daqui?

...

DIAS: A ação vai continuar, eu prometo.

...

DIAS: Ainda vai ter todo o material, o assoalho. Ainda vai ter isso: ...

Essas coisas demoram pra se degradar.

...

DIAS: Eu vou ter que sair daqui, não vai dar pra segurar.

...

DIAS: Eu posso fazer aqui, mas seria público, escatológico demais para vocês. Para mim?

DIAS: O que eu tenho que responder? Eu tenho que suplicar?

...

DIAS: Eu não consigo mais suplicar, isso seria inútil para você, para mim, para as últimas forças que restam. Podemos ser práticos, porque eu ainda consigo responder as coisas simples. Jogo rápido.

....

DIAS: Por que eu vim parar aqui? Quando eu comecei a abandonar os hábitos? Por que eu resisto ao... ao.... não. Isso tudo eu não posso responder.

DIAS: Eu preciso mijar.

...

DIAS: Eu não vou embora, é simples. É só necessidade mesmo, agora, no meio, um pouco longe da luz, se puder. Jogo rápido.

...

DIAS: É a sua vez de responder. Não tô sozinho aqui...

...

DIAS: O que é que de manhã tem quatro patas, de tarde tem duas e de noite tem três?

...

DIAS: O que é que de manhã tem quatro patas, de tarde tem duas e de noite tem três?

...

DIAS: O que é que de manhã tem quatro patas, de tarde tem duas e de noite tem três?

DIAS: Você errou. Seja o que for, são duas, duas patas do início ao fim. Duas colunas sustentando o edifício. Elas não podem cair. Eu posso ir mijar?

CHEFE: 4 m/3 de pedra britada 1.

DIAS: Confere.

INDETERMINAÇÃO

Clarão.

Uma betoneira rompe com som raspante a continuidade da cena. Em espiral, constrói. Não cessa seu movimento, nunca veremos o seu fim que está para além do tempo. Um coro é uma construção. Constrói, na medida que diz, um prédio enraizado no tempo.

O coro veste um estado das pré-coisas; ainda está por nascer.

CORO: Calcário.

Argila.

Rocha, pedreira, explosão.

Uma alquimia para o batismo da eternidade.

O corpo de DIAS é iluminado, uniformizado, aos poucos ele também toma o ritmo do trabalho e do coro. O coro de pré-coisas trabalha nas bordas do palco. Removem o barro, as pedras e o ferro a fim de construir outra materialidade que, aos poucos, toma forma em cena.

CORO: Explosão.

É a temperatura que faz nascer,

O fogo que eterniza a argila

E entrega um tempo incorruptível.

Fogo consome,

O fogo enrijece e cimenta uma rua para o futuro passar.

Um pequeno acidente, o futuro é um pequeno acidente.

DIAS: O material chega, desembarca,

As pessoas chegam, desembarcam,

Os trens chegam, desembarcam as multidões,

Tem gente passando, tem gente chegando,

Não pra morar, pra construir.

A gente se empoleira nas barracas,

Pra construir. A gente chega, depois a cidade parte.

Da gente, dos olhos.

Você continua, mas ninguém te vê, a cidade esbarra na

carne, no cheiro de mijo, nos gestos indecentes, nas buzinas,

De resto, não opina.

Ruídos. Corpos caem com as pedras. Um clarão de luz chega com a VOZ I.

VOZ I: Está doendo em vocês?

CORO: ...

VOZ I: Dói em vocês?

CORO: ...

VOZ I: Vocês sabem onde?

CORO: ...

VOZ I: Onde começa a dor?

CORO: ...

VOZ I: ...

CORO: ...

VOZ I: Eu pergunto por prevenção.

CORO: ...

VOZ I: Não tem tempo pra descobrir o que dói. Mas dói. Sempre dói.

CORO: ...

VOZ I: Não dói?

CORO: ...

VOZ I: Vocês mantêm essa palavra?

CORO: ...

VOZ I: Podem dizer, é um ambiente confiável.

CORO: ...

VOZ I: Então a gente segue.

Se reerguem para compor o coro.

VOZ I: Puxem!

CORO: Depois que te arrancarem a água,
Te arrancarem a sede,
Depois que te arrancarem o solo
E a vontade de comer
Eles não poderão te desligar.
Você não é mais um organismo,
Você é um prédio calcado na explosão.

VOZ I: Puxem!

Depois que te arrancarem a noite e o sono,
Depois que te apresentarem a prática da luz,
Eles não poderão te desligar.

VOZ I: Puxem!

Vai ser difícil cair e, quando finalmente, ao cabo dos seus
setenta anos,
A vertigem corromper suas vísceras,
Você encontrará o chão,
No sono profundo, sem movimento.
Quando você for uma massa mole,
PRIMÁRIA E DESLOCÁVEL,
Outros irão se assentar em seu terreno.

VOZ I: Puxem!

Você já pode ser resíduo e explosão para outro concreto.
Do seu corpo, novo cimento. Do seu corpo, novo tempo.
Estamos aqui para servir ao futuro.

VOZ I: Puxem!

Os corpos sucumbem.

CENA 6 – Cobertura

CASA

*DIAS lava tudo o que encontra: roupas, papéis, sacolas, vidros,
tapetes, baldes, o próprio pão.*

TELEVISOR: O edifício Wilton Paes de Almeida foi projetado
em 1961, pelo arquiteto Roger Zmekhol, seguindo a escola
modernista. O prédio tinha 24 andares, ficava na região do
Largo do Paissandu, no Centro de São Paulo.

Desde setembro de 2002, pertencia à União.
Em 2003, o prédio estava abandonado.
Em 2015, pensavam em vender.
O valor calculado era de mais de R\$ 20 milhões.

Alguém bate à porta.

DIAS: Eu tô vivendo o prédio.
Às vezes parece que ele se constrói em mim.
Em cada andar erguido,
Mais uma fratura cresce no corpo que desvaira e esquece,
Desvaira e lembra,
Sem poder cair.
Uma hora eles vão chegar. Já foram dois anos, talvez no
terceiro.
Ninguém aguenta tanto tempo no mesmo lugar.
Quando você aguenta, eles te obrigam a partir.

*Fotografias, roupas que não servem mais, brinquedos, comida,
uma sequência de fantasmas escorrem.*

DIAS: A gente vem de lugar fixo; a vida toda a mesma janela,
o mesmo piso bruto, o mesmo cheiro de comida com horário
certo. As mesmas crianças, a mesma idade pra morrer. Aqui
não, é tudo encurtado, você precisa estar pronto pra
abandonar tudo, a qualquer hora. Pão, casa, gente. Não é tão
fácil. Vou começar pelas peças mais frágeis, aquelas que
podem ser cerradas no punho, por aquilo que ninguém vê
sumir e que se mistura no tempo da poeira. São como os fios
de cabelo que continuam aqui quando a gente não continua
mais e de nada servem, porque não bastam para criar vida.
São só detalhes para dizimar, organismos que não constroem
pontes.

DIAS: Quando a gente constrói,
constrói pra não ver a queda,
Prédio é córnea,
não se fecha para a luz,
não compreende a noite,
não sabe cair.

Eu não estive aqui no início do tempo,
Eu não estarei aqui no fim do tempo,
Estou no meio, na borda que aniquila o sono.
O prédio está em tudo.

Tem algo sendo construído. Eu não vou te dizer o que é. Eu
vou deixar você ouvir.

INDETERMINAÇÃO

Dois paralelos são estabelecidos. Do lado iluminado do palco, uma VOZ oferta ao público a exuberância. Do outro lado, diante da sombra, corpos do CORO estão largados pelo chão, uniformizados. São corpos cansados.

Um alarme.

VOZ I: Bom dia, senhores e senhoras. Que bom que nós conseguimos marcar este horário. Eu sei que é muito difícil encontrar tempo, não é? Escritório, viagens, as crianças. Bom, fiquem à vontade. Eu vou apresentar tudo pra vocês, mas vocês podem fazer perguntas, pedir mais informações, lembrando que depois eu vou encaminhar tudo para o e-mail dos senhores... senhoras. Aceitam um espumante? Certo, fiquem à vontade. Hoje eu vou mostrar pra vocês uma linda exclusividade.

Música de ambiente

VOZ I: O apartamento vai ter 375 m². A parte das persianas e dos vidros são todas automatizadas. Só no conjunto da sala terão seis conjuntos de máquinas de ar condicionado.

Um alarme, 5 minutos.

VOZ I: Conta com uma belíssima área gourmet. O hall de entrada tem dois elevadores sociais. As suítes terão janelas panorâmicas, além disso o apartamento irá integrar todos os ambientes.

Um alarme, 3 minutos.

VOZ I: A construção foi rápida, está sendo muito prática. Daqui um ano já vai ser possível morar.

Um alarme, 2 minutos.

VOZ I: Venham conhecer as áreas comuns, elas também são sofisticadas, porque um dos nossos principais diferenciais é pensar no recebimento, no convívio social dos moradores. Por que não receber seus convidados em uma bela área? Impressiona, não é?

Um alarme, zero minutos.

Retomam o ritmo do trabalho.

VOZ I: A desaceleração da inflação e os juros mais baixos fizeram com que a nossa São Paulo voltasse a registrar um aumento no número de novos empreendimentos, reaquecendo o mercado imobiliário, é hora de aproveitar...

O CORO acende lâmpadas no palco, as áreas antes escura se deformam com uma luz branca, todo e qualquer indício de sombra começa a estancar.

VOZ I: Além disso o Jardins é um bairro muito prático, seguro... limpo. É bonito, não é?

CENA V

DIAS: Hoje mais cedo estiveram aqui.

Alguém bate à porta.

DIAS: Fica difícil ouvir alguma coisa com esse barulho, fica difícil esperar alguma visita. Desde que cheguei foram duas, três... de resto, cobranças. Eu trouxe uma mala, uma sacola de pão, não trouxe ninguém. De repente, passam mais um bilhete pelo vão da porta. Desta vez, é a última vez.

Alguém bate à porta.

DIAS: Eu pensei que pudesse ser a Sonia. Quanto tempo, menina? Como foi de viagem? Eu sei, logo se arranja uma portinha pra morar. Não importa não, a maior parte do tempo a gente fica fora, só precisa de um espacinho pra dormir. Você vai gostar da cidade, no início assusta, mas é bom. Grande, né? Demorei pra acostumar.

Alguém bate à porta.

DIAS: Não era a Sonia. Tudo o que eu pensei em dizer pra ela morreu comigo. Pensei que ela ia pedir pra ficar, mas não ia dar. É difícil quem se acostuma com o barulho de construção, eu já tentei, mas é melhor assim, ficar só. E, desta vez, é a última vez.

Alguém bate à porta.

DIAS: Eu descobri o que era. Recado lá de cima. Vai ter que sair, Dias... não tem jeito. As coisas aqui tão na ilegalidade.

E isso é problema. Eu disse.

...

Isso é problema?

É problema pra gente, depois estoura no nosso.

Engraçado. Teto pingando não é problema, não ter teto não é problema, não comer não é problema... só é problema quando eles descobrem que vai dar problema pra eles. Tá certo, quando a luz chega fica difícil esconder. O último bilhete. Mas eu não vou sair daqui. Vão precisar me derrubar.

Me demolir.

Os barulhos de gente batendo na porta agora são executados pelo CORO, eles interrompem a cena.

O CORO aproxima de DIAS as luzes do palco, o suor se faz em sua pele. O CORO deixa a cena, mas DIAS continua, o suor começa a desfazer a sua pele que pinga, como pinga o teto, como pingam os objetos. Completa escuridão.

CENA 8 – Acabamento

PRECIPÍCIO

VOZ I: O esgotamento de uma pedreira é um problema sem superação. Quando a pedreira não oferece mais pedras, a exploração mineira é abandonada, fica ali uma paisagem sem som, uma fenda sem histórias para passar.

O FUTURO sai da FENDA e da FERIDA.
Gonçalo M. Tavares.

Uma pedra bruta é lapidada em cena. Uma construção robusta já começa a se apresentar em cena.

CORO: Uma rocha está em processo de desmonte,
Ninguém fere a rocha sem certeza,
Temeroso do seu som.
O desmonte é irrevogável,
Por isso soa,

Uma pedra não volta a se erguer.
Sucumbe.
É vida enquanto se ergue e
escala as vontades do céu.
Quando a pedra é domesticada,
Deixa a natureza das rochas.
E cai na fina fusão dos braços do futuro...
No tempo do pó.

*Uma explosão, pedaço de matéria dura se esfacela pelo chão.
Cacos, poeiras a serem superadas, fluxos que, não erguidos,
deixam de conhecer a vida.*

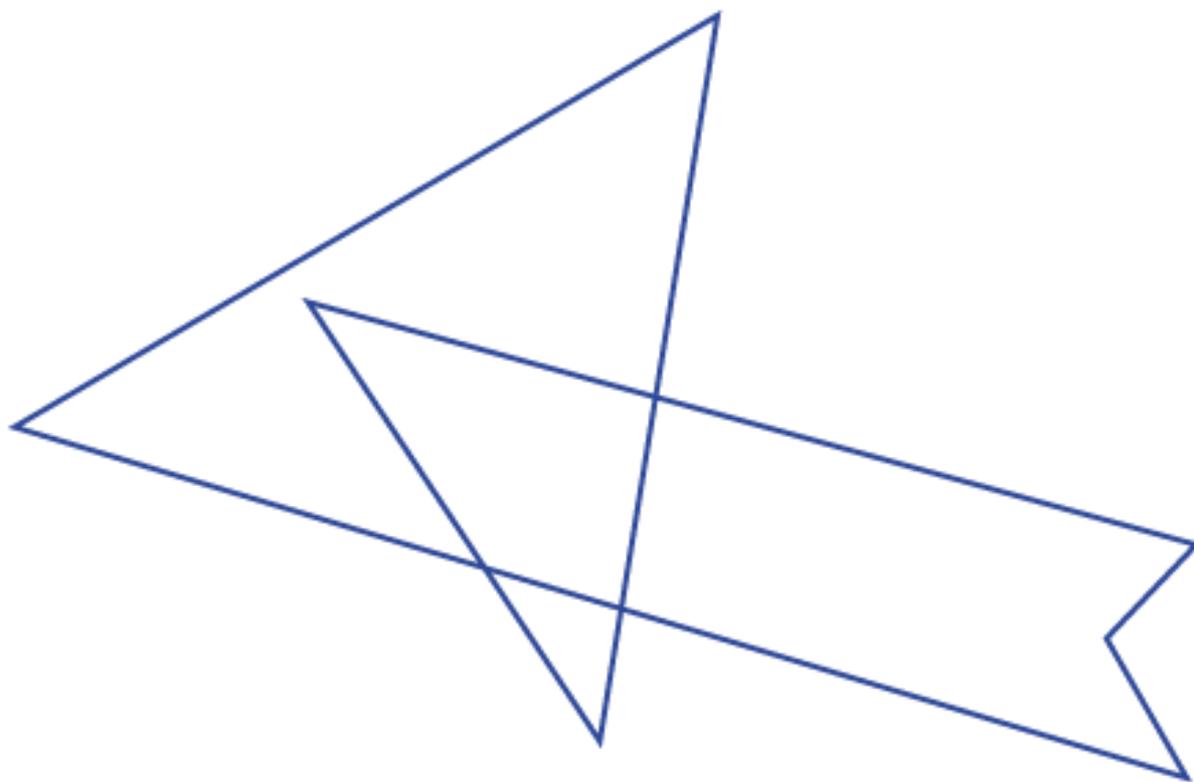
TELEVISOR: "A estrutura de concreto e aço
serviu como um arsenal de material inflamável,
favoreceu a dispersão rápida do fogo.
Causou o colapso do edifício.
O terreno do prédio era da União
foi cedido para a Prefeitura de São Paulo.
No local deve ser construído um outro
Um prédio de 14 andares."

CENA 9 – Edifício

CASA – DESTROÇOS

*Após a explosão, o corpo de DIAS é iluminado, não é mais corpo,
mas sim uma carcaça que serve como molde. A partir da sua
carcaça, o CORO constrói, com a materialidade do gesso, da
resina, do concreto ou da argila. Um novo corpo é iluminado,
ocupa o centro do palco, deslumbrante. O CORO se despede dos
seus uniformes, que são dobrados e amontoados.*

FIM



Alanis Mahara é formada em jornalismo e cursa o Bacharelado em Artes Cênicas na UNICAMP. Escreve poemas e dramaturgias que vem desenvolvendo em cursos livres, além de ministrar oficinas de escrita criativa. Seu texto Manivela foi selecionado no Concurso Nova Dramaturgia Campineira, sendo publicado em coletânea pela Editora Urutau (2021).

CARTAS EM MAR ABERTO

Nairim Liz Bernardo Marques e Carol Cax

No texto Cartas em Mar Aberto, de Nairim Bernardo e Carol Cax, destaco a potência da trama e da linguagem assentada nos cosmogramas congo e bakongo em um projeto de escrita da cena onde mulheres negras complexificadas e humanizadas escrevem em primeira pessoa, praticam sororidade e situam a pesquisa no contexto de cartas tecidas por memórias e escrevivências.

Cristiane Sobral

Resumo do projeto

Durante o isolamento imposto pela pandemia de Covid-19, duas mulheres negras (as próprias dramaturgas) trocam cartas sobre questões de gênero, raça, relações familiares, maternidade e a passagem do tempo. A partir das mensagens escritas, constrói-se uma dramaturgia autoficcional. Nas cartas, elas veem a oportunidade de falar do momento presente, de traumas do passado e expectativas (se é que existem) para o futuro. Costuradas, entrelaçadas e sobrepostas, as cartas dão vida a um texto que possui como disparador a escrevivência e que resulta em uma dramaturgia com fortes traços memorialísticos. A peça é dedicada ao público adulto.

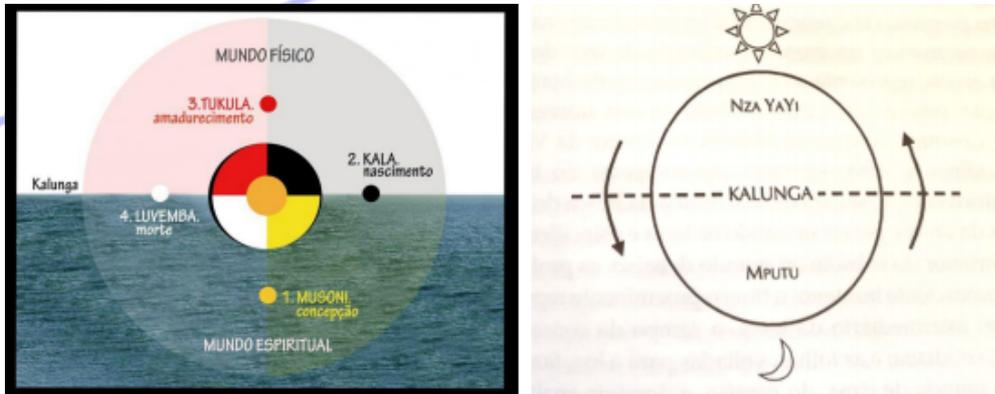
Concepção dramática

As trocas de cartas começaram no início do mês de novembro de 2020, como parte das atividades previstas no Laboratório de Dramaturgia II do curso de artes cênicas da Universidade de São Paulo (orientado pela Professora Doutora Sofia Boito). Inicialmente, a proposta do Laboratório indicava um processo de escrita individual. Entretanto, Carol Cax e Nairim Bernardo sentiram a necessidade de escrever em dupla. Uma dupla de mulheres que compartilham um mesmo espaço na sociedade, que são resistência negra dentro da academia e podem, necessariamente, dar voz e forma às problemáticas invisibilizadas.

As cartas trocadas ao longo desses meses são consideradas não só disparadores, mas também o próprio material dramático. Caso contempladas pelo presente edital, as autoras pretendem realizar uma seleção final de quais delas (ou trechos) irão compor a dramaturgia final e como a obra ganhará caráter cênico com base na troca epistolar (algumas propostas sobre o formato já foram feitas, como poderá ser visto nos Apontamentos da dramaturgia planejada).

Nos cosmogramas congo, bakongo e outros parecidos, a Kalunga é a linha que divide o mundo físico do mundo espiritual.

Nas sociedades africanas, em que narrativas ligadas a esse ensinamento eram difundidas, a captura de pessoas para serem escravizadas e o tráfico transatlântico eram associados à travessia do mundo conhecido para o desconhecido e o mar simboliza a Kalunga (cemitério e conector de mundos).



Cosmogramas congo, mostrando a relação entre Nza YaYi (o mundo cotidiano), Mputu (a terra dos mortos) e Kalunga. Imagem 1: autoria desconhecida. Imagem 2: Wyatt MacGaffey

Como segundo essas cosmologias os cosmogramas funcionam de um modo cíclico, a dramaturgia aqui proposta constrói um novo ciclo, baseado nas vivências e sentimentos de suas autoras. Em sua travessia, elas procuram não respostas, mas o retorno a (ou criação de) um lugar seguro, que sirva de apoio às mulheres negras - nem que a única possibilidade seja o próprio dispositivo de criação dramática aqui utilizado: uma única amiga com quem as autoras se sentem confortáveis para trocar cartas e tratar de temas muito caros e sensíveis (questões pessoais e sociais).

A relação dos conteúdos escritos nas cartas com a água e com a travessia da Kalunga Grande (o mar) está sendo apontada pelas autoras durante a troca de cartas e conversas sobre o processo. Pretende-se, através dessas alegorias, apontar semelhanças entre o que é vivido pelas duas amigas no momento presente com sua ancestralidade. Além disso, o mar é visto aqui como um lugar de memória para toda a população negra brasileira, descendente de povos trazidos para a América por meio do tráfico transatlântico.

Referências estéticas

O termo *escrevivência* foi criado pela autora brasileira Conceição Evaristo e diz respeito à escrita criada a partir do cotidiano, das lembranças, da experiência de quem escreve e de seus semelhantes. “*Escrevivência*, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertence também”. [Conceição Evaristo no depoimento que abre o livro “*Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*”]

Somam-se às cartas algumas músicas, imagens e trechos de textos que as amigas recomendaram uma para a outra. A grande maioria deles é de autores e intérpretes negros, o que evidencia a vontade de ampliar o alcance da voz e obras de artistas negros nesse projeto. No futuro, pretende-se que esses materiais componham a encenação.

História ou linhas de ação do texto

No decorrer das cartas, as imagens ligadas à água são evocadas e pretende-se que, ao longo do processo, elas apareçam na dramaturgia em camadas dessa travessia cíclica criada pelas autoras: 1) desejos de paz e liberdade para o futuro (praia); 2) lágrimas e a falta delas (água salgada que compõe o oceano); 3) sentimentos intensos (ondas gigantes); 4) lembranças distantes, traumas e medos (profundezas); 5) submissão e revolta (ressaca); 6) docilidade (calmaria); 1) desejos de paz e liberdade para o futuro (praia).

Carta 1 (de Nairim para Carol)

Nairim fala sobre a sua maciez, do corpo e da mente, e do estereótipo de fragilidade feminina a respeito do qual indaga Carol: “Mas será que há espaço dentro desse ESTEREÓTIPO DE MULHERES BRANCAS para mim?”. Além disso, a sensação é de que suas palavras se transformam em um BLA BLA BLA nos ouvidos masculinos. Eles não estão dispostos a ouvi-las.

Carta 2 (de Carol para Nairim)

Começam a ser pensadas estratégias para encontrar um equilíbrio e reconstruir o molde sobre o qual foram forjadas e que as coloca em tantas situações de silenciamento em todos os âmbitos da vida. Como lidar com o estereótipo da fragilidade feminina? Ao mesmo tempo que busca-se um reconhecimento enquanto mulher, pretende-se encontrar qual será essa nova forma de mulher e feminilidade negra e se o mundo saberá recebê-la. Uma responde sobre como a outra é bonita.

Carta 3 (de Nairim para Carol)

Na Língua Francesa, as palavras mãe e mar têm a mesma pronúncia mère/mer e essa é a parte da dramaturgia em que Carol e Nairim começam a mergulhar profundamente em seus pensamentos sobre maternidade e família. As ondas do tempo fazem mãe virar avó, avó virar filha, filha virar mãe. Nairim quer ser somente filha; mas e Carol, será que se sente menos filha agora que é mãe?

Carta 4 (de Carol para Nairim)

A figura da mãe aparece como elo entre o passado e o futuro (ela está ficando parecida com a minha avó e eu estou me tornando alguém muito parecida com minha mãe - é difícil deixar de ser filha, não quero que isso aconteça nunca). Nairim tem uma aliança que recebeu de sua avó. As gerações de mulheres como um só corpo que atravessa o tempo. As memórias. Saudades das avós. A liberdade da mulher (há vezes em que é preciso apenas um Chevette velho para sair de um casamento e carregar seus dois filhos). A objetificação da mulher negra, um ser que vive o trabalho compulsório em pleno ano de 2020 (prisões da mulher). Dor, choro, água da Kalunga Grande que, em um ciclo, podem se tornar águas de fertilidade.

Descrição das personagens

Carol: mulher negra, mãe, 28 anos, moradora da Comunidade do Heliópolis (São Paulo - SP). Filha de mãe negra e pai branco, enxerga a submissão da mulher, também, através da perspectiva racial.

Pensa muito sobre como suas relações pessoais são atravessadas por conceitos estruturais, históricos, e sente o profundo desejo de transformar a realidade (apesar de não saber como, deseja descobrir o caminho junto, acompanhada de pessoas que compartilhem a mesma dor). A escrita é sua maior arma.

Nairim: mulher negra, 27 anos, nascida em Poços de Caldas (MG). Aos 18 anos se mudou para São Paulo (SP) com o sonho de ser jornalista, mas logo percebeu que sua verdadeira necessidade era fazer teatro. Apesar de estar no curso errado, foi na faculdade que se percebeu enquanto mulher e negra e o quanto esses marcadores moldaram sua vida e de sua família. Seu nome é o de sua mãe de trás para frente (Mirian-Nairim) e nessa troca de cartas ela procura entender suas semelhanças, diferenças e no que também se parecem com outras mulheres negras.

Tempo e espaço da ação ficcional ou cênica

2020-2021 - realidade pandêmica que impõe o isolamento social. São Paulo (SP), Poços de Caldas (MG) e o espaço virtual que existe entre as amigas/autoras.

Intenções crítico-poéticas

As intenções crítico-poéticas dessa obra, estão muito baseadas nas reflexões de Abdias do Nascimento, que defendia a importância do negro como personagem e intérprete, de sua vida própria, com peripécias específicas no campo sociocultural e religioso, como temática da nossa literatura dramática. Outro ponto importante está no fato de que a escrita proposta por este projeto alcança resultado positivo no “Teste de Bechdel” (que pergunta/questiona se uma obra possui pelo menos duas mulheres que conversam entre si sobre algo que não seja um homem). Por meio dela, as autoras pretendem explorar temáticas pessoais, sociais e políticas pautadas pela luta do feminismo negro.

Título do texto dramático: Cartas em Mar Aberto

CARTA 1

Durante toda a leitura da carta, Nairim espalha sobre seu corpo um excesso de creme corporal de modo que ele fique todo branco.

NAIRIM: Madrugada do dia 3 para o dia 4 de novembro de 2020. Oi, Carol. Vou começar essa primeira carta de onde nossa última conversa parou. Eu li a mensagem que você mandou e amei. Ouvi a música e gostei também <3. Mas aí eu sei lá o que aconteceu que fez com que eu demorasse tanto pra responder. A vida aconteceu.

Você me disse que no ano passado eu te fiz pensar, mas agora quero começar falando que dessa vez é CAROL ME FEZ PENSAR hahahah. Você me disse “Somos macias.” e isso bateu em um lugar TÃO real dentro de mim. Eu achei muito engraçado/interessante porque várias pessoas dizem que eu sou macia, no sentido de ter a pele macia. Uma vez eu tava ficando com um boy, ele passou a mão pela minha bunda e perna e disse “you are so soft”. Eu ri. Eu ri de ouvir isso até em inglês (porque ele é estadunidense). E eu gostei. Gostei porque eu amo ser macia. Eu amo tanto ser macia que a única disciplina que eu tenho é a de passar creme no corpo todos os dias. Creme corporal tá até na minha lista de compras para a Black Friday. O meu favorito é o anti celulite da Nivea. A grande verdade é que ele não faz a celulite sumir não, mas a pele fica muito macia. Mas será que eu precisava ser tão macia por dentro também? Talvez o tanto de creme que eu passo esteja penetrando em camadas muito profundas do meu ser. Você me fez pensar. Eu também gostaria de dizer que “Eu desejo não ser mais”. Mas aí eu seria o que? Sinto que ser macia é uma parte TÃO grande de mim, que se eu deixar de ser eu não sei o que resta (talvez uma parte que eu ainda não conheça). Eu lembro de uma conversa que tive com você no ano passado, quando falei sobre como me colocar nesse lugar de fragilidade feminina me causava um certo conforto. Mas será que há espaço dentro desse ESTEREÓTIPO DE MULHERES BRANCAS para mim? Até então, eu tenho fingido que sim. Eu imaginei uma cena em que nós passássemos MUITO creme corporal. Um banho de creme. Creme pra caramba para ficarmos extremamente macias.

Carol começa a repetir a ação de espalhar creme corporal em excesso por todo seu corpo.

Agora sobre Brecht, A Decisão e as diferenças práticas entre feminismo branco e feminismo negro... Eu achei uma sacada PERFEITA essa sua, tem super a ver. Mas sabe porque eu não embarquei nessa ideia? Porque eu simplesmente não quero conversar sobre e dividir isso com os meninos do nosso grupo. Sei lá, acho que não quero explicar nada para homens. Neste semestre, tenho tentado falar o mínimo, discutir o mínimo. E eu sinto que esse tema seria precioso demais para ser levado do jeito que estou levando as coisas. E não quero falar sobre isso com eles. Eles me cansam. Tudo me cansa ultimamente, mas acho que homens me cansam mais.

Eu reparei que na minha primeira graduação fiz todos os trabalhos em grupos só de mulheres, poucas vezes precisei trabalhar com homens. Nos meus estágios também trabalhava com mais mulheres. E NOSSA: QUE DIFERENÇA ISSO FAZ. Eu nunca questioneei a minha capacidade de explicar nada pra ninguém ou de me fazer entender. E agora, “do nada”, eu passei a questionar. É como se eu falasse BLA BLA BLA BLA BLA BLA BLA.

Voz de Nairim em off repetindo “bla bla bla” em volume alto.

Nairim (*tenta falar mais alto que a voz em off*): Eles definitivamente não estão dispostos a me ouvir, eu sinto isso. Eu sinto isso toda semana. E eu não quero sentir, não quero falar, não quero que eles ouçam BLA BLA BLA BLA BLA enquanto eu falo de um assunto tão importante para nós. E eu sempre estive em lugares em que sentia que as pessoas me ouviam (talvez porque eu sempre estivesse rodeada por outras mulheres).

Voz em off para.

NAIRIM: Vou te mandar uma música. Tem um trecho que diz assim:

Sempre fui obediente
Mas não pude resistir
Foi numa roda de samba
Que eu juntei-me aos bambas
Pra me distrair

(*para de passar creme no corpo, coloca o recipiente sobre uma mesa, olha para Carol*): A pergunta que me fica (e que eu te faço) é: o que será preciso para quebrar minha resistência em ser tão obediente?

Carol para de passar creme em seu corpo.

NAIRIM: Um beijo. Nairim.

(Blackout. Começa a tocar a música “Alguém me avisou”, de Dona Ivone Lara)

CARTA 2

CAROL: *(invisível para o público)* São Paulo, 18 de novembro de 2020.

NAIRIM: acende uma luz.

CAROL: *(caída no chão, com um olhar distante)* Oi, Nairim! Depois de ler a sua última carta, fiquei pensando possíveis estratégias para se equilibrar entre maciez e o que quer que seja o seu inverso, ainda não sei se o termo “áspero” é adequado, já que o inverso do que vivemos não é algo objetivo. Objetivo é a “maciez” e o seu inverso é algo subjetivo, só o conheceremos depois de exercer força contrária à objetividade. Lembrei da imagem de uma gangorra em que os dois lados só ficam equilibrados quando exercemos uma força contrária sobre o lado que está predominante *(se levanta muito rápido, aparenta sentir tontura)* Força contrária, força contrária *(repete como um mantra)*. *(levanta a cabeça, olhos arregalados falam com autoridade)* Tudo aquilo que está em cima, predominante em nossa existência, precisa receber uma força inversa!

Dentro dessa lógica, realizar força inversa, contrária, pode fazer com que a outra parte, da gangorra que somos, seja desenterrada. A outra parte aparecerá! Se tornará mais evidente! Quando esse outro lado estiver no topo, repita o movimento em sentido contrário.

A vida acontece de modo cíclico ou gangorrônico, não somos nós quem escolhe o modo como as coisas se desdobram! A história é muito maior que nós!

(aponta para alguém que assiste) Ei! Você! Não entendeu nada do que eu falei, não é mesmo? *(sorri)* Quer que eu dê um exemplo?

Você entra em uma loja para comprar uma vassoura, mas um vendedor deseja lhe vender um pedaço de vidro que possui mil utilidades e está extremamente barato! *(o pedaço de vidro aparece ao fundo)* É uma oportunidade única! Você observa aquela oferta e, em vez de aceitar a proposta imperdível, faz força contrária ao impulso de comprar. Diz apenas que não *(faz gesto de quem nega algo, cordialmente)*. O vendedor insiste, bloqueia seu caminho *(parece desconfortável)* comprar resolveria o problema, está realmente uma pechincha! Força contrária, força contrária *(retoma o mantra)*. Você diz “não”! O vendedor insiste, parece obrigá-la a aceitar a venda que ele já escolheu fazer, o “sim” que ele já escolheu ouvir. Então, já extremamente coagida, você aceita segurar o pedaço de vidro, uma das mãos vai até o bolso, olha com um sorriso macio - o vendedor que sorri de volta - *(enfia a mão no bolso, retira um martelo e estreacha o vidro em mil pedaços)*. O vendedor para de insistir, entrega a vassoura, que você havia pedido desde o começo e tudo fica bem.

(ofegante e debochada) Vejam só, como você poderia *(ao entrar na loja)* já saber que a resolução do problema seria quebrar o vidro? Como você saberia que somente um gesto drástico faria com que o vendedor respeitasse a sua opinião? Impossível! Passivamente, você compraria o pedaço de vidro. Ativamente, você nega, exerce força contrária ao que seria sua reação padrão, o sentimento objetivo, e chega até algo subjetivo: quebrar o vidro. Quando já tiver quebrado muitos vidros, em muitas lojas... exerça força contrária ao ímpeto de “quebrar”. A gangorra sobe e desce, sobe e desce. É um círculo, mas também pode ser o infinito.

Esta é minha estratégia! *(larga o martelo em um canto, pega a vassoura e varre os cacos de vidro)*. Você também pode usar essa estratégia, Nairim!

NAIRIM: *(sorri, fazendo que "sim" com a cabeça, e se agacha para ajudar a recolher os cacos de vidro)*.

CAROL: *(tira uma flor do meio do seu cabelo)* Sabia que você é muito bonita? *(oferece a flor à Nairim)* Já deve ter escutado isso muitas vezes, com certeza o estadunidense também te disse isso... eu nunca disse porque achei que você já sabia ou fiquei com vergonha.

Você dança comigo? *(estende a mão)*.

NAIRIM: *(se levanta e aceita o pedido)*.

As duas dançam algo cantarolado por Carol (canto em off).

CAROL: Sobre a questão de caber ou não no estereótipo das mulheres brancas (*sussurra no ouvido da Nairim, os corpos, ainda cheios de creme, se abraçam*) eu penso que não cabemos. Porque a este estereótipo foi reservado a unilateralidade do ser frágil (e tantos outros adjetivos ligados à fragilidade), isso porque a pele branca é vista como delicada demais – quantas vezes você já ouviu um branco, seja lá de qual gênero, dizendo: “é complicado... porque minha pele é muito frágil, qualquer coisa já deixa ela marcada” (*gargalha alto*) como se a nossa pele não, nunca fosse frágil! Por que achar que nós aguentamos mais coisas? Por que os brancos acham que só a pele deles fica marcada com facilidade? Meu irmão é um homem preto que tem problemas de alergia, não pode nem tocar em leite que a sua pele incha e fica vermelha. Mas as pessoas pretas, seja lá qual for o gênero, são vistas como seres que nasceram para o trabalho (até mesmo o sexual – objetificação geral do corpo).

(para a dança, olha para Nairim) Precisamos fazer força contrária! Mulheres negras querem o privilégio de ser vistas como frágeis, delicadas, macias?

(volta a dançar) enquanto não experimentamos esse privilégio, sim! Nós queremos nos emancipar da ideia de seres brutos que não sentem nada porque “a pele é resistente”, “nem fica marcada”.

Mas quando a maciez se tornar extrema, predominante em nossas vidas, precisamos fazer força contrária! A vida é uma gangorra! Se ficarmos paradas, a gangorra sucumbe.

O canto em off silencia, a dança acaba.

Quer saber? (*som de chuva caindo, falando mais alto pra tentar ser ouvida*) Eu gosto de não estar dentro do estereótipo das mulheres brancas, eu não aceito ser vista como unilateral! Eu quero ter a doçura de uma mulher preta e a coragem de uma mulher preta! Refletir como uma mulher preta, me vestir como uma mulher preta (*inicia uma alegria que se estende pelo corpo de ambas, como crianças que brincam na chuva*) ter o cabelo de uma mulher preta, dançar como uma mulher preta, transar como uma mulher preta, projetar edifícios como uma mulher preta, fazer arte como uma mulher preta! E bastará ouvir a alma, aquilo que é subjetivo, os desejos profundos e submersos em um dos lados da gangorra, porque mulher preta eu já sou e isso já significa muito pro mundo:

Foi numa roda de samba
Que eu juntei-me aos Bambas
Pra me distrair (*cantarola*)

Consegui sentir, na sua última carta, a questão de existir um assunto (ou muitos) que não compartilhamos com todo tipo de pessoa. Alguns assuntos nos tocam profundamente. Exige o movimento de energias muito densas. Entendo a dificuldade de tratar assuntos tão caros diante de pessoas que, talvez, riem dos nossos argumentos.

Pra quebrar a resistência em ser tão obediente, basta exercermos uma força contrária à obediência. A GANGORRA QUE SOMOS PRECISA SE MOVIMENTAR, PENSO APENAS NISSO AGORA.

Mas cantemos! Nós merecemos!

O sol ensolarará a estrada dela (Nairim)

As duas cantam a música Dura na queda, de Chico Buarque.

(Carol e Nairim ficam de frente uma para a outra. Enquanto cantam, retiram o creme branco do corpo uma da outra).

CARTA 3

De Nairim para Carol

NAIRIM: (*sentada ao lado de Carol. Pega um envelope que está sobre uma pequena mesa, retira uma carta e lê*) Poços de Caldas, 1 de dezembro de 2020. Oi, Carol. Tudo bem?

Eu li a sua carta e chorei. Chorei bastante e aí fiquei com dor de cabeça porque chorar me dá dor de cabeça, mas dessa vez não lembro se ela surgiu antes ou depois.

É, eu sinto que entre o nosso grupo da sala conversamos pouco. Mesmo depois de dois anos e de tanto trabalho realizado, conheço só uma parte bem pequenininha de vocês. Mas tudo bem, ainda temos tempo para muita história. E acho que de um jeito ou de outro, todo mundo leva esse negócio de arte muito a sério, sobra pouco tempo pra jogar conversa fora.

(A partir deste trecho, imagens da família de Nairim são projetadas em um telão)

Acho (na verdade tenho certeza) que quem me ensinou a ser obediente foi a minha mãe. Sabe, muita gente diz que eu sou a cara da minha mãe, mas eu nunca achei. Eu fiquei anos olhando o rosto dela tentando entender no que éramos parecidas, mas nunca encontrei nada. Aí, um dia, quando eu tava muito cansada, olhei no espelho bem séria e vi minha mãe lá. Sabe o que foi mais estranho ainda? Em 2015, passei quase o segundo semestre inteiro sem ver a minha mãe. E quando eu vi, percebi que depois dos 50 as pessoas são iguais bebês, em poucos meses mudam MUITO. Eu tava sentada de frente pra minha mãe e do nada vi a minha avó nela. Eu nunca tinha reparado na semelhança e nunca mais voltei a reparar. Mas naquele segundo, naquele piscar de segundo, a minha avó estava no rosto da minha mãe, sentada de frente pra mim. Estranho, né? Sabe qual é a parte do meu corpo que eu mais gosto? As minhas mãos. As minhas mãos são iguais às da minha mãe, que são iguais às da minha avó. Minhas tias não têm as mãos da minha avó, e minhas primas também não. Eu me orgulho muito de ter. Quem ficou com a aliança que a minha avó usou por 50 anos fui eu e ela cabe perfeitamente no meu dedo. Se a minha casa pegasse fogo, a única coisa que eu salvaria seria aquela aliança. Acho justo tudo isso, porque nas conversas de família eu sinto que todo mundo gostava mais do meu avô do que dela. O modo como falam dele é diferente. Eu queria que falassem assim dela. Acho que o único morto de quem sinto realmente falta é ela.

Nairim pega uma caixinha e de dentro dela retira uma aliança, a coloca entre os dedos, se levanta, vai até o proscênio e estica a mão em direção ao público.

NAIRIM: A minha avó recebeu essa aliança quando se casou em uma cidadezinha do interior de Minas, chamada Wenceslau Braz. Com essa aliança ela se mudou com meu avô para Santo André. Com essa aliança ela deu a luz a sete filhos e ainda com essa aliança enterrou um deles. Com essa aliança ela deixou de ser católica e virou evangélica. Com essa aliança foi internada em hospitais psiquiátricos e escapou, por pouco, de sessões de eletrochoque. Com essa aliança ela viu uma das filhas ser atingida pela paralisia infantil por falta de vacina contra poliomielite. Com a mesma aliança viu a mesma filha milagrosamente voltar a andar. Com essa aliança ela se mudou com a família para Poços de Caldas e lá viu dez netos crescerem. Com essa aliança ela entrou em sua bodas de ouro, ocasião na qual as alianças foram trocadas por novas. Aí minha mãe ficou com a aliança e um tempo depois eu dei um jeito de pegá-la para mim (*fecha os dedos em torno da aliança*).

NAIRIM: *(senta-se, guarda a aliança de volta na caixa e volta a ler):* Aí eu choro de novo.

Sobre a nossa suposta docilidade... Sabia que eu fui pré-programada pra ser assim? Que meu nome é Mirian ao contrário todo mundo sabe, mas nem todos sabem que isso não se deve apenas a uma boa sacada da minha mãe. Ela escolheu esse nome porque queria uma filha diferente dela: feliz, alegre, calma, querida e com muitos amigos. E por isso eu detesto quando me perguntam o significado do meu nome. Eu sempre digo que é porque é o nome da minha mãe ao contrário, as pessoas riem, mas eu penso que ela não se sentia feliz, alegre, calma, querida e com muitos amigos. Ah, e que ela odiava estar grávida hahahaha. *(Para o público)* Se vocês repararem nas fotos que estão passando aqui no telão, não tem nenhuma da minha mãe grávida. *(Volta a ler)* Também tem o fato de que no fundo no fundo (não tão fundo assim), ela queria ser eu. E, inclusive, ela usa meu nome no e-mail dela.

Mas é isso, acho que assim como a sua mãe também deve ter feito, a minha me ensinou a ser muito educada e a não reclamar. E ela é sempre tão firme com tudo, tão responsável, dá conta de tudo, coloca ordem em centenas de alunos, tem uma voz muito firme, nervosa, ansiosa. E eu sou Mirian ao contrário. Eu gosto quando ela ri, mas a gente nunca ri das mesmas coisas. Quando eu rio, ela fica me olhando. Quando ela ri, eu fico olhando. A gente nunca ri juntas. Por que será né?

Carol, você sente que depois que virou mãe ficou menos filha?

Porque eu acho que a minha sim. E eu não queria ficar menos filha, nunca. De todos os meus amigos, acho que sou a mais apegada com a minha mãe. E mesmo assim ela acha que não o suficiente, que eu não ligo pra ela. Mas o meu próprio nome é ela, como eu poderia me esquecer? Falando nisso, a minha mãe anda muito esquecida. Será que se um dia ela se esquecer de tudo, ela consegue lembrar pelo menos do próprio nome? E será que se ela se lembrar do próprio nome, vai conseguir perceber que o meu tá lá e se lembrar de mim?

A mãe da minha avó deixou ela com a madrinha quando era bebê e sumiu (a vida toda minha avó achou que ela tinha morrido). Então, a minha avó só foi mãe, nunca pôde ser filha. E eu acho que só quero ser filha. O que me coloca um problema: não ter pra quem dar a aliança dela (mas acho que consigo lidar com isso).

Inclusive, eu esqueci de te falar que o nome da minha avó não era avó, e sim Custódia. Mas depois que ela morreu nós descobrimos que o nome dela também não era Custódia. O que aconteceu foi: quando a mãe dela foi embora e a deixou com a madrinha, disse algo como “agora, você vai ficar com a custódia da bebê”. Acho que a madrinha achou a palavra bonita e o nome pegou. Eu fico feliz que a minha avó, que não era Custódia, morreu sem saber de tudo isso. Ela ficaria muito triste.

(As fotografias param de ser projetadas)

NAIRIM: *(se vira de modo a ficar de frente para Carol)* Carol, naquele dia você me disse que não entendia sua própria existência, mas será que alguém entende? Você pensa muito sobre isso? Porque eu não penso, apenas sigo. Eu penso que quero ser muito feliz aqui e depois feliz no céu. E assim serei feliz eternamente para todo o sempre. Meu nome é Nairim e não posso mudar, então estou fadada a ser feliz, alegre, calma, querida e com muitos amigos. Eu penso se verei a minha avó lá. Eu queria vê-la do jeito que me lembro dela: velha. Mas diz a Bíblia que ganharemos um novo corpo, então acho que a questão da aparência será uma surpresa para todos. Sabe aquilo que você sempre fala sobre ter uma pele artificial e um pau artificial pra botar na mesa? Eu também fico pensando em como isso seria interessante. Mas como não é possível, eu espero que pelo menos Deus dê o mesmo corpo pra todo mundo lá em cima.

Aí eu choro de novo. Acho que é isso: no fundo a gente só quer chorar. Tem um mar inteiro dentro de nós, com profundezas, ondas gigantes e tudo o que um oceano tem direito.

“O sonho é um tempo onde as mina não tenha que ser tão forte”

Um beijo, Carol. Fique bem.

(Começa a música “Mãe”, de Emicida. No telão, é projetado um vídeo em que todas as mulheres da família de Nairim – idosas, adultas e crianças – experimentam a aliança da avó Custódia).

CARTA 4

CAROL: São Paulo, 28 de novembro de 2020.

Eu também já vejo minha avó na minha mãe. Que tempo é esse que a gente nunca aprende que passa? Ele lembra a gente toda hora: tem relógio, tem o trabalho, tem a escola, tem as refeições... a nossa ficha nunca cai! Que ser é esse que se estende desde as nossas avós até a gente? Agora sinto minha avó e minha mãe como se fossemos um só corpo (*amarra um lenço na cabeça, estende vários panos em cima de uma mesa, pega uma tesoura e começa a cortar fitas de tecidos brancos e azuis*). Um corpo em trânsito no tempo, um ser que caminha entre as três. Quando elas olham pra gente, também enxergam espelhos do passado?

NAIRIM: (*se olha em um grande espelho*)

CAROL: O que será que uma avó sente quando se vê criança em suas filhas e depois em suas netas? Será que ficam com a impressão de que viverão para sempre? (*começam a amarrar as fitinhas em suas saias*) Porque se somos um mesmo ser, até um mesmo corpo, oscilando entre novo e velho, futuro e passado, então nossas avós sempre viverão nas novas crianças nascidas.

Dançando, no meio disso tudo, existe a gente (*rodopiam com os braços estendidos*). Perdidas. Exatamente no meio do mar, atravessando a Kalunga Grande no caminho de volta para o berço.

NAIRIM: (*rodopia, para e ergue as mãos da Carol, que fala como se rezasse pro céu*) Eu também gosto muito das minhas mãos!!! Que coincidência! Mas uma coisa que tenho parecida com a minha mãe, são os meus dedinhos do pé (*ao fundo, a imagem dos dedinhos*) Eu foco nos dedinhos porque tem uma outra parte do meu pé que parece muito com o pé do meu pai. Há vezes em que eu fico extremamente triste por ter coisas parecidas com o meu pai.

Blackout. Som de oceano.

CAROL: Eu sei que pode parecer bobagem ou inocência, mas eu desejava profundamente ser filha apenas da minha mãe. Há vezes em que eu olho pra ela e fico pensando em como ela parece um ser mágico. Tereza, aquela que podia ter filhos sozinha, se eu pudesse construir uma nova mitologia, criaria esse poderoso que nasce nas Minas Gerais do Brasil.

Mãos de crianças desenham Tereza, aquela que podia ter filhos sozinha.

CAROL: Já pensou em quando não existirmos mais? A gente vai existir na memória de outras pessoas. Pensar nisso me faz querer viver mais coisas, me preocupar menos. Nos últimos anos, e principalmente nesse, eu tenho me desapegado de coisas que antes me faziam muito insatisfeita. A minha avó materna tem quase 90 anos, mora aí em Minas. Eu queria ter crescido ouvindo a Neli contando tudo o que sabe, mas minha mãe veio pra São Paulo com 13 anos de idade, sozinha, então cresci um pouco longe da vovó. *(Carol se senta em uma cadeira e chama Nairim para deitar em seu colo)*

CAROL: Tenho certeza de que a sua mãe te olha orgulhosa *(caem papezinhos brilhantes em cima das duas, Carol faz carinho no cabelo de Nairim)* Você parece ser uma filha muito boa. Será que no dia em que você se olhou no espelho e viu a sua mãe, assim sem explicação, quem estava lá era Nairim ao contrário? Já parou pra pensar nos momentos em que sua mãe se parece Nairim? Talvez vocês duas tenham lados que não demonstram muito. Assim como a parte submersa da gangorra. Mas, ainda assim, não imagino a Nairim-Mirian, você imagina a Mirian-Nairim?

Imagens, da Carol grávida, aparecem ao fundo.

CAROL: Depois que virei mãe comecei sentir ainda mais falta da minha mãe. Eu não tinha pensado sobre o motivo disso, mas é provável que você esteja certa! Talvez eu sinto mais falta porque não quero deixar de ser filha. Minha mãe ainda é a mulher que nasceu para trabalhar. Esses dias eu estava lendo o livro Mulheres, raça e classe e me lembrei da minha mãe! Na página 17 (esse número... tenho asco quando penso no desgoverno do Bolsonaro), mas nessa página diz que “O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. Nas palavras de um acadêmico, ‘a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para o seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa’.”

Quem conhece a vida da minha mãe, saberá que a citação que acabei de colocar descreve todos os 58 anos de vida dela.

A presença do meu pai (homem branco) impede que os filhos sejam próximos da minha mãe (é complexo, eu precisaria de duas cartas para explicar melhor). Mas eu gosto de olhar para a relação com a sua mãe, ela parece mais livre do que a minha. A Mirian também te ensinou a ser mais livre, tomar conta de si, a Nairim é uma mulher autônoma. Algum dia você encontrou a mãe da sua avó? Eu tenho a sensação que as pessoas que somem vivem pra sempre. Ela deve ter vindo pra São Paulo (todo mundo que some, de algum lugar, acaba passando em São Paulo). Já imaginou se, quando a pandemia passar e retornar à São Paulo, você acaba encontrando ela pelas ruas do centro? Minha mãe procura até hoje uma tia que deixou os filhos com a vizinha e desapareceu. Uma vez ela jurou que viu a tia entrando em uma casa em um bairro próximo. Eu penso muito sobre a minha existência (não de onde o universo surgiu ou o que estou fazendo na Terra), mas sim sobre como me enxergam e como me enxergo. Sabe quando as pessoas falam ou demonstram tanta coisa que até você mesmo se pergunta: será que eu sou assim e nunca percebi? É tão ruim precisar parar pra pensar em coisas nossas que não dá para mudar. Em coisas históricas. Pra mim, o passado é uma ferida. Doerá pra sempre, por isso me sinto forte, por isso me sinto cicatrizando, muitos dos meus antepassados lutaram. Hoje, eu sou a continuidade do corpo de cada um. Eu sou a continuidade do corpo que sobreviveu. Eu nasci de uma árvore grossa, tenho pernas fortes. Vou seguir andando, eu sou a continuidade do corpo que sobreviveu.

“Vai dar mó treta quando eu disser que vi Deus e Ele era uma mulher preta”

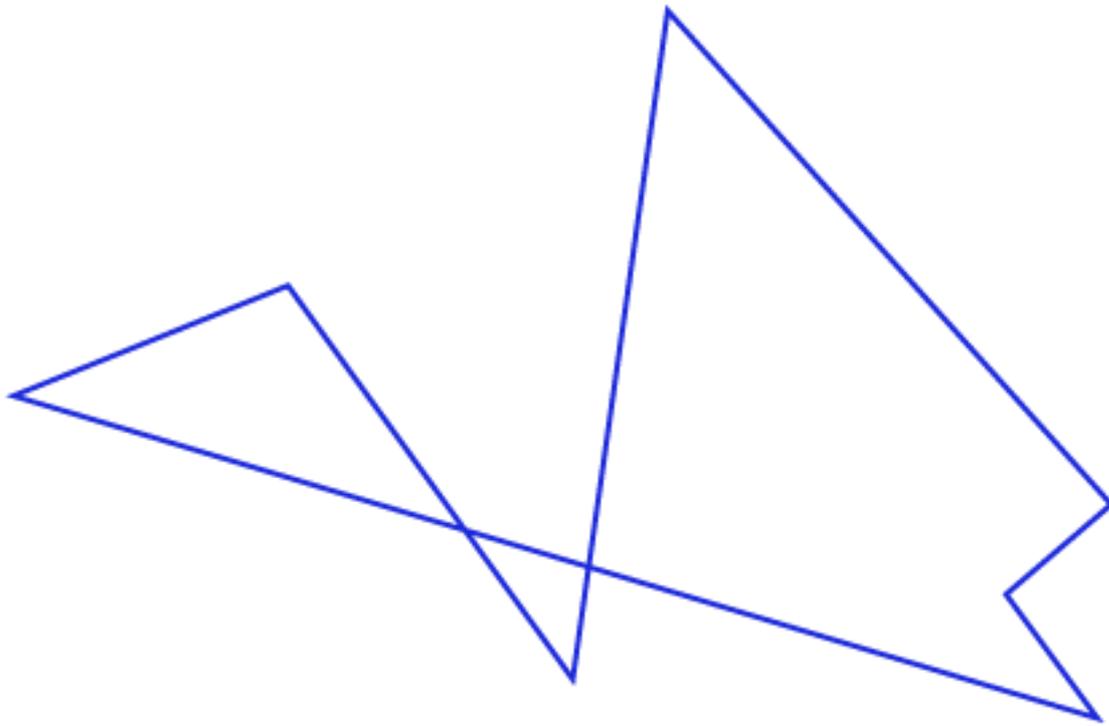
Sobre chorar, às vezes me sinto seca. Quando eu chorei pedindo a minha mãe, era um choro de fertilidade. Um momento de passagem. Naquele mesmo dia eu tive um sonho onde uma mulher mais velha disse que mataria os meus filhos e outras crianças que estavam dentro do sonho, eu chorava implorando pra ela não fazer nada com as crianças, então ela disse – se você evoluir, eu não faço! – ela gritava isso pra mim, me pediu pra eu prometer. Eu prometi que iria evoluir, eu prometi para salvar as crianças da morte. Era um sonho e não sei se tinha tanto sentido, mas surtiu efeito sobre mim.

NAIRIM: *(voz em off)* Imagens de oceanos. Praias e profundezas. Limões e doçura, mãe e filha. Como existem imagens ancestrais, algumas boas outras traumáticas. Em África, o mar é a Kalunga, o ciclo da vida e da morte.

Acabamos de passar pelo dia 20 de novembro, dia de comemorar a consciência negra no Brasil. Mas precisamos falar sobre mais um homem negro que foi morto em um supermercado muito conhecido. Essa carta parece não querer ter mais fim, eu precisaria falar pra sempre...

(Entra a música Caçador de mim - de Milton Nascimento)

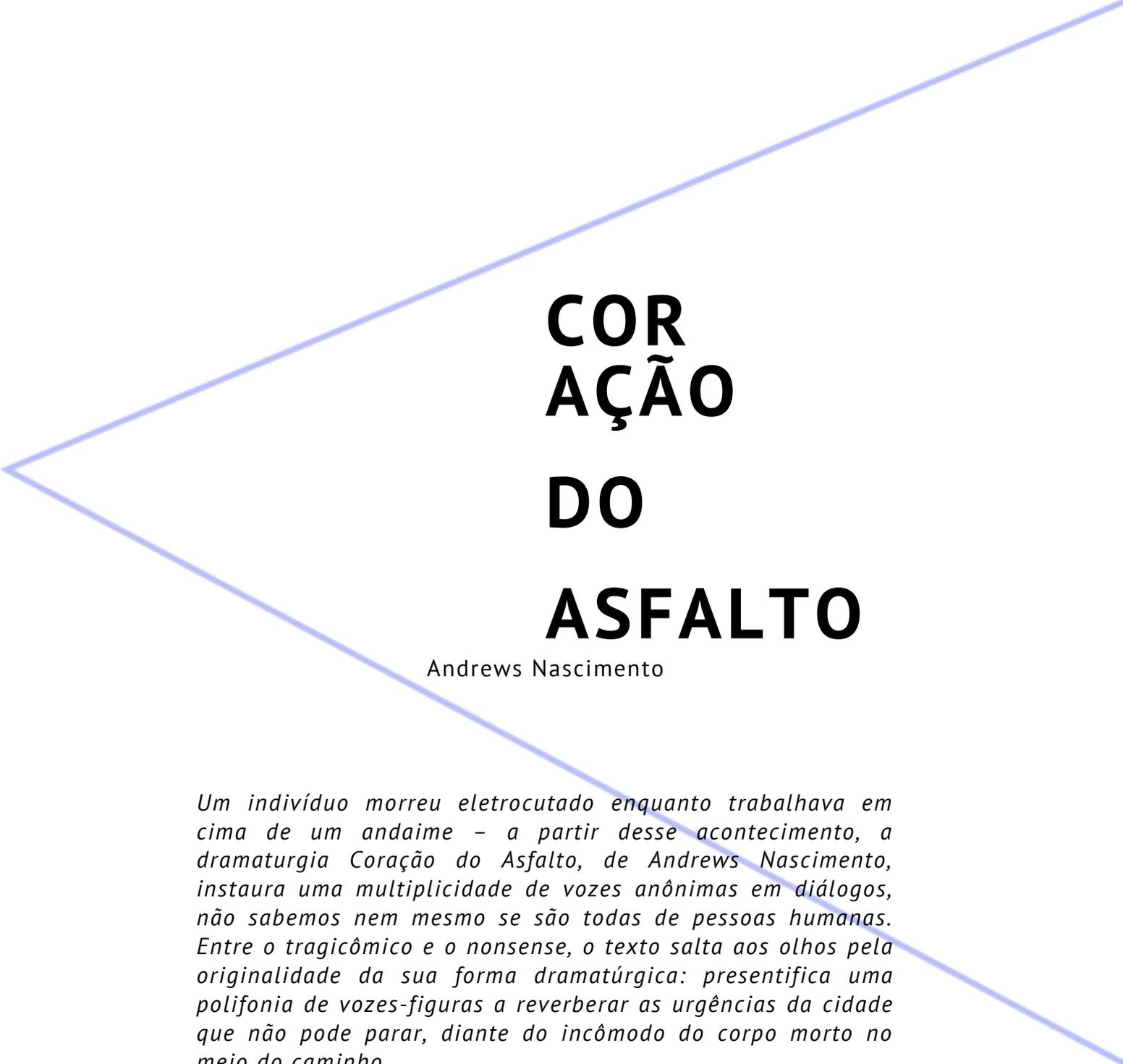
FIM



Carol Cax é graduada em Filosofia e estudante de Artes Cênicas na Universidade de São Paulo (ECA- USP).



Nairim Liz Bernardo Marquesé formada em Jornalismo e atualmente estuda Licenciatura em Artes Cênicas na Universidade de São Paulo (ECA- USP).



COR AÇÃO DO ASFALTO

Andrews Nascimento

*Um indivíduo morreu eletrocutado enquanto trabalhava em cima de um andaime – a partir desse acontecimento, a dramaturgia *Coração do Asfalto*, de Andrews Nascimento, instaura uma multiplicidade de vozes anônimas em diálogos, não sabemos nem mesmo se são todas de pessoas humanas. Entre o tragicômico e o nonsense, o texto salta aos olhos pela originalidade da sua forma dramática: presentifica uma polifonia de vozes-figuras a reverberar as urgências da cidade que não pode parar, diante do incômodo do corpo morto no meio do caminho.*

Marcus Groza

O caos e a confusão também tem ritmo, forma, intensidade, cor e organização.

A rua é política: não existe espaço vazio.

Se um indivíduo trabalha na rua, ele ocupa um espaço que interfere no todo, na multidão.

Se a multidão é afetada, tudo é afetado: trânsito, pessoas, faróis, você e eu.

Um acidente de trabalho gerou uma morte.

Um indivíduo, com suas aspirações pessoais, seus sonhos, suas frustrações, seus planos, família e amigos, morreu eletrocutado enquanto trabalhava em cima de um andaime.

Cada situação descrita em diálogos é uma situação afetada por esta morte, por este corpo que ocupa um espaço no andaime, que ocupa um espaço na rua, que afeta o todo.

Todas as situações acontecem ao mesmo tempo. Os números representam o momento de cada atuante, em monofonia e/ou polifonia, sem definição de personagem, descrição ou nome, como uma fotografia sem história no meio da multidão.

I

1: Esse semáforo, eu não entendo.

2: Não precisa entender, é só ajudar a organizar essa zona toda.

1: Organizar como, com as pessoas seguindo esse verde, amarelo, vermelho?

2: Esse é o sistema, paciência.

1: Deveria piscar o amarelo, pra nos ajudar.

2: Deveria muita coisa. Minha mulher está pra ter o nosso filho.

1: E você aqui!

2: Deveria estar lá.

1: Deveria.

1: E qual é o nome dele?

2: Não sei mais.

1: Como assim, não decidiram ainda?

2: Já tínhamos decidido, mas agora não sei mais.

1: E por quê?

2: Porque é o mesmo nome desse indivíduo aí em cima.

1: É sério isso?

2: Seríssimo.

1: Meu Deus.

(silêncio entre os dois)

1: Você deveria estar lá, não aqui.

2: Deveria.

1: Deveriam tirar logo ele daqui, pobre coitado.

2: Não sei se era um pobre coitado não.

1: Como assim?

2: Ele só estava trabalhando, assim como eu e você. Tinha família, assim como eu e você. Deveria ter amigos, casa, churrasco de domingo.

1: Faz tempo, hein!

2: Quando que foi a última vez mesmo?

1: Ano passado, quando minha filha fez 2 anos.

2: É verdade. O tempo passa né.

1: Passa.

2: E estamos aqui, organizando essa zona toda.

1: Com as pessoas seguindo esse verde, amarelo...

2: Vermelho.

1: Vamos fazer um churrasco? Quando seu filho nascer?

2: Sério?

1: Vai ser muito bom, como sempre foi.

2: Eu tô sentindo uma felicidade estranha.

1: Que bom.

II

3: Meu amigos e minhas amigas, eu tenho aqui comigo o melhor, o mais leve e o mais barato par de luvas de borracha Double Flex Hands Rubber Gloves, minha gente! É o par de luvas de borracha, aqui comigo!

4: Com licença amigo, você pode se afastar por favor?

3: Não posso não senhor.

4: Ah, não pode?

3: Posso não.

4: Você sabe que esta área está sendo isolada?

3: Ah, é?

4: Sim. Tá vendo ali em cima?

(silêncio entre os dois)

3: Minha Nossa Senhora! Que que aconteceu?

4: Foi eletrocutado.

3: Como é que é?

4: Ele foi eletrocutado.

3: Não acredito.

4: Não acredita?

3: Não acredito não.

4: Não acredita no quê?

3: Não acredito que ele foi eletrocutado enquanto eu estava aqui, o tempo todo, trazendo pra todos vocês, o mais leve e o mais barato par de luvas de borracha Double Flex Hands Rubber Gloves! Se ele estivesse usando este par de luvas de borracha Double Flex Hands Rubber Gloves aqui que eu tô vendendo num preço CAMARADA, pra ajudar TODOS VOCÊS A SE PROTEGEREM, isso não teria acontecido!

POLIFONIA: Moço, serve pra lavar louça?

POLIFONIA: Eu quero duas, uma pra mim e uma pra minha mãe.

POLIFONIA: Eu quero uma pra mim e uma pro meu marido também.

(algumas pessoas compram várias luvas)

4: Amigo, como que você tem coragem de fazer isso?

3: Fazer o quê, meu senhor?

4: De se aproveitar dessa situação toda.

3: O senhor quer saber como que eu tenho coragem de fazer isso?

4: Isso mesmo, como que você tem coragem?

3: Ah meu senhor, eu estudei teatro!

4: Como é que é?

3: Teatro! Sabe essas coisas que têm ator, palco, umas cenas bem bonitas de se ver, sabe?

(silêncio entre os dois)

4: Sei sim.

3: O teatro nos dá coragem, meu senhor. A arte nos dá coragem, entende? A gente inventa, se reinventa, se apropria. Vive aquilo que somos de verdade, de nós pra nós, entende?

4: Entendo.

3: Tipo o senhor aqui, fazendo esse isolamento, alguém disse pro senhor fazer isso, não foi?

4: Como tudo na vida, né.

3: Pois é, meu senhor. Como tudo na vida. A gente tem que fazer tudo na vida da maneira que outras pessoas nos dizem.

4: Verdade.

3: A gente tem que sempre fazer aquilo que nos falam pra fazer. Sempre tem alguém que tá ali, falando e falando e você quer fazer outras coisas.

4: Nem deixam a gente falar o que acha...

3: Exatamente! O senhor está aqui, isolando esta área por conta deste pobre coitado - tá aqui minha senhora, um par de luvas bonito, muito obrigado. TÁ ACABANDO HEIN - pois então, imagine se o senhor pudesse fazer as coisas do seu jeito! Trabalhar do seu jeito, falar do seu jeito, escrever, andar, se aproximar, tudo como sempre quis fazer!

4: Eu preciso pedir licença pra falar...

3: Como assim?

4: Só posso falar se me concederam permissão.

3: Não acredito.

4: Não acredita no quê?

3: Não acredito que eu tive essa oportunidade maravilhosa de conhecer uma pessoa massa, inteligente, com CORAGEM DE SE ABRIR enquanto eu estou aqui, carregando comigo o melhor, o mais leve e o mais barato par de luvas de borracha Double Flex Hands Rubber Gloves! É muita felicidade pra uma pessoa só!

III

5: Senhor?

5: O senhor pode dar licença, só por um minuto?

6: Oi.

5: Desculpa atrapalhar, é que eu tava pedindo licença.

6: Tudo bem?

5: Oi?

6: Oi.

(silêncio entre as personagens)

6: Gosto de foto.

5: Gosta de tirar fotos?

6: Não.

5: Gosta de ser fotografado então? Posso tirar uma foto se o senhor quiser. Tá ótimo o senhor aí, contemplativo, olhando pra cima...

6: Não.

5: Desculpa... É que é o meu trabalho...

6: Era o meu também.

5: O que? Fotojornalismo?

6: Oi?

5: Senhor, desculpa, eu preciso trabalhar, se eu ficar conversando aqui o dia todo vão tirar o corpo desse cara, ou vai baixar a luz, o senhor entende?

6: Era o meu também.

5: O quê?

6: Trabalho.

5: Que trabalho?

6: Ali em cima.

5: O QUÊ?

6: Trabalho.

5: Minha nossa senhora...

6: Eu tô vivo.

5: Aconteceu com o senhor também?

6: Aham.

5: Senhor... Olha, eu... Nem sei onde enfiar a cara, não sabia que... Olha não imaginava que era por isso que o senhor fala assim...

6: Já sei.

5: O quê?

6: Todo mundo fala.

5: O quê?

6: Falar assim.

5: Assim?

6: Lento.

5: Isso o senhor quer dizer, e olha me desculpa, por favor me desculpa, tô sempre tentando me desconstruir, ser uma pessoa melhor, então às vezes nesse processo de desconstrução a gente não encontra as palavras certas...

6: Sei.

5: Sabe o quê?

6: A palavra.

5: Qual palavra?

6: Sequelado.

(silêncio entre as personagens)

6: Oi.

5: Me desculpa, mas tô me sentindo tão mal comigo mesmo que não consigo parar de chorar.

6: Não.

5: É sério. Me sinto mal.

6: Você tá vivo.

(silêncio entre as personagens)

6: Eu tô vivo.

5: Olha, que aprendizado maravilhoso esse! O senhor é um ser maravilhoso, com uma aura maravilhosa! Deixa eu tirar um retrato seu, por favor! É muito importante pra mim.

6: Não.

5: Mas o senhor não gosta de foto?

6: Tchau.

IV

7: Você acha que ele sentiu algo?

8: Sei lá. Não quero nem imaginar isso.

7: Eu acho que não. Acho que foi tudo tão rápido.

8: Ele tava bem feliz quando falei com ele.

7: Ah é?

8: Dizia que tava terminando de quitar o apartamento.

7: Ele tinha filhos?

8: Dois.

(silêncio entre os personagens)

7: Pelo menos tem a pensão, né?

8: É.

7: Ele era gente fina.

8: Muito.

7: Era bondoso.

8: Carinhoso.

7: Tu não tá nada bem com isso, né?

8: Lógico que não. Era pra ter sido eu!

7: Não fala isso.

8: Era pra ter sido eu, mas ele dizia que precisava trabalhar mais.

7: Sim! Que tava quitando o apartamento.

8: Que tinha dois filhos.

7: Ele era um pai maravilhoso demais, né.

8: Muito!

7: Era bondoso.

8: Carinhoso.

7: Gente fina.

8: Era pra ter sido eu.

7: Não fala isso.

(silêncio entre os personagens)

7: Você acha que a mulher dele sabe?

8: Do quê?

7: De você, e ele...

8: Magina, ele era um cara super cuidadoso.

7: Isso é verdade. Pensava em tudo.

8: Pensava até nos colegas.

7: Tava sempre preocupado com todos nós.

8: Ele realmente era muito bondoso.

7: Bondoso e gente fina.

8: E carinhoso...

(silêncio entre os personagens)

7: Será que ele sentiu algo?

8: Acho que foi tudo tão rápido...

V

9: Mas senhor...

CELULAR: Precisa ser feito.

9: Mas os bombeiros ainda não chegaram.

CELULAR: Você tem ideia do quanto estamos perdendo de dinheiro agora, neste exato momento?

9: Sim, senhor.

CELULAR: Sabe quantos Megawatts hora?

9: Sei sim.

CELULAR: E estamos aqui perdendo tempo! Jogando conversa fora! Olha, eu sei de todos esses protocolos, mas o progresso não espera!

9: Me desculpe.

CELULAR: Tudo bem, tudo bem. Não é culpa sua. Aliás, nestes últimos anos eu tenho observado o seu comprometimento, sua liderança, sua dedicação é modelo pra outros funcionários.

9: Nossa senhor, falando assim eu fico até...

CELULAR: Lisonjeado?

9: Não sei se é isso... É muito especial pra mim, o senhor entende?

CELULAR: Neste final de semana venha com a sua família para nossa pousada aqui do interior. Vai ser um almoço maravilhoso e eu quero você aqui presente.

9: O senhor está chamando a mim, pra almoçar com o senhor na pousada?

CELULAR: Nossa pousada tem diversas áreas de esporte e lazer, e conta com uma enorme equipe para proporcionar todo o bem estar que você e a sua família merecem.

9: Que maravilha!

CELULAR: Temos uma equipe completa de instrutores dos mais diversos esportes, cozinheiros, seguranças e monitores para as crianças. Você vai adorar! Tem um voucher que fornecemos somente aos funcionários mais dedicados, e com ele você consegue um maravilhoso desconto de dez por cento na primeira visita! Não é incrível?

9: Como assim?

CELULAR: Fica tranquilo, vou encaminhar tudo de forma bem detalhada pro seu email.

9: Eu tô preocupado, senhor.

CELULAR: Com o quê?

9: É muito dinheiro.

CELULAR: Não, meu querido, nós temos várias formas de pagamento! Não se preocupe com isso. O mais importante é você se sentir bem! Confiante! Disposto! Dedicado e acima de tudo, se sentir leve.

9: Mas senhor, são muitos megawatts hora.

CELULAR: Mas ainda não resolveu?

9: Não, eu acabei de falar pro senhor que os bombeiros...

CELULAR: Olha, deixa eu te dizer uma coisa muito importante, talvez a mais importante que você vai ouvir em toda a sua vida: momentos difíceis como estes exigem atitudes que façam a diferença.

9: Mas o senhor não quer que eu vá ali...

CELULAR: Como que você acha que eu consegui me tornar quem eu sou hoje? Eu fiz e faço a diferença todos os dias, tanto na minha vida pessoal como profissional, que no caso interfere positivamente na sua vida também! E eu jamais te pediria algo que não fosse possível de se fazer.

9: Entendo, senhor.

CELULAR: Ótimo.

9: Na verdade tem algo que eu preciso falar com o senhor desde o começo da semana.

CELULAR: Vamos marcar uma reunião pra isso.

9: Mas não tem como eu não dizer agora, senhor.

CELULAR: Na pousada iremos conversar sobre tudo o que for necessário e importante pra você, até porque se é importante pra você então é importante pra mim também.

9: Eu vou pedir demissão, senhor.

CELULAR: O QUÊ?

9: Eu arrumei outro emprego.

CELULAR: COMO É QUE É?

9: E eu queria lhe dizer que sou muito agradecido pelos anos de aprendizado que eu tive aqui com o senhor e com todos os outros...

CELULAR: SEU VENDIDO!

9: Como assim?

CELULAR: TRAIADOR!

9: Nossa, senhor, eu jamais faria uma coisa dessas contigo.

CELULAR: POIS ENTÃO TRATE DE TIRAR O CORPO DESSE INFELIZ LOGO DAÍ!

9: Mas senhor, eu estou me demitindo.

CELULAR: É POR CAUSA DESSE TIPO DE ATITUDE QUE O NOSSO PAÍS NÃO VAI PRA FRENTE, SABIA?

9: Me desculpa, senhor.

CELULAR: COMO É QUE VOCÊ SE SENTE FAZENDO UMA COISA DESSAS?

9: Não sei...

CELULAR: Ah, não sabe...

9: Qual que era aquela palavra que o senhor disse... Lisonjeado! Será que é isso?

CELULAR: Vamos marcar uma reunião pra isso.

9: Mas não tem como eu não dizer agora, senhor.

CELULAR: Na pousada iremos conversar sobre tudo o que for necessário e importante pra você, até porque se é importante pra você então é importante pra mim também.

9: Eu vou pedir demissão, senhor.

CELULAR: O QUÊ?

9: Eu arrumei outro emprego.

CELULAR: COMO É QUE É?

9: E eu queria lhe dizer que sou muito agradecido pelos anos de aprendizado que eu tive aqui com o senhor e com todos os outros...

CELULAR: SEU VENDIDO!

9: Como assim?

CELULAR: TRAIADOR!

9: Nossa senhor, eu jamais faria uma coisa dessas contigo.

CELULAR: POIS ENTÃO TRATE DE TIRAR O CORPO DESSE INFELIZ LOGO DAÍ!

9: Mas senhor, eu estou me demitindo.

CELULAR: É POR CAUSA DESSE TIPO DE ATITUDE QUE O NOSSO PAÍS NÃO VAI PRA FRENTE, SABIA?

9: Me desculpa, senhor.

CELULAR: COMO É QUE VOCÊ SE SENTE FAZENDO UMA COISA DESSAS?

9: Não sei...

CELULAR: Ah, não sabe...

9: Qual que era aquela palavra que o senhor disse... Lisonjeado! Será que é isso?

CELULAR: Eu não acredito que você tá debochando de mim.

9: Não sei se é isso, mas tudo isso é muito especial pra mim, o senhor entende?

VI

10: Que saco tudo isso.

11: Pois é, não dá pra fazer mais nada por aqui.

10: A gente tava aqui há tanto tempo e agora simplesmente, de repente, POW!

11: POW!

10: BOOM!

11: E agora essa zona toda.

10: Com todo respeito a esse pobre coitado, mas ele fudeu com o nosso lugar.

11: Pobre coitado por quê? Pobre coitado somos nós! Pra onde a gente vai agora?

10: Puta que o pariu, é verdade!

11: É um filho da puta!

10: Sim, um cú de burro da porra!

11: Que o diabo carregue ele!

10: Amém!

11: Amém!

(silêncio entre as personagens)

11: Mas e aí, pra onde a gente vai agora?

10: Eu sei lá. Nem sei mais de onde eu vim.

11: Como assim?

10: Sei lá, já passei por tanto lugar, que eu acho que não pertença a lugar nenhum.

11: Nossa, eu também.

10: Tu me entende?

11: Eu tô com medo.

10: Eu também.

11: Não tenho pra onde ir.

10: Não tenho onde morar.

11: É um filho da puta!

10: Um cú de burro da porra.

(silêncio entre as personagens)

11: Posso te dar um abraço?

10: Como assim?

11: Sei lá, queria te dar um abraço, posso?

10: Claro que pode!

(silêncio entre as personagens)

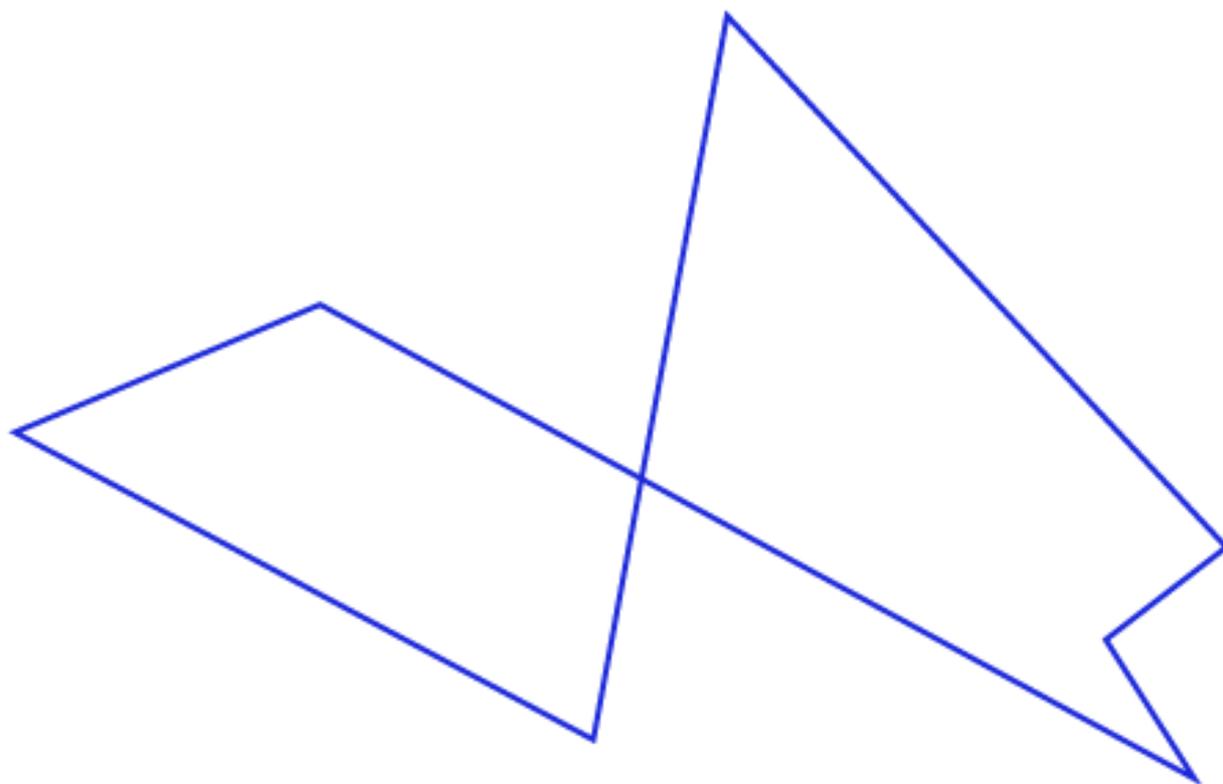
11: Me bateu uma felicidade tão boa.

10: Em mim também.

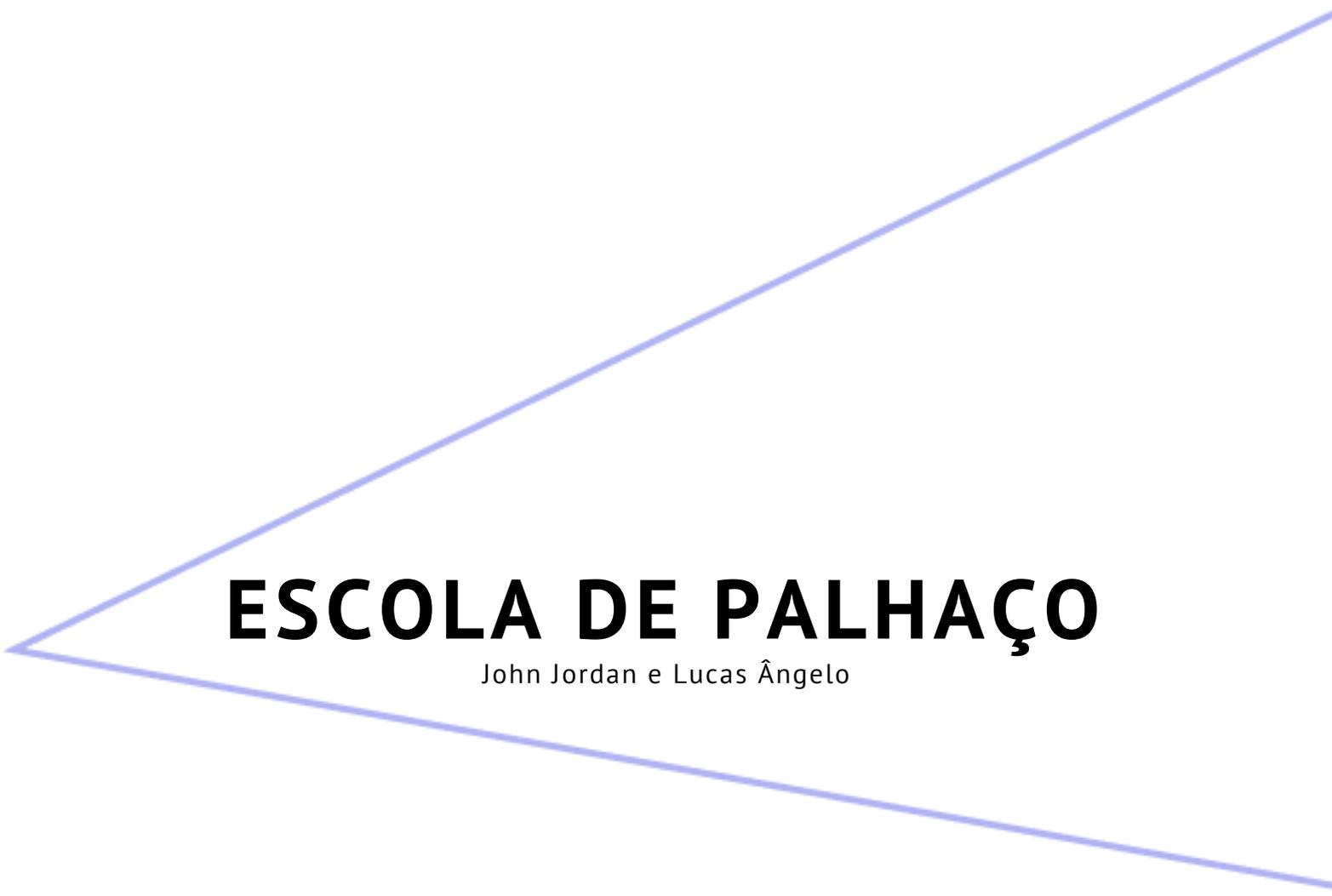
11: A gente tava aqui há tanto tempo e agora simplesmente, de repente, POW!

10: POW!

11: BOOM!



Andrews Nascimento é formado em Cinema e estuda Dramaturgia na SP Escola de Teatro. Realizou diversos curtas-metragens, como *Natal de Tonho* (2014); *Górgonas* (2018) e *Meu querido tio Tony* (2022).



ESCOLA DE PALHAÇO

John Jordan e Lucas Ângelo

Com canções em projeto, Escola de Palhaço, de John Jordan e Lucas Ângelo, é uma proposta de musical infantojuvenil que celebra a liberdade e homenageia o artista Benjamim de Oliveira, o primeiro palhaço negro do Brasil e um ícone do circo-teatro.

Érica Pedro e Silvia Gomez

SINOPSE

Na maior escola de palhaços do Brasil, Benjamin de Oliveira, inicia-se um novo ano, com novos alunos e um novo diretor. Só tem um problema: como você pode se tornar um palhaço livre quando seu diretor tem sérios problemas com a palhaçaria?

A peça se inicia com um repórter fazendo um comercial sobre a escola e começa a primeira música do musical “Bem Vindos à Escola”. Logo em seguida entram três novos alunos palhaços: Cantarolando, Raspadinha e Origami.

RASPADINHA: Nossa que daora galera (*surpreso com a escola depois da música*).

CANTAROLANDO: Sim, a escola dos nossos sonhos.

ORIGAMI: Conseguimos alcançar o inalcançável.

PALHAÇO DIMMY: Prazer, sou o palhaço Dimmy, anfitrião de vocês.

TODOS: Olá Dimmy, sou Cantarolando, sou Raspadinha e eu sou Origami, mas pode me chamar de Ori.

PALHAÇO DIMMY: Então vamos, vou apresentar a vocês a melhor escola de palhaços do mundo.

PALHAÇO DIMMY: Essas são as salas de estudo..

RASPADINHA: E aquela sala ali?

PALHAÇO DIMMY: Nunca entre naquela sala.

ORI: Por quê?

PALHAÇO DIMMY: Essa é a sala do novo diretor, ele não gosta que incomodem ele.

A porta se abre naquele instante.

DIRETOR OLIVEIRA: Bem vindo novos alunos, agora vão para a sua respectivas salas.

Imediatamente todos perto do recinto vão indo embora para suas salas. Os três amigos acharam aquilo muito estranho, mas relevaram.

ORIGAMI: Aquilo foi muito estranho.

PROFESSOR CHAPLIN: Sejam todos bem vindos à minha sala de aula, meu nome é palhaço professor Chaplin. E como vocês se chamam?

RASPADINHA: Eu sou o Raspadinha.

ORIGAMI: Meu nome é Origami, mas pode me chamar de Ori.

CANTAROLANDO: Prazer, Professor. E eu vou me apresentando, meu nome é Cantarolando.

ORIGAMI: E o que nós iremos aprender, Professor palhaço Chaplin?

“Segunda música do professor - O que eu queria”

RASPADINHA: Essa aula foi estranha viu.

CANTAROLANDO: Sabe o que ajudaria ?

RASPADINHA: O quê?

CANTAROLANDO: Cantar.

ORIGAMI: Não.

TROMBADINHA 1: Olha só se não são os novatos.

TROMBADINHA 2: Aposto que nunca fizeram alguém rir hahaha.

TROMBADINHA 3: Nem parece que são palhaços mesmo.

ORIGAMI: Não pareço é? Eu aprendi a ser assim com a palhaça da sua mãe.

TROMBADINHA 1: Para sua informação minha mãe é uma ótima palhaça, diferente da sua que pelo visto é de quinta categoria.

ORIGAMI: Me segura, me segura...

Origami se debatendo, Raspadinha e Cantarolando só observando e depois percebem o show do amigo.

TROMBADINHA 2: Eu desafio você para um duelo de piadas.

Apontando para o Raspadinha.

RASPADINHA: Eu aceito.

TROMBADINHA 1: Que comece o duelo.

RASPADINHA: O que acontece quando chove na Inglaterra?
Vira Inglalama.

TROMBADINHA 2: Você sabe a diferença de uma ervilha pro seu cérebro? A ervilha é maior.

ORIGAMI: Eu não deixava.

RASPADINHA: O que o pato falou para a pata? Vem quá.

TROMBADINHA 2: Sabe o que é maior que um elefante? Seu nariz.

CANTAROLANDO: Oh my good.

RASPADINHA: Quer saber um bom chá para a calvície? É o chá-péu.

Ninguém ri.

TROMBADINHA 2: Sabe o que são três pontinhos prestes a serem expulsos de uma escola de palhaços ?

TROMBADINHA 2: Não sabem? São...

DIRETOR OLIVEIRA: SÃO VOCÊS!!!

DIRETOR OLIVEIRA: Nesta escola é extremamente proibido duelo de piadas. Como vocês, delinquentes, esperam ser palhaços de alto nível assim?

ORIGAMI: Ué, mas palhaços não fazem piadas?

DIRETOR OLIVEIRA: Nesta escola não!

DIRETOR OLIVEIRA: Agora venham, teremos uma conversinha.

RASPADINHA: E agora o que iremos fazer??

ORIGAMI: Não faço ideia.

CANTAROLANDO: Eu já sei, vamos cantar.

DIRETOR OLIVEIRA: Não, agora sentem.

DIRETOR OLIVEIRA: Eu trouxe vocês aqui para dizer algumas regras em relação à escola. Primeiro, não admito qualquer resquício de piadas sem ser fora de aula. Segundo, cantar, cantarolar ou falar de forma rítmica é proibido fora de sala de aula.

CANTAROLANDO: Mas...

DIRETOR OLIVEIRA: Interromper, questionar ou perguntar sem ser devidamente autorizado é extremamente proibido.

DIRETOR OLIVEIRA: Podem ir, estão dispensados.

ORIGAMI: Onde já se viu.

RASPADINHA: Que coroa abusado.

CANTAROLANDO: É uma pena.

Tapam a boca dele. Os alunos saem.

CENA DO DIRETOR

Toca música de fundo.

DIRETOR OLIVEIRA: Nem sempre eu fui assim, eu já fui muito feliz nessa vida. Bem, hoje eu sou ninguém e nada mais e sinto o silêncio da voz da razão, e às vezes o tempo para e não volta mais.

Canta a música "Ninguém". Alguém bate na porta, Diretor volta a seu jeito rabugento.

CANTAROLANDO: Música???

DIRETOR OLIVEIRA: Não, saia daqui.

O palhaço professor Chaplin chega em seguida.

PROFESSOR CHAPLIN: Olá diretor Oliveira, gostaria de falar sobre um assunto de extrema importância.

DIRETOR OLIVEIRA: Pois diga.

PROFESSOR CHAPLIN: Eu estou com um projeto chamado ser livre, onde vários palhaços de vários lugares poderiam participar e ter contato com nossos alunos.

DIRETOR OLIVEIRA: Do que se trataria esse projeto?

PROFESSOR CHAPLIN: Cada um encontrando a sua liberdade na palhaçaria e se conhecendo nesse mundo maluco. Além disso, ajudaria os alunos a se conhecerem melhor.

DIRETOR OLIVEIRA: Eu irei pensar.

Corta a cena para os três amigos.

CANTAROLANDO: Galera, galera, vocês não vão acreditar no que eu vi.

RASPADINHA: Um porco voando???

ORIGAMI: Diga logo.

CANTAROLANDO: Ele estava cantarolando.

RASPADINHA: Pera, alguém estava te cantando?

CANTAROLANDO: Não, o Diretor.

RASPADINHA: Ah? O Diretor estava te cantando?

ORIGAMI: Não besta, você quis dizer que o velho rabugento estava cantando?

CANTAROLANDO: Yes, foi o que eu tinha dito, ele estava cantarolando.

ORIGAMI: Estou cercado de idiotas, ou melhor, de palhaços.

ORIGAMI: Então o velho rabugento estava cantando. Isso é bem peculiar, queria saber mais sobre isso.

RASPADINHA: Que tal a gente perguntar para o professor?

CANTAROLANDO: Então vamos lá...

RASPADINHA E ORIGAMI: Agora não, Cantarolando.

Professor na sala de aula.

TODOS: Palhaço professor.

PROFESSOR CHAPLIN: Digam, meus queridos.

ORIGAMI: O que você sabe sobre o Diretor velho rabugento?

CANTAROLANDO: Diga para nós, por favor.

PROFESSOR CHAPLIN: Olha, eu não sei de muita coisa, ele é bem recluso, mas já ouvi boatos dizendo que ele foi um palhaço dos anos de 1970 e é só isso que eu sei.

RASOADINHA: Hum, interessante, então ele é velho mesmo.

Origami sai da sala. Origami vai para a biblioteca.

ORIGAMI: Ok, vamos ver o que eu consigo descobrir sobre o velhoca.

ORIGAMI: Aqui dois palhaços dos anos 70...

ORIGAMI: Humm, Carlitos!! Um palhaço dos anos 70 muito conhecido em todo território nacional, por sua grande genialidade no mundo da comédia e foi muito respeitado na palhaçaria.

ORIGAMI: Por outro lado, Palhaço Riso que foi expulso do ministério da palhaçaria, pelos seus métodos contra-risos que não despertava a alegria da plateia, após os anos 70 nunca mais foi visto ou mencionado nas redes..

ORIGAMI: Bingo!! Encontrei finalmente Palhaço RISOO!

Origami vai encontrar seus amigos.

ORIGAMI: Pessoal eu encontrei o Diretor, ele se chamava palhaço Riso, provavelmente o palhaço mais sem graça da história e foi expulso do ministério da palhaçaria.

RASPADINHA: Foi só esse que você encontrou?

ORIGAMI: Tinha um outro, era legal, mas isso não importa.

Eles voltam para a sala.

PROFESSOR CHAPLIN: Então alunos, eu preciso apresentar a vocês o meu projeto para a escola e...

ORIGAMI: Eu descobri uma coisa muito interessante, nosso diretor é um psicopata da comédia.

RASPADINHA: Ele é o palhaço Riso.

CANTAROLANDO: É isso aí.

PROFESSOR CHAPLIN: Palhaço Riso? Aquele que foi expulso do ministério da palhaçaria?

RASPADINHA: Esse mesmo.

PROFESSOR CHAPLIN: E como um palhaço assim viraria o diretor da maior escola de palhaçaria do Brasil?

ORIGAMI: Essa é a questão, porque não investigar?

PROFESSOR CHAPLIN: Olha, vocês estão mexendo com o perigo.

CANTAROLANDO: Haha... eu rio na cara do perigo.

RASPADINHA: Iremos desmascarar esse palhaço fia da mãe.

PROFESSOR CHAPLIN: Que santa gargalhada tenha piedade de vocês.

Eles indo para a sala do diretor escondidos.

ORIGAMI: Nosso plano é invadir a sala do diretor e procurar provas de que ele é o tal do palhaço Riso.

RASPADINHA: Tá, mas o que iremos fazer com as provas?

CANTAROLANDO: Fazer ele cantar a verdade.

O diretor saiu da sala e eles entram na sala escondido.

RASPADINHA: Gente, olha o que eu encontrei, está escrito prêmio de melhor representante da palhaçaria de 1970.

RASOADINHA: Será que ele o matou!

CANTAROLANDO: Oh my good, ele deve ter cantado uma música terrível e maldosa para o Diretor verdadeiro.

ORIGAMI: Agora eu entendi, agora eu saquei, agora todas as peças se encaixaram.

TODOS: Ele é um assassino.

Escutam passos.

RASPADINHA: Se ele matou o outro direito, o que será que ele pode fazer com a gente.

Diretor abre a porta, logo em seguida é recebido com um saco na cabeça.

RASPADINHA: Riso, Riso, você é o palhaço Riso, não é mesmo?

ORIGAMI: Você matou o verdadeiro diretor dessa escola.

CANTAROLANDO: Já sabemos de tudo.

DIRETOR OLIVEIRA: SILÊNCIO!!!

CANTAROLANDO: Lá vem a bronca.

O diretor se senta deprimido.

DIRETOR OLIVEIRA: Olha crianças, eu preciso que vocês se acalmem. Sentem, por obséquio.

DIRETOR OLIVEIRA: Eu não sou o palhaço Riso, nunca fui, na verdade meu nome de palhaço era Carlitos.

TODOS: O QUÊ?

CANTAROLANDO: Mas você já foi da elite e hoje em dia você é assim?

ORIGAMI: A gente deveria se inspirar em você, mas agora tu é frio, ranzinza e é contra quase tudo que nos faz ser alegres.

RASPADINHA: O que foi que aconteceu?

Diretor respira fundo.

DIRETOR OLIVEIRA: Vou lhes contar a minha história. Meu avô era Benjamin de Oliveira, o criador dessa escola e o melhor palhaço do Brasil. Meu único contato com o meu vovô foi quando eu era criança e nós fizemos uma promessa de levar alegria por onde eu passasse.

DIRETOR OLIVEIRA: Os meus pais me apoiaram, só que não de uma forma bem saudável. Bem, resumindo, eu não poderia fazer outra coisa sem ser de palhaço, senão eu era castigado de um jeito muito ruim.

DIRETOR OLIVEIRA: Todo dia era uma tortura com os meus pais por perto e logo aquele doce sonho foi se tornando um dos meus maiores pesadelos. E então eu virei um palhaço profissional, não era qualquer palhaço, eu era o melhor da minha época, a nova sensação da palhaçaria, o que iria passar o Benjamin de Oliveira.

DIRETOR OLIVEIRA: Até aquele dia fatídico, quando meus pais se foram. Aí eu perdi meu chão, aqueles que tinham me tornado naquele grande modelo não estavam mais lá, perdi meu chão e todo o sentido da palhaçaria e da minha vida.

DIRETOR OLIVEIRA: Eu tinha abandonado essa vida de palhaço. Então recebi um convite dizendo que o antigo diretor iria se aposentar e que a escola teria que ser dirigida pelo único herdeiro, por essas questões de direito. Acabei aceitando por essa escola ter um significado muito importante para o meu avô, só que, pelo visto, estraguei tudo com meu jeito amargo e frio, com aquilo que me tornei.

RASPADINHA: Caramba, que bad.

ORIGAMI: Pense pelo lado positivo, mesmo depois de tudo isso tu ainda está aqui para honrar o legado do seu avô e que, além de ter sido um palhaço incrível, você pode ser um diretor melhor ainda - não só para nós, alunos, mas para a escola. Tenho certeza que seus pais estão orgulhosos de você.

RASPADINHA: Apesar deles terem vacilado.

CANTAROLANDO: Raspadinha!

RASPADINHA: Eu só quis dizer..

Diretor dá um sorriso.

CANTAROLANDO: Nunca vai ser tarde demais para mudar diretor, é o que meus pais vivem me dizendo e com certeza era o que seus pais e seu avô pensavam.

DIRETOR OLIVEIRA: Talvez eu consiga dar um jeito nas coisas.

REPÓRTER: A maior escola de palhaços do Brasil está com novas mudanças e o Diretor dessa escola, Chaves de Oliveira, disse que tem muitas coisas novas a surgir nesse ano letivo. Agora eu convido o professor Chaplin para dar algumas palavras sobre o seu projeto escolar ser livre.

PROFESSOR CHAPLIN: Muito obrigado pela oportunidade. Enfim, o nome desse projeto já diz tudo, foi uma ideia que eu trouxe depois de alguns acontecimentos na escola e o intuito disso é abrir as portas para os palhaços do mundo inteiro para conhecer a escola e os nossos alunos.

RASPADINHA: Olha Ori, você conseguiu mesmo.

ORIGAMI: Eu não teria conseguido sem vocês meus amigos.

CANTAROLANDO: Então...

DIRETOR OLIVEIRA: Olá meus queridos alunos.

ORIGAMI: E aí, velhinho.

DIRETOR OLIVEIRA: Gostaria de agradecer imensamente a vocês que me ajudaram a enxergar o que eu mesmo tinha esquecido.

CANTAROLANDO: Olha, eu sei que está um momento bacana e tudo mais... só que bora cantar.

Última música do espetáculo "Ser Livre"

Benjamin de Oliveira: Foi o primeiro palhaço negro do Brasil.

Charles Chaplin: Ator, comediante e etc.

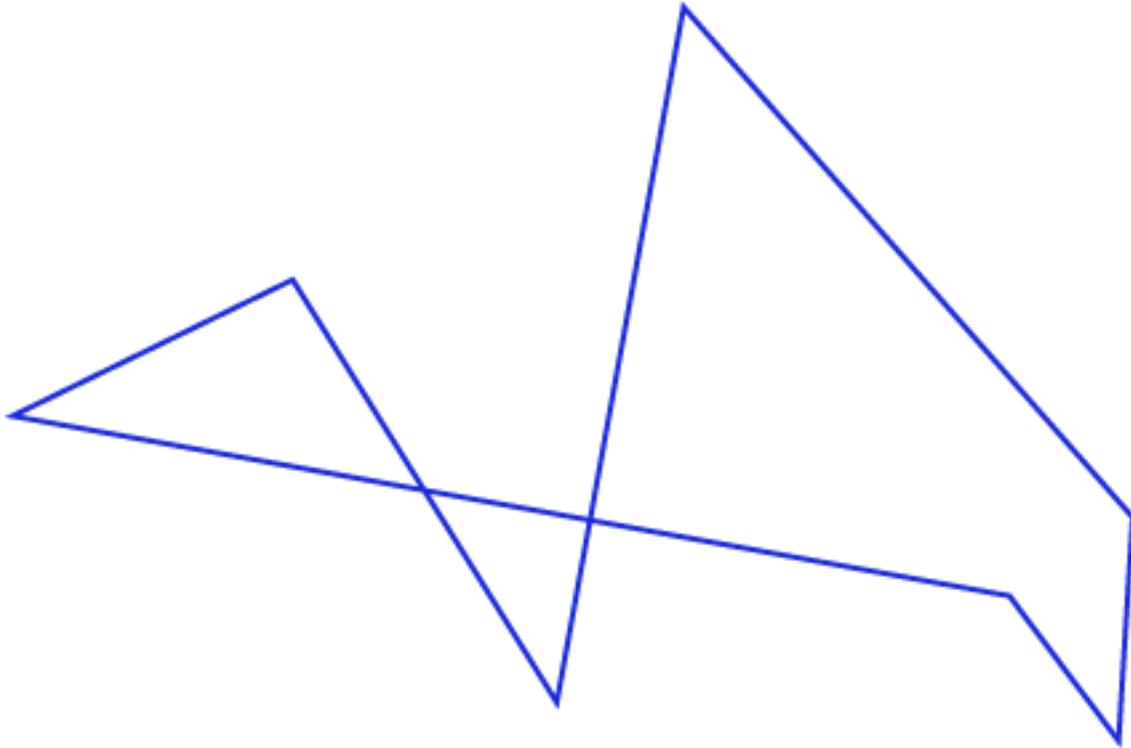
Carlitos: Um personagem de Charles Chaplin.

Chaves de Oliveira: Pai de Benjamin de Oliveira.

Músicas: Fran, Chico Chico – Ninguém. As músicas do espetáculo estão em processo de desenvolvimento.

O * nas falas significam que elas são cantadas.

Mensagem final: Nunca é tarde demais para mudar.



Lucas Ângelo tem 18 anos. Ambos são moradores da cidade de Ibiúna, SP.



John Jordan tem 17 anos e está cursando o Ensino Médio.

IRRESPEITÁVEL PÚBLICO

Audrey Takaki Marchini

O texto Irrespeitável Público apresenta o circo como uma resistência poética em meio a um mundo brutalizado, sem romantizar o cotidiano dos artistas. Durante a instauração da Ditadura Militar, as personagens fazem suas escolhas, cujas consequências sempre são coletivas, com a dramaturgia apresentando uma boa estrutura clássica (dentro de uma ideia de dramaturgia ocidental) de desenvolvimento da trama.

Tadeu Renato

Autora:

Audrey Marchini

Colaboração Criativa:

Arthur Silva
Eric Tomasi
Felipe Damasi
Giovanna Leandro
Karen Ferreira
Léo Baroni
Maithê Bacellar
Malu Leme
Mara Tonini
Monique Idalgo
Wanderley Martins
Wesley Ribeiro

Músicas não autorais:

"Circo – Batatinha"

Músicas Autorais:

"Novo Mundo" – Audrey Marchinie, com melodia de Wanderley Martins

"Libertar" – Audrey Marchinie, com melodia de Wanderley Martins

"A Magia de Ser" – Audrey Marchini, com melodia de Wanderley Martins

"O Circo da Vida" – Audrey Marchini, com melodia de Wanderley Martins

"Adeus ao Circo" – Audrey Marchini, com melodia de Wanderley Martins e Felipe Damasi

Sinopse:

Como uma família circense marcada por tragédias encontra forças dentro de si mesmos e no amor que os une, para viver a Arte que tanto amam. Será possível sobreviver a maldade do mundo e levar a esperança para aqueles que temem por suas vidas?

Classificação Indicativa:

14 anos.

IRRESPEITÁVEL PÚBLICO

Super Tarefa:

Como o coletivo pode unir-se para encontrar novos caminhos de subsistência sem deixar que ideologias extremas os controle e ditem como devem agir e pensar. Nunca existe apenas duas vertentes de enxergar o mundo, e sim infinitas possibilidades, mesmo em meio a inúmeras provações.

Personagens:

Humberto Wolf – O Apresentador (o desertor alemão): de origem no germânico Hunberct, junção dos elementos huni, que significa "gigante, força"; e berth, que quer dizer "brilhante, ilustre, famoso", e significa "brilhante pela força, famoso pela força". No alto-alemão médio, o nome Wolf também era dado a pessoas gananciosas, perigosas ou cruéis.

Nicolau Ariti – O Palhaço (o bêbado apaixonado): de origem grega, Nicolau significa "o que vence com o povo" ou "o que conduz o povo à vitória". Em grego, Ariti significa alguém acessível, amigável ou generoso.

Oscar Williams – O Mágico (o conselheiro): de origem no inglês antigo Oscar significa "lança de Deus", "combatente divino" ou "amante dos cervos". Williams é um nome inglês, cuja origem é germânica, e quer dizer "filho do protetor corajoso" ou "filho do que deseja proteger".

Valentim Fagundo – O Malabarista (o amante idealista): de origem de uma variante antiga em português de Valentino, que tem origem no latim Valentinus, significa "valente, forte, vigoroso, cheio de saúde". Fagundo, do latim facundus, significa "eloquente, que tem facilidade em falar".

Afonso Herrmann – O Vendedor de pipoca (o ex-soldado alemão): de origem no germânico Adalfuns, formado pela união dos elementos adal, que significa "nobre; e funs, que quer dizer "pronto", "inclinado" ou "apto". Tem o sentido de "inclinação nobre" ou "apto para ser nobre". Do alemão Herrmann, é um sobrenome patronímico, que significa "soldado, militar ou guerreiro" derivando os elementos germânicos heri, que significa "exército", e mann, que significa "homem".

Cecília Fiori – A Bailarina (a independente com sérios distúrbios alimentares): os significados relacionados ao nome Cecília evocam sabedoria e música, “guardiã dos músicos”, “cega”. O nome Cecília surgiu a partir do sobrenome de família romana Caecilius, através da palavra em latim, caecus, que significa “cega”. Outro significado da palavra caecus era “sábio”, pois os romanos acreditavam que pessoas com deficiência visual desenvolviam um maior conhecimento filosófico sobre o mundo. O sobrenome Fiori é de origem medieval e vem do latim floris, que significa “flores”.

Anastácia Megalos – A Cigana (a dona do circo): de origem no nome grego Anastásios, de anastasis, que significa “que tem força para ressuscitar”, “ressurreição”. Megalos significa “grande” em grego.

Betina Ariti – A Palhaça (a generosa - irmã de Nicolau): Significa “promessa de Deus”, “voto de Deus” ou “consagrada a Deus”. Betina é hebraico, uma variação de Bete, que por sua vez provêm do nome Elisabete. Em grego, Ariti significa alguém acessível, amigável ou generoso.

Eleonora Bethencourt – A Assistente do Mágico (a sábia): de origem provençal, região sul da França. Surge, portanto, do francês antigo Aliénor, uma variante de Helena. Significa “a reluzente”, “a resplandecente”. Bethencourt vem do norte da França, e indica que era um sobrenome ligado às características de um local específico. O sufixo court quer dizer “jardim”.

Angelina Sabino – A Espectadora (a apaixonada pela vida circense): a origem do nome é o grego Áγγελος, que significa “mensageira”, e que originou a palavra “anjo”. Significa “pequeno anjo” ou “pequena mensageira”. Sabino significa vindo do povo protegido pelo Deus Sabus. Indica uma pessoa independente, que procura agir apenas de acordo com suas próprias idéias.

Megálo Tsírko Meteóron (Grande Circo Meteoro). A história que antecede os acontecimentos da peça:

Foi fundado pelos avós de Anastácia Megalos em janeiro de 1905, na Grécia. A família grega Ariti, que também já era formada por artistas de rua, juntaram-se a eles em maio de 1905. De lá foram para Roma, em dezembro de 1905, e conhecem a família Fiori, que com suas performances de música e dança, juntaram-se ao circo. Em setembro de 1906 retornam a Grécia. Em 1.910 nasce a mãe de Anastácia.

Em 1913 partem para o Império Austro-Húngaro. Em 03 de agosto de 1914 inicia a Primeira Guerra Mundial e eles decidem fugir e retornar a Grécia, que também entra em guerra em 1917, ao lado dos aliados (Inglaterra/França/Rússia). O avô de Anastácia, os bisavôs de Cecília e dos irmãos Ariti morrem na guerra. Em 11 de novembro de 1918 termina a Primeira Guerra Mundial. Um soldado inglês decidiu permanecer com o circo depois da guerra. Foi de sua família que nasceu o inglês Oscar Williams em 1920, na Grécia; neste ano também nascem os pais de Cecília e os pais dos irmãos Ariti. Anastácia Megalos nasce em 1928 na Grécia. Em 1935, também na Grécia, nasce Nicolau Ariti e o circo parte para França, ficando por lá até 1937, onde conhecem o casal Bethencourt (que entram para o circo). Em 1938, na França, nasce a descendente de sangue grego Betina Ariti e o circo parte para a Alemanha. Em 01 de setembro de 1939 começa a Segunda Guerra Mundial. Em 1941 acolhem um desertor da guerra, o ex-soldado alemão Humberto Wolf, nascido em 1923. Em 1942, na Alemanha, nasce a descendente de sangue francês Eleonora Bethencourt e em 1943, também na Alemanha, nasce a descendente de sangue italiano Cecília Fiori. Os avós e pais de Cecília, Eleonora, Nicolau e Betina são presos e levados ao campo de concentração, onde são mortos; a avó e os pais de Anastácia são fuzilados no meio da rua ao tentarem proteger todos de serem levados, em janeiro de 1944. Afonso Herrmann, nascido na Alemanha em 1924, é resgatado quase morto por Anastácia em agosto de 1944; após salvá-la do estupro em mãos de soldados Nazistas, eles se casam em setembro de 1944 para tentarem se proteger contra o horror da guerra e o que poderia ocorrer com todos eles, inclusive os artistas e os filhos do circo. Ao final da guerra tentaram reerguer o circo, com dificuldade, mas com a construção do muro de Berlim em 13 de agosto de 1961 ficaram presos do lado oriental, que era comandado pelo lado comunista da União Soviética. Com medo, conseguiram fugir deixando tudo para trás, pulando o muro em 1962 e entrando no lado ocidental do país.

Decidiram abandonar de vez a Alemanha e rumar a outro país. Queriam ir para a Inglaterra, porém como Afonso e Humberto eram considerados inimigos de guerra após a perda da Alemanha na Segunda Guerra Mundial e deveriam ser presos e sentenciados à forca, acabaram fugindo para o Brasil no final de 1963. No navio conhecem o português Valentim Fagundo, nascido em 1930, que era artista de rua em Portugal, mas decidiu buscar um novo rumo no Brasil.

Acreditaram que mesmo estando bem distantes do país que haviam escolhido inicialmente, estariam salvos de uma nova guerra e recomeçariam naquele país, mas em 1964 inicia o Golpe Militar e os velhos fantasmas da guerra voltam a assombrar a trupe do circo e os ex-soldados alemães.

No Brasil, Angelina Sabino, uma brasileira nascida em 1942, a princípio vive em constante paranoia e vontade de fugir dos padrões que a prendem em uma sociedade com a mente limitada a valores distorcidos e encontra a beleza da arte circense e se apaixona por tudo o que envolve essa nova visão de vida. Decide pedir ajuda a Cigana Anastácia para viver seu novo caminho, juntando-se a trupe em meio a ditadura militar, em 1964.

PRÓLOGO

(O prólogo começa com o Grupo Circense indo de encontro com o público no anfiteatro e cantam a música "Circo").

Todo mundo vai ao circo
Menos eu
Menos eu

Como pagar ingresso se não tenho nada
Fico de fora escutando a gargalhada

A minha vida é um circo
Sou acrobata na raça

Só não posso ser palhaço
Porque vivo sem graça

(Todos os integrantes do circo voltam para o palco e só Afonso permanece na recepção do teatro vendendo suas pipocas. O ano é 1994 - ele já está com seus 70 anos, sendo o primeiro anfitrião para o espetáculo que virá a seguir).

AFONSO HERRMANN (O VENDEDOR DE PIPOCA (EX-SOLDADO ALEMÃO)): Pipoca! Olha a pipoca! Ah...que noite mais linda, vocês estão animados para o espetáculo dessa noite?! *(Fala quase que para si mesmo e ri, lembrando os velhos tempos):* Quando eu era novo, acabei me tornando parte de uma trupe como a de hoje, mas o tempo passa tão rápido, não é mesmo?! *(Fica pensativo e melancólico):* Eram tempos tão difíceis naquela época, enfrentávamos todos os tipos de atrocidades, mas às vezes a maior delas vinham de nós mesmos: às vezes por medo, às vezes por raiva e algumas até por ciúmes, mas mesmo assim, aquele grupo... Ah, jamais esquecerei enquanto eu viver, o quão apaixonados pela vida e tudo o que eles queriam mostrar ao mundo. Que caminho teríamos seguido se nada daquilo tivesse acontecido?! *(Continua triste e pensativo, antes de voltar seus pensamentos à realidade):* Perdoem esse pobre velho falante... *(sorri de forma desajeitada):* Venham comigo!

(Abre a porta do teatro e faz sinal para que o público o siga; ele sobe no palco enquanto o público se acomoda e os artistas circenses estão em pose no palco).

AFONSO HERRMANN (O VENDEDOR DE PIPOCA (EX-SOLDADO ALEMÃO)): Desejo a todos uma grande noite!

PRIMEIRO ATO

CENA 1

(A luz continua focando apenas em Afonso, mas Oscar começa a se aproximar dele e conta uma breve história da trupe).

UNIDADE 1.1 – Uma breve história do Circo Meteoro:

OSCAR WILLIAMS: Afonso, o que aconteceu com você? Todo acabado, parece um velho de 70 anos!

AFONSO HERRMANN (CONFUSO): Oscar?! *(Ainda confuso e fala com o público):* Mas...eu estou com 70 anos...não estou?! Nós estamos em 1994, não estamos?!

OSCAR WILLIAMS (OLHA PARA SEU RELÓGIO): Você deveria ir se arrumar, logo estaremos chegando no Brasil e, que eu me lembre, você não gosta de atrasos!

AFONSO HERRMANN (ASSUSTADO): Mas nós chegamos no Brasil no final de 1963...

OSCAR WILLIAMS: Mas isso é óbvio, o que está acontecendo com você hoje, hein?! Acho que você não teria sido um bom marujo no exército! *(Ri da própria piada)*.

AFONSO HERRMANN (ASSUSTADO): Eu devo estar sonhando de novo... *(sai correndo)*.

OSCAR WILLIAMS: Não liguem não, o Afonso sempre foi meio esquisito mesmo, deve ter sido a formação dele: nasceu em 1924, em uma família de soldados alemães condecorados e muito rígida, e foi obrigado a tornar-se soldado. Diz ele que depois que nos conheceu, tudo mudou, mas a personalidade dele sempre em altos e baixos!... Bom, vamos para o que interessa... Meu nome é Oscar Williams, nasci em 1920, na Grécia, após a Primeira Guerra Mundial, quando meu pai, um soldado inglês, decidiu juntar-se ao Circo quando se apaixonou por minha mãe e mesmo hoje sem eles, permaneci nesta família que me acolheu e sou O Grande Mágico. E agora, com vocês, a minha maravilhosa assistente - Eleonora!

(Eleonora se aproxima com as placas de datas, Oscar abraça-a, ela se afasta, se apresenta e sempre move as plaquinhas conforme o integrante e a data correspondente).

ELEONORA BETHENCOURT: Oi pessoal, eu sou a Eleonora Bethencourt e sou filha de artistas franceses que juntaram-se a este Circo em 1937, mas nasci na Alemanha em 1942, já sendo dessa grande família Circense, mas infelizmente meus pais foram levados por soldados Nazistas para os Campos de Concentração e não sobreviveram!

OSCAR WILLIAMS: Nada de histórias tristes por aqui, não é mesmo! *(Dá uma leve bronca em Eleonora, que se desculpa)*. Agora apresento a vocês a nossa cigana e dona do circo. Anastácia, por favor se apresente!

(Oscar e Eleonora se aproximam de Anastácia).

ANASTÁCIA MEGALOS: Eu sou a Anastácia Megalos, nascida na Grécia em 1928 e percorri toda a Europa com minha família devido a nossa vida no Circo. A maior parte de nós perdeu entes queridos na Alemanha, na Segunda Guerra Mundial. Nós percorremos um longo caminho de sofrimento *(Oscar começa a fazer sinal de negação para ela não continuar a história triste)* até podermos estar logo mais na grande terra prometida! *(Faz uma mesura e sai de cena)*.

(Oscar e Eleonora se aproximam de Cecília).

OSCAR WILLIAMS: Agora, com vocês, a nossa Bailarina!

CECÍLIA FIORI: Eu sou a Cecília Fiori, bisneta de artistas italianos. Meus bisavós juntaram-se ao circo em 1905, quando os conheceram em uma temporada em Roma. E de geração em geração, aqui estou eu - A Bailarina sangue italiano e alemã de nascença! Oscar, você acha que devo contar que meu bisavô morreu na Primeira Guerra Mundial e os meus avós e pais também foram levados para os Campos de Concentração na Segunda Guerra?!

OSCAR WILLIAMS: Não! Já chega de tragédia, menina...vai se arrumar, que estamos quase chegando!

(Cecília faz uma mesura e sai. Oscar e Eleonora se aproximam de Betina e Nicolau).

OSCAR WILLIAMS: Agora, com vocês, os irmãos Ariti!

BETINA ARITI: Oi, eu sou a Betina, e apesar de ser de sangue grego, nasci na França, em 1938!

NICOLAU ARITI: E eu sou o Nicolau e nasci na Grécia em... Eleonora, cadê a minha data de nascimento?

ELEONORA BETHENCOURT: Calma, é muito número, estou procurando... Pronto, achei!

(Mostra a placa correta com a a data de 1935).

NICOLAU ARITI: Ah, é isso mesmo, 1935...tinha me esquecido!

BETINA ARITI: Como sempre, o irmãozão dando trabalho...mas eu vou explicar como nos juntamos a essa bagunça aqui...

NICOLAU ARITI: Não! Eu que vou falar, eu sou o mais velho!

OSCAR WILLIAMS (IRRITADO): Fala logo!

(Betina bate na cabeça de Nicolau com as placas).

NICOLAU ARITI: Está bem...vai... primeiro as damas! *(Faz careta para Betina).*

BETINA ARITI: Nós, orgulhosamente, somos netos e filhos de palhaços e aprendemos nosso ofício desde pequenos, mesmo que tenha sido bem pequenos mesmo, já que todos morreram na guerra, não é, irmãozão?! *(Betina cutuca Nicolau).*

NICOLAU ARITI: Exatamente... nossos bisavós foram os primeiros a juntarem-se ao Circo e,... que ano foi mesmo que está anotado aí Eleonora?!

ELEONORA BETHENCOURT: Foi em 1905!

BETINA ARITI: Isso, na Grécia antes de viajarem para Itália e conhecerem os bisavós da Cecília!

NICOLAU ARITI: E também...

OSCAR WILLIAMS (IRRITADO): E também mais nada... vão arrumar suas bagunças, que logo iremos desembarcar!

(Os irmãos Ariti saem correndo. Oscar e Eleonora se aproximam de Humberto).

OSCAR WILLIAMS: Todo Circo precisa de um apresentador, então, com vocês, Humberto! *(Humberto faz medidas e sinais de agradecimento).*

HUMBERTO WOLF (SE RECOMPONDO): É um prazer estar diante de todos vocês e poder partilhar um pouco de minha experiência de vida... nasci na fria Alemanha, em 1923, e por fortes influências familiares, fui obrigado a juntar-me ao exército alemão na Segunda Guerra Mundial. Mas tal foi a minha bravura, que quando conheci o Circo sabia onde deveria estar e não pensei duas vezes: segui minha vocação e hoje estamos prestes a chegar neste belo país!

(Humberto faz suas últimas medidas e sai de cena. Oscar e Eleonora se aproximam de Valentim).

OSCAR WILLIAMS: Nos conhecemos há pouco tempo, mas já tornou-se parte de nossa família... com vocês, Valentim!

VALENTIM FAGUNDO: Que momento magnífico é estar próximo de desembarcar nestas terras... nasci em 1930 e sou filho de artistas de rua na boa e velha cidade de Lisboa. E agora estou aqui, rumo a novos caminhos!

(Valentim sai sorridente. Oscar e Eleonora ficam mais próximos da frente do palco. Eleonora exhibe a placa com a data de 1963).

OSCAR WILLIAMS: E com a mágica que só a nossa imaginação pode fazer, nossa família finalmente desembarca em setembro de 1963! Aproveitem o Espetáculo a seguir!

(Oscar e Eleonora fazem uma mesura e saem de cena. Angelina entra e se apresenta).

ANGELINA SABINO: Meu Deus, eu não acredito! É verdade mesmo... *(olha sentido onde o grupo Circense saiu):* O circo chegou... Eu sou completamente apaixonada pela Arte circense... *(finalmente olha para frente e se movimenta como se estivesse se apresentando para o público).* Olá, eu me chamo Angelina Sabino e nasci em 1942. Meus pais são judeus que escaparam da morte na Segunda Guerra Mundial e vieram para este país, mas eles mantêm nossas tradições de forma firme e rigorosa...

(Angelina escuta o grupo Circense entrando e deixa eles passarem por ela; enquanto eles cantam, ela se empolga e junta-se a eles, toda feliz).

UNIDADE 1.2 – A Chegada a uma nova cidade:

(Os artistas circenses entram em cena explorando o lugar, cantando a Música: "Novo Mundo", enquanto fazem seus números circenses com ar de esperança renovado):

TODOS:

Tudo foi deixado pra trás
Olhe o que está diante de você
Seus sonhos se aproximam
Onde tudo é mais vivo

E essa energia toma conta de você
Estamos onde deveríamos estar
Eu posso ver
Bem aqui na nossa frente

Um novo mundo
Uma nova realidade
Onde não há escuridão

Um novo mundo
Uma nova realidade
Juntos à essa canção

(Ao final da música, Angelina sai do palco pela plateia).

UNIDADE 1.3 – "Descobrimdo" o Brasil:

(Afonso Herrmann, com uniforme militar, sai de sua pose final da música, olha para sua vestimenta, se arruma e assume sua postura de soldado).

AFONSO HERRMANN: Que bagunça é essa aqui?! Mal saíram do navio e já estão arrumando confusão.

CECÍLIA FIORI: Desculpa tio, mas é que estamos muito animados... não é sempre que pisamos em um país com uma mulher como rainha, finalmente uma mulher toma o poder para si, é disso que o mundo precisa!

AFONSO HERRMANN: Eu não sou seu tio.

(Afonso Herrmann sai de perto de Cecília, que faz careta para ele quando se vira de costas para ela e vai até Anastácia, Oscar e Humberto, que estão arrumando onde ficará o novo circo).

VALENTIM FAGUNDO (CONFUSO): Rainha?!?

ELEONORA BETHENCOURT: Você não conhece a Rainha Elizabeth II?!

VALENTIM FAGUNDO: Conheço, mas o que ela tem a ver com o Brasil?!

BETINA ARITI: Brasil?!

VALENTIM FAGUNDO: Sim, o país que nós estamos se chama Brasil e não é governado por nenhuma Rainha, muito menos a Rainha Elizabeth II. *(Ele ri da cara das garotas com a confusão).*

NICOLAU ARITI: Tadinho, acho que as ondas do mar fizeram mal a ele...faz assim...me diz qual é o seu nome completo?

VALENTIM FAGUNDO: Valentim Fagundo.

NICOLAU ARITI: Ah...bom...essa eu não saberia dizer se você acertou, porque eu não sei seu nome completo...

BETINA ARITI: Ah, deixa comigo, irmãozão... você também faz pergunta que não sabe a resposta... vamos lá... agora é comigo...quanto é 1964 menos 1928?!

VALENTIM FAGUNDO: É 36!

BETINA ARITI - A verdade é que eu nunca fui muito boa em matemática...

(Nicolau puxa o cabelo de Betina, que revida com um beliscão).

NICOLAU ARITI: Sua burra... depois fala de mim, né...

ELEONORA BETHENCOURT: Ah, já vão começar esses dois...

(Os irmãos Ariti já estão rolando no chão quando Anastácia se aproxima para apartar a briga).

UNIDADE 1.4 - Apartando mais uma briga dos Ariti:

ANASTÁCIA MEGALOS: Eu posso saber o que é que está acontecendo aqui?!

(Cecília, Eleonora, Nicolau e Betina começam a atropelar as palavras uns dos outros para explicarem a confusão causada pela informação de Valentim. Anastácia olha para Valentim confusa e decide puxar as orelhas de Nicolau e Betina, que param de falar imediatamente).

ANASTÁCIA MEGALOS (GRITA): Chega! Agora que os ânimos estão mais calmos, eu posso saber que confusão é essa aqui?

CECÍLIA FIORI: É que estávamos comentando como é legal estar num país onde existe uma mulher como rainha, mas aí o Valentim disse que aqui é o Brasil e que não tem nenhuma mulher no poder.

BETINA ARITI: Foi então que achamos que ele pudesse ter ficado doente na viagem e decidimos interrogá-lo.

UNIDADE 1.5 – Bem longe da Europa:

CECÍLIA FIORI: É verdade que aqui não tem rainha?

HUMBERTO WOLF: Houve um pequeno problema quando estávamos no porto para partir para Inglaterra, então o melhor caminho foi vir para novos ares, bem longe do domínio Europeu!

BETINA ARITI (CURIOSA): Que tipo de problema?!

AFONSO HERRMANN: Não é da conta de gente intrometida.

OSCAR WILLIAMS: O que importa não é o porquê, e sim observarmos a beleza dessa terra! Vamos, meus queridos... temos muito trabalho pela frente, temos que levar arte pra esse belo povo!

VALENTIM FAGUNDO: Acredito que foi o destino que os trouxeram até aqui.

(Valentim olha intensamente para Anastácia, que desvia o olhar quando Nicolau chama sua atenção).

NICOLAU ARITI: Anastácia...hei...Anastácia...será que você poderia soltar a nossa orelha agora, está começando a ficar dormente!

(Anastácia finalmente voltando a si após a troca de olhares com Valentim).

ANASTÁCIA MEGALOS: Ah... espero que assim vocês aprendam a parar de brigar!

AFONSO HERRMANN: Agora vão trabalhar que essa noite tem estreia!

*(Cecília, Eleonora, Humberto, Oscar, Valentim, Nicolau e Betina continuam arrumando o palco. Afonso puxa Anastácia pelo braço
-----+++++
.mais para frente do palco).*

AFONSO HERRMANN: Espero que você não diga nada para eles o porque não podíamos continuar na Europa.

ANASTÁCIA MEGALOS (IRÔNICA): Como se eles fossem burros para não descobrirem por si mesmos!

AFONSO HERRMANN (MAIS AGRESSIVO): Seu eu caísse, o Humberto também cairia! E como você preza tanto por seus artistas, acredito que você não gostaria que isso acontecesse, não é mesmo?!

ANASTÁCIA MEGALOS: Se você tem tanto medo que eles descubram que você era um dos soldados alemães que ajudavam a capturar e matar pessoas como, por exemplo, os nossos pais, talvez você deveria parar de usar esse uniforme ridículo!

UNIDADE 1.6 – Cumplicidade entre amigos:

(Afonso puxa Anastácia com mais força pelos dois braços, mas Valentim e Oscar correm e os separam. Todos os outros ficam paralisados observando a cena).

OSCAR WILLIAMS: O espetáculo está prestes a começar e acredito que vocês não queiram que o público os vejam assim?!

(Afonso fumina-os e sai pisando firme).

VALENTIM FAGUNDO (PARA ANASTÁCIA): Você está bem?

ANASTÁCIA MEGALOS: Sim, vamos... temos um show para apresentar.

(Anastácia olha para seu amigo Oscar, que entende o recado e imediatamente dá ordens para que todos vão se arrumar).

OSCAR WILLIAMS: Vamos...está na hora!

(Cecília, Eleonora, Nicolau e Betina saem correndo do palco. Oscar sai atrás gritando ordens para que todos se organizem. Valentim ajuda Anastácia a sair do palco).

CENA 2

(Quando finalmente eles saem do palco, as luzes se apagam e fica apenas uma luz focal em Humberto.)

UNIDADE 1.7 – Hora do show:

HUMBERTO WOLF: Boa noite, senhoras e senhores ou para quem não é muito velho ou se considera jovem... meninos e meninas ou para você que não tem identificação de gênero, mas também para aqueles que têm. Ah...e para todos que tem cachorro ou para os que só tem gatos, mas para aqueles que têm os dois... ahh e quem não tem também ou tem outros animais. Ah, e se você não considera que é noite e, sim, fim de tarde... Boa tarde! É um prazer estar aqui com vocês. Nós somos o Megálo Tsírko Meteóron!!

(Valentim entra e sussurra o nome do circo em português para o apresentador Humberto, depois Valentim sai do palco correndo de novo).

HUMBERTO WOLF: Ahh...me desculpem, ainda estou me acostumando ao idioma! Agora sim, sejam muito bem-vindos ao Grande Circo Meteoro!! Esta noite veremos artistas impressionantes neste palco, espero que estejam preparados!

(Os artistas entram e fazem números circenses. Angelina, que apreciava o espetáculo da plateia, entra no palco e todos dançam e cantam a música: "Libertar"):

TODOS:

De país em país
De cidade em cidade
Fui levando a minha arte

A lugares sem ninguém me deter
Eles nunca poderão me vencer
Pois eu sou livre para sonhar

Sonhos que me fazem voar
Dentro de corações a libertar

Sonhos que me fazem voar
Dentro de corações a libertar

(Os artistas param em uma pose, as luzes ao redor deles diminuem e foca uma luz apenas no apresentador Humberto):

HUMBERTO WOLF: Ah, que espetáculo incrível, que noite maravilhosa... mas tudo que é bom, uma hora chega ao fim só para nos dar a sensação de quero mais, portanto voltem na próxima exibição, pois aqui cada noite é única e os espetáculos também!!

ANGELINA SABINO (EMPOLGADA): Bravo! Bravíssimo! Foi realmente incrível!

(Humberto faz medidas à moça até que ela saia. Angelina sai do palco pela plateia, muito feliz pelo espetáculo).

UNIDADE 1.8 – Fim de show:

(As luzes voltam a iluminar todo o palco, os artistas saem de suas poses. Alguns se jogam no chão cansados, outros resmungam que o outro errou a letra da música ou entrada no passo de dança).

HUMBERTO WOLF: Pessoal, vocês tem que se dedicar mais, porque eu sozinho não posso levantar o show inteiro... só espero que amanhã vocês façam melhor!

(Os artistas começam a implicar uns com os outros. Afonso puxa Anastácia).

AFONSO HERRMANN: Minha parte, onde está?

(Anastácia o olha com irritação, mas tira o dinheiro, separa uma pequena parte e entrega a Afonso).

ANASTÁCIA MEGALOS: Aqui está a sua parte de hoje.

(Afonso conta o pouco dinheiro com indignação. Os outros artistas ficam observando).

AFONSO HERRMANN: Só isso! Não sei porque fui me casar com uma imprestável artista de circo.

ANASTÁCIA MEGALOS: Quero te lembrar que esse foi apenas o primeiro dia de espetáculo desde que chegamos e não se esqueça que além de artista eu sou a dona deste circo e que você adora receber, mesmo que só o pouco que corresponde a sua parte do que arrecadamos neste lugar cheio de "imprestáveis"!

(Oscar e Valentim empurram os outros artistas para saírem do palco. Eles saem com protestos silenciosos, pois queriam permanecer assistindo a briga).

AFONSO HERRMANN: E você adora encher a boca para falar que é dona disso aqui, mas não se esqueça que graças a ter se casado comigo, você pode dizer que ainda é dona desse pulgueiro e pôde proteger esse bando de inútil da guerra!

ANASTÁCIA MEGALOS: E você se casou comigo para fugir dela... não se esqueça, meu querido, que quem salvou sua vida quando estava na beira da morte nas mãos de seus próprios companheiros, fomos nós, porque você não era mais capaz de aguentar os horrores de uma guerra da qual você só era mais um capacho na mão de pessoas que acreditam que merecem obter todo o poder para si. E se você é um covarde, a culpa não é nossa!

(Afonso ergue a mão em ameaça de bater em Anastácia, Oscar segura Afonso e Valentim puxa Anastácia).

AFONSO HERRMANN (GRITA): Ninguém toca em mim...eu saio por conta própria!

(Afonso sai de cena, furioso. Valentim afasta Anastácia).

OSCAR WILLIAMS: Você está bem?

ANASTÁCIA MEGALOS: Eu vou ver como os outros estão, com certeza ficaram nervosos, sabe como eles ficam quando brigamos.

(Oscar as sente e vê sua amiga saindo do palco).

UNIDADE 1.9 – O questionamento de Valentim:

VALENTIM FAGUNDO: Por que ela se casou com um homem como ele?

OSCAR WILLIAMS: Porque antes de pensar em si mesma, ela pensa no legado de sua família. Eles eram mais do que só donos desse circo, eram pessoas que acolhiam os desajeitados como nós e dava emprego, um novo ofício, um verdadeiro significado para nossas vidas e um lar... para eles, todos nós éramos uma só família... ela cresceu com essa visão de mundo. Com a guerra, tivemos que fugir e abandonar tudo o que tínhamos, muitos de nós não sobreviveram, mataram sua família na frente dela. Ela escapou por pouco, e ela nos manteve unidos e fez de tudo para que sobrevivêssemos. Ela manteve a esperança de que um dia as coisas mudariam e estaríamos de novo vivendo a glória de nossa arte e a magia do circo seria restaurada.

E aquele homem faz parte disso, ele era apenas um soldado, mais um dos muitos que sofreram com a lavagem cerebral que fizeram com eles sobre quem merecia viver ou não, mas um dia, sem sabermos o porquê, ele foi encurralado, atiraram nele e largaram seu corpo à sorte no meio da estrada... ela o socorreu mesmo sabendo que ele significava todo o horror que estávamos vivendo. Ela cuidou dele e quando ele acordou, percebeu que as aberrações, na verdade, foram os únicos que se importaram com sua vida. Ele propôs que eles se casassem. Assim, como esposa de um militar, ela e todos nós conseguiríamos passar despercebidos. Enquanto ele viveria como um ex-soldado incapaz de lutar devido aos seus ferimentos de guerra.

VALENTIM FAGUNDO: Então ela não o ama?!

OSCAR WILLIAMS: Pode acreditar meu jovem, que o primeiro amor dela é e sempre será o circo e suas aberrações... afinal de contas, somos uma família!

CENA 3

(Cecília, Eleonora, Humberto, Nicolau e Betina entram em cena conversando alto. Valentim sai de cena reflexivo e Oscar junta-se ao grupo).

UNIDADE 1.10 – Saidinha:

OSCAR WILLIAMS: Onde vocês estão indo a essa hora?!

CECÍLIA FIORI: Conhecer melhor a cidade, precisamos atrair mais espectadores!

HUMBERTO WOLF: Espectadores ou namorados?

CECÍLIA FIORI: Eu não vejo diferença, o que importa é lotar a plateia e se para isso preciso exibir minha beleza pela cidade, por que não?!

BETINA ARITI: Ah, eu também quero conhecer a cidade...
(cutuca e cochicha com Cecília): dizem que os brasileiros são muito bonitos!!

(Betina dá uma risadinha e Cecília revira os olhos).

CECÍLIA FIORI: Eleonora, você vem, não é?!

ELEONORA BETHENCOURT: Não sei, ao contrário da Betina, não estou tão empolgada para conhecer os homens ainda!

CECÍLIA FIORI: Isso é ótimo, porque assim ficamos juntas e não deixamos a Betina fazer besteira. Você não vai me deixar com esse trabalho sozinha, não é?! Ah... e olha como estamos bonitas, magras e nosso look merece ser visto! Vamos... por favor!!

(Cecília faz graça para convencer Eleonora que acaba cedendo).

ELEONORA BETHENCOURT (RINDO): Tudo bem Cecília... você sempre consegue o que quer, não é mesmo?!

CECÍLIA FIORI: E a graça da vida é essa!! *(Dá risada).*

HUMBERTO WOLF: E você, Nicolau, vai aonde?

NICOLAU ARITI: Já que as meninas vão sair para ficar de olho na Betina, eu vou para ficar de olho na Cecília!

CECÍLIA FIORI: Eu já te disse que não gosto de guarda-costas, sei me cuidar muito bem sozinha!

(Nicolau fica chateado).

OSCAR WILLIAMS: Cecília, vocês não vão poder sair se não forem acompanhadas de, pelo menos, um homem!

CECÍLIA FIORI: Mas Oscar, ele vai ficar no meu pé a noite toda e eu gosto de liberdade!

OSCAR WILLIAMS: Você quer que eu fale para o Afonso que três meninas querem sair sozinhas em um país ainda desconhecido?!

CECÍLIA FIORI: Poxa... não precisava apelar também! *(Puxa o braço de Nicolau):* Vamos logo, antes que eu mude de ideia e decida não sair mais!

(Nicolau comemora e sai saltitante. Eles começam a sair do palco).

HUMBERTO WOLF: Espera, eu vou com vocês... não posso deixar a responsabilidade das donzelas para o Nicolau!

BETINA ARITI: Nossa, que cafona chamar a gente de donzela!!

(As meninas saem rindo de Humberto, que revira os olhos para elas).

UNIDADE 1.11 - Afonso, o novo coordenador de ensaios:

(Afonso entra em cena e encontra Oscar sozinho. Oscar percebe a presença de Afonso e já fica em alerta).

OSCAR WILLIAMS: Ah, já vem ele! *(Revirando os olhos).*

AFONSO HERRMANN: Posso saber onde aquele grupinho foi, que não encontro nenhum deles? Preciso repassar os erros dessa noite e montar as estratégias de ensaio de amanhã.

OSCAR WILLIAMS (IRÔNICO): Que eu saiba, a pessoa encarregada dos ensaios é a dona do circo, e pelo o que eu vejo você não é a Anastácia. A não ser que vocês tenham trocado de corpo, o que seria assustador!

AFONSO HERRMANN: Você se acha o dono da razão, mas cuidado para não cair desse seu pedestal. E a Anastácia me pediu para interagir mais com os afazeres do circo e o melhor cargo só poderia ser de manter a disciplina, a ordem e o progresso. Portanto, amanhã vocês estarão sob o meu comando!

(Afonso sorri com satisfação da reação de Oscar, que fica irritado).

OSCAR WILLIAMS: Com licença, preciso me retirar para não vomitar. Tenha uma boa noite!

AFONSO HERRMANN: Te espero amanhã, no meu ensaio, às 05 horas da manhã!

(Oscar Williams sai irritado do palco).

UNIDADE 1.12 - As maldosas implicâncias de Afonso:

(Afonso implica com o grupo que voltava da saidinha).

AFONSO HERRMANN: Isso é hora de estar na rua?

NICOLAU ARITI (BÊBADO): Relaxa um pouco, você é muito tenso! *(em um movimento involuntário, bagunça o cabelo de Afonso e ri do resultado):* Pronto! Assim ficou bem melhor... você devia adotar esse penteado...

(Nicolau fica contemplando a "obra de arte" que fez com o cabelo de Afonso. Todos tentam segurar a risada. Afonso explode e pega Nicolau pelo colarinho, assustando o grupo).

AFONSO HERRMANN: Seu bêbado idiota, nunca mais encoste a mão em mim!

(Solta Nicolau, que cai ao chão. Betina abraça o irmão).

AFONSO HERRMANN: E as senhoritas, ou melhor, as vagabundas foram aonde vestidas desse jeito?!

ELEONORA BETHENCOURT (COCHICHA ALTO PARA CECÍLIA): Que eu saiba o único vagabundo que não faz nada e ainda ganha dinheiro a nossas custas e da Anastácia, não somos nós!

AFONSO HERRMANN: O que foi que você disse? Repete, já que é tão corajosa!

(Eleonora faz menção de repetir, mas Humberto abraça a garota e fala por todos):

HUMBERTO WOLF: Afonso, ~~estávamos apenas~~ entregando panfletos do circo, já que acredito que você, como todos nós, precisa de uma plateia maior para ganharmos mais dinheiro. Acredito que temos que nos encontrar com o povo. A propaganda é a alma do negócio... pelo menos é o que disse alguém por aí!

AFONSO HERRMANN: Continuem fazendo propagandas vestidas desse jeito e o público vai achar que estamos abrindo um cabaré, e não um circo. Mulher decente não usa esse tipo de roupa!

BETINA ARITI: A decência de uma mulher não se mede pelo tamanho da roupa que ela veste, e sim pelo caráter dela. E ao contrário do que você pensa, aqui nós temos de sobra o que vejo faltar em algumas pessoas.

AFONSO HERRMANN: Vocês me devem respeito, se eu quiser coloco vocês na rua, quero ver quanto tempo aguentam passando fome e pedindo esmola, você com certeza iria acabar no bordel se prostituindo! (Fala apontando o dedo para Cecília).

CECÍLIA FIORI: Eu visto o que eu quiser, você não é ninguém para dizer o que eu devo fazer... respeito se conquista não através do medo e sim do exemplo. E você passa longe de ser modelo a ser seguido!

(Afonso se aproxima de Cecília e sussurra):

AFONSO HERRMANN: Tenho que admitir que pelo menos você tem coragem!

CECÍLIA FIORI (OLHA CONFUSA): O que você quer dizer com isso?

AFONSO HERRMANN: Pelo menos você não se importa que vejam quão gorda você fica nessas roupas de prostituta e que mal consegue sustentar o próprio peso em um simples passo de ballet. E de tanto dormir tarde devido suas noitadas, já está aparecendo rugas... logo, logo teremos que te anunciar como: A Bailarina Anciã - a maior orca do circo. *(Ri ironicamente de sua própria piada)*. Coragem, porque vergonha, realmente, não tem nenhuma. Humberto, você como o único ser pensante neste grupo, espero que tome conta dessa bagunça e amanhã vocês pagarão por ter me feito ficar acordado após o toque de recolher. *(Sai de cena)*.

(Cecília fica completamente boquiaberta e não consegue mais se defender. Eleonora, que estava incomodada com o abraço de Humberto, finalmente consegue se desvencilhar dele e se aproxima de Cecília, preocupada. Humberto e Betina conseguem levantar Nicolau, que quase pegava no sono devido a bebida e a queda).

HUMBERTO WOLF: Vamos dormir, com certeza ele vai nos acordar 5hs da manhã só para se vingar. E o Nicolau já está pesado demais!

ELEONORA BETHENCOURT: Já estamos indo!

(Humberto e Betina apoiam Nicolau até saírem de cena. Eleonora fala com Cecília).

UNIDADE 1.13 – Estarei sempre ao seu lado:

ELEONORA BETHENCOURT: O que foi que ele te disse, Cecília? Você ficou pálida na mesma hora...ele te ameaçou? Eu vou chamar a Anastácia agora mesmo.

CECÍLIA FIORI: Não! Não quero que chame ninguém. Anastácia já suporta coisa demais desse homem para falarmos mais uma bobagem para ela.

ELEONORA BETHENCOURT: Mas Cecília, olha como você está... você está tensa e triste. Odeio te ver assim, normalmente você é uma luz tão vibrante que faz com que todas as pessoas queiram estar a sua volta.

(Eleonora fica envergonhada quando vê que Cecília a encara com um meio sorriso nos lábios).

CECÍLIA FIORI: Obrigada, Eleonora, você é uma das poucas pessoas que eu sinto que realmente posso confiar.

ELEONORA BETHENCOURT: Eu também me sinto assim perto de você, sinto que posso ser eu mesma com você.

CECÍLIA FIORI: É difícil, não é?!

ELEONORA BETHENCOURT: O que?

CECÍLIA FIORI: Tentar ser sempre o que os outros esperam de nós e não o que realmente somos.

(As duas ficam lado a lado olhando para frente em silêncio e, aos poucos, suas mãos vão se tocando suavemente. Quando elas estão quase de mãos dadas, Cecília se afasta abruptamente).

CECÍLIA FIORI: Eleonora, você poderia me deixar sozinha, eu queria um momento só meu!

(Eleonora está com os braços inquietos, uma hora cruza e outra descruza).

ELEONORA BETHENCOURT: Claro, Cecília! Mas... se precisar de algo, saiba que eu estarei aqui contigo sempre...

(Eleonora quase se aproxima de Cecília, mas decidiu recuar e sai de cena).

UNIDADE 1.14 – As inseguranças de Cecília:

(Cecília começa a tocar sua barriga, pega um espelhinho da bolsa, se olha por alguns instantes e começa a ficar desesperada e enjoada).

CECÍLIA FIORI: Não é possível, eu tô com rugas mesmo. Eu engordei, falei que só estava comendo muito porque passei a viagem toda de navio enjoada, mas a verdade é que me olhar no espelho só reforça que eu não sou boa o bastante, não sou magra o suficiente, não sou bonita o suficiente, não sou talentosa o suficiente... então o que eu sou?! Eu sou uma fraude, digo que as pessoas devem se aceitar e se amar, mas como, se eu não sou capaz disso?! Eu falo que aparência não é tudo, mas se falam qualquer coisa sobre, eu entro em pânico e a primeira coisa que faço é ajoelhar e colocar tudo o que eu comi no dia para fora. Me sinto fraca, me sinto vulnerável, mas eu rejeito as pessoas que me tratam com ternura e eu não sei bem porque faço isso... O Nicolau é um bom rapaz, eu deveria gostar dele, mas não consigo... sinto algo dentro de mim, um turbilhão que eu não sei explicar... o que eu faço? Eu me sinto tão perdida...

(Cecília se ajoelha e quando vai forçar o vômito, Betina Ariti entra em cena).

UNIDADE 1.15 – Qual é o segredo de Afonso?:

BETINA ARITI: Cecília...o que você está fazendo aqui ainda?!

(Cecília se assusta e olha para a amiga).

CECÍLIA FIORI: Eu não estava conseguindo dormir. Mesmo que eu não queira admitir, o Afonso tem esse poder de me deixar com insônia e insegura.

BETINA ARITI: Essa é uma péssima combinação! Mas hoje ele estava mais nervoso do que nunca... será que foi sobre aquele assunto da Inglaterra? Ele perdeu completamente o controle depois disso.

CECÍLIA FIORI: Acho que ele não ficaria tão bravo por não poder conhecer a rainha.

BETINA ARITI ,(RINDO): Ah Cecília, depois eu que sou a palhaça do circo!

CECÍLIA FIORI: Ah, Betina deixa de ser má...(empurra Betina): me conta o que você ouviu, agora fiquei curiosa!!

(Betina faz menção de começar a contar, mas Anastácia entra em cena e interrompe as amigas).

UNIDADE 1.16 - Pegas no flagra:

ANASTÁCIA MEGALOS: Então não sou só eu que não consigo dormir ou ainda estão falando sobre a noitada afora?

(As amigas, pegas de surpresa, olham para Anastácia e tentam justificar o motivo por terem saído).

BETINA ARITI: Ah... oi, Anastácia... é... nós... você está brava?! Poxa, você parece um pouco brava. Eu disse que não devíamos ter saído sem a permissão dela.

CECÍLIA FIORI: Ah, que mentira Betina, você foi a primeira a concordar, porque estava louquinha para conhecer os rapazes brasileiros!

(Betina empurra Cecília).

BETINA ARITI: Pelo menos não foi por minha culpa que o irmãozão resolveu afogar as mágoas na cachaça e sair trançando as pernas até sermos expulsos do bar.

(Cecília arregala os olhos e tenta fazer sinal de silêncio para que Betina pare de contar as coisas, mas a moça não consegue parar).

BETINA ARITI: Mas também, pobre do meu irmãozão... você é muito má com ele, vive esnobando, dizendo que está muito ocupada com os ensaios, mas eu sei que você vive escapando dos ensaios para paquerar os espectadores que assistem o espetáculo na noite anterior e toda hora eu tenho que ficar arranando desculpas para ele não se sentir inferior a você e hoje de novo você disse que ia dançar com ele, mas foi dançar com o barman e aí ele encheu a cara e vomitou na camisa do barman... Ah... que briga horrível... por sorte o Humberto estava lá e nos tirou a tempo...

(Cecília já pálida e desesperada com a confissão toda do que aprontaram na noite, puxa o cabelo de Betina. Betina grita de dor e também puxa o cabelo de Cecília e começam a brigar. Eleonora entra correndo, assustada com a gritaria).

ELEONORA BETHENCOURT: Minha nossa... o que está acontecendo aqui Anastácia?! Você não vai fazer nada?

(Anastácia começa a rir das meninas. Quando elas ouvem, param a briga e a olham sem entender o que está acontecendo).

ELEONORA BETHENCOURT: Por que você está rindo?

ANASTÁCIA MEGALOS : Ah... porque eu não sei se fico lisonjeada ou brava por essas duas bobas terem tanto medo de mim e acabaram contando tudo o que TODOS vocês aprontaram essa noite e eu não precisei perguntar nada!

(Eleonora arregala os olhos e fica encarando as duas boquiaberta).

CECÍLIAFIORI (CONSTRANGIDA E ENVERGONHADA): Ah... Eleonora não me olha assim por favor... foi essa linguaruda da Betina que contou tudo e não cumpriu com o nosso pacto de silêncio...

BETINA ARITI: Mas eu não posso evitar, toda vez que a Anastácia olha para nós com aquele olhar de quem sabe das coisas, eu acho *(fala com um tom mais baixo com medo)*... que os tais espíritos já contaram tudo para ela e se não contarmos ela vai mandar eles puxarem nossos pés quando estivermos dormindo... Deus me livre, morro de medo de assombração!

(Betina começa a fazer o sinal da cruz várias vezes, com medo. Cecília, Eleonora e Anastácia riem dela).

ANASTÁCIA MEGALOS: Quanta besteira... mas mudando de assunto... vocês já deviam estar na cama, amanhã o Afonso é quem vai conduzir o ensaio.

(As três meninas ficam triste no mesmo instante).

UNIDADE 1.17 – O desabafo de Cecília:

CECÍLIA FIORI: Ah... então era verdade mesmo...

BETINA ARITI ,(RESMUNGANDO): Poxa Anastácia, por quê você foi fazer isso com a gente?!

(Eleonora percebe a tristeza profunda de Cecília e não consegue evitar a preocupação e sua irritação por Afonso ter magoado tanto ela).

ELEONORA BETHENCOURT: Desculpa, Cecília, eu sei que prometi não contar nada, mas não posso te ver assim!

CECÍLIA FIORI (GRITA): Fica quieta, Eleonora, por favor!

ANASTÁCIA MEGALOS (PREOCUPADA): O que aconteceu?

ELEONORA BETHENCOURT: Me desculpa... mas o Afonso nos humilhou quando chegamos, nos chamou de vagabundas e pegou muito pesado com a Cecília... claro que ele falou só para ela, porque sabia que nós iríamos começar a discutir e você acordaria e brigaria com ele, mas seja o que for... a Cecília ficou muito mal!

ANASTÁCIA MEGALOS: Cecília, o que foi que ele te disse?

CECÍLIA FIORI: Não foi nada...

ANASTÁCIA MEGALOS: Se você não me contar, terei que chamá-lo aqui para que ele mesmo conte e provavelmente a versão dele será distorcida da realidade. Mas como será a única informação que terei, não poderei fazer nada por você.

BETINA ARITI: Conta, Cecília, você sabe que a única pessoa que podemos contar é a Anastácia!

CECÍLIA FIORI: É que eu fico envergonhada de ficar mal pelas coisas que ele me disse, eu devia achar uma bobagem, mas é mais forte do que eu... eu simplesmente não consigo controlar...

(Anastácia senta ao lado de Cecília).

ANASTÁCIA MEGALOS: Se fere seus sentimentos, não é bobagem...

(Eleonora senta ao lado de Cecília e lhe segura a mão, dando força para que ela se abra com Anastácia).

CECÍLIA FIORI: Ele falou que eu sou corajosa por não me sentir mal por usar roupas de prostituta estando tão gorda e ficando enrugada. E que deveriam me anunciar como a Bailarina Anciã - a maior orca do circo!

ELEONORA BETHENCOURT: Mas Cecília, você é tão linda e confiante! E é você que sempre nos faz acreditar na nossa própria beleza...

BETINA ARITI: Sabe quantas vezes me senti insegura comigo mesma e você foi lá e ajudou a me arrumar e me ensinou que não devia ficar me comparando tanto com outras mulheres, que cada uma de nós éramos únicas e lindas como somos!

CECÍLIA FIORI: Eu sei que eu digo tudo isso a vocês, mas eu mesma tento, todos os dias, acreditar nisso. Sempre acordo pensando que será um novo dia e que aprenderei a me amar e que tudo o que eu falo fará sentido e sei que vocês falam que estou ótima, mas me sinto em pedaços. O que eu exponho a vocês é um fragmento distorcido do que eu realmente sinto aqui dentro... quando me olho no espelho, me vejo gorda, me vejo perdendo a juventude tão rápido e não sei como fazer isso parar... é uma angústia sem fim, eu fico dias sem comer e quando como, me sinto culpada...

ANASTÁCIA MEGALOS: Cecília, olha para mim... sei que não posso ocupar o espaço em branco deixado pela perda de seus pais... *(olha para as outras meninas)*: de nenhum de vocês, mas eu os amo como se fossem meus filhos e saber que você tem lidado com essa dor sozinha me entristece, porque eu vou onde for para que vocês possam viver uma vida livre, uma vida que vocês possam escolher seu próprio caminho e serem felizes... sua dor se torna a minha...

CECÍLIA FIORI: Me perdoe, Anastácia, eu não queria te preocupar... você já lida com tanta coisa que eu não queria ser um peso.

ANASTÁCIA MEGALOS: Vocês jamais serão um fardo... vocês são a minha família!

(As três moças abraçam Anastácia e dizem):

CECÍLIA, ELEONORA E BETINA: Nós te amamos!

(Todas se abraçam).

ANASTÁCIA MEGALOS: Sempre que se sentir assim, converse com uma de nós, desabafe... pior coisa que existe é guardar uma tristeza dentro de si. Quando temos pessoas com quem contar, tudo muda, o problema diminui e tudo pode ser curado... não tenha medo de mostrar todos os seus pedacinhos, não queremos um pequeno fragmento, queremos a Cecília de verdade e por inteiro... tenho certeza que você tem coisas muito bonitas guardada saí dentro que gostaríamos muito de conhecer... e isso, meninas, vale para todos!

(As meninas começam a cantar a música: "A Magia de Ser"):

TODAS:

O circo da vida a magia
Não esconda-se mais
Mostre ao mundo do que você é capaz

Não precisa mais ter medo
O seu brilho é ser você mesmo
Mostre ao mundo do que você é capaz

Deixe que todos o vejam

Seu caminho é logo ali na frente
Quando mostrar ao mundo
Do que você é feito

2x: A magia de ser você mesmo

2x: Mostre ao mundo do que você é capaz

Quando acaba a música todas começam a bocejar e se espreguiçar de sono).

ANASTÁCIA MEGALOS: Agora já passou da hora de dormir...
vamos, meninas...

(Todas concordam e saem abraçadas do palco).

SEGUNDO ATO

CENA 4

As luzes do palco se acendem por completo é o dia 31 de março de 1964 - é instaurado o Golpe Militar no Brasil. Anastácia e Oscar não entram em cena, pois estão em busca da autorização do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) e o Departamento de Diversões Públicas para poderem manter o Circo Meteoro em funcionamento.

UNIDADE 2.1 – Ensaio insano:

(Ouve-se sons de apito e Afonso gritando. Valentim, Humberto, Nicolau, Betina, Eleonora e Cecília entram no palco como se estivessem marchando de forma bem desordenada atrás de Afonso. Eles carregam placas com a data do início da ditadura militar).

AFONSO HERRMANN: Um, dois...vum dois...(sopra o apito)... um, dois... um, dois...

ELEONORA BETHENCOURT: A gente está ridícula fazendo essa marcha!

BETINA ARITI: Pensei que éramos do circo, e não do exército.

CECÍLIA FIORI: Nem vou opinar, porque ele está cada vez mais doido!

(Nicolau, atrás de Afonso, começa a imitá-lo de forma irônica e debochada, fingindo que está soprando o apito e fazendo palhaçada com a marcha. Na mesma hora, Afonso percebe e se vira, soltando um apito muito longo e alto, assustando Nicolau que põe as mãos no ouvido).

NICOLAU ARITI: Não sei porque fica soprando isso igual besta... vai deixar todo mundo tonto e surdo!

AFONSO HERRMANN: Você nasceu tonto e ainda por cima é bêbado! *(Ri ironicamente)*: Agora vai ensaiar, porque até agora não vi nenhuma graça no que você faz!

(Nicolau fica bravo, arregança as mangas e pensa em ir para cima de Afonso para brigar, mas Humberto puxa ele pelo colarinho).

HUMBERTO WOLF: Mas será que não podemos ensaiar pelo menos uma vez sem ter brigas... isso tudo afeta minha performance... fico com os nervos a flor da pele, isso afeta minha voz... Olha só isso...

(Humberto começa a fazer improvisações e exercícios com a voz e dando seu "show" de ópera).

BETINA ARITI: Esse aí adora aparecer mais do que todo mundo... nunca vi igual! *(Revira os olhos e ri).*

(Humberto faz suas mesuras de agradecimento e olha para os colegas, que o ignoram. Todos fingem que não estão prestando atenção e voltam aos seus exercícios).

HUMBERTO WOLF (BRAVO): É por isso que é tão difícil ter um bom público nos dias atuais, ninguém mais valoriza os verdadeiros talentos... quanta inveja... acho que vou tampar meu umbigo e jogar sal grosso no banho contra esse mal olhado, preciso estar blindado... Deus me defenda!!... *(faz gestos de limpar as energias do corpo, passando as mãos e jogando energia ruim para fora).*

(Afonso se aproxima de Eleonora. Cecília fica de olho, preocupada).

AFONSO HERRMANN: E você... vai ficar quanto tempo nesse alongamento?! Aqui é trabalho, minha filha, bora... se mexe!!

ELEONORA BETHENCOURT: Mas eu sou a assistente do mágico, e pelo o que eu vejo, ele não está aqui. Então não tem o que eu possa fazer!

AFONSO HERRMANN: Aqui não tem disso não... aqui todo mundo tem que saber fazer tudo: o palhaço tem que saber fazer mágica; a bailarina soltar, pum com talco; a assistente, malabares; o mágico, domar leões; o apresentador, dançar música cigana e ler o futuro das pessoas; e o malabarista tem que cantar ópera e conduzir as apresentações... e cada dia um faz uma coisa...vamos, quero ver... já que vocês se consideram tão bons "artistas", troquem de papéis e ensinem seus ofícios uns para os outros!

(Humberto puxa Betina pela cintura e começa a ensiná-la seu ofício. Valentim se aproxima de Cecília. Nicolau e Eleonora ficam com ciúmes e vão se aproximando também).

VALENTIM FAGUNDO (*PARA CECÍLIA*): Por que será que a Anastácia também não veio ao ensaio hoje?

CECÍLIA FIORI: O Oscar e ela saíram juntos bem cedo, estavam com uma cara preocupada!

VALENTIM FAGUNDO (*RESMUNGA BAIXINHO*): Bem que ela poderia ter me chamado também...

UNIDADE 2.2 - Conflitos de interesses românticos:

(Nicolau e Eleonora entram de intrusos na conversa).

NICOLAU ARITI: O que você quer com ela?

(Valentim e Cecília levam um susto).

CECÍLIA FIORI (*IMPLICANDO E BRINCANDO*): Acho que o Valentim está apaixonado!

(Valentim fica envergonhado na mesma hora. Eleonora fica triste e Nicolau fica bravo).

NICOLAU ARITI: Você não percebe que ela é muita areia para esse seu caminhãozinho sem freio, não?!

VALENTIM FAGUNDO (*PENSATIVO*): Eu sei disso, mas... sabe... é que ela é diferente, não sei explicar...

CECÍLIA FIORI: Ah... que romântico!! Não esperava isso de você, Valentim!

ELEONORA BETHENCOURT (*TRISTE*): Cecília... *(mas não consegue completar a frase desanimada).*

NICOLAU ARITI: Você tem coragem de assumir isso na minha frente?! *(Começa a encarar Valentim)*... eu cheguei primeiro, portanto, eu deveria ser o dono do coração dela!

VALENTIM FAGUNDO: Você também está apaixonado por ela?! Mas eu achava que vocês a consideravam quase como uma mãe...

NICOLAU ARITI: Desde quando a Cecília tem idade para ser mãe? *(Olha para Cecília):* Pelo amor de Deus, Cecília, você não está grávida, não é?

CECÍLIA FIORI: O que?? Claro que não, sua besta!! Não é por mim que ele está apaixonado!

NICOLAU ARITI: Nossa, que alívio... ufa... por um momento achei que teria que te chamar para um duelo! Mas espera, se não é pela Cecília e você não ficou quieto diante da Eleonora, só pode ser a... NÃO... MEU DEUS DO CÉU... NÃO PODE SER... minha irmã não é para o seu bico, eu sou muito exigente com os namorados dela!

ELEONORA BETHENCOURT: Não é de se estranhar que a coitada vive namorando escondido!

NICOLAU ARITI: O QUE? Minha irmãzinha jamais faria algo assim... nós prometemos que começaríamos a namorar ao mesmo tempo... teríamos aqueles casamentos duplos...

CECÍLIA FIORI: Chega de falar tanta besteira, Nicolau... ele não tá falando da Betina!

NICOLAU ARITI: Ué... então de quem diabos vocês estão falando?

(Eleonora conta no ouvido de Nicolau, que arregala os olhos).

NICOLAU ARITI: Mas... mas... ela e... *(aponta para Afonso)* são...

(Afonso percebe a bagunça do grupo).

AFONSO HERRMANN: O que os palermas estão fazendo aí que não iniciaram os ensaios!

NICOLAU ARITI *(AINDA EM CHOQUE COM A INFORMAÇÃO):* É que o Valentim gosta da...

CECÍLIA E ELEONORA *(GRITAM):* Não!

(Valentim rapidamente tampa a boca de Nicolau).

AFONSO HERRMANN: O que o palhaço estava falando?!

VALENTIM FAGUNDO: Ele falou que eu... que eu... *(Eleonora puxa Cecília para trás de si para protegê-la).*

ELEONORA BETHENCOURT: Que o Valentim gosta da mágica de fazer a assistente desaparecer e aparecer, então eu estava explicando aqui os conceitos básicos, mas como o Oscar ainda não está aqui, não tem como demonstrar.

AFONSO HERRMANN (*ENCARA A TODOS, DESCONFIADO*): Era isso mesmo, palhaço?

(Nicolau assente com a cabeça).

AFONSO HERRMANN: Quando o Oscar voltar, vou supervisionar este ensaio então, com todos vocês presentes. Agora voltem ao ensaio, porque logo vou soltar outro apito e vocês trocam de parceiros.

(Afonso volta a andar pelo palco como se estivesse marchando e supervisionando a situação. Valentim destapa a boca de Nicolau).

NICOLAU ARITI: Ufa... essa foi por pouco não é mesmo! (*Ri distraidamente*).

VALENTIM FAGUNDO: Mas quero que seja mantido em segredo, ainda não tive coragem de revelar meus sentimentos.

NICOLAU ARITI: Eu te entendo, meu caro amigo... eu também ainda não tive coragem de revelar meus sentimentos pela Cecília!

(Nicolau se ajoelha como se fosse um enamorado pedindo sua amada em casamento, declamando seus sentimentos. Cecília tenta se esconder ainda mais atrás de Eleonora. Valentim só observa de olhos arregalados a situação).

UNIDADE 2.3 – A disputa de versinhos românticos:

NICOLAU ARITI: Seu eu tivesse coragem diria essas palavras a minha doce amada: "Oh querida, Meu amor por ti aumenta cada dia, COMO O PREÇO DA GASOLINA!"

VALENTIM FAGUNDO: Meu Deus Nicolau, não é assim que se faz... presta atenção em mim...
"Oh minha amada
Meu coração por ti sofre,
Como o pobre no busão das seis!"

(Cecília e Eleonora se olham e começam a sair de fininho para ensaiarem juntas coreografias de dança, uma olhando no olho da outra, a delicadeza do olhar, do sorriso e do toque de quem está reconhecendo uma na outra sentimentos ainda não explorados. Enquanto isso, Humberto e Betina continuam ensaiando, ele já a abraçou, já mexeu no cabelo, fez carinho no rosto e Betina já está irritada com a situação. Afonso continua sua marcha por entre eles no palco. Nicolau e Valentim continuam sua disputa de versinhos românticos bem duvidosos).

NICOLAU ARITI: Nunca vi uma rima tão ruim na vida... deixa essas coisas para quem sabe fazer:

"Minha doce amada,
Meu coração não é a inflação,
Mas está explodindo por você!".

(Afonso apita e trocam os parceiros, mas Valentim e Nicolau se recusam a trocar e continuam a disputa. Humberto faz ensaio com Cecília e faz alguns gracejos nada oportunos, mas ainda assim ligeiramente discretos, deixando-a desconfortável. Eleonora e Betina fazem seu ensaio).

VALENTIM FAGUNDO: Eu tenho uma muito melhor do que essa sua porcaria de versinho:

"Minha musa,
Dona dos meus sonhos,
Quando penso em ti só consigo imaginar,
Nós dois em um belo jantar,
Você devorando e eu sem dinheiro para pagar.
Não existe dieta mais bonita do que a do amor,
Eu na lamúria e você contando o sabor!"

NICOLAU ARITI: Quanta insensibilidade... você está chamando ela de gorda!

(Afonso apita de novo e novamente as duplas trocam menos os dois. Betina e Cecília fazem dupla. Humberto faz dupla com Eleonora, ele intensifica os olhares, os abraços, as risadinhas no pé do ouvido da moça).

NICOLAU ARITI: Valentim, meu caro Valentim... se você continuar assim, nunca vai conquistar o amor de ninguém, muito menos você sabe de quem... vamos tentar mais uma vez:

"Rainha do meu mundo,
Eu não posso te prometer muito,
Mas o pouco que lhe tenho já é quase o suficiente
Para inteirar o preço do leite!"⁷

(Afonso se aproxima dos dois, irritado).

UNIDADE 2.4 – A Discussão entre Afonso e Valentim:

AFONSO HERRMANN: O que os dois molengas pensam que estão fazendo? Já apitei duas vezes para trocarem de parceiros e só vi os dois pamonhas declamando coisas idiotas!

NICOLAU ARITI: Hum... eu adoro pamonha... tem aquelas recheadas de queijo...

VALENTIM FAGUNDO: Aqui não tem nenhum molenga e nem pamonha.

NICOLAU ARITI: Ahh... e claro, tem pamonha doce também... ahh, que dúvida cruel, não sei qual eu gosto mais! (*fica pensativo*).

AFONSO HERRMANN: Olha, o fracote decidiu se manifestar. Pensei que se escondia atrás do Oscar e da Anastácia. Aquele tipo de homem frouxo que se esconde atrás de mulher... nunca vi isso.

NICOLAU ARITI: O que eu acho interessante é a versatilidade da pamonha, sabe? Ao mesmo tempo que ela é doce, ela também é salgada... igual uva passa no arroz nas festas de fim de ano, então nesse caso eu sempre fico na dúvida... eu estou comendo o jantar ou a sobremesa?

VALENTIM FAGUNDO: Você tem certeza que quer falar mesmo de alguém que se esconde atrás da Anastácia?! Você é o único fraco aqui que depende dela e de todos nós para ser quem é!

NICOLAU ARITI: Vocês também ficaram com fome depois dessa conversa?! Só espero que a Anastácia e o Oscar tragam alguma coisa para comer.

(Nicolau procura Cecília com o olhar. Afonso e Valentim em nenhum momento tiram os olhos um do outro, na disputa entre quem tem razão naquela briga, e nem prestam atenção nas coisas que Nicolau dizia).

NICOLAU ARITI (GRITA PARA CECÍLIA): Cecília! Oh Cecília! Você não está com fome não?! (*Vai caminhando até ela*): Você está muito magrinha, precisa de pamonha!

CECÍLIA FIORI: Do que você está falando Nicolau?

AFONSO HERRMANN: Eu... fraco?! *(Começa a rir ironicamente):* Eu sou um ex-soldado, sou forte como um touro e você por um acaso já se olhou no espelho?! *(Continua rindo):* Parece mais uma lombriga ambulante e além de ser um pobre sem ter onde cair morto, que precisou implorar por emprego para a Anastácia. Você é patético. *(Continua rindo).*

NICOLAU ARITI: O Afonso estava falando que a gente podia comer pamonha, fiquei na dúvida se seria doce ou salgada! Nunca vi o Afonso tão feliz, ele deve gostar muito de pamonha, não é?! Pessoal, vem aqui, vocês vão querer pamonha do quê?!

(Humberto e Eleonora se reúnem a Nicolau, Cecília e Betina e conversam sobre pamonha).

VALENTIM FAGUNDO: Ser forte não está no físico ou como você manipula as pessoas para serem e fazerem tudo aquilo que você quer. A força real vem do inimaginável, ela vem do local mais profundo de nossas almas... eu já vi homens poderosos sucumbirem na falta do seu elixir precioso - seja ele o dinheiro ou a força física de seus corpos... sendo que todos os dias tem uma parcela da sociedade que só conhece essa realidade, enfrenta a fome, o descaso e a desigualdade, mas todos os dias se levantam de cabeça erguida, entra na condução, trabalhando em turnos intermináveis, só para inteirar um salário defasado no final do mês, aqueles verdadeiros heróis da sociedade que mesmo com pouco fazem muito, não só por si, mas por suas famílias. E são aqueles que menos têm, são sempre os que mais se padecem pela dor do próximo, que estendem a mão para aqueles esquecidos pela sociedade e mantém a fé em dias melhores. Isso, ao meu ver, é sinal de poder e força. Eu vejo isso na Anastácia, ela faz de tudo por todos nós, incluindo, infelizmente, você! Então a meu ver, você não passa de um ser humano digno de pena, que precisa subjugar o próximo para sentir-se superior.

(Afonso ameaça partir para cima de Valentim, mas no mesmo momento vê Anastácia e Oscar entrando em cena. O grupinho da pamonha começa a fazer seus pedidos. Anastácia não entende nada).

UNIDADE 2.5 – Chegada de Anastácia e Oscar:

BETINA ARITI: Eu acho que eu prefiro a doce!

HUMBERTO WOLF: Eu prefiro a salgada!

CECÍLIA FIORI: Eu não sei se quero!

ELEONORA BETHENCOURT: A Cecília e eu vamos querer salgada!

NICOLAU ARITI: Eu quero uma doce e uma salgada! *(Anastácia e Oscar se olham confusos).*

OSCAR WILLIAMS: Acredito que nem com mágica e nem bola de cristal vamos compreender do que esses malucos estão falando!

ANASTÁCIA MEGALOS: Alguém pode me explicar que história é essa de doce ou salgada?

CECÍLIA FIORI: O Nicolau falou, que o Afonso falou, que você falou, que ia comprar pamonha para nós hoje!

(Nicolau assente em silêncio, feliz em pensar que irá saborear uma pamonha).

BETINA ARITI: E é por isso que estamos discutindo aqui qual o sabor, já que finalmente o Afonso fez algo de legal depois de fazer esse ensaio horroroso de hoje...

OSCAR WILLIAMS: Por essa eu não esperava!

ANASTÁCIA MEGALOS: Vocês tem certeza que o Afonso falou isso?!

BETINA ARITI: Sim... o irmãozão jurou de pé junto que ele falou de pamonha!

ANASTÁCIA MEGALOS *(GRITA INCRÉDULA):* Afonso!

(Afonso e Valentim se aproximam do grupo se trombando).

ANASTÁCIA MEGALOS: Você poderia me explicar que história é essa de pamonha?

AFONSO HERRMANN: Eu... eu... sim, eu chamei eles de pamonha, mas é porque estão todos fazendo corpo mole para não ensaiar e eu me estressei, ficaram uma hora só conversando sobre a mágica de aparecer e desaparecer que esse sujeitinho aqui quer aprender. *(Aponta para Valentim).*

OSCAR WILLIAMS: Agora entendi o problema... ainda estamos engatinhando no aprendizado do idioma e eles não compreendem que a pamonha pode ser também um xingamento.

(Todos continuam olhando esperançosos para Anastácia para saberem se irão comer ou não).

ANASTÁCIA MEGALOS: Então não vai ter jeito, vamos todos comer pamonha hoje!

(O grupo comemora).

ANASTÁCIA MEGALOS: Mas... só depois do ensaio!

(O grupo começa a resmungar e voltam para o ensaio da mágica).

CENA 5

(Todos se posicionam para o ensaio da mágica, mas é nele que ocorre o estupro de Eleonora).

(Inicia-se a mágica de aparecer e desaparecer, Eleonora está atrás do tecido, mas ao invés de ela desaparecer, todas as vezes que o tecido sobe e abaixa mãos percorrem seu corpo, seu cabelo fica bagunçado, sua maquiagem é borrada, peças de roupa desaparecem. O desespero vai tomando conta de seu corpo cênico, suas feições, que antes eram de uma competente artista, tomam a forma do horror, da tristeza, da realidade de que tudo está errado e a vida se torna mais sombria. Ao final da cena, ela é deixada completamente sozinha no palco).

ELEONORA BETHENCOURT: O seu toque não invadiu só meu corpo, mas a minha alma foi dilacerada e seus estilhaços estão espalhados por todos os cantos, como se cada pedaço de mim tivesse sumido em suas mãos frias. É como se tudo que eu tenho tivesse sido roubado por um ser desprezível e sem alma. Se minha boca ainda tivesse permissão de sequer uma palavra saísse dela, eu diria... dor...

(Ela começa a amordaçar sua própria boca e vai caindo ao chão aos poucos em agonia, ela se desespera, chora, tenta gritar e sua voz simplesmente não sai, a dor a dilacera e ela não sabe mais como agir e como viver depois disso, a exaustão a faz, por fim, desmaiar).

UNIDADE 2.7 – Socorro a Eleonora:

(Cecília, que a princípio entrava em cena despreocupada, agora vê o corpo machucado e desacordado de Eleonora. Ela corre de encontro a moça estirada no chão. O pânico toma conta de Cecília, ela tenta acordar Eleonora, que não acorda devido a exaustão).

CECÍLIA FIORI: Eleonora... por favor Eleonora, acorda... por favor Eleonora, é a Cecília... eu estou aqui com você... Meu Deus, o que fizeram com você! Eleonora, por favor... eu preciso de você...

(Cecília, aos poucos, começa a se levantar e decide procurar por ajuda).

CECÍLIA FIORI (DESESPERADA): Alguém... por favor... alguém me ajuda... por favor!

(Neste momento entra em cena Afonso. Cecília começa a dar alguns passos para trás e então corre para esconder o corpo de Eleonora do homem que ela acredita ser o ser humano mais cruel que conhece. Afonso, pela primeira vez, demonstra uma inquietação e uma preocupação que antes não havia sido demonstrado a nenhum deles).

AFONSO HERRMANN (PREOCUPADO): O que aconteceu, Cecília, o que você está tentando esconder? Me deixa ver... você estava gritando por ajuda...

(Cecília tenta negar com a cabeça, mas ela se lança junto ao corpo de Eleonora).

CECÍLIA FIORI: Eu não vou deixar que uma pessoa como você se aproxime dela, pessoas como você são más, ficam rodeando, ameaçando e agora um de vocês machucou ela...

AFONSO HERRMANN: Cecília, do que você está falando? Por favor, me deixa ajudar...

(Afonso faz menção de estender sua mão para ajudar as meninas, mas Cecília bate em sua mão e grita):

CECÍLIA FIORI: Não chega perto dela, nunca mais... vocês são uns porcos... vocês realmente acham que se esquece esse tipo de violência? Vocês acham que só porque eu não vi levarem meus pais para campos de concentração que eu não escutei toda a monstruosidade que homens como você, fardados como você, cometiam com as pessoas diferentes como nós?!

AFONSO HERRMANN (ESPANTADO): Cecília, eu... jamais...eu nunca...como você...

CECÍLIA FIORI: Como eu descobri que você é ex-soldado do exército Nazista? Você achou mesmo que éramos tão burros para não descobrir, mas não somos... não é porque você não usa mais a insígnia nazista que nós não seríamos capazes de saber o tipo de homem que você é. Você achou que não saberíamos que você fugiu para o Brasil para não ser preso e usou a Anastácia para isso?

AFONSO HERRMANN (DESESPERADO): Eu não sou como eles...eu jamais faria...

CECÍLIA FIORI: A Anastácia já sabe que você anda de conversa com os militares que vêm aqui para extorquir dinheiro dela para manter o nosso Circo de pé e que você está apoiando a ditadura? Eu tenho nojo de você e de tudo o que você representa... você é só mais um homem egoísta que acredita ser e saber o que é melhor para todos, mas só sabe oprimir quem não tem culpa de ser diferente... que só quer ter paz... *(Cecília chora, grita e empurra Afonso):* Sai... sai daqui...a Anastácia vai saber de tudo... Sai!

(Afonso se levanta e começa a sair, mas fica escondido observando a cena).

CECÍLIA FIORI: Eleonora, por favor volta!! *(Olha desesperada para os lados, mas não tem ninguém):* Eu não quero te deixar sozinha, mas vou buscar ajuda, por favor meu Deus proteja ela enquanto eu não voltar!

(Cecília sai correndo, Afonso volta e se aproxima do corpo de Eleonora).

AFONSO HERRMANN (INCRÉDULO): Eleonora! Não é possível... eu não acredito...

(Afonso então tenta cobrir o corpo de Eleonora com muito cuidado e puxa-a para seu colo. O homem começa a chorar).

AFONSO HERRMANN: Ah minha menina... por que? *(Abraça Eleonora como um pai abraçaria sua filha)*: Eu tentei tanto proteger todas vocês da maldade dos homens, da sujeira do mundo... tentei fugir do meu passado e criar uma nova realidade para vocês, criar uma vida onde vocês não passariam pelo mesmo que seus pais e a Anastácia passaram, mas eu falhei... *(solta um grito de dor e seu choro intensifica)*: Eu sei que sou o pior tipo de pessoa, mas eu não sei ser diferente, tudo o que faço é pensando em evitar esse tipo de coisa... não queria que vocês saíssem, que ficassem de conversa com qualquer um, que tomassem cuidado com suas roupas e com suas palavras... as pessoas são más... confundem liberdade de espírito com libertinagem... eu não sei me expressar, aprendi a ser duro para sobreviver e eu não soube como cuidar de vocês... mas eu vou encontrar o culpado e ele vai pagar por isso!

(Afonso começa a pegar Eleonora no colo. Cecília e Anastácia entram correndo no palco. Cecília vê Afonso segurando Eleonora e sai correndo para defendê-la).

CECÍLIA FIORI: Não! Solta ela já, seu imundo, seu porco nojento... Anastácia, foi ele... eu tenho certeza que foi ele e aqueles amigos novos dele que vivem sumindo com as pessoas que estão contra os militares... eu odeio vocês... nunca mais toquem nela.

(Afonso está aos prantos, desolado. Cecília está desesperada. o empurra e começa a bater nele. Anastácia puxa Cecília e a abraça, olha para Afonso e compreende o sofrimento daquele homem que até então não soube demonstrar seu lado mais genuíno).

ANASTÁCIA MEGALOS: Cecília, não foi ele...

CECÍLIA FIORI: Mas Anastácia, você não entende, você não ouviu tudo o que aqueles homens costumam falar... ele é um deles!

ANASTÁCIA MEGALOS: Sei o quanto é difícil para você acreditar, mas olha para ele! Você alguma vez viu tanta dor vinda dele? Eu o conheço há muitos anos e já vi essa dor algumas vezes, apesar de tudo que ele é, isso minha menina...ele jamais seria capaz... agora precisamos levar a Eleonora para dentro e cuidar dela e descobrir o verdadeiro culpado e se for realmente um dos homens que você mencionou, teremos que buscar uma saída!

CECÍLIA FIORI: Você vai denunciá-los?

ANASTÁCIA MEGALOS: Farei tudo o que está ao meu alcance... Afonso, me ajuda a carregar Eleonora?!

(Afonso, que está ao chão após apanhar de Cecília, volta seu olhar para Anastácia, levanta-se e começa a pegar Eleonora no colo. Anastácia e Cecília cobrem seu corpo. Cecília não consegue sair do lado de Eleonora. Todos, aos poucos, começam a sair do palco).

CENA 6

(Entram em cena Oscar, Nicolau, Valentim, Humberto e Betina).

UNIDADE 2.8 – Acusações:

OSCAR WILLIAMS: Que estranho... cadê o Afonso?

BETINA ARITI: A Cecília e a Eleonora também não estão aqui!

VALENTIM FAGUNDO: A Anastácia também não apareceu!

NICOLAU ARITI: Ah... já que eles não vieram, acho que vou voltar a dormir!

(Nicolau começa a querer sair do palco, mas Humberto o puxa de volta).

HUMBERTO WOLF: Nada disso... já que eles não estão aqui, eu estou no comando. Vamos começar!

(Todos começam a resmungar. Entram Cecília e Eleonora).

BETINA ARITI: Nossa... finalmente as belas adormecidas chegaram!! *(Cecília e Eleonora se olham. Humberto chega perto delas).*

HUMBERTO WOLF: Bonitinhas, vocês quase perderam o começo do ensaio.

(Humberto se aproxima delas e tenta abraça-las, Eleonora se esconde atrás de Cecília. Afonso entra e vai direto para cima de Oscar).

AFONSO HERRMANN: Seu desgraçado, foi você, não foi?!

OSCAR WILLIAMS: Do que você está falando, seu maluco? Me solta!

(Anastácia, que carregava sua maleta com suas cartas de tarô, agora corre para separar os dois).

ANASTÁCIA MEGALOS: Solta ele, Afonso...

AFONSO HERRMANN: Como você ainda tem coragem de defender esse canalha?

OSCAR WILLIAMS: Canalha?! Não me confunda com a mesma laia dos seus novos amigos...

AFONSO HERRMANN: Se eu me alio aos militares desse país, não é por amizade, e sim para salvar a pele de todos aqui, até mesmo de porcos imundos como você que tem coragem de fazer mal a um de nós!

(Humberto, sorratamente começa a se aproximar cada vez mais de Eleonora e cochicha em seu ouvido que ela deve permanecer calada, a menina começa a tremer e desmaia de nervoso. Cecília grita. Humberto disfarça e sai de perto).

CECÍLIA FIORI: Eleonora!

(Anastácia corre para ajudar Cecília a acudir Eleonora).

ANASTÁCIA MEGALOS: Betina e Nicolau, ajudem a Cecília a levar a Eleonora para dentro e acorda-la. Valentim, por favor fique de olho na entrada... hoje os homens do Departamento de Diversões Pública e os do Departamento de Ordem Política e Social virão para avaliar o nosso Espetáculo. E Humberto, por favor os distraia até que estejam todos no palco!

(Betina, Nicolau e Cecília saem ajudando a carregar Eleonora. Valentim e Humberto saem sentido ao público e ficam na porta de entrada).

ANASTÁCIA MEGALOS: Afonso... solta ele agora!

AFONSO HERRMANN: Eu não confio nele, sabe quantas vezes eu vi esse sujeito abraçar além do limite a nossa menina?! E sabe quantas vezes eu já presenciei o jeito que ele olha, principalmente para você?! Cheio de gracinha, sempre pegando na sua mão, conversinha fiada... ele é sorrateiro... ele é capaz de tudo... não sei como você não percebeu até hoje ou será que você está tão cega pelas palavras dele que não conseguiu ver que ele é apaixonado por você e como não teve coragem de admitir isso, foi para cima de uma menina indefesa...

OSCAR WILLIAMS: Do que você está falando...*(olha intensamente, avaliando a expressão de Afonso):* Espera... *(Diz incrédulo):* Você está com ciúmes da...?!

AFONSO HERRMANN (COM RAIVA): Não sei do que você está falando?

ANASTÁCIA MEGALOS: Chega, Afonso, solte ele imediatamente!

AFONSO HERRMANN: Mas, Anastácia... *(contrariado, solta Oscar):* Você, como cigana e mulher, deveria saber que tipo de homem ele é... pensei que você tinha contato no tal mundo espiritual, mas já vi que é tudo charlatanismo mesmo...

ANASTÁCIA MEGALOS: O que você chama de charlatanismo, eu chamo de fé... agora sobre o Oscar, ele não é o culpado, você deveria entender perfeitamente o que significa ser julgado pelas aparências, não é mesmo, ex-soldado Nazista agora "apoiador" da ditadura militar brasileira? Ou agora eu também devo acreditar que mais uma vez você luta ao lado de ideologias extremistas, que você mais uma vez luta ao lado de pessoas que só pensam em poder e não em seu povo?! O que eu devo julgar, então, sobre você, Afonso?! Que mais uma vez o meu povo e a minha família serão caçados como animais pelo simples fato de sermos diferentes e escolhermos nem um lado e nem o outro, e sim, lutar por um mundo mais justo, um mundo que merece conhecer outras possibilidades de como deve ser a vida? Será que devo esperar de você e de seus novos "amigos" mais violência e menos compreensão, viver mais uma vez o medo do hoje e não saber se haverá o amanhã?!

(Anastácia já está desolada por novamente ver mais um momento terrível surgindo na história e Afonso não suporta vê-la daquele jeito, se aproxima com cautela e vai tentando confortá-la. Ele acaricia seus cabelos e seu rosto).

UNIDADE 2.9 – O passado de Afonso e Anastácia:

AFONSO HERRMANN: Anastácia... eu jamais deixarei que toquem em você de novo, eu vou te proteger mais uma vez com a minha vida se for preciso... *(aproxima seu rosto do dela como se fosse beijá-la)*.

OSCAR WILLIAMS (ESPANTADO, FALA PARA SI MESMO): Então foi por isso que ele foi baleado por seus próprios companheiros... Ele estava tentando defender a Anastácia dos seus companheiros alemães?! Será possível?! Não, não pode ser possível... *(observa Afonso com os lábios próximos ao de Anastácia)*: Não... não é possível... esse homem terrível não pode estar apaixonado por ela...

(Anastácia afasta-se de Afonso, os dois não escutam os questionamentos de Oscar e continuam sua conversa).

UNIDADE 2.10 – Revelação de um futuro sombrio:

ANASTÁCIA MEGALOS: Você pode zombar o quanto quiser da espiritualidade, mas você não sabe os horrores que eu vi acontecendo...

AFONSO HERRMANN: O que você viu, Anastácia?

(Anastácia se vira para plateia e começa a falar de suas visões).

ANASTÁCIA MEGALOS: Morte... muitas mortes de ambos os lados! O povo está um contra o outro, amizades e famílias desfeitas, o que deveria servir de união entre os povos, os afastam cada dia mais, eles padecem na falta de segurança, a saúde pública esquecida, a educação - que é a maior arma para a evolução - está abandonada, e a mídia usa sua influência para manipular. Enquanto as pessoas pensarem mais em sua ganância por poder e dinheiro, defendendo ideologias e não aprenderem a verdadeira compaixão e que o bem comum serve a todos, a história continuará se repetindo, não importa quem governe, continuaremos sendo governados por ideologias gananciosas e não por seres humanos.

(Anastácia, enfraquecida pelas visões, vai caindo ao chão e é acudida por Afonso e Oscar).

CENA 7

(Entra em cena através da plateia Angelina Sabino procurando por Anastácia. Valentim tenta impedir a moça).

UNIDADE 2.11 – O futuro de Angelina:

ANGELINA SABINO *(GRITANDO E PROCURANDO POR ANASTÁCIA)*: Anastácia! Por favor, eu preciso falar com a cigana Anastácia é urgente!

VALENTIM FAGUNDO: Me desculpa senhorita, *(em tom mais áspero e irônico)*: mas o espetáculo hoje infelizmente é apenas para os militares, portanto peço que retorne amanhã!

ANGELINA SABINO: O senhor não entende...eu preciso falar com a cigana... *(grita)*: Anastácia!

AFONSO HERRMANN: Que escândalo é esse?

ANGELINA SABINO *(DESESPERADA)*: Senhor, eu preciso muito falar com a cigana!

(Valentim tenta puxar a moça).

VALENTIM FAGUNDO: Vamos, senhorita, não é uma boa hora... amanhã a senhorita retorna!

ANASTÁCIA MEGALOS: Deixa a moça passar, Valentim...eu já estava esperando por ela! *(Todos olham surpresos para Anastácia).*

OSCAR WILLIAMS: Você tem certeza que está em condições de atender a essa moça?

(Anastácia assente).

OSCAR WILLIAMS: Por favor, Valentim, traga a moça até aqui!

(Valentim acompanha Angelina até a presença de Anastácia. Angelina, triste, tenta falar, mas não consegue completar sua frase).

ANGELINA SABINO: Eu... queria... ninguém pode saber, mas eu... não sei... como você sabia que eu...

(Angelina respira calmamente algumas vezes).

ANASTÁCIA MEGALOS: Agora eu gostaria que você me deixasse ver sua mão...

(Angelina, aos poucos, permite que Anastácia pegue sua mão. Anastácia analisa a mão da moça).

ANASTÁCIA MEGALOS: Apesar de sua descendência judia... seu nome é tão grego quanto o meu e que belo significado ele tem... pequeno anjo mensageiro... vejo que apesar deste belo nome, você carrega muita tristeza, aprisionamento... a menina prometida, aquela que manteria a linhagem de sua origem..... um fardo muito grande para uma menina carregar, ainda mais para uma alma livre! Estou certa, minha menina?!

ANGELINA SABINO: Sim... está certíssima... eu não posso... na verdade, eu não quero *(solta sua mão e agora anda de um lado para o outro do palco, nervosa, preocupada, e olha várias vezes para onde está a plateia, com medo de que seja encontrada por sua família e repete algumas vezes):* eu não posso... eu não quero...

ANASTÁCIA MEGALOS: Peço aos senhores que me deixem a sós com a senhorita Angelina, vejo que precisarei abrir as cartas para essa moça! Angelina, minha menina, por favor sente-se! *(Começa abrir o tarô para Angelina).*

(Valentim fica espantado por ver Anastácia falando o nome da moça que ninguém ainda havia ouvido).

VALENTIM FAGUNDO (SUSSURRA PARA OSCAR): Como ela sabe o nome daquela moça? Eu não ouvi ela dizer nada!

OSCAR WILLIAMS: A Anastácia tem o privilégio de falar com o outro lado!

VALENTIM FAGUNDO: Agora entendi porque todos ficam dizendo que ela vai mandar nos assombrar se não ensaiarmos com esse aí!

(Valentim aponta para Afonso e Oscar ri da situação).

OSCAR WILLIAMS: Afonso, espera, preciso que você esclareça o que aconteceu aqui!

AFONSO HERRMANN: Não estou afim... *(sai irritado por quase ter demonstrado seus sentimentos por Anastácia).*

(Oscar tenta seguir Afonso, mas ele sai mais rápido do que ele do palco. Valentim sai observando Anastácia e seus poderes que ele ainda não havia presenciado de fato).

ANASTÁCIA MEGALOS: Eu vejo aqui uma família muito tradicionalista e que você está prometida em casamento a um rapaz que também descende de uma família judia... todos desejam que vocês perpetuem uma linhagem forte de sua raça, principalmente após tudo o que houve na Alemanha com seu povo...

ANGELINA SABINO: Sim... meus pais acreditam que mantermos nossa linhagem intacta é a nossa forma de nos vingarmos daqueles que um dia decidiram que nós não éramos dignos de estarmos vivos... eu entendo a revolta deles e entendo quanto sofrimento nossas famílias passaram e eu cumpriria essa tarefa de bom grado se não fosse por um único detalhe...

ANASTÁCIA MEGALOS: Você não está apaixonada pelo rapaz... e pelo o que eu vejo, seu coração já está ocupado por um outro alguém, mas esse alguém é muito distante do que sua família jamais poderia considerar como o certo para uma moça rica da cidade, não é?!

ANGELINA SABINO (ENVERGONHADA): Eu... nunca havia me apaixonado antes... simplesmente aconteceu... eu sei que ele nem ao menos me conhece, mas quando eu o vejo sinto que tudo faz sentido e mesmo quando seus olhinhos parecem tristes por trás de suas palavras alegres, eu enxergo a pureza da sua alma... sei que é um amor impossível e que ele nunca olharia para uma moça tão normal como eu, mas se ao menos eu pudesse ficar mais próxima dele, se eu pudesse mostrar para ele o quanto sua alegria é contagiante... talvez ele pudesse ser um pouquinho mais feliz por ao menos me conhecer, nem que fosse uma única vez...

ANASTÁCIA MEGALOS: Como você, ele também é um rapaz sonhador, mas aos olhos dele tudo é possível e quando não acontece como ele acredita que deve ser, ele se frustra e acredita não ser capaz de ser feliz. Ele é muito sensível e, ao mesmo tempo, muito forte, mas precisa enxergar essa força dentro de si e reconhecer o que realmente é bom para ele e o que é amor verdadeiro. Às vezes nos custa reconhecê-lo, mesmo quando está bem diante de nós!

ANGELINA SABINO: Então o que eu devo fazer? O que as cartas te dizem?

ANASTÁCIA MEGALOS: No fundo, você sabe exatamente o que elas estão me dizendo, não é?! O que você realmente veio buscar aqui, minha menina?! O que você veio me pedir?!

ANGELINA SABINO (ESPANTADA): Eu... como você... é que na verdade eu... eu gostaria de ser uma de vocês...

ANASTÁCIA MEGALOS: E sua família e noivo?

ANGELINA SABINO: Eu, na verdade... *(envergonhada)*: mandei uma carta dizendo que não podia me casar e ia fugir com o circo, mas não disse que circo era então... eu não sei o que fazer... eu simplesmente não posso voltar para minha casa, me sinto sufocada, sinto que esperam que eu seja alguém que eu jamais conseguirei ser, eu jamais vou conseguir suprir tantas expectativas... eu sonho em ser muito mais do que apenas uma mera esposa e dona de casa... eu amo o seu circo, amo tudo o que envolve a Arte... só aqui encontro que eu jamais imaginei sentir em toda a minha vida... por favor Anastácia, eu te imploro... me deixe ficar com vocês, eu juro me esforçar e ser uma boa artista!

UNIDADE 2.12 – Um show de Coragem:

(Humberto entra correndo vindo através da plateia).

HUMBERTO WOLF: Eles estão vindo... não temos mais tempo... corram!

(Todos os artistas entram no palco correndo, tentando terminar de se vestirem, trombam uns nos outros, deixam cair objetos cênicos, vão até a plateia e voltam procurando suas coisas ou tentando se esconder. Angelina também se desespera e corre de um lado para o outro achando que são seus pais que a encontraram. Anastácia fica completamente atordoada com a movimentação).

ANGELINA SABINO (GRITA): Não! Eles me encontraram... como eles me encontraram tão rápido!

CECÍLIA FIORI (GRITA): Alguém viu minhas sapatilhas? Eu não encontro as minhas sapatilhas!

NICOLAU ARITI (*GRITA,, SEGURANDO AS BOLINHAS DO MALABARISTA*): O que eu faço com essas bolinhas? Eu não sei jogar bolinhas! Eu preciso de uma bebida para me acalmar, será que alguém aqui pode me dar alguma coisa... eles vão perceber... Meu Deus eu vou estragar tudo... e se eu fizer uma brincadeira falando da mãe de algum deles? O Afonso me mata... (*corre e tenta se esconder na plateia, mas não acha bons esconderijos, ficando mais a mostra do que escondido*).

ELEONORA BETHENCOURT (*GRITA*): Eu não encontro o coelho, cadê o coelho?! Será que eles acharam? O que será do pobre coelhinho nas mãos deles?!

OSCAR WILLIAMS (*COMEÇA A RECOLHERO TAROT DE ANASTÁCIA E DIZ*): A inquisição já passou, mas os homens continuam contrários a mulheres que tem poder da adivinhação!

(Oscar tira o tarô de cena e retorna ao palco).

BETINA ARITI (*GRITA, USANDO A CARTOLA DO MÁGICO*): Quem foi que inventou de colocar chapéu na minha apresentação? Ele nem cabe na minha cabeça!

AFONSO HERRMANN (*GRITA E SOPRA EM SEU APITO*): Ordem! Ordem!

ANGELINA SABINO (*GRITA*): O que eu vou fazer? Meu Deus o que eu faço?

VALENTIM FAGUNDO (*GRITA*): Acho que nem deveríamos nos apresentar para esses abutres!

(Todos param imediatamente na pose que estiverem, como estátuas, e olham boquiabertos para Valentim. Um instante de silêncio enquanto todos encaram-no. Valentim cruza seus braços com raiva. O grupo começa a retomar seus movimentos, mas agora fazendo uma marcha forte, ocasionando estrondos pelo palco e sinal de sentido. Colocam seus narizes de palhaço. Anastácia aproxima-se de Valentim e a marcha para. Todos ficam em posição de guarda, como os soldados no exército).

ANASTÁCIA MEGALOS: Hoje não estamos aqui para entreter estes homens, muito pelo contrário... (*Retira o nariz de palhaço*): hoje seremos um símbolo de resistência, porque não é fácil escolher ser diferente em um mundo em que você somente serve se couber no olhar do outro.

(Oscar sai de sua posição de guarda, retira seu nariz de palhaço e olha para a trupe)

OSCAR WILLIAMS: Sabemos que criticar, humilhar, discriminar, oprimir e dizimar é fácil para a capacidade humana; o difícil é amar, respeitar e ajudar o próximo com suas diferenças, cor, raça ou religião a que pertençam. Não podemos, como artistas, permitir que nossas vozes sejam caladas!

ANASTÁCIA MEGALOS: Hoje nossos figurinos deixarão de ser apenas pedaços de panos e a nossa maquiagem não será só uma forma de pintar nossos rostos. Essa será nossa armadura no campo de batalha e tudo isso representará todos aqueles que perderam o poder de acreditar em si mesmos. Só nós temos o poder de moldar o nosso próprio destino. Angelina... se você quer mesmo entrar para este circo, saiba que aqui nós somos uma única família e não desistimos de nossa arte e o nosso caminho, mesmo quando as coisas parecem ser impossíveis!

(Angelina observa a trupe. Betina sai de sua posição de guarda, retira o nariz de palhaço e olha para a trupe).

BETINA ARITI: É exatamente como aquela noite, vocês se lembram?

(Eleonora sai de sua posição de guarda, retira o nariz de palhaço e olha para Betina).

ELEONORA BETHENCOURT: Que noite?

(Nicolau relaxa mais seu corpo, mas se mantém em seu lugar e não olha para ninguém quando diz):

NICOLAU ARITI (DIZ DE UMA FORMA SOMBRIA E ENGOLINDO A SECO A AMARGA LEMBRANÇA): Aquela noite que os militares prenderam o repórter comunista dentro do nosso circo?

TODOS (FAZEM SINAL DE SILÊNCIO COM O DEDO EM FRENTE A BOCA): Shhh!

(Todos olham ao redor para ver se alguém escutou e voltam a suas posições).

HUMBERTO WOLF (FINALMENTE RETORNA AO PALCO, OLHANDO PARA OS LADOS, PARANÓICO SE ALGUÉM PODE ESTAR ESCUTANDO A CONVERSA, E DÁ UM CHUTE DE LEVE NA BUNDA DE NICOLAU): Fala baixo!

BETINA ARITI: Não! Não aquela noite, mas de quando éramos crianças na Alemanha. Quando os soldados levaram os nossos pais para os campos de concentração?

(Nicolau enfim retira o nariz de palhaço e se aproxima de sua irmã).

NICOLAU ARITI: Como você lembra daquela noite? Você tinha apenas 5 anos.

BETINA ARITI: Ainda me lembro da voz suave da mamãe dizendo: "Mama cuida de você". Eu estava com tanto medo dos soldados, sentia meu corpo trêmulo e as lágrimas percorriam meu rosto, mesmo que eu tentasse ser forte. Vi os pais da Cecília e Eleonora entregarem-nas nos braços da Anastácia para que não acordassem e então eles os levaram. Eu queria correr atrás deles, mas lembro que vocês me puxaram, me abraçaram e disseram uma coisa que me fez parar de chorar.

NICOLAU ARITI (OLHA PARA ANASTÁCIA E OSCAR): Vocês repetiram os ensinamentos de nossos pais naquele dia: "O espetáculo tem que continuar!"

(Cecília Fiori sai da posição de guarda, retira o nariz de palhaço e olha a trupe).

CECÍLIA FIORI: O artista não deve temer a queda, e sim temer não criar forças dentro de si para se levantar contra as injustiças. Levar a alegria ao povo é levar a esperança de que sempre existe um novo começo e um novo caminho para aqueles que têm coragem!

BETINA ARITI: Por isso, o circo se tornou nossa família...

ANASTÁCIA MEGALOS: A nossa pátria é onde nossos corações estão e por mais difícil que as coisas estejam, vá até o fim para proteger quem você ama, porque só depende de nós.

(Angelina sai da posição de guarda, retira o nariz de palhaço e olha para a trupe).

ANGELINA SABINO: Hoje eu sei onde meu coração está e ele pertence a este lugar, eu decidi desafiar tudo o que estava imposto a mim, eu não posso mais conviver em um mundo de aparências, em um mundo onde temos uma falsa sensação de liberdade, onde tudo o que se diz é errado, onde querer ser feliz é blasfêmia e querer ter dinheiro é supervalorizado...

(Afonso começa a marcha e apitar)

AFONSO HERRMANN (APITA E GRITA): Eles estão vindo...

(Todos colocamos narizes de palhaço e começam a bater os pés como marcha).

VALENTIM FAGUNDO: O espetáculo tem que continuar!

(Todos se posicionam no palco com seus narizes de palhaço e ficam em posição de guarda).

UNIDADE 2.13 – Viva a Resistência:

(Humberto retira o nariz de palhaço e fala com o público como se eles fossem os militares).

HUMBERTO WOLF: Venham ver, bravos senhores desta grande nação, o maior Espetáculo da nossa geração! Aqui temos artistas para todos os gostos... Com vocês aquele que não é salário, mas sabe fazer malabarismo com os boletos do mês... Valentim - o Malabarista!

(Faz mesura para a entrada de Valentim. Ele retira o nariz de palhaço, entra e faz um pequeno número com suas habilidades).

HUMBERTO WOLF: Agora, com vocês, aquela que não é fila do desemprego, mas arrasta uma multidão atrás de sua beleza... Cecília- a Bailarina!

(Faz mesura para a entrada de Cecília. Ela retira o nariz de palhaço, entra e faz um pequeno número com suas habilidades).

HUMBERTO WOLF: Agora, com vocês, aquela que não é nem de direita e nem de esquerda, mas vê a podridão do sistema que é cheio de incoerências... a nossa magnífica Anastácia - a Cigana!

(Faz mesura para a entrada de Anastácia. Ela retira o nariz de palhaço, entra e faz um pequeno número com suas habilidades).

HUMBERTO WOLF: É chegado o momento do nosso show onde o mistério toma conta e só olhos muito atentos são capazes de decifrar seus movimentos mais sorrateiros do que os dos trombadinhas do governo... com vocês, o inigualável Oscar - o Mágico, e a belíssima Eleonora - a Assistente!

(Faz mesura para a entrada de Oscar e Eleonora. Eles retiram os narizes de palhaço, entram e fazem um pequeno número com suas habilidades).

HUMBERTO WOLF: E agora para diminuirmos nossa adrenalina após truques tão imperceptíveis, veremos aquela dupla que representa o povo como ninguém... feitos de bobos por políticos em anos de eleição e sem melhorias na educação... com vocês a alegria de Nicolau e Betina – os irmãos Palhaços!

(Faz mesura para a entrada de Nicolau e Betina. Eles retiram os narizes de palhaço, entram e fazem um pequeno número com suas habilidades).

HUMBERTO WOLF: E por último e não menos importante, a nova aquisição de nosso Circo... não, ela não é um objeto, mas os homens tendem a tratá-la como se fosse... Angelina!

(Todos encaram a moça que também retira o nariz de palhaço e tenta fazer alguns números circenses. Nicolau se aproxima depois do número da moça).

NICOLAU ARITI: Quem é você?! Você parece um anjo!

(Angelina enrubesce e se apresenta).

ANGELINA SABINO: Olá... eu sou a Angelina e estou muito feliz por finalmente poder te conhecer... *(enrubesce novamente e, atrapalhada, tenta disfarçar o que disse)*... quer dizer, conhecer todos vocês... e... estar no palco é... incrível!

(Nicolau, que estava até então encarando a moça, percebe que Cecília passa por eles para se posicionar para o número final e corre atrás dela, deixando Angelina triste).

NICOLAU ARITI: Hei, Cecília, me espera, eu já estou indo!

CECÍLIA FIORI: Nicolau, sua marcação é do outro lado do palco e não do meu lado!

NICOLAU ARITI: Ela não é sempre assim, mas acho que ela pegou algumas manias de ser mandona com o Afonso... vem, você pode ficar do meu lado nesse número!

(Angelina aceita o convite e dá a mão para Nicolau. Todos se preparam para o final do espetáculo. Afonso dá uma volta marchando pelo palco, quando acha sua posição retira o nariz de palhaço. Todos cantam a música: "O Circo da Vida").

TODOS:

Hoje é dia de Circo
Hoje é dia de alegria
Políticos aplaudindo
O grande Circo da Vida!

Existe um povo que dorme

Que deixa a vida ser levada a própria sorte
Um gigante
Que se cala
Diante da sujeira escorrendo pela vala

Olhem só tanta alienação
Divulgados no jornal e na televisão
Tanta desinformação

Mas hoje é dia de Circo
Hoje é dia de alegria

2 x: O povo perdido em meio a hipocrisia

HUMBERTO WOLF (FINALIZA EM ÓPERA): Mas hoje é dia de Circo Hoje, é dia de alegria!

(Ao final da música todos fazem uma pose, mas aos poucos recolocam os narizes de palhaço, fazem o agrupamento e começam a marcha liderada por Afonso, fazem uma fila e vão saindo do palco. O primeiro a sair é Afonso, seguido por Leonora, Humberto, Cecília, Oscar, Valentim, Anastácia, Betina, Nicolau e Angelina).

UNIDADE 2.14 – O primeiro contato de Angelina e Nicolau:

(Antes que Nicolau chegue a sair do palco, Angelina tira seu nariz de palhaço e o chama).

ANGELINA SABINO: Nicolau! Espera, por favor!

(Nicolau tira o nariz de palhaço e anda rápido até a moça animado).

NICOLAU ARITI: O que foi, anjinha?!

ANGELINA SABINO (ENVERGONHADA): Será que você poderia me ajudar a ensaiar alguns truques, porque ainda não sei com o que contribuir com o circo...

NICOLAU ARITI (ANIMADO): Uau... é claro que te ensino, eu sabia que eu tinha dons incríveis de coordenador de ensaios, melhor do que o chato do Afonso!

(Nicolau começa a demonstrar alguns truques e Angelina tenta acompanhar, mas são interrompidos por Betina).

BETINA ARITI: O que vocês dois estão fazendo aqui, sozinhos? *(Olha desconfiada de um lado para o outro na plateia):* Vocês ficaram malucos, ainda pode ter algum deles aqui! Ai, Nicolau e você fazendo esses truques, esqueceu da *(fala mais baixo):* censura?!

(Os três se assustam com a palavra censura, olham desconfiados para plateia e vão se aproximando mais perto deles).

ANGELINA SABINO (COM MEDO): Vocês acham mesmo que eles...

NICOLAU E BETINA (COM MEDO): Aham!

(Os três dão um grito de medo, Nicolau pega na mão de Angelina e empurra Betina. Os três saem correndo do palco).

TERCEIRO ATO

CENA 8

(Entram Cecília e Eleonora em cena, uma de cada lado do palco).

UNIDADE3.1 – O despertar de dois corações:

(As duas, a princípio, não se olham. Arrumam o palco após a apresentação, mas é como se cada uma estivesse em um ambiente diferente, cada uma em seu momento de reflexão).

CECÍLIA FIORI: Quando somos pequenos, acreditamos que o amor faz parte de um mundo de conto de fadas...

ELEONORA BETHENCOURT: Sonhamos com o "Era uma vez"...

CECÍLIA FIORI: Uma bailarina que vende o estereótipo de graça e perfeição...

ELEONORA BETHENCOURT: E a assistente do mágico que enfrenta a ilusão...

CECÍLIA FIORI: Duas feras vivendo uma mentira com suas almas enjauladas...

ELEONORA BETHENCOURT: Em toda minha vida só consegui me perguntar quem eu sou, o que eu sou?

CECÍLIA FIORI: Se você fosse como eu, o que você faria?

ELEONORA BETHENCOURT: Você deixaria o vilão dessa história nos domar? Enquanto que, por medo de sermos diferentes nesse mundo que finge ser "normal", permitimos sermos domadas?

CECÍLIA FIORI: Mas no fundo da minha alma ainda tenho esperança que a vida não é só o medo e que em algum lugar, mesmo que pareça escondido, ainda existe um paraíso no qual não importa o que eu seja, mas o que eu sinto!

ELEONORA BETHENCOURT: Eu sei que o paraíso existe, e ele está em algum lugar dentro de nós, um lugar que podemos alcançar depois do medo e do temporal. Ele está bem ali no mesmo lugar de sempre, só precisa ser enxergado!

CECÍLIA FIORI: Muitos nos fazem acreditar que só podemos encontrá-lo depois da morte, quando na verdade o paraíso não mora nela.

ELEONORA BETHENCOURT: Talvez ele more no silêncio ou na música que é cantarolada no mais alto tom (*cantarola*) humm... humm... onde ainda há esperança, onde ainda há amor...

CECÍLIA FIORI E ELEONORA BETHENCOURT: Onde nós nos encontramos...

(As duas começam a dançar de forma sincronizada, trocam de lado, voltam e finalmente se encontram no meio do palco).

CECÍLIA FIORI: Talvez o paraíso esteja realmente nas pequenas coisas e nos momentos mais simples, como em noites bem dormidas, um banho quente depois da chuva, ou um beijo na testa que ganhamos quando crianças, nas pequenas palavras de conforto ou num abraço de um amigo...

ELEONORA BETHENCOURT: Está nas rugas que vemos no espelho com o passar dos anos, nas histórias que ouvimos com vigor...

(As duas sorriem uma para a outra, dão as mãos e dançam juntas).

CECÍLIA FIORI: Na verdade, eu acho que o paraíso não é, ele se torna, e é só quando percebemos que o verdadeiro paraíso está no presente e que ele está bem na nossa frente...

ELEONORA BETHENCOURT: Ele está na nossa única chance de viver ao lado de quem realmente amamos...

CECÍLIA FIORI: Eu descobri onde está meu paraíso!

(As duas se olham, encostam a testa uma na outra e finalmente se beijam).

UNIDADE 3.2 – O surto de Nicolau:

(Nicolau entra e se depara com o beijo de Cecília e Eleonora).

NICOLAU ARITI (GRITA): Não! Por que você está fazendo isso comigo, Cecília?!

(As duas se afastam com medo).

CECÍLIA FIORI (COM MEDO): Por favor, Nicolau, pare de gritar, deixe eu explicar!

NICOLAU ARITI (BRAVO): Explicar o que? Que você... que vocês duas... Isso é um absurdo! Você fez isso para me magoar, não é, Cecília?! Você sabe o quanto eu te amo, mas brinca com os meus sentimentos, me faz de capacho... eu sou o quê, para você? Por que você me trata assim?

ELEONORA BETHENCOURT: Nicolau, por favor, não é nada disso... você não compreende... o que a Cecília e eu sentimos é muito maior do que brincar com o sentimento de qualquer pessoa, principalmente com os seus sentimentos...

CECÍLIA FIORI: Nicolau, eu sempre amei você, mas nunca da maneira que você quis... me perdoa?!

NICOLAU ARITI (ARRASADO): É porque eu sou feio aos seus olhos?! É por que eu sou palhaço e ninguém se importa com o que eu tenho a dizer, não é? *(Grita)*: Covardes!

(Eleonora abraça Cecília, que está em choque com a reação de Nicolau. Entram em cena Betina, Angelina e Oscar).

OSCAR WILLIAMS: Que gritaria é essa aqui, Nicolau?

(Betina se aproxima das amigas e Angelina se aproxima de Nicolau para tentar acalmá-lo).

ANGELINA SABINO: O que aconteceu, Nicolau?

NICOLAU ARITI: Vocês ficariam em choque se soubessem o que essas duas estavam fazendo...

BETINA ARITI: Irmãozão, por favor não fale uma coisa que você possa se arrepender depois...

NICOLAU ARITI (INCRÉDULO): Você sabia da safadeza dessas duas...

OSCAR WILLIAMS: Já chega, Nicolau! Não vou permitir que trate-as dessa forma...

ANGELINA SABINO: Só porque é diferente aos seus olhos, não quer dizer que não é amor!

NICOLAU ARITI: Por que é sempre comigo? Por que só eu tenho que chorar sem alguém para me amar? Por que eu mereço ser maltratado dessa forma? Vocês zombam de mim o tempo todo e me tratam como se eu fosse estranho e eu estou de saco cheio disso!

ELEONORA BETHENCOURT: Você está sendo injusto, Nicolau, você não sabe o quão difícil é ser considerado diferente, sentir de forma diferente e receber olhares de julgamentos como o seu agora... é o que mais dói!

CECÍLIA FIORI: Eu acreditava que, independente de qualquer coisa, nós éramos uma família, e que aceitávamos a diferença uns dos outros. Eu sinto muito por não poder suprir suas expectativas... mas eu não posso mais voltar a fingir que não amo a Eleonora só para evitar que você sofra, porque quem estaria sofrendo seríamos nós e isso também não é justo. E se você verdadeiramente me ama, como diz, iria querer ver a nossa felicidade, pois no mundo afora já tem gente demais esperando o nosso fracasso.

ELEONORA BETHENCOURT: Espero que você possa encontrar dentro do seu coração uma forma de nos perdoar e um dia aceitar que o amor que sentimos está além do que podemos controlar.

OSCAR WILLIAMS: Vamos meninas, é melhor deixar a Betina tentar acalmá-lo, vou tentar encontrar a Anastácia também!

(Cecília, Eleonora, Oscar e Angelina saem de cena, deixando apenas Betina e Nicolau no palco).

UNIDADE 3.3 - A conversa dos irmãos Ariti:

NICOLAU ARITI: Por que você não me contou antes? Por que mentiu para mim? Irmãos não deveriam fazer isso...

BETINA ARITI: Eu só queria te proteger, você é meu irmão e eu te amo!

NICOLAU ARITI: Eu prefiro mil vezes sofrer com a verdade do que me conformar com uma mentira, porque agora eu estou sofrendo duas vezes mais. Eu entendo que ela não me ama, mas a minha própria irmã mentir para mim é ainda pior, me sinto desprotegido e vulnerável...

BETINA ARITI: Eu não podia falar sobre os sentimentos das duas, pois nem elas ainda conseguiam admitir, seria errado da minha parte... eu não queria que fosse assim, mas eu não sabia o que fazer... eu não pensei direito e só fiz o que achei que seria melhor...

NICOLAU ARITI: Eu passei a invejar todos os homens que se aproximavam dela, que prendiam sua atenção e a faziam sorrir... eu me resenti por não ser tão alegre, tão carismático, tão enigmático ou tão despreocupado quanto todos os outros. E eu sou apenas uma farsa, me escondendo por trás dessa maquiagem e de uma felicidade inventada, mesmo que eu ame o sorriso das crianças quando faço algum truque, mesmo que veja o brilho voltando aos olhos dos adultos quando eles acham que são sérios demais para rirem de algo tão simples... eu estou em pedaços por dentro, não só porque sinto que me é negado o amor, mas porque as pessoas que eu mais confio traem minha confiança por medo de eu ser fraco demais para aguentar a verdade... mas sentir demais não é fraqueza, é ter esperança que ainda há pureza nos corações dos homens e que todo mundo tem o direito à felicidade e encontrar o amor, mesmo que seja um palhaço tolo como eu...

BETINA ARITI: Ah, meu irmãozão, eu não sei o que dizer...

NICOLAU ARITI: Eu não desejo mal a ninguém, eu quero que ela seja feliz...mas eu também quero ser...

(Betina abraça o irmão. Nicolau se solta do abraço e sai correndo).

UNIDADE 3.4 – Preocupação por Nicolau:

BETINA ARITI: Nicolau espera! Por favor, volte aqui... onde você vai?

(Angelina entra correndo, preocupada).

ANGELINA SABINO: O que aconteceu, Betina, cadê o Nicolau?

BETINA ARITI: Cadê o Oscar com a Anastácia? Ele saiu correndo... ele está devastado... tenho certeza que vai entrar em algum bar e arranjar confusão... Angelina, eu sei o quanto você gosta do meu irmão... por favor, me ajude a procurá-lo?!

(Angelina assente e as duas saem correndo a procura de Nicolau).

UNIDADE 3.5 – Valentim revela seu amor:

(Anastácia entra em cena e continua a arrumação do palco. Valentim entra em seguida e lhe entrega uma flor).

ANASTÁCIA MEGALOS (*CHEIRA A FLOR*): É linda... obrigada... mas qual o motivo de tanta gentileza?!

VALENTIM FAGUNDO: Por que queria ver seu sorriso mais vezes do que ele costuma aparecer...

ANASTÁCIA MEGALOS (*ENVERGONHADA*): Às vezes esqueço que sou capaz de sorrir em meio a tanto trabalho...

(Valentim diminui o espaço entre Anastácia e ele, acaricia seu rosto e seus lábios se aproximam, mas ela, com medo desvia).

ANASTÁCIA MEGALOS: Nós não deveríamos fazer isso...

VALENTIM FAGUNDO: Me perdoa... é que eu não consigo mais negar o que sinto... eu quero te proteger e o mais importante, eu quero ser o motivo do seu sorriso e da sua alegria. Você faz tudo por todos... mas eu quero fazer por você o que você nega a si mesma!

(Anastácia vira-se e os dois se olham intensamente, eles caminham em direção ao outro e ele a envolve em seus braços e beija-a. Quando os dois finalmente se afastam):

ANASTÁCIA MEGALOS: Eu não posso fazer isso... o Afonso...ele...

(Valentim a puxa para perto de novo).

VALENTIM FAGUNDO: Ele deveria te deixar ser livre desse contrato, já que não estamos mais na Alemanha e ele não é procurado no Brasil por ter servido aos nazistas.

ANASTÁCIA MEGALOS: Eu posso compreender seu ódio por ele, o ódio que todos sentem, mas tudo o que ele conheceu na vida foi a dor, o sistema corrompido que usa a fragilidade de cada ser humano e os usa como armas para seus jogos de poder...

VALENTIM FAGUNDO: Anastácia, sim eu odeio ele e tudo o que ele representa e o que eu mais odeio é ver que você lê tanto o futuro dos outros e esquece do seu próprio. Olha nas cartas, o que elas dizem sobre você, sobre nós? O seu destino devia importar tanto quanto o das outras pessoas, você não pode acolher a dor do mundo...você também merece encontrar a felicidade e eu quero ser parte dela, eu arriscaria tudo o que eu tenho, tudo o que eu sou, porque eu te amo!

(Quando Anastácia tenta responder, é interrompida por Afonso. O casal rapidamente se separa).

UNIDADE 3.6 – O choque de Afonso:

AFONSO HERRMANN: Anastácia, eu finalmente descobri quem foi que...

(Afonso percebe o que estava acontecendo fica devastado, começa lentamente a recuar, esbarra em Oscar, que entrava em cena. Afonso sai de cena correndo).

OSCAR WILLIAMS: Hei... olha por onde anda, Afonso!

ANASTÁCIA MEGALOS (GRITA): Afonso!

(Valentim tenta se aproximar, mas Oscar percebe que não é o melhor momento e pede para que o rapaz os deixem a sós).

OSCAR WILLIAMS: Valentim, por favor, preciso que ajude a Betina e Angelina a encontrarem o Nicolau!

(Valentim assente com a cabeça, dá uma última olhada para Anastácia e sai de cena).

UNIDADE 3.7 – O desabafo de Anastácia:

OSCAR WILLIAMS: Pela cara que o Afonso estava, acredito que ele já sabe que o Valentim está apaixonado por você!

(Anastácia olha boquiaberta para Oscar).

OSCAR WILLIAMS: Você pode até ser a vidente do circo, mas nada escapa aos olhos do velho mágico!

ANASTÁCIA MEGALOS: Eu me sinto tão confusa...

OSCAR WILLIAMS: O que seus amigos do outro lado dizem a respeito?!

ANASTÁCIA MEGALOS: Esse é o problema do livre-arbítrio... até eles se recusam a interferir...

OSCAR WILLIAMS: E o que o seu coração diz? Qual caminho ele quer seguir?

ANASTÁCIA MEGALOS: Acho que isso não importa muito, não é?! Talvez eu esteja sendo presunçosa ou vendo além da realidade, talvez esteja projetando o que eu queria e não o que realmente é verdade...

OSCAR WILLIAMS: E o que você acha que está vendo além da realidade?

ANASTÁCIA MEGALOS: Pode parecer ingenuidade, mas ele não é como todos pensam... pelo menos não sempre... quando ele se permite sair daquela armadura de soldado que precisa manter uma fachada para sobreviver, quando ele não está preso as angústias do passado amargurado por ter sido condenado a viver a sentença de ser sempre uma arma de guerra e de terror... ele sorri, ele sente às vezes até mais do que eu... quantas vezes eu não o vi vagar pelo Circo durante a noite, com medo de emboscadas, para nos proteger. Quantas vezes ele não abdicou de seu prato de comida, sem que ninguém soubesse, para que os mais jovens não sofressem com a fome. E quantas vezes eu vejo ele se infiltrar nas linhas inimigas para que possamos continuar vivendo de Arte... não damos valor a ele, pois ele se recusa a mostrar que se importa...

OSCAR WILLIAMS: Talvez para um homem que aprendeu que todo o fim justifica o meio, seja difícil mostrar que é possível mudar, que é possível fugir de ideologias extremistas e que no mundo existem milhares de caminhos, que ainda exista algo que realmente valha a pena viver...

(Entram em cena Betina, Angelina e Valentim carregando Nicolau bêbado, interrompendo a conversa de Oscar e Anastácia).

UNIDADE 3.8 – Angelina declara seu amor:

OSCAR WILLIAMS: Já era hora... finalmente o encontraram!

(Valentim, Betina e Angelina colocam Nicolau no chão, que dá leves roncadas após ter bebido tanto. Angelina senta-se e deposita a cabeça de Nicolau em seu colo e faz carinho nele).

ANASTÁCIA MEGALOS: O que aconteceu agora?

OSCAR WILLIAMS: Ele viu a Cecília e a Eleonora...

BETINA ARITI: Ele ficou devastado, gritou com todo mundo e fugiu!

VALENTIM FAGUNDO: Vimos ele no bar do senhor João tentando arrumar briga!

ANGELINA SABINO (ACARICIANDO O ROSTO DE NICOLAU): Pobrezinho... ele está sofrendo demais!

ANASTÁCIA MEGALOS: Entendo... *(olha para todos):* Mas acredito que Angelina é a melhor pessoa para cuidar desta situação!

(Todos se olham, olham para a moça que cuida fervorosamente de Nicolau e saem de fininho de cena, deixando apenas Angelina e Nicolau no palco).

ANGELINA SABINO: Como eu gostaria de arrancar sua dor e vê-lo sorrir mais uma vez... como seria se você soubesse que um dos motivos que me fez deixar tudo para trás foi ter te observado, todas as risadas que você arrancava do público era como se você visse toda a minha dor... talvez porque você também estivesse sentindo o mesmo, ninguém percebe que quando o palhaço tira sua maquiagem, existe um ser que sente, que sonha e que chora... às vezes as pessoas esquecem que o artista também é ser humano e sofre como todo mundo... você me ensinou tantas coisas que eu jamais poderei agradecer...

(Angelina se debruça e dá um selinho em Nicolau...ele dá uma última roncada alta e vai abrindo os olhos).

NICOLAU ARITI: Um anjinho... *(faz biquinho para receber outro selinho de Angelina):* Eu senti o beijinho de um anjinho!

(Nicolau abre melhor os olhos e vê Angelina, ela arregala os olhos. Ele se levanta abruptamente e corre pelo palco).

NICOLAU ARITI: Não é possível, eu morri não é verdade?! Ou estou sonhando! *(Dá um beliscão em seu próprio braço, grita de dor):* Ai! Espera um pouquinho...

(Nicolau se ajoelha em frente a Angelina, fica encarando-a e depois dá um beliscão no braço da moça que grita).

ANGELINA SABINO: Ai! Nicolau, por que você fez isso?

NICOLAU ARITI: Ué...se eu não estou morto e nem sonhando e você também não está sonhando só quer dizer que é verdade!

ANGELINA SABINO: O que é verdade?

NICOLAU ARITI *(GRITA PARA TODOS OUVIREM):* Você me deu um beijinho!

ANGELINA SABINO *(CORANDO):* Eu... é que eu... você não gostou?

NICOLAU ARITI: Como eu não iria gostar de um beijinho vindo direto de um anjinho tão lindo quanto você... *(agora fica um pouco triste):* Mas por que uma moça tão bonita como você beijaria um homem como eu? Não sei se você percebeu, mas eu sou sempre rejeitado e as mulheres tendem a rir de mim, acharem que sou estranho e burro... Eu acabo me sentindo sozinho e encontro conforto apenas num copo de bebida, pelo menos assim eu não sinto tanta dor...

ANGELINA SABINO: Me diz... por que eu não beijaria alguém como você? Sei que não sou como a Cecília e que você está muito apaixonado por ela, mas eu posso ver o que se passa no seu interior, porque eu enxergo a beleza da sua alma! E meu coração não conseguiu evitar de me apaixonar e mesmo que não me queira, estarei sempre aqui para mostrar que você merece, sim, o amor, basta que você se abra para ele...

(Angelina dá um beijo no rosto de Nicolau e começa a sair do palco lentamente. Nicolau vai atrás dela e a puxa de volta).

NICOLAU ARITI: Você sabe o quanto já pedi a Deus por alguém como você em minha vida?! Se eu achava que estava apaixonado pela Cecília, era porque acreditava que ela seria a única que poderia me aceitar por ser como sou, mas finalmente o meu anjinho apareceu... lembro o primeiro dia que te vi por aqui, quase perdi o fôlego, mas jamais me permite ir atrás de alguém que seria impossível para um palhaço como eu...

(Angelina e Nicolau se abraçam, ele gira a moça e saem correndo do palco felizes).

UNIDADE 3.9 – Uma conversa franca entre Afonso e Oscar:

(Afonso entra em cena como se estivesse arrumando suas malas. Oscar entra e os dois conversam).

OSCAR WILLIAMS: O que você está fazendo, Afonso? Onde você vai?

AFONSO HERRMANN: Vou dar a vida que a Anastácia merece e ir para bem longe dela, assim ela pode ficar com aquele palhaço malabarista que ela tanto ama!

OSCAR WILLIAMS: E quem disse que ela o ama?

AFONSO HERRMANN: Acho que eu fui o único tolo que negava essa realidade, não tente você me fazer de idiota, agora...

OSCAR WILLIAMS: Não...com certeza eu deixo esse trabalho para você fazer sozinho...

AFONSO HERRMANN: Oscar, por que você não vai lá dar as boas novas a todos e me deixa em paz?

OSCAR WILLIAMS: Porque se eu fizesse isso, por mais que me alegraria muito, eu veria a tristeza na pessoa que eu mais amo e eu não poderia viver com isso.

AFONSO HERRMANN: Então, finalmente, você confessa que é apaixonado por ela não é?!

OSCAR WILLIAMS: Quando você quer ser um idiota, você leva todas as honrarias mesmo... é claro que não estou apaixonado por ela, a Anastácia é como minha irmã mais nova e eu jurei protegê-la desde que ela estava na barriga de sua mãe...

AFONSO HERRMANN: Acredito que isso também não importa mais, mesmo que você estivesse apaixonado por ela ou não... ela já tem o seu escolhido, nós simplesmente não podemos mais esconder o fato de termos nascido sem sorte.

OSCAR WILLIAMS: Eu acho que azarões como nós, uma hora ou outra, encontra seu momento de sorte, a questão é... você vai deixá-la?

AFONSO HERRMANN: O que eu poderia fazer? A minha vida toda fui ensinado a ser apenas uma ferramenta que serve aos interesses dos outros. Abdi quei da minha vontade própria, abdi quei de demonstrar sentimentos, pois o inimigo não tolera fraqueza e no campo de batalha, quem baixa guarda, morre. E o foco da minha vida virou nada, as noites eram intermináveis e o amanhecer servia para nos lembrar que a guerra não havia acabado. Quando a tirei dos braços daqueles homens, pensei que a tinha salvado, mas foi o contrário, ela me salvou do inferno de estar sozinho...

OSCAR WILLIAMS: Por que você nunca quis se abrir verdadeiramente para nós ou, ao menos, para ela?

AFONSO HERRMANN: Eu lutei diariamente contra minhas emoções, contra quem eu sou, para não sentir, para não sofrer, mas acabei sofrendo ainda mais...

OSCAR WILLIAMS: Um homem só aprende com quem realmente pode contar quando não há mais nada que o sustente e é em nossas fraquezas que encontramos a força necessária para continuar a caminhada. Você nunca esteve sozinho, Afonso, todas as vezes que você tentou nos afastar, foi quando ela viu sua angústia, todas as vezes que você foi ríspido com ela, foi quando vimos sua dor e ela a sua solidão... o Valentim não tem culpa de ter se apaixonado por ela, tanto quanto ela não tem culpa de não conseguir se entregar ao amor de um outro homem, por sentir que você pode ser aquele que sempre se sacrificou silenciosamente pela felicidade dela. Ela sente o mesmo que você, mas se você não é capaz de mostrar tudo isso que você está mostrando aqui agora... peço, então, que você realmente a deixe em paz!

(Afonso olha com tristeza para Oscar, pega sua mala e sai de cena).

UNIDADE 3.10 – A podridão de Humberto:

(Humberto entra em cena e encontra Oscar).

HUMBERTO WOLF: Ora...ora...mas quem era aquele que eu vi saindo com uma mala? Não vai me dizer que o cãozinho de guarda da Anastácia finalmente decidiu ir embora? Será que foi o chifre que pesou na cabeça e ele ficou com medo de rasgar a lona?!

(Humberto começa a rir debochadamente e Oscar não gosta).

OSCAR WILLIAMS: Você deveria começar a olhar para o seu próprio rabo e ver de que lado você está da história.

HUMBERTO WOLF (CÍNICO): Ora...mas é claro que eu estou do lado da Anastácia, eu nunca gostei daquele sujeitinho!

OSCAR WILLIAMS: Você deveria parar de se fazer de desentendido... você nunca me enganou!

HUMBERTO WOLF: Nossa, quanto mal humor...isso faz mal para saúde, na sua idade ficar tão nervoso... pressão arterial é um perigo!

(Oscar encara por um tempo Humberto e sai de cena).

HUMBERTO WOLF: Tchauzinho...vai tarde, o outro capacho!

(Humberto ri debochadamente de Oscar até o mágico sair de cena).

UNIDADE 3.11 - Humberto ameaça Eleonora:

(Eleonora entra procurando por Oscar, mas encontra com Humberto).

ELEONORA BETHENCOURT: Oscar, cadê você? Precisamos ensaiar!

HUMBERTO WOLF: Oi bonitinha...o seu querido mágico acabou de sair daqui, são os desencontros da vida, não é... *(começa a se aproximar de Eleonora):* azar o dele e sorte a minha!

(Eleonora se assusta e tenta fugir, mas Humberto agarra seu braço e começa ameaçá-la).

ELEONORA BETHENCOURT: Me solta, se não eu grito!

HUMBERTO WOLF: Eu não faria isso, se fosse você. Ou se esqueceu do que aconteceu da última vez que você tentou gritar?! Acho bom você continuar de bico calado, senão a sua preciosa Cecília pode pagar por ter uma namoradinha tão boca aberta... quem diria vocês duas, hein... fico imaginando que poderíamos fazer uma festinha...o que você acha de nós três brincarmos um pouquinho, mais tarde?!

(Eleonora, em desespero, consegue se soltar e chuta a canela de Humberto, que grita de dor. Eleonora foge).

UNIDADE 3.12 – Humberto ataca Anastácia:

(Anastácia entra em cena).

ANASTÁCIA MEGALOS: Humberto, precisamos conversar!

HUMBERTO WOLF: O que minha honorável chefinha teria a tratar comigo?

ANASTÁCIA MEGALOS: Acredito que você sabe muito bem do que eu estou falando, não subestime minha inteligência!

HUMBERTO WOLF: E o que uma simples mulherzinha pensa que pode fazer contra um homem muito mais forte que ela?!

(Humberto estapeia Anastácia, a joga no chão e começa a enforcá-la).

HUMBERTO WOLF: Eu só estava esperando o momento certo para pegar você sem seus cães de guarda adestrados!

(Anastácia começa a perder os sentidos. Oscar entra para salvá-la, mas Humberto consegue atingi-lo. Oscar cai ao chão com dor. Humberto volta para Anastácia, mas neste momento Afonso entra correndo, os dois entram numa briga. Oscar consegue, mesmo com dor, se aproximar e acordar Anastácia. Humberto perde a batalha contra Afonso).

HUMBERTO WOLF: Vocês vão me pagar, seus artistas imundos...

(Humberto foge pela plateia).

UNIDADE 3.13 – Um plano de fuga:

(Oscar consegue se recuperar do golpe. Afonso corre até a Anastácia).

AFONSO HERRMANN: Vocês estão bem?

OSCAR WILLIAMS: Então você decidiu voltar?!

ANASTÁCIA MEGALOS: Onde você tinha ido?

OSCAR WILLIAMS: Acho melhor deixá-los ter essa conversa sozinhos!

ANASTÁCIA MEGALOS: Você tem certeza que está bem?

OSCAR WILLIAMS: Nada que uma boa aspirina não ajude! Só uma coisa que está me preocupando é...

AFONSO HERRMANN: A ameaça do Humberto...

OSCAR WILLIAMS: Vocês acham que ele seria capaz de...

ANASTÁCIA MEGALOS: De juntar-se a eles?! Sinceramente, um homem como ele seria capaz de qualquer coisa.

OSCAR WILLIAMS: Vou avisar a todos... talvez deveríamos fugir na calada da noite, quando tem menos guardas, e levar o Circo para outro lugar!

AFONSO HERRMANN: Avise a todos... partiremos hoje mesmo!

(Oscar assente e sai de cena, deixando Afonso e Anastácia juntos).

UNIDADE 3.14 – O amor de Afonso e Anastácia:

AFONSO HERRMANN: Sinto muito por ter que fugir mais uma vez, parece que vivemos para isso...

ANASTÁCIA MEGALOS: Não importa onde tenhamos que ir, o que importa é estarmos todos juntos! Onde você tinha ido?

AFONSO HERRMANN: Eu achei que seria melhor te deixar em paz, que sua vida seria mais fácil sem mim e que seria mais feliz...

ANASTÁCIA MEGALOS: E o que te fez voltar?

AFONSO HERRMANN: O egoísmo... eu nunca me considerei ser um homem generoso, por mais que eu tente, por maior que seja a minha convivência contigo, eu jamais conseguirei ser... e só de pensar que nunca mais poderia te ver novamente, que nunca mais ouviria sua risada, que nunca mais seria capaz de te proteger... eu simplesmente não pude ir tão longe...eu deveria, deveria te deixar ir... deveria te deixar ser feliz com o homem que ama, mas eu não consigo!

ANASTÁCIA MEGALOS: Por que você acha que eu o amo?

AFONSO HERRMANN: Porque ele é um idealista e você o admira por isso, dizem que devemos admirar as pessoas que amamos.

ANASTÁCIA MEGALOS: Sim, eu o admiro por ser um homem que luta pelo bem de todos, mas isso não significa que eu o ame! Pelo menos, não como você pensa...

AFONSO HERRMANN: Mas ele a beijou, não foi?!

ANASTÁCIA MEGALOS: Sim, mas por mais que eu quisesse sentir o mesmo que ele, eu simplesmente não podia!

AFONSO HERRMANN: Por que você não podia?

ANASTÁCIA MEGALOS: Porque meu coração pertence a alguém que jamais me disse o que sente, que já me maltratou, que foi rude com todos que eu amo...mas que quando ninguém está olhando, zela com todas as forças de seu ser para proteger tudo isso...

AFONSO HERRMANN: Como você sabe disso?

ANASTÁCIA MEGALOS: Nos conhecemos há tanto tempo e você ainda não se acostumou?!

AFONSO HERRMANN (SORRI): Eu te amo como um louco Anastácia... eu não sei como lidar com tudo isso que eu sinto, mas eu te amo!

ANASTÁCIA MEGALOS: Eu também te amo, Afonso!

(Os dois finalmente se entregam ao que sentem um pelo outro e se beijam apaixonadamente).

CENA 9

UNIDADE 3.15 – A marcha final:

(O casal apaixonado está em seu momento de romance, quando ouvem vindo por trás do palco o barulho de marcha muito forte. Os dois ficam alarmados. Oscar entra correndo).

OSCAR WILLIAMS: Afonso... Anastácia... eles estão aqui... Humberto nos traiu!

AFONSO HERRMANN: Aquele canalha... precisamos correr!

(Todos entram correndo no palco).

VALENTIM FAGUNDO: Estamos encurralados!

(Humberto, com seu nariz de palhaço, entra marchando vindo da plateia. Afonso tenta proteger a todos e entra em combate contra Humberto. Todos estão no centro do palco batendo os pés em marcha, com narizes de palhaço. Humberto empurra Afonso, que cai para fora do palco aos pés do público, ferido e desacordado. Todos tiram o nariz de palhaço e param a marcha).

ANASTÁCIA MEGALOS (GRITA EM DESESPERO POR AFONSO):
Não!

HUMBERTO WOLF: Eu disse que me vingaria e trouxe reforços, aqui não gostamos de baderneiros revolucionários... um já foi, agora falta o resto!

(Todos colocam narizes de palhaço e marcham mais uma vez. Humberto entrega-lhes velas e as acende. Para a marcha, todos tiram os narizes de palhaço, menos Humberto que com voz forte declama):

HUMBERTO WOLF: Em minhas mãos morrem os sonhos, o amor e a esperança. Viva a minha visão de igualdade
Sem alguém que os...

TODOS: Salve!

(Os artistas se olham com amor pela última vez).

HUMBERTO WOLF: Desafio esse povo tão heroico a entregar-se a própria...

TODOS: Morte!

(O grupo circense apaga as velas e caem ao chão, mortos. Humberto vai até eles e verifica com os pés a morte do grupo. Ele ri histericamente).

HUMBERTO WOLF:

E o Sol da liberdade,
Brilha no céu da pátria nesse instante!

(Humberto sai do palco pela plateia, rindo).

(As luzes permanecem fracas no palco. Afonso começa a recobrar a consciência e se depara com sua família ao chão, mortos, corre até eles e os olha. Por último, vê o corpo de sua amada e a aproxima de seu peito).

AFONSO HERRMANN (GRITA DE DOR): Não!

(Pequena pausa).

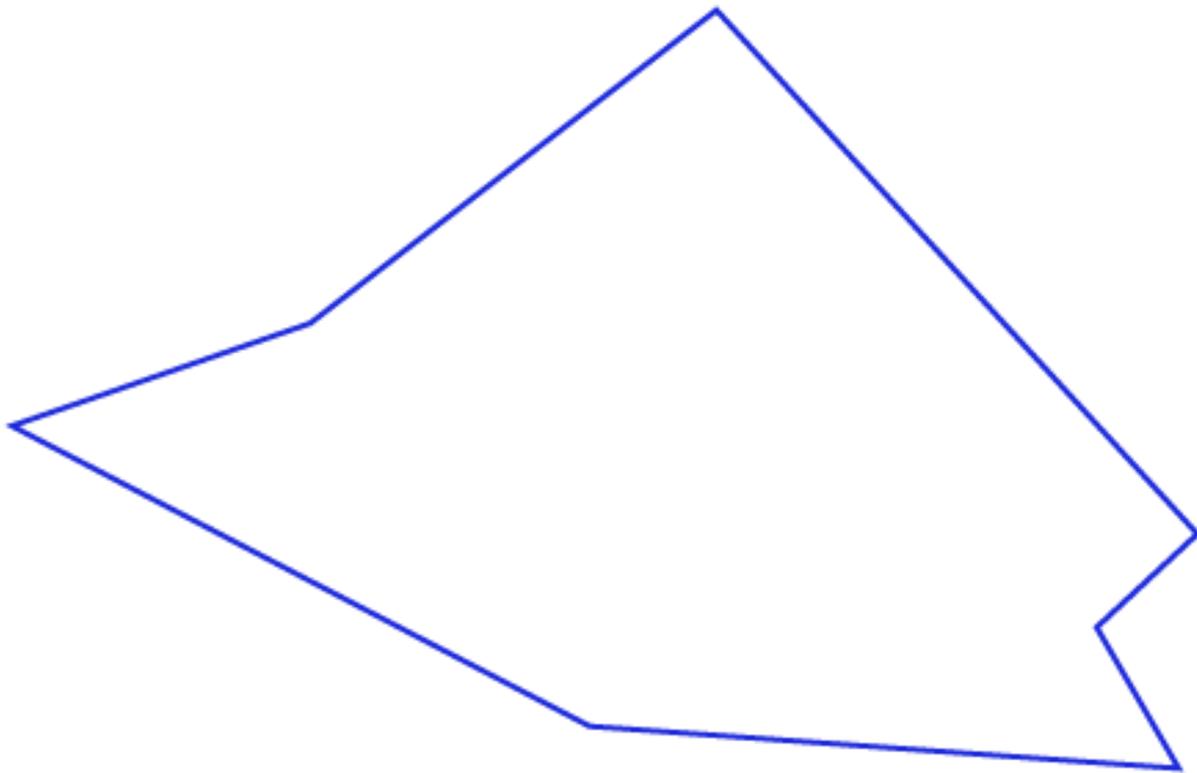
AFONSO HERRMANN (ENQUANTO CANTA UMA ÚLTIMA MÚSICA: "ADEUS AO CIRCO" ELE PEGA AS ROUPAS DE PIPOQUEIRO EM SUA MALA E COMEÇA A VESTI-LAS):

O que resta de nós é o que ficou em mim
Seus palhaços sérios já não riem
Quanta ilusão o Mágico deixou
O que sua Assistente revelou
Nem a Bailarina escapou
Em nossos corações tudo mudou
Não existe mais Malabarista
Nem a nova Artista
A Cigana que roubou meu coração
Se foi sem uma canção
Meus olhos antes vivos
Se perdem em solidão
Grito sem forças na esperança de ver ela voltar
Aos meus braços a repousar
Se existe glória na morte

Só peço a Deus que me leve a essa sorte
Já se foram os dias de festa que o circo criou
Estou preso a eterna dor das sobras de memória que ficou
Quando meu amor não voltou
E as cinzas do Circo se apagou!

(Afonso abraça e beija sua amada pela última vez. As luzes do palco vão diminuindo até se apagarem de vez).

FIM.



Audrey Marchini é estudante no curso técnico de Teatro na Escola Macunaíma, em Campinas, SP. Vem se descobrindo dramaturga nas salas de ensaio, tendo adaptado diversos textos para sua turma de formação. Seu texto Irrespeitável Público esteve em cartaz na escola em 2022, com direção de Wanderley Martins.



NECROBOTÂNICA BRASILEIRA

Bibi Marães

*Os discursos políticos dos últimos anos têm atravessado as relações afetivas e familiares, embaraçando raízes que nos remetem até as origens do nosso tempo histórico. A linguagem usada como arma contra as diferenças é o que mais chama a atenção em *Necrobotânica Brasileira*, metáfora vegetal de um país tentando sobreviver.*

Tadeu Renato

SINOPSE

Morte e Vida se confundem na encruzilhada, depois do vírus, depois de tudo. Desse encontro escorrem lágrimas. Nem as primeiras, nem as últimas. Elas regam o solo e fazem brotar uma Árvore. A primeira. A Árvore Original nasce podre. E do primeiro segundo de sua existência, já está morta. Suas descendentes assim repetem seus ciclos. De tempos em tempos, são sempre os mesmos que morrem. São sempre os mesmos que matam. E você? Tá viva?

I

1A: Morte e Vida se encontram na encruzilhada, antes de tudo. Antes mesmo do Tempo.

1B: Desse encontro escorrem memórias. As Primeiras Memórias regam o solo e fazem brotar uma Árvore.

1C: A primeira. A Árvore Original. E do primeiro segundo de sua existência, definha no outono, renasce na primavera e nunca mais deixou de existir.

1D: Suas descendentes assim repetem seus ciclos, uns mais eternos que outros.

Os atuantes começam a andar em seus caminhos, lamentando as memórias que escorrem para o esquecimento. Todes chegam à árvore, suas raízes se espalham por todo o ambiente. Tambor toca batida de coração. Batida crescente.

Silêncio.

CORO: E você? Tá viva?

Explosão. Estrondo.

1B: Estão sentindo? *(pausa)* Não? Tão fresquinha. Hmmm. Tenta sentir *(pausa)*

1B: Arrepios...

1A: Tenta sentir! É uma delícia! *(Rios começam a escorrer)*

1B: Hum... os cabelos livres, bagunçados *(vento)*

1A: Fecha o olho, vai!

1B: Encontra todas as frestas. Fresco, gelado... me congela por dentro, nariz, faringe, laringe, traqueia *(inspira fundo)*

1A: *(inspira fundo)* Ah...

Água corrente. Ventania.

1B: ... pulmão, brônquios, bronquíolos, tudo gigante. *(inspira)*

1: A terra lamacenta... boa de afundar o pé... pode fincar ele lá embaixo... a raiz desce, a água sobe. Sobe pelas unhas, dedos, calcanhar, tornozelo... hummm... sobe por dentro. Tá sentindo as raízes deixando ela entrar? Deixa ela entrar...

1B: Quente, úmido, troca gasosa. O frescor de fora (*inspira*) e o morno de dentro... (*expira*)

1A: Panturrilha, coxa-caule, floema, xilema, quadril. Por dentro e por fora. Raízes e dedos. Dedos-raízes. (*ventania. 1b inspira fundo*)

1A: Estômato. Barriga. Umbigo-nó. Espinho. Veios e veias. Peito-tronco. Pescoço-galho. (*correnteza*)

1b tenta expirar. Não consegue. Tenta respirar.

1C, 1D: E você? Tá viva?

1A: Queixo-boca. Nariz-Botão. Orelhas-Pétalas. Olhos semente. A fruta funda.

1b, 1c e 1d sufocam. Agonizam.

1A: Já olhou para dentro? Já sentiu o batuque do tabaque do peito. Que te sustenta, peito que te respira, peito tronco de vida?

Sufoco de 1b, 1c e 1d diminui gradualmente.

1A: Se cada célula do seu corpo pulsa, cada grama do seu peito bate. Se um vírus entra, invade, não é assim que se morre.

1B: Nem assim que se nasce.

1A: Se não existe remédio, um pingo de ar, não é assim que se cresce.

1B: Mas é assim que se sofre.

1A: Se no auge da vida se encontra a morte.

1B: É no fim que se enxerga o começo.

1A: Se no esquecimento achamos abrigo.

1B: É na memória que achamos alento

II

Boa noite, meu Brasil varonil. Sejam muito bem-vindos ao seu, ao meu, ao nosso Sociedade Alerta, o Jornal da Família Brasileira. Afinal, Tradição é evolução! Para começar o dia de hoje, vamos falar sobre o Clima que paira sobre esse nosso Brasilzão. No dia após às eleições presidenciais, ventania forte rasga bandeira do Brasil estendida no Palácio do Planalto, indicando fortes tendências catastróficas para o futuro da nossa nação. Nossos astrólogos de plantão dizem que a proximidade com o dia 15 de novembro pode indicar o início do inferno astral da República Brasileira. Seguremos as pontas e levantemos a mão pro alto, vem chumbo por aí. Cidadãos de bem apelam fortemente para forças intergalácticas intervirem na situação política brasileira. Os alienígenas que foram convidados pela produção do filme “A Chegada”, de 2016, deram declaração na última quarta-feira. Segundo os linguistas que trabalharam na tradução do conteúdo deixado em célula alienígena no quintal do Palácio do Planalto, os marcianos negam necessidade de intervenção e anexaram foto fazendo o L, “Nem todos que moram no espaço são marcianos, Marte é só UM dos planetas, seus filhas da puta”, declara o líder dos marcianos. Cientistas chamam atenção para nova tendência entre os patriotas. Após intervenções das forças armadas contra manifestantes verde e amarelos, nota-se um crescimento significativo do uso de gás de pimenta junto com Viagra no ato sexual dos manifestantes atacados. Médicos especialistas dizem que o fetiche não é saudável e indicam o uso do cassetete como alternativa para aliviar o tesão. Não, espera. A tensão. Para aliviar a tensão. Se cuidem, queridos. E chegamos ao fim da edição de hoje do nosso noticiário. Um abençoado fim de semana a todos e todas.

III

3A: Senhoras, senhores, bom dia. Vamos dar início à nossa mesa-debate-congresso-simpósio acerca de uma questão de extrema importância vivida na sociedade atual. Passamos por um momento muito difícil, em que famílias são destruídas, organizações comunitárias desfeitas, mercados com preços exorbitantes, nem a barraca do pastel escapou da treta. Nossa sociedade está trincada, rachada no meio, dissociada em visões diversas, mas nem sempre verdadeiras. Pelo bem da Verdade e da Ciência, selecionamos trabalhos e pesquisas que acreditamos dar as muitas dimensões que esse tema merece. Afinal, “Toda madeira já foi árvore?”. 10 minutos, candid-

3B: Segundo dados coletados por órgãos ambientais responsáveis pela preservação da Mata Atlântica, existem mais de 200 Espécies Vegetais Exóticas introduzidas no processo de colonização do Brasil. Lembrando que espécie nativa se refere àquela que evoluiu no ambiente em questão ou que lá chegou desde épocas remotas, sem a interferência humana ou desumana. Espécie exótica é a que está em ambiente diferente de seu local de origem, por impulsos imperialistas brancos colonizadores capitalistas ou para executar trabalhos forçados mediante a graves ameaças de tortura e morte. Já Espécie Invasora é o termo empregado para designar espécie exótica que apresenta alta capacidade de crescimento geográfico e econômico, proliferação e dispersão de doenças virais nunca antes combatidas pela população nativa podem ser um indício forte de que a espécie invasora tenha sucesso. Ela é capaz de modificar a composição, a estrutura e, ainda, a função do Ecossistema.

3A: 5 minutos, Candidato.

3B: As plantas invasoras tendem a apresentar características que as tornam melhores competidoras, ou melhores enganadoras, pilantras, mal caráter, contadoras de historinhas, contos da carochinha, tudo para que haja sucesso no processo de dispersão de seus descendentes tais como: alta carnificina fotossintética e de apropriação cultural de nutrientes, alto crescimento do uso de armas de fogo, fácil dispersão de ideias imperialistas, alta capacidade de reprodução de preconceitos e de germinação de dinâmicas de exploração, resistência à herbívoros comunistas, tolerância ao desfolhamento e extermínio da população marginalizada, sementes 6 pequenas com alta longevidade no espaço tempo, pequeno período juvenil, alta produção de fake news e falácias mal contadas, além de terem governantes de araque.

3A: Um minuto e meio, Candidato.

3B: Mesmo que uma espécie não tenha as características esperadas para se tornar invasora, essas características podem vir a aparecer em consequência de longos processos de demonização de partidos trabalhistas ou por mudanças repentinas no Palácio do Planalto, como golpes de estado ou militares que limitam a dispersão de ideias subversivas, além do favorecimento pela manutenção de uma sociedade desigual. São essas espécies *Andropogon gayanus*, *Artocarpus heterophyllus*, *Bambusa vulgaris*...

3A: Candidato...

3B: Calotropis procera, Cassytha filiformis, Casuarina equisetifolia...

3A: Candidato, acabou seu tempo.

3B: Cenchrus clandestinus, Centella asiatica.

3A: Candidato, vai se encaminhando-

3B: Citrus limon, Citrus sinensis, Clitoria fairchildiana...

3A: Podem levar.

3b é levado da cena enquanto ainda esperneia os nomes de espécies como Crotalaria juncea, Cynodon dactylon, Eriobotrya japônica, Eragrostis plana, Hedychium coronarium...

3A: Podemos continuar. Candidato...

3C: Você que está no terço do combate conosco, você que entendeu que no tempo difícil que nós vivemos, como no tempo de Noé, aqueles que ouviram a voz do senhor e entraram na arca encontraram a salvação. E o que eu lhes pergunto é: se a arca fosse um toco de árvore, carregaria tudo que é mais sagrado no mundo, um macho e uma fêmea de cada espécie, para que pudéssemos estar aqui hoje? Eu os convido a pensar, irmãos e irmãs. A arca só salvou o mundo inteiro do pecado porque foi arca, não porque foi árvore. Andam dizendo por aí, espalhando discursos malignos, do inimigo, que nós, toquinhos de Deus, um dia fomos árvore e que, por isso, precisamos resgatar nosso passado para podermos nos libertar no presente. Irmãos e irmãs, eu vos digo que esse discurso é falacioso! Uma árvore tem defeitos, sua casca é áspera, desconfortável, seus galhos têm farpas que machucam, suas folhas caem, sujam o solo, escondem bichos, insetos malignos, a própria Árvore Original serviu de abrigo para a serpente que corrompeu Eva e instaurou o pecado original.

3A: 5 minutos, Candidato.

3C: Árvores pegam fogo, espalham dor e destruição pelo mundo. Deus nos fez árvore primeiro, mas para que conheçamos o trabalho divino que existe no corte do tronco da discórdia, na poda dos galhos do pecado, no trabalho do artesão divino que modela o homem e a mulher, feitos um para o outro.

Um pedaço de pau é só um pedaço de pau, até que façamos dele algo maior e nós, irmãos e irmãs, podemos ser algo maior, rígidos, incontornáveis às seduções do pecado! Não insistamos em lembrar do passado cheio de dor. Uma árvore foi feita para ser cortada e usada, deixemo-nos ser usados por Deus e pela presença dele na terra. Deixemos queimar no fogo do inferno toda árvore que se faça resistente às mãos do nosso artesão maior, que é Ele.

3A: Um minuto e meio, Candidato.

3C: Meu filho aprendeu muito rápido depois de enfrentar gigantes dificuldades, foi árvore derrubada pelas intempéries, mas que não se deixou apodrecer, se ergueu e se talhou, se podou, mas continuou, dessa vez, no caminho de Nosso Senhor... e esse é o caminho certo! As coisas mudam, e sem dúvida nenhuma, precisamos mudar! Pregamos a torto e à esquerda que não existe mais homem com mulher, mas é a mulher com a mulher e o homem com o homem, onde tem essa ideologia de gênero dentro das escolas...

3A: Candidato, sem temp-

3C: ...com as crianças... eu recebo imagens inacreditáveis de crianças de 6 e 7 anos se beijando, imagens de meninas, dentro de uma escola, se beijando onde tem ali, dentro das nossas escolas, esse espaço chamado beijódromo.

3A: Candidato, por f-

3C: Então o que que está por trás disso? Destruir a família, sem dúvida nenhuma, devastar todo nosso pomar, deixar que nossas pequenas árvores apodreçam! Que deixem de dar frutos...

3A: Podem levar esse também...

3C: *(é arrastado para fora da cena)* ...mas destruir a família só? Não! O plano é destruir a humanidade! Querem destruir TODOS NÓS. FIQUEM ATENTOS IRM-

3A: *(suspira)* Próximo...

3d entra em cena e não fala nada.

3A: 5 minutos, Candidato.

3d não fala nada.

3A: Um minuto e meio, Candidato.

3d não fala nada.

3A: Candidato, seu temp-

3d não fala nada.

3A: Candidato, por f-

3d não fala nada.

3A: Candidato, você tenha mais respeito!

3d não fala nada.

3A: O senhor realmente decidiu instituir uma nova regra nesse debate.

3d não fala nada.

3A: O senhor poderia olhar pra mim? Com todo resp- O senhor SE CONTROLE!

3d não fala nada.

3A: Vamos respirar. Vamos respirar. O senhor poderia olhar pra mim?

3d não fala nada.

3A: Eu vou ter que pedir para o senhor-

3d não fala nada.

3A: Não vou ADMITIR que o senhor se dirija a mim desse jeito. Mas que AUDÁCIA. Você sabe QUEM eu conheço aqui dentro dessa emissora?

3d acena com a cabeça e 3a é arrastado para fora de cena.

3A: Se eu fizer UMA ligação você vai se arrep-

3D: Boa noite. E até amanhã.

IV

30/10/2022

- Parabéns Vitória! Que esse novo ciclo traga chuva de bênçãos pra sua vida! Feliz Aniversário!
- Parabéns Vitória tudo de bom muita saúde, paz, alegrias e conquistas
- Boa noite família
- Parabéns Vitória felicidades muita saúde que Deus te ilumine sempre
- De virada é mais gostoso!!!
- Olha só a lembrança do meu celular de hoje ♥ 33 anos atrás
- Que maravilha relembrar.
- Preferia que ficasse esquecido.
- Pessoal esse foi o ganhador da rifa...o João, coordenador de liturgia da paróquia
- Romeu Zema vai se lascar...não adianta Bolsonaro estar na frente porque Lula vai ganhar....
- Obrigada pelas mensagens de aniversário, e por todo carinho... amo vocês e estou com saudades!!
- Lula virou em Minas!!!
- Tem que proteger o senado ...
- SEPAREI AS PANELAS AQUI!! VAI TER PANELAÇO ELE NÃO VIRA NEM A PAU!!!
- A família brasileira sofre no dia de hoje † Que deus nos proteja.
- Família, depois do resultado de hoje, senti no coração de vir falar com vocês. Temo muito pelo destino do nosso país, temo muito mesmo, tenho medo por nós, família tão unida e amada por mim. Existe um plano de governo agora de acabar com famílias como a nossa, tão querida e temente a deus. Esperemos que Ele interceda por nós.

Hoje, Amanhã e Sempre. Amo vocês apesar de tudo, mesmo que estejam enganados por toda essa ideologia que assume o poder a partir do ano que vem. Acredito que Deus abrirá os olhos de vocês!

18/12/1989

– Família... agora que já acabaram as eleições pode ficar TUDO IGUAL! QUEM VOTOU EM GENOCIDA, APOIADOR DE TORTURA E MILICIANO, MANTENHA DISTÂNCIA DE MIM! E para ficar bem claro, quem vota em fascista, fascista é... fiquem longe de mim! A vida segue e segue longe de quem apoia miliciano... sempre! Quem vota num candidato que tem vinculação com a milícia, miliciano é... Bom... agora vou dormir que amanhã é cedo... Vencemos!

– Senhor amado, como pode uma pessoa tão inteligente e amado como você dizer palavras tão desrespeitosas. Aqui é um grupo de família. Família é Amor assim como você tem o direito de votar em quem suas convicções acreditam, todos temos. Independente de quem votamos, isso não anula o respeito que devemos ter um pelo outro. Mesmo você petista e eu não, vou continuar respeitando você pela pessoa maravilhosa que sempre foi. Não se deixe envenenar por tão pouco meu querido. Cadê a democracia, cadê a liberdade de expressão? Que Deus tenha misericórdia de você e de todos que pensam como você.... DEUS SEJA LOUVADO A TODO MOMENTO!

– Quem vota em alguém que diz que é a favor da tortura, que ri de quem sufocava com covid, que diz que não liga se inocentes morrerem numa guerra... compactua com tudo isso. Família não é só amor, é escolha e eu escolho não ter contato com quem fica do lado de fascista... simples... se escolheu seu lado, fique nele e me deixe no meu, por favor! Ignorante é quem chora a morte de uma tia na pandemia e vota em alguém que contribui com isso... fique bem com sua consciência!

– Não discuto com pessoas ignorantes como você, todos os políticos são ladrões, todos roubam e eu não me sinto e nem sou ladrão porque apoio um ou outro. A única coisa que digo é que se você ESCOLHE estar longe dos SEUS, siga sua vida, meu querido. E boa sorte. Eu não deixo de amar cada um dos MEUS que votou em um partido que não acredito, vamos celebrar a vida e o amor. Deus está acima de tudo!

- Ignorante é quem chora a morte de uma tia na pandemia e vota em alguém que contribui com isso... fique bem com sua consciência...! Ah... e eu sou ateu.
- Misericórdia, tenho dó de você, uma pessoa incrédula. Mal-amada. Que Deus tenha piedade de você e de sua vida. O AMOR sempre vence!
- O amor venceu ontem. Que seu Deus tenha piedade de quem usa o nome dele em vão... siga seu caminho bem longe do meu
- Muito infeliz a sua fala, querido. Esse grupo é feito de amor, carinho e união por ser o grupo da nossa família. Aqui não é um grupo de discussão política ou coisa do tipo, porque quando a coisa apertar não vai ser esse político que vai te dar conforto, amor, te estender a mão. Quer falar de política? Fala com seus amigos, fala com quem realmente quer falar de política, não no grupo da sua família!!
- Vou simplificar para vocês entenderem... votou no Bolsonaro NÃO ME DIRIJA A PALAVRA. Fim. Sigam com sua hipocrisia... fala de Deus e vota em quem é a favor da tortura... quando ler as palavras de Cristo, quando pensar nEle sendo crucificado e sofrendo as piores torturas... lembrem das palavras de Jair Messias Bolsonaro... "você sabe... sou a favor da tortura".
- E quem decidir por estar longe de nós é quem perde. Porque, afinal, nada melhor do que estar em FAMÍLIA. Eu não deixo de amar cada um dos MEUS que votou em um partido que não acredito, vamos celebrar a vida e o amor. Deus está acima de TUDO. Meus queridos, amo TODOS vocês. Afinal, a vida é feita de escolhas, e eu escolho minha FAMILIA. Sempre e sob quaisquer circunstâncias.
- Vou lembrar disso quando postar foto com nossa tia morta pela covid....
- CALA A SUA BOCA PARA PRONUNCIAR NO NOME DA MINHA TIA. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Você é um IMBECIL, ESTÚPIDO.
- Menino pra que isso... Imagine se você fosse à favor de tortura... o que você não iria fazer com a gente... Meu Deus estou escandalizada...

– Sim sim, e vocês todos são muito inteligentes e bem-amados, com certeza. Da próxima vez, me sufoquem com suas próprias mãos. Me enterrem vivo.

– SE NAO É CAPAZ DE RESPEITAR OS QUE ESTÃO AQUI, SAI FORA.

– Bom dia, Família! Chuvas de carinho para todos vocês...

– E vocês que fingem que essa discussão não existe, que não votaram em ninguém, tiveram a SORTE da maioria ter BOM SENSO de ter votado no Lula. Não da mais, NÃO DA MAIS. ME ESQUEÇAM.

I

1A: Morte e Vida se confundem na encruzilhada, depois do vírus, depois de tudo.

1B: Desse encontro escorrem lágrimas. Nem as primeiras, nem as últimas. Elas regam o solo e fazem brotar uma Árvore.

1C: A primeira. A Árvore Original nasce podre. E do primeiro segundo de sua existência, já está morta. Com isso, deixam de existir as estações.

1D: Suas descendentes assim repetem seus ciclos e, de tempos em tempos, uns matam os outros. São sempre os mesmos que morrem. São sempre os mesmos que matam.

Os atuantes começam a andar em seus caminhos, se afastando da árvore, lamentando. Todes chegam às pontas da encruzilhada. Tambor toca batida de coração. Batida decrescente.

Silêncio.

1A: Estão sentindo? *(pausa)* Não? Tão fresquinha, geladinha. Hmmm. Tenta sentir *(pausa)*

1B: Arrepios...

1A: Tenta sentir! É uma delícia! *(sufoco)*

1B: Hum... os cabelos livres, espalhados no chão, perdendo sua cor *(serra elétrica ligada).*

1A: Fecha o olho, vai!

1B: Encontra todas as frestas. As perninhas caminhando sobre a minha pele... me invade por dentro, nariz, faringe, laringe, traqueia (*Moscas voando*)

1A: (*inspira fundo*) Ah...

1B: ... pulmão, brônquios, bronquíolos, a terra invade. (*inspira*)

1A: A terra lamacenta... boa de se afundar... pode entrar no buraco... lá embaixo... seu corpo desce, a lágrima escorre. Insetos comem, dedos, calcanhar, tornozelo... hummm... comem por dentro. Tá sentindo as anteninhas rasparem no fundo da sua garganta? Tá deixando tudo entrar? Tá sentindo a pele soltar da sua carne? Tá? Deixa... Deixe-se espalhar (*inspira*)

1B: Quente, úmido, por dentro alimento, por fora me comem, lento. Os fungos, o gosto do chorume na boca.

1A: Epiderme, derme, tecido vegetal, músculo, veias, veios, artérias, xilema, nervos, ossos, tutano, medula, raiz, célula e celulose, vou me decompondo.

1B: Podridão cavidade adentro. Minha alma cavidade afora. (*silêncio*)

1C: Já olhou para dentro? Já sentiu o batique do tabaque do peito. Que não respira mais, que não pulsa mais, que não nos rega mais de vida?

1D: Se cada célula do seu corpo morre, cada germe que te come cresce, se desenvolve.

1A: Se um vírus entra, invade, foi assim que muitos morreram.

1B: E assim que muitos mataram.

1C: Se não fazem remédio, recusam vacina, nem um pingão de oxigênio...

1D: Então peguem seus mortos, carreguemos.

1A: Se 600 mil não bastaram.

1B: Todas as árvores do jardim secaram.

1C: Se nada disso tem fim;

1D: E mal lembramos do início.

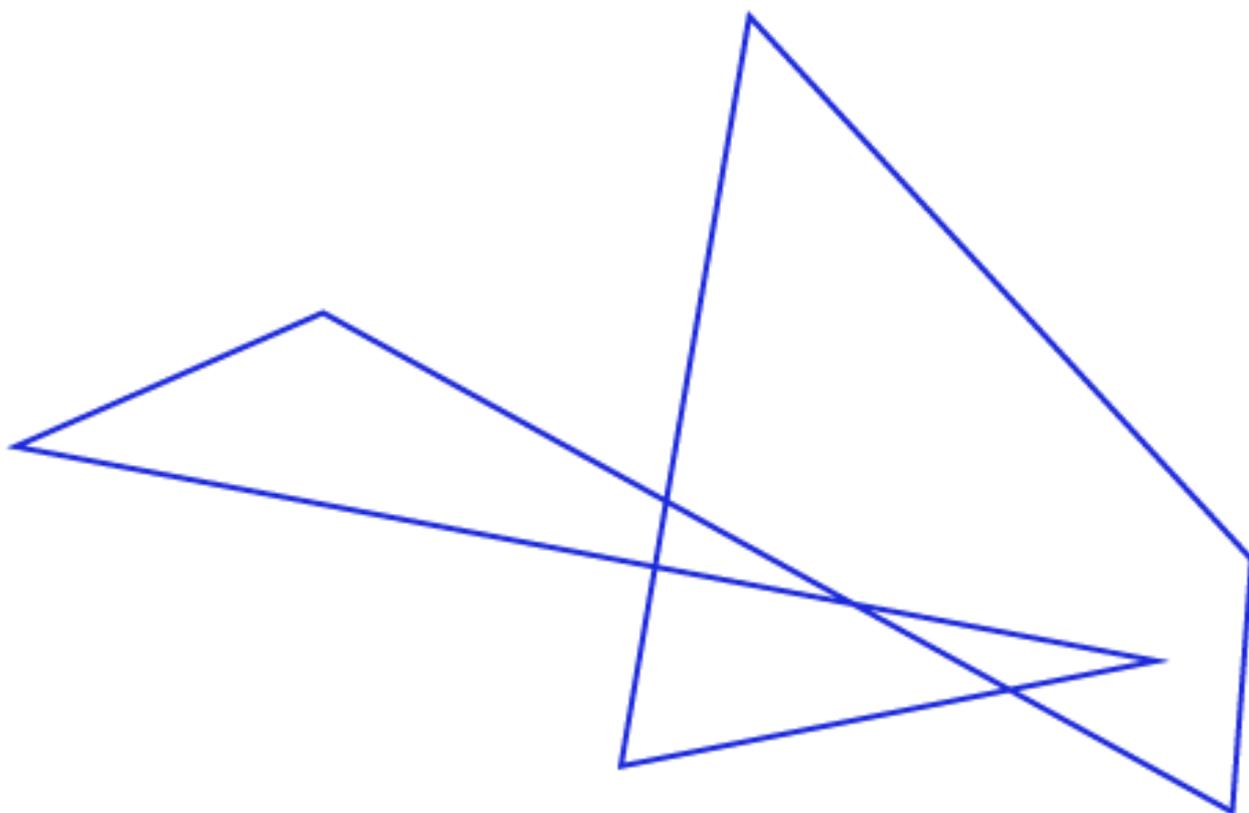
1A: Viver também é desenhar à força.

1B: Nosso próprio recomeço.

CORO: E você? Tá viva?

Blackout.

FIM



Bibi Marães cursa Licenciatura em Edu-comunicação, além de estudar Dramaturgia na SP Escola de Teatro. Morador da cidade de Porto Feliz (SP), teve seu texto 'Olhos movem ditos' premiado no Concurso Cultural de Dramaturgias Curtas, promovido pela companhia Os Satyros, da capital paulista.



OS NUNCAS QUE ACONTECERAM

Ivan Freitas Tavares

Os nunca que aconteceram, projeto de escrita dramatúrgica em desenvolvimento por Ivan Freitas, destaca-se pela força de sugestão das suas cenas: um recurso potente que encontramos no material já desenvolvido consiste em fazer elementos cotidianos e banais alçarem a configurações alegóricas – grama, Brasília cor de abóbora, chuva etc. Um projeto de dramaturgia que desponta como tradução de um olhar jovem e inventivo, joga com memória e vivência pessoal, figurando um imaginário onde ecoam as raízes nordestinas do autor.

Marcus Groza.

PERSONAGENS:

Helena

Clara, irmã mais velha de Helena

Pedrinho, irmão mais novo de Helena

Nelsinho, primo de Helena

Toninho, amigo de escola

Maria, amiga e vizinha de Helena

Paulo, amigo de escola

Dona Ângela, vizinha e dona da Brasília

Seu Osório, tio de Helena, Clara, Pedrinho e Nelsinho

Hortência, mãe de Helena, Clara e Pedrinho

ÉPOCA: Passado, Décadas de 70 a 80

LUGAR DA CENA: Cidade interiorana, pouco afastada da capital, São Paulo

PROPOSTA, PESQUISA E INTENÇÕES

A proposta desta dramaturgia é trazer ao público uma realidade próxima sobre pessoas que viveram na época do regime militar no Brasil, mas em uma cidade distante da capital, e onde as opressões não eram tão massivas ou esclarecidas; a ideia aqui é dialogar com o conceito de liberdade.

Serão apresentados 3 arcos de 3 personagens diferentes (a divisão estrutural do texto está em Atos, como o padrão, mas a contagem de cenas persiste, já que os atos também podem ser interpretados por arcos que são intrínsecos entre eles, fazendo com que as cenas caminhem juntas e possam ser embaralhadas para que se conte essas histórias. A divisão de atos não se limita ao espaço ou cenário, e está mais relacionada à história e momentos dos personagens.

É interessante apontar que, na visão do autor, quando os personagens crianças adentram ao épico e se dirigem à quarta parede, seus trejeitos, modos de falar e expressões mudam, como se estivessem mais velhos. A ideia é que pareçam histórias sendo contadas no futuro. Esta obra é uma grande contação de histórias.

ARCO 1 – “O menino que nunca tinha pisado na grama” (Nelsinho)

ARCO 2 – “A menina que sonhava em dirigir” (Helena)

ARCO 3 – “O homem que fugia da chuva” (Osório)

Todos os arcos permeiam a ideia de liberdade, fulminada e obstruída pelas condições políticas e sociais da época.

Os dois primeiros arcos partem de histórias e anseios reais, que estão presentes na pesquisa para esta dramaturgia; os desejos dos personagens Nelsinho e Helena foram construídos a partir de um indivíduo, e passaram por um processo poético para atingir o imaginário coletivo.

O terceiro arco parte quase que totalmente do imaginário coletivo, levando em conta as raízes de uma família nordestina, a inocência e luta árdua desse povo.

ATO 1

“O menino que nunca tinha pisado na grama”
Escola, campos gramados

CENA 1

Helena está andando em um vasto gramado, com os pés descalços; com passos leves, ela canta enquanto anda. (Helena canta “Desilusão” – Trio Nordestino)

HELENA:

Já faz 3 dias que eu não durmo
Pensando no meu grande amor
Saí sozinho sem falar nada
Era madrugada quando despertei
Não disse porquê ia embora
E nem também o que eu fiz
Saiu calado pela noite a fora
E meu peito agora não é mais feliz

Calmamente, sai andando de cena

CENA 2

Paulo, Nelsinho, Helena, Toninho e Maria – crianças – estão no pátio da escola, brincando de pega-pega.

PAULO: Peguei, peguei!

TONINHO: Ah, Paulo! ‘Cê sabe que não pode pegar quem te pegou!

PAULO: E quem disse?

TONINHO: Todo mundo, ué. É regra do jogo.

MARIA: E desde quando pega-pega tem regra? Não é só pegar e pronto?

HELENA: Ai, vocês são muito chatos! Tá comigo então!
(Começa a correr atrás de Nelsinho)

Nelsinho segue correndo em voltas até se deparar com a área gramada, onde para bruscamente. Helena está atrás dele, e para também. Todos os outros olham assustados para os pés de Nelsinho.

MARIA: Cuidado, Nelsinho! Não pisa aí, não!

PAULO: Deu ruim, vão vir atrás de dar bronca na gente, agora...

Nelsinho se desequilibra e quase pisa na grama, mas Helena o puxa de volta.

HELENA: Pelo amor de Deus, toma cuidado, Nelson!

TONINHO: Ufa!

NELSINHO: *(Recuperando o equilíbrio)* Hoje nem é dia, é?

TONINHO: Só amanhã. Eu disse pra gente parar de brincar aqui; se pegam a gente...

MARIA: Larga de ser frouxo, Tonho! Peguei você! *(Começa a correr, fugindo de Toninho)*

TONINHO: *(Correndo também)* Já já a gente tem aula, Maria!

HELENA: *(Enquanto corre)* A maior vontade do Nelsinho era pisar na grama da escola. Acho que não tinha quintal ou jardim na casa dele e na escola era sempre onde podia sujar os pés.

PAULO: *(Depois de correr, para e fala ao público)* A gente só podia pisar em dia de hastear bandeira, e era o que fazia do dia o mais legal da semana! *(Volta a correr)*

TONINHO: A gente ficava sempre em um palanquezinho e os professores sorteavam alguém pra ir até lá levantar a bandeira. Eram quase dez passos de grama!

HELENA: Dez não, vinte!

MARIA: Todo mundo já tinha ido até lá, eu tenho lá dentro de mim mais de cinquenta gramados pisados!

PAULO: Só o Nelsinho que não...

Todos param de correr, exceto Nelsinho, que ainda demora um pouco ao perceber os amigos parados.

NELSINHO: Mas um dia eu vou... amanhã eu vou! E vou pisar mais que todo mundo aqui! Vou correr o Maracanã inteiro e tomar até bronca de mamãe quando chegar em casa de tanta sujeira nos pés.

TONINHO: *(Ri)* Nem tem tudo isso de grama por aqui!

NELSINHO: Então eu vou dar voltas, e vou girar até cair no chão, pra sair rolando.

MARIA: Mas rolar na grama suja a roupa toda!

HELENA: E gruda mamona no cabelo!

NELSINHO: Eu não ligo *(Se senta)*

Ouve-se sons de bateria de marcha e cornetas. As crianças correm e todas, exceto Nelsinho, pegam um instrumento e fazem fila enquanto tocam uma marcha. Eles andam em fila, marchando, com Nelsinho na frente, dançando e rodopiando enquanto canta.

NELSINHO: Eu vou andar.

PAULO, TONINHO, MARIA E HELENA: Vou andar!

NELSINHO: Eu vou correr.

PAULO, TONINHO, MARIA E HELENA: Vou correr!

NELSINHO: Até onde os olhos veem

PAULO, TONINHO, MARIA E HELENA: Até onde os olhos veem!

NELSINHO: Até onde as pernas alcançam.

PAULO, TONINHO, MARIA E HELENA: Até onde as pernas alcançam!

NELSINHO: Até os pés sujarem

PAULO, TONINHO, MARIA E HELENA: Até os pés cansarem.

NELSINHO: Até os pés cansarem

PAULO, TONINHO, MARIA E HELENA: Até os pés sujarem

NELSINHO: Até onde os pés cansarem

PAULO, TONINHO, MARIA E HELENA: Até onde os pés sangrarem!

Helena estranha e para de tocar, enquanto anda um pouco mais devagar que os outros. Eles marcham até saírem de cena.

CENA 3

Helena jovem, sentada na calçada na frente de sua casa, ao lado de Pedrinho, ainda criança. Dona Ângela, a vizinha, passa por eles e estaciona seu carro, uma Brasília cor de abóbora.

HELENA: Olha lá, 'cê viu?

PEDRINHO: O quê? O carro?

HELENA: Não, não. É a Brasília cor de abóbora da Dona Ângela!

PEDRINHO: O carro laranja?

HELENA: Brasília. E cor de abóbora!

PEDRINHO: Qual a diferença entre abóbora e laranja?

A janela da sala abre e lá está Clara.

CLARA: *(Grita)* É que uma a gente rouba do vizinho pra chupar e a outra se come cozida!

HELENA: Ai, Clara! Você não tem mais o que fazer não?

CLARA: Já já tô indo trabalhar, Lena! Você que fica aí na calçada o dia todo sem fazer nada!

HELENA: Nada, não! Tô... curtindo o dia... E daqui a pouco vou buscar a mãe no hospital.

Clara sai pela porta e vai até o muro.

CLARA: Lá em São Paulo? O tio Messias não ia?

HELENA: Não vai mais.

CLARA: Quer que chame os primo pra ir junto?

HELENA: Eu me viro, clara.

CLARA: Ficou sabendo que vai chover hoje?

HELENA: Eu sei, vou tomar cuidado.

CLARA: Tava falando por causa do tio...

PEDRINHO: Será que hoje dá certo?

HELENA: Espero que sim... Dá tanta dó dele.

Um vento forte passa por eles.

CLARA: Ih, vai cair um toró mesmo! Se arruma logo Pedrinho, que eu te deixo na escola.

Pedrinho e Clara entram para dentro de casa. Helena fica sentada na calçada, encarando a Brasília.

A ideia é que haja mais uma cena de Nelsinho falando com seu pai, Osório, que não aparece em cena e apenas ouvimos poucas palavras de sua voz. Nelsinho tenta dizer que não quer ir mais para a escola e que seu sonho era fugir do país, ir morar longe e levar toda a família com ele. Osório apenas diz que é bobagem e que o garoto devia se preocupar com o que dizem pra ele fazer, e sempre estão dizendo algo, o tempo todo.

CENA 4

Paulo, Toninho, Maria – mais velhos – juntos de Pedrinho, estão no pátio da escola, observando Nelsinho de longe, na grama.

MARIA: (Apontando) Gente, aquele não é o Nelsinho?!

PAULO: Ih, é mesmo! O quê ele tá fazendo?

TONINHO: Loucura!

Nelsinho está andando na grama.

NELSINHO: Olha, gente, eu consegui!

PAULO: Sai daí, Nelsinho! Já levantaram a bandeira hoje!

Ele começa a dançar.

PEDRINHO: (Segurando na saia de Maria) E agora, o quê que ele tá fazendo?

NELSINHO: Eu tô... voando.

TONINHO: Larga de ser burro, Nelson, você tá onde não é pra tá. E pagando de maluco ainda!

MARIA: *(Ri)* Parece que ele tá voando mesmo.

NELSINHO: É tão gostoso sentir o vento no cabelo, o mato nos pés.

PEDRINHO: *(Apontando)* O quê que é aquilo?

PAULO: Nelson, caralho! Toma cuidado!

NELSINHO: *(Desabotoa os botões da camisa e a abre)* Eu quero sentir isso todo dia. Eu quero ser quem eu sou quando crescer! Quero estar de peito aberto pra vida e poder pisar na grama sempre que der! Pisar em toda a grama do mundo... deixar a grama sentir os meus pés enquanto eu sinto o vento.

Um som de disparo é ouvido. Nelsinho é baleado no peito. Pedrinho leva um susto e Maria cobre seus olhos.

MARIA: Não deixaram ele sentir.

PAULO: E foi leve, como sempre foi. Dançando junto com o vento, tingindo a grama de sonhos e angústias.

TONINHO: Dali, ele saiu nadando, como se tivesse na lagoa do sítio do seu Chico.

Nelsinho cambaleia, depois de debruça para frente e começa a nadar o nado 'peito'

MARIA: O Nelsinho adorava nadar, e nadava melhor que todo mundo...

Paulo, Toninho e Pedrinho começam a cantar baixo ("Lindo Lago do Amor", Gonzaguinha)

PAULO, TONINHO e PEDRINHO: *(Cantando)* Ele tomou um banho d'água fresca no lindo lago do amor.

MARIA: Daí, disseram pra todo mundo que ele foi nadar, e que se perdeu por aí nadando.

PAULO, TONINHO e PEDRINHO: *(Cantando)* Maravilhosamente clara água, no lindo lago do amor.

MARIA: Nelsinho era o mais diferente da gente, o mais engraçado e que sempre dizia que achava que isso não era pra nós, ou pra ele pelo menos.

PAULO, TONINHO e PEDRINHO: *(Cantando)* Ele tomou um banho d'água fresca no lindo lago do amor.

MARIA: Era o único que não sabia o que queria ser quando crescesse. Eu sempre quis ser professora.

PAULO: Eu engenheiro.

TONINHO: Chef de cozinha.

PEDRINHO: Policial.

Eles param de cantar. Nelsinho sai nadando. Saem Maria, Paulo e Toninho.

PEDRINHO: Eu também gosto de nadar.

Pedrinho sai.

ATO 2

“A garota que sonhava em dirigir”

Rua da casa de Helena, estradas e o Hospital Mário Covas

Aqui se desenvolvem os desejos e aflições de Helena. Ainda se almeja um desenvolvimento maior da rota de Helena até São Paulo e um possível diálogo com sua mãe sobre o carro roubado. Também há a ideia de dar um destaque maior à Dona Ângela, que é o símbolo de uma mulher independente que havia conquistado os mesmos desejos que Helena.

CENA 5

Toninho está na rua da casa de Helena, batendo palmas em frente à casa de Maria.

TONINHO: Ô Maria! Vem logo ver!

Maria aparece no portão.

MARIA: Que foi, Tonho? Tô fazendo almoço.

TONINHO: *(Aponta para a rua debaixo)* Olha lá! A Helena tá descendo o morro!

Helena está dirigindo a Brasília cor de abóbora pelas ruas do bairro deles.

HELENA: Êia!

MARIA: Como assim?! Que Helena?

TONINHO: A Nossa Helena, ué! Tá a todo vapor!

MARIA: O quê que 'cê tá fazendo, menina?! *(Faz esforço para enxergar de longe)* Aquele é... o carro da dona Ângela?!

TONINHO: Ih, é?

Pedrinho e mais algumas crianças passam pela rua, de uniforme e mochilas nas costas.

PEDRINHO: O sonho de Helena sempre foi pegar aquele volante com as duas mãos e virar a primeira esquina que desse bobeira pela frente!

VOZ DE VIZINHO: E onde é que já se viu, menina nova assim dirigindo carro?!

PEDRINHO: E foi descendo o morro de casa o mais depressa que podia, sem nem olhar pra trás.

TONINHO: Ela tá indo mesmo!

CLARA: E aqui atrás só tinha o que a prendia.

Dona Ângela sai na rua e vê seu carro de longe.

DONA ÂNGELA: E lá se vai mais uma pra estrada, seguir o rumo do vento...

VOZ DE VIZINHO: Rumo de quê? O que a estrada lá fora tem pra oferecer pra menina?!

DONA ÂNGELA: Cala a boca, Gerson!

Pedrinho, Clara e Toninho seguem rua abaixo. Dona Ângela volta para sua casa.

CENA 6

Helena está na sala de espera do hospital, falando no telefone com Clara.

CLARA: E como ela tá?

HELENA: Melhor do que eu achava que ia. É complicação no coração.

CLARA: *(Ri baixo)* A mãe sempre foi complicada, ainda mais o coração dela.

HELENA: Será que é coisa de família?

CLARA: Ser complicado? Claro que é!

HELENA: Coração, Clara. Tio Édmo faleceu de infarto, tia Jandira de artéria entupida, Tio Carlão de coração apaixonado

CLARA: O Nelson de coração furado...

HELENA: Quando que acaba?

CLARA: O quê? Complicação?

HELENA: Esse negócio de coração não parar quieto. Não dá pra ficar perambulando por aí. Sair falando as coisas; tem que passar pra cabeça antes de ir pra boca!

CLARA: Logo logo vai dar.

Clara desliga o telefone. A mãe de Helena entra na sala de espera. Helena vai até ela e a abraça. As duas dão as mãos e saem do hospital.

ATO 3

“O homem que fugia da chuva”
Casa de Seu Osório

CENA 7

Seu Osório está sentado em uma cadeira de balanço na sala de estar, fumando um cigarro de palha. Ele está quieto. Pedrinho – mais velho – abre a porta.

PEDRINHO: O tio Osório nunca sai de casa... A não ser quando a tia Ivete obriga ele a ir comprar pão na padaria do lado.

Clara entra e se senta no tapete.

CLARA: Mas nem sempre foi assim... Ele costumava ir em casa sempre, mas desde que a mãe ficou doente a gente passou a ver ele só aqui. O tio tinha um costume estranho de fugir de chuva... Dizia que ela não merecia a presença dele depois de toda a ausência dela lá na terra dele.

Ouve-se uma buzina de carro do lado de fora Helena sai da Brasília e vai entrando na casa.

HELENA: E todo mundo da família diz que o tio Osório nunca viu chuva, e a gente duvidava sempre! Como pode alguém nunca ver chuva, gente?

PEDRINHO: *(Imitando a mãe deles)* Já sentiu cheiro de chuva, ouviu barulho de chuva... mas terra molhada que é bom, nada!

CLARA: Parecia que ele afugentava as nuvens, e sempre era sol perto dele.

...

No terceiro arco desenvolve-se mais a história de Osório, o irmão mais velho de Hortência, um homem nordestino, de 76 anos, muito simples e quieto. Durante este ato, os sobrinhos e primos aparecerão para contar a história dele, e sobre como nunca tinha tido contato com a chuva; cantos nordestinos e referências à sua terra, em Sergipe serão cantados e comentados pelos personagens.

A pesquisa dramaturgica aqui se dá pela perspectiva de um jovem de 18 anos em relação à sua família e seu sangue nordestino, resgatando a poética das falas e histórias de sua vó, junto a músicas sertanejas, nordestinas e religiosas que compreendam o mesmo universo.

A ideia é construir o personagem Osório como um símbolo de luta, desgaste e cansaço, que logo mais é recuperado por Helena, que herda a mesma visão de mundo delicada tanto de Osório quanto de sua mãe.

Seu Osório é um homem que já foi muito ativo e esperançoso. Quando jovem, tinha sonho de ser artista e até aprendeu a tocar violão, mas nunca conseguiu seguir carreira por ter que cuidar de sua família. Em dias e dias de trabalho árduo na terra, nunca havia visto um dia de chuva, ou mesmo uma nuvem mais escura que as outras, e por isso, tinha se dedicado a fazer poesia para a chuva, mas com o tempo, essa ideia foi ficando cada vez mais distante.

Nesse terceiro arco, Maria e Pedrinho tentam dar a notícia do que realmente havia acontecido com Nelsinho, filho adotivo de Osório, enquanto Helena tenta dizer à todos eles sobre a morte de Hortência. Eles tentarão também fazer com que Osório declame uma de suas poesias sobre a chuva, mas Osório negará (Essa poesia pode estar em uma das falas de Nelsinho, impregnada no diálogo).

Cena final:

CENA 8

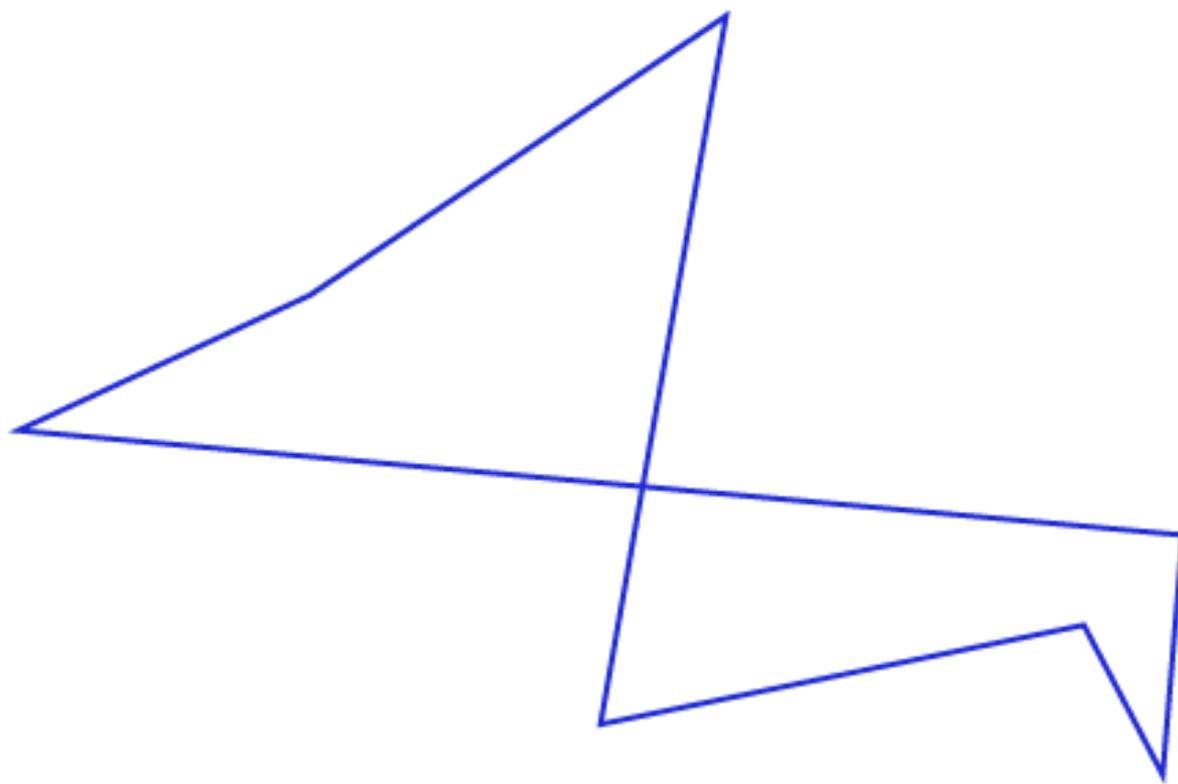
Helena está de mãos dadas com sua mãe em um vasto gramado. Está chovendo. Helena está descalça. Ela se solta da mão de sua mãe, começa a correr e por vez ou outra saltita, dança e rodopia. (Ambas estão felizes). No fundo há um coro de mulheres (estão também Clara e Maria) com roupas laranjas, que cantam.

CORO DE MULHERES:

Em tantas vidas, tantos sonhos
Negou-se a verdade
De sentir a brisa contra o rosto
Paisagem sobre as mãos
Liberdade em conduzir a sua própria imensidão

O coro de mulheres se junta à Helena enquanto cantam. Helena começa a cantar também. Elas dançam juntas e saem de cena aos poucos, até que fique somente Helena no espaço, cantando sozinha, alegre.

FIM



Ivan Freitas Tavares é estudante do curso de Produção Fonográfica, na FATEC de Tatuí, SP. Trabalha como ator e realizador em curtas-metragens, além de produção teatral.

QUARTO DE ORI

Victor Timóteo de Lima

Quarto de Ori, de Victor Timóteo, aponta para a dramaturgia negra como outra opção estética no campo de uma cena onde a dança, a negritude, a imaginação e a afrodíspora fazem parte da linguagem que reconta a trajetória de Abou por meio de ecos de africanidades, orixás e escrevivências de um corpo negro em disputas históricas que desafiam a colonialidade.

Cristiane Sobral

RESUMO

Esta dramaturgia, resultado da Iniciação Científica “Quando eu morrer, vou dançar tudo a Deus: a incorporação da poética do imaginário negro na soma da encenação” (FAPESP no 2021/05248-7), é baseada na peça “Quando eu morrer, vou contar tudo a Deus” da dramaturga brasileira Maria Shu (2018). Reconta a trajetória de Abou, um garoto africano que atravessa a fronteira com a Europa dentro de Ilê – sua mala e cachorra imaginária. No decorrer da narrativa, a oralitura irrompe o texto com palimpsestos performáticos (2003) de Mukú, uma griote e, ao mesmo tempo, anima negra (1988) que subverte toda e qualquer ordem branca de morte, replantando-se. Como disparadores criativos, a escrita se deu a partir de uma escrevivência (2005) do autor em diálogo com um dramaturgismo do co-autor, questionando-se sempre: como escrever um texto que dança (2013)? Afinal, em meio a diáspora é necessário dançar a imaginação para se manter viva/e/o.

Palavras-chaves: dramaturgia negra, dramaturgia em dança, negritude, imaginação, afro diáspora.

SEMENTE 1

(Na sala de não-estar da Casa da Imaginação – a reinvenção não permite longas permanências – encontra-se Mukú)

MUKÚ: Oruko mi ni Mukú! Me chamo Mukú. Significa “sorriso bonito”... Mentira! Não significa isso não, mas eu gosto de me gabar do meu sorriso sempre que posso. Sou a filha do baobá que caiu nas águas de Oxum e por lá cresceu. Desenvolvi a capacidade de nadar entre mundos. Já fui rainha, já fui cavaleiro, já fui a Lua que observou dois amantes e meu próprio Sol que iluminou meus caminhos. Várias faces de uma mesma cor. Já fui a minha senhora, mas também já fui o fruto proibido que muitos senhores exploraram, sugaram e depois jogaram fora. Contudo, sempre consegui me replantar. Não importava quanto veneno jogassem no meu solo, sempre me reguei, me cuidei. Mas fui percebendo que o que eu mais gostava (*aponta para seu sorriso*) aos poucos foi sumindo. A gravidade pesava sobre meus lábios. Um dia, o sorriso sumiu... Me perguntei se ainda valia a pena me replantar tanto. Aquele adubo todo estava acabando comigo. Semanas, meses, anos se passaram e eu já nem lembrava qual era a sensação de levantar minhas bochechas e mostrar meus dentes pro mundo...

Quando foi que meu sorriso se dissipou de mim?

Você está se adubando errado!

O que? Quem é você?

Você está se adubando errado... Não dá para crescer direito comendo o veneno deles. Venha comigo, te mostro como florescer.

Foi no dia que eu estava quase murchando de vez que ela apareceu e me levou para sua casa. A Dona Imaginação... Senhora das crianças, dos aflitos, das pessoas pretas presas numa realidade tão distópica que, no meio dos 80 tiros que diariamente as atingem, ainda conseguem imaginar escudos e sorrisos. Naquela noite, ela me ensinou que a imaginação é a bússola para quando estamos perdidos. Para retribuir, prometi que de tempos em tempos viria até aqui cuidar de sua casa. Uma casa muito grande, por sinal. Tão grande que faz até ECO...

(O eco que reverbera na verdade são sons de flamingos misturados com notícias de jornal sobre a população preta e/ou periférica do Brasil e/ou do continente africano)

ECO... ECO...

(Os sons anteriores se repetem)

Os ecos contam histórias. Eles são História! Um recorte do passado de palavras que querem ocupar espaços. Uma pequena sílaba, que antes era apenas uma em meio a um amontoado, ganha destaque e preenche todo um espaço! Por um curto tempo, porque logo vem outra sílaba e toma seu território ocupado. E depois outra e mais outra e assim essa aglomeração de letras vai guerreANDO por um espAÇO que na verdade nunca foi somente sEU. Os ecos são palavras em disputa! E hoje, reverberam uma História em disputa.

(Mukú grita mais uma vez no espaço. Seu grito parece estar se apresentando mais uma vez ao público mas, dessa vez, sua intenção é se apresentar à história que será contada. Mukú e Abou falam ao mesmo tempo)

MUKÚ: Oruko mi ni Mukú!

ABOU: Je m'appelle Abou!

SEMENTE 2

(Na casa de Abou – um garoto negro do continente africano, do imaginário de Maria Shu e de todes que foram atravessades por sua história. Estão em cena Abou e Ilê – sua mala que é tanto um objeto, que o menino transformou imaginariamente em uma cachorra, quanto o encantamento dessa imaginação)

ABOU: *(repetindo de vários jeitos, como se estivesse treinando sua apresentação)* Je m'appelle Abou! Je m'apelle Abou. Je... m'appelle... Abou... Ai Ilê, que nervoso! Bàbá e iyá disseram que daqui alguns dias vamos viajar pro planeta Europa! Eu não sei direito onde fica, mas disseram que lá é melhor que aqui. *(Ilê fica brava. Um jogo começa: a atriz que brinca de Ilê Encantada fala enquanto o atuante que brinca de Abou joga com a sua mala)*

ILÊ: Aham... É fácil construir um palácio com ouro roubado!

ABOU: Eu não quis falar mal daqui... Mas lá tem mais comida e condições melhores. É o que meu bàbá diz. E, também, várias pessoas estão saindo daqui pra ir pra lá. Será que a gravidade daquele planeta é diferente?

ILÊ: É, sim. Dizem que quando você pisa lá, você pode até flutuar. Mas esse efeito pode passar rápido e fazer você cair com tudo no chão! Quanto mais escuro, mais a gravidade pesa!

SEMENTE 3

(Uma dança entre as Ilês e Abou começa a partir do seguinte poema-trilha)

A gravidade em contato com distintas vibrações sonoras

Levam o corpo para diferentes terras.

RETAS.

EXPIRO

Curvas.

INSPIRO

Secas e cansadas,

RODOPIO SEM SOLTAR UM PIO... CUIDADO!

ISSO TUDO É SÓ PIRAÇÃO?

Molhadas e energéticas.

NÃO!

DANÇO

E N C R U Z I L H A N D O

TODOS ESSES

E
S
P
A
Ç
O
S

SEMENTE 4

ABOU: Eu não quero cair, Ilê. Mas aqui as coisas são tão difíceis... Nem comida o suficiente temos pra ter uma cachorra de verdade! Não me leve a mal, eu gosto de você, mas não posso negar que...

ILÊ: ... Que eu nasci da fome. Eu sei, não sou uma amiga imaginária igual a daquelas crianças nascidas no planeta Europa. Eu sei. Eu... **ABOU:** ... Eu sei também que é assustador se mudar pra um outro planeta. Fico imaginando como vai ser o foguete que a gente vai. Será que ele é rosa, roxo ou com um desenho estampado do Super-Choque? E as nuvens que ele vai passar, será que...

ILÊ: ... Tem gosto de bolo de fubá? Esse é meu doce favorito. Meu antigo dono sempre me dava um pote enorme com vários pedaços depois que voltava da casa de sua vó. Eu ficava com migalhas espalhadas dentro de mim por semanas!

ABOU: Quando eu te ganhei, você tinha um cheiro forte de bolo de fubá. Até hoje encontro algumas migalhas perdidas.

VOZ DE IYÁ: Abou, você está treinando o que te ensinamos?

VOZ DE BÀBÁ: É muito importante treinar! O dia do esconde-esconde está chegando e você precisa estar pronto!

ABOU: (responde os pais) Estou sim! (fala com Ilê enquanto entra na mala) Temos que voltar a treinar, Ilê. Precisamos ser os melhores jogadores de esconde-esconde. Bàbá e iyá disseram que só entra no planeta Europa quem for bom nesse jogo. (Já dentro da mala) Mais uma migalha!

SEMENTE 5

(De volta à Casa da Imaginação. Mukú está limpando um outro cômodo que se assemelha a um teatro)

MUKÚ: Elas não param de aparecer, parece que rolou um carnaval com um carro alegórico feito de bolo! Também poderia ter sido uma festa do boi... Ou a comemoração da estreia de “O Imperador Jones”. Há quanto tempo eu não venho pra cá? Pisar aqui de novo me causa uma sensação estranha. Me lembro de todas as pessoas sem rostos que me observavam. Um semicírculo com três pontos e diversas vistas: era ali onde eu me apresentava.

Onde meus “eus” e “não-eus” se sentiam livres. As cortinas se suspendiam, as retas e curvas começavam a andar e eu tinha 4 tempos pra cair:

4, 3, 2, 1

(Um vídeo invade a cena: um menino negro está em um ponto de ônibus voltando para casa. Um ônibus estaciona mas o motorista não abre a porta)

MOTORISTA: TEM DINHEIRO?

MENINO: Calma aí...

MOTORISTA: TEM DINHEIRO??

MENINO: Espera um pouco, eu...

(Motorista vai embora sem esperar a resposta do menino. Volta para Mukú na Casa da Imaginação)

MUKÚ: E 4 tempos pra levantar... Às vezes, como um corte, algumas memórias me lembram que o relógio não é o mesmo para todos e que não tenho muito tempo pra sonhar. Por isso levanto rápido, não posso ficar muito tempo caído. A cortina daquele espaço sempre me deixou muito exposto e, por mais que lá dentro eu tivesse uma certa sensação de liberdade, fora tinha que me retrair pra não chamar atenção. (sussurrando) Se eles te pegarem...

SI, FU, SHI, **PÁ!**

Não corre, nem grita...

SI, FU, SHI, **PÁ!**

Andar na trilha...

SI, FU, SHI, **PÁ!**

Na velocidade 1, quase parando mas sem parar

SI... FU... SHI... **PÁ!**

Se correr o bicho pega, mas se ficar... *(Olha para o relógio que não se mexeu e ao mesmo tempo se mexeu demais)* O tempo passou tão rápido! Se cuidar não é fácil... Lá fora há bichos, mas temos que tomar cuidado para que não cresçam ervas daninhas dentro de nós. Desde que a senhora desta casa me encontrou eu venho aumentando meus nutrientes, os nutrientes dos meus povos. Eu já vi tanta coisa, sabe. Tanto sangue derramado. Tantos sonhos cortados pelas raízes que às vezes parece que só o que resta são as sinapses dos pesadelos... *(Aponta para um refletor)*

Esse monstro branco que vem em minha direção ALGUEM PODE APAGAR A LUZ, POR FAVOR? Eu preciso me reconectar com as minhas sombras. Eu já tive muito medo delas, sabe? Afinal, o que eu podia imaginar sobre a escuridão? Sobre o desconhecido... Sobre o que me fizeram desconhecer! Eu tinha, sim, muito medo delas. Mas em algum momento elas nos enfrentam, pedem um reencontro. Uma das minhas veio conversar me oferecendo uma bala. De início eu recusei, eu recusei porque eu já sentia... Sinto. Sentimos, sentíamos...

SEMENTE 6

(Em um tempo espiralar que mistura passado e presente – para pensar um futuro – o corpo de Mukú se encanta, dançando as sensações que os encontros com suas sombras provocam/provocaram/provocarão)

Sentia que balas invadiam meu corpo cotidianamente.

Balas de todos os tipos e de todos os lados.

Uma vem de uma lanterna que ilumina o espaço e me faz enxergar a sombra distinta que acham que sou,

Uma outra veio do fuzil, que confunde meu guarda-chuva e provocará um eclipse no meu plexo solar,

Mais outra desce o rio de lágrimas que despejamos todos os dias e atravessa certo meu coração partido por todos os amores que não tive...

Vejo mais uma vindo em minha direção num saco de Cosme e Damião.. Essa é diferente, não me bate, não me prende, me convida pra dançar.

Mas eu cansei de balas que me maltratam e não consigo confiar em mais outra que ainda por cima uma sombra parecida comigo me oferece NÃO QUERO, ME DISSERAM QUE VOCÊ EU NÃO POSSO COMER, SAI DAQUI eu jogo tudo isso no chão e bato na mão que esperava eu aceitar o pedido da dança, mas ela continua lá, lá, lá

Canta, canta minha gente, deixa a tristeza pra lá, canta forte, canta alto, que a vida vai melhorar, que a vida vai (Trecho da música “Canta Canta, Minha Gente” (1974), de Martinho da Vila.)

Parar de me acertar? Como posso confiar, confiar em você! Você é toda a culpa que eu carrego, todos os olhares que me penetram e todos os desamores que me fazem chorar EU NÃO QUERO DANÇAR, PARA, PARA DE ME CHAMAR, NÃO ME PUXA QUE EU NÃO QUERO IR

Cansei de me ver assim, se estou numa encruzilhada qual rua eu escolho pra não morrer?

Me abraça, vai, eu só preciso de um abraço... você me convidou pra dançar, tem certeza que melhora?

SEMENTE 7

(Na casa de Abou. Estão Abou e as Ilês)

ABOU: Eu acho que está muito melhor! Consegui ficar dentro de você por tanto tempo sem nem me mexer, parecia que a gente tava jogando estátua!

ILÊ: Vamos brincar de outra coisa? *(Abou e as Ilês começam a explorar diversos jogos infantis até que a brincadeira se dilui em uma dança. Como um encantamento do tempo, a brincadeira de dançar ou a dança brincante engana a morte que rodeia seus corpos diariamente. Nesse curto espaço de tempo não há fome, tiros, sequestros e nem a necessidade de abandonar sua terra-mãe para atravessar fronteiras entre planetas. Mas, por mais que o espírito brincante e imaginativo de Abou fosse forte, ele continua sendo um garoto do continente africano, alvo da branquitude e de todas as necropolíticas que também se reinventam a cada dia. O que o traz de volta a sua realidade é a voz de seu pai que corta o espaço e diz...)*

VOZ DE BÀBÁ: Abou, sua mãe se foi! *(pausa)* O dia de se esconder chegou! *(Abou se desespera. Um novo jogo entre suas reações e as falas de seu bàbá e Ilê começa)*

ILÊ: Perda de território, pobreza e racismo aumentam suicídio entre indígenas, diz MPF”

VOZ DE BÀBÁ: Você treinou como te ensinamos?

ILÊ: Governo Federal corta verbas de 2022 voltadas para indígenas, quilombolas e pesquisas científicas.

VOZ DE BÀBÁ: Se lembre, é preciso ser o melhor nesse jogo!

ILÊ: “Quero justiça’, diz mãe de jovem congolês espancado até a morte no Rio”

VOZ DE BÀBÁ: Ninguém pode te achar, senão não poderemos passar a fronteira!

ILÊ: “Garoto de 8 anos é encontrado dentro de mala em aeroporto da Espanha”

VOZ DE BÀBÁ: É preciso ficar invisível! Temos que usar o jogo deles a nosso favor!

(Abou entra na mala)

ABOU: Bábá, por quanto tempo eu vou ficar aqui? Qual é a distância da nossa casa até o planeta Europa? A iyá se foi pra sempre?

(O som da revoada de flamingos volta a invadir a cena. Dessa vez, as notícias não acompanham os pássaros mas seus gritos carregam uma qualidade estrondosa)

SEMENTE 8

(Mukú entra e observa Ilê Encantada retirar Abou e sua mala. O espaço é indefinido)

MUKÚ: Sempre ouvi Bábá dizer que é necessário prestar atenção nos números. Eles adoram nos pregar peças! O 0, por exemplo, é um círculo com começos e fins infinitos que, dependendo de sua posição, pode fazer um número crescer ou diminuir! Já o 9, se resolve plantar uma bananeira, encolhe de valor. O 1 e o 5 formam a idade de debutar em algumas culturas mas, se colocarmos dois zeros à direita temos o início do fim. 1 e 7 já trouxeram muitos problemas... E o 80?

Depende do que falamos...

80 anos para uma pessoa é muito tempo;

R\$80,00 para outra é um valor pequeno.

80 segundos para Abou, naquele momento, pareciam horas;

80km para chegar na fronteira é mais que uma simples demora.

80 pacotes de bala é muito doce para Evaldo carregar;

80 tiros em seu carro com sua família e amigos foi apenas mais um equívoco da Polícia Militar.

Era uma vez um carro branco com passageiros que não deram a mesma sorte.

“A POLÍCIA VAI FAZER O CORRETO: VAI MIRAR NA CABECINHA
E... FOGO! PARA NÃO TER ERRO”

Disse uma vez o ex-governador do Rio, enquanto nadava em seu mar de sangue... Aquela família não estava atravessando fronteiras, apenas indo para sua casa.

O que é preciso para eu me blindar?

O que é preciso para pararem de pisar no meu pescoço?

O que é preciso para descobrirem o nome do meu assassino?

O que é preciso para eu poder morrer de morte morrida onde nasci?

O QUE É PRECISO?

(Uma voz começa a ler uma carta no intuito de provocar um recorte no trágico, um engano na morte, um encantamento solicitando vida. Ao mesmo tempo, um vídeo atravessa a cena: são dois homens negros em diversas situações. Há abraços, beijos, carícias, dengos e todo o alfabeto afetuoso que dois corpos negros merecem)

VOZ: Meu denço. Hoje eu fui para uma batalha, mas não precisei levar nenhum escudo ou espada, só o meu corpo. Era uma batalha de dança no centro de São Paulo! E quanta gente da nossa cor tinha lá, rindo e festejando! Perguntaram até se eu queria competir também, insistiram tanto que participei. Hoje redescobri que há vida em SP, e ela está em todo o pé preto que pisa na terra e extrai para si seu axé que, como uma seiva, percorre todo o corpo até descansar no orí. Fiquei animado para te levar lá. Quem sabe quando você voltar da viagem de mestrado? Tô com saudades do seu cafuné... Beijos, meu nêgo. Volta logo e se cuida! Do seu muriquinho.

(Outras cartas, ficcionais ou não, des atuantes podem ser lidas. Há um silêncio de 1'11" logo em seguida)

SEMENTE 9

(Após o silêncio, Ilê lê sua carta sobre a travessia da fronteira.)

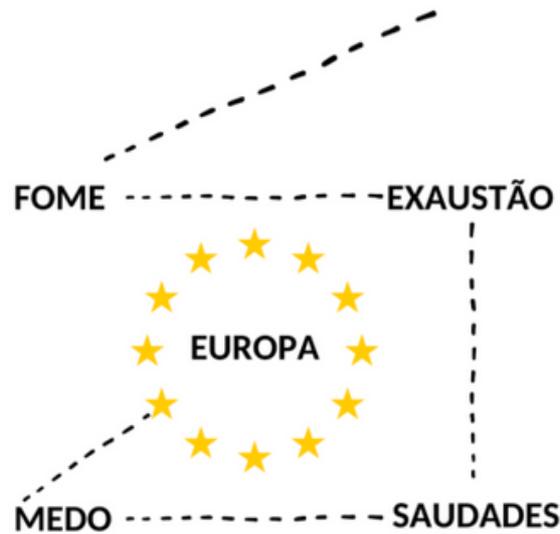
ILÊ: Querido Abou. Neste exato momento, nossa viagem se inicia. Ou apenas continuamos o que nossos ancestrais foram obrigados a começar. Na minha pele faz muito calor, na sua barriga deve fazer muito frio. De dentro de mim você não enxerga nada. É na escuridão que os melhores sonhos nascem. Em cima de nós tem uma multidão de flamingos, me lembra a história da Kai que a vó do meu antigo dono contava... Uma menina do povo masai que morava com os avós perto de uma grande cidade. Eles eram tão pobres que não tinham nem colchão. Dormiam forrados na miséria. A iyá de Kai tinha ido para a terra da felicidade, e a garota sentia saudades dela todos os dias. Em uma tarde de muito Sol, ela se deitou embaixo de uma árvore e, ao olhar o céu, avistou uma revoada de flamingos, o pássaro favorito de sua iyá. *(começa a cantar)*

Muriquinho piquinino, muriquinho piquinino,
Parente de quiçamba na cacunda.
Purugunta aonde vai, purugunta aonde vai,
Ô parente,
Pro Quilombo do Dumbá.

Ela sempre cantava essa música pra Kai dormir. E naquele sonho acordada, ela começou a cantar. Um pássaro parecia sobrevoar mais baixo do que os outros... “Eles estão viajando, será que no caminho eles passam pela terra de minha iyá? Ei, senhor flamingo, leva essa canção pra ela!” Mas a garota não esperou por uma resposta, na mesma noite ela pegou o barco de sua vó e seguiu a direção dos pássaros. Porém, a noite no mar foi agitada, as ondas pareciam querer engolir Kai. Quando amanheceu na orla de uma praia, seu corpo estava duro como pedra mas sua alma tinha conseguido entrar na terra da felicidade e encontrar sua iyá. Hoje elas cantam juntas para acalmar os mares... O seu corpo, Abou, deve estar todo encolhido se esforçando pra vencer a brincadeira de esconde-esconde. Mas estamos a caminho do planeta Europa, logo a gente chega e vamos poder nos mexer muito! Seu bàbá nos deixou com essa moça desconhecida. Ela parece nervosa também, me chacoalha muito. Infelizmente ela não tem uma Ilê pra acalmá-la e nem uma canção pra cantar pros pássaros... A viagem será longa, menino Abou. Aproveite a escuridão pra construir um mundo novo com vários bolos de fubá! Já já a gente ganha o jogo. Até lá, lembre-se que estou no seu orí te acompanhando.
Lambeijos, Ilê.

SEMENTE 10

(A trajetória de Abou e Ilê ao planeta Europa continua)



(A travessia é interrompida. A criação humana denominada "fronteira" barra Ilê, que começa a tremer como uma filhote de cachorro que foi abandonada no frio. Mas, no solo onde pisam faz muito Sol. Quem treme é Abou com a angústia de ter perdido o jogo e a dúvida de quando a Lua voltará para contar histórias mais quentes. Uma multidão de vozes sobrepostas invade a cena...

QUE MALA É ESSA?
ESTÃO DESOVANDO UM CORPO!
PARECE UMA PESSOA
O QUE É AQUILO ALI?
MUROOOSSS
BOMBAAA??
NÃO ACREDITO NISSO!
ÀS VEZES É SÓ UM BONECO
MUROS, TEMOS QUE CONSTRUIR MUROS!

... A polícia da fronteira achou algo no raio-x. Ilê se abre e a muvuca de vozes cresce exponencialmente. Junto das vozes, vários flashes de câmeras ocupam a cena. Abou sai de dentro da mala e observa que no meio de tantas vozes, nenhuma é de seu bàbá ou de sua iyá. Além disso, percebe que, mesmo continuando na Terra, o planeta Europa o trata como um alienígena)

ABOU: Je m'appelle Abou...

SEMENTE 11

(Mukú está limpando uma câmera fotográfica enquanto o espaço anterior vai se modificando para uma “sala escura” – lugar onde fotos e histórias se revelam. Tira uma última foto de Abou. Todes saem, exceto Mukú)

MUKÚ: Quando a Dona Imaginação me trouxe pra cá, tudo o que eu carregava comigo era essa câmera. Sentia necessidade de registrar os momentos e guardar as sensações por onde meus pés pisaram. Desde o sorriso da minha vó ao ver seu primeiro neto formado na universidade até a lágrima de minha mãe ao receber a notícia de uma das minhas milhares mortes. Todas as imagens conversavam comigo, cada uma de seu jeito. A última foto que tirei foi de antes de me levarem para um abrigo de menores abandonados. As paredes de lá eram pintadas de verde-musgo que já estava desbotando há anos, e as folhas das árvores ficaram com o marrom da secura. Só o que eu conseguia sentir era a interrupção que aquela foto me causava. Interrupção de um trajeto, interrupção da minha família, interrupção de perspectiva. Uma interrupção que barrou tudo, menos a saudade que eu sentia dos meus pais e que se expandia mais rápida do que o universo CADÊ MINHA IYÁ? BÀBÁ DISSE QUE ELA JÁ TINHA VINDO, CADÊ ELE? POR FAVOR, ME DEIXE VÊ-LOS. Eu gritava com os diretores até que passei a gritar para Deus, nenhum nunca me respondia EU QUERO VER MEUS PAIS! O QUE? ELE NÃO ME VENDEU, ELA NÃO ME ABANDONOU. ELES NÃO ESTÃO NA FOTO PORQUE... Não era pra ter sido tirada. Todas as fotos que eles quiseram aparecer estavam sorrindo, era uma foto de família, ou pelo menos como as famílias deveriam ser sem a invasora Fome SE VOCÊS DEIXAREM EU OS VER, VAMOS TIRAR VÁRIAS FOTOS COM SORRISOS E CARETAS.... O QUE? MINHA IYÁ NÃO SE FOI, ELA NÃO ME ABANDONOU EU JÁ DISSE ISSO VÁRIAS VEZES! Como era difícil ter que lidar com os garotos brancos de lá DEVOLVE A MINHA CÂMERA.

ABOU *(invadindo a cena):* ME DEVOLVE A MINHA ILÊ! Eu odeio esse planeta!

MUKÚ: Aquela foi a última foto que eu tirei antes de vim pra cá e sentir novamente o que é acolhimento, carinho, desejo, amor. A última foto antes de eu me replantar...

ILÊ *(acalentando Abou):* Calma, menino... Parece que agora uma tempestade nos alcançou em alto mar e seremos jogados do barco a qualquer momento. Mas, lembre-se, os oceanos são nossos.

MUKÚ: Mas quando estamos submersos nos pálidos agrotóxicos tudo se torna tão duro que chegamos a perder nossa bússola.

SEMENTE 12

(Mukú, Abou e Ilê dançam com o silêncio... Aquele espaço pseudo-vazio onde nossa alma mora. Os três escavam esse lugar-palavra na tentativa de continuar respirando. O lugar imaginativo escuro, a palavra sagrada em muitas culturas indígenas. Seus corpos dançam a profundidade de seus silêncios)

SEMENTE 13

(Está somente Abou em cena, no abrigo)

ABOU: “Conte do seu dia Abou... Está se adaptando, Abou? Como está se sentindo?”. Toda semana as mesmas perguntas da mesma psicóloga que claramente não presta atenção nas mesmas respostas que eu dou! Meu dia: meninos brancos que tenho que agradecer quando me chamam de MACACO, porque é o apelido mais leve que me deram desde que cheguei aqui! Adaptação: penso em me inscrever pra equipe de corrida, porque treino todos os dias fugindo dos garotos querendo me enfiar na Ilê! Sentimentos: ...

“Me sinto dentro de uma bolha de sabão, construída por diversas camadas. Ao tentar explodí-la, sua substância atravessa meu globo ocular... Arde, arde, arde tanto de dentro pra fora que aos poucos vou perdendo os sentidos. Os perco tanto que não exergo mais os porquês. Parece que essa bolha quer me lavar . . . Eu deveria me sentir sujo? É?”

Às vezes percebo que estava em uma busca antes de parar aqui!, uma busca pela minha iyá, pela minha casa, pelo meu eu, ou ao menos algum deles. Mas me escondi tanto que não consigo encontrar nem o antigo. Me escondi pra entrar nesse planeta e agora me escondo de seus habitantes.

EU SOU ABOU!

ME DEIXEM SER QUEM EU SOU!

Faz semanas que me sinto assim: como se todos os pingos que eu tinha nos jilés tivessem se perdido, estivessem voando sem direção... O que eu faço? Será que eu vou com eles? Vão sem eles? É?”

... *(suspira)* eu só quero voltar pra minha família.

SEMENTE 14

(Na cozinha da Casa da Imaginação – lugar de fermentação de conversas – está Ilê e Mukú)

ILÊ: E então Abou arrebitou a cara dele!

MUKÚ: O que? Calma, fiquei confusa... Ele bateu no que tinha te jogado ou no outro que estava xingando?

ILÊ: No que tinha... Affe, Mukú, dá pra prestar atenção? *(Mukú está distraída enquanto prepara um bolo de fubá)*

MUKÚ: Desculpa, desculpa... Tá bom, agora sou toda ouvidos. Conta a história de novo, do começo?

ILÊ: Está bem... Mas presta atenção, senão vou embora e não conto mais nada! Abou estava indo pro refeitório tomar café da manhã...

MUKÚ: Lá tinha pudim malva, vários bolos, uma torta gigante bastante recheada...

ILÊ: Na verdade o que tinha era o de sempre: pão do passado, uma dita manteiga bem dura e um leite meio amargo parecido com o humor dos funcionários de lá. Abou estava fazendo seu caminho de rotina: quarto – oração pedindo proteção dos garotos brancos, que quase sempre não era atendida – refeitório. Pegou sua bandeja, colocou a comida e no caminho pra se sentar eis que chega o...

MUKÚ: Chocolate!

ILÊ: Choco... late?

MUKÚ: Resolvi que vou fazer uma cobertura de chocolate pro bolo! *(percebe que Ilê ficou brava)* Mas eu tô te ouvindo! Rotina, bandeja, caminho... Quem que chegou?

ILÊ: O Pedro! O valentão número 1 do abrigo que deu todos os nomes maldosos pro Abou. Ele se esbarrou com Abou no meio do caminho, de propósito, e começou a brigar com ele. Chegou a empurrar Abou pro chão... Foi aí que o João 6° – outro valentão – entrou no refeitório me segurando e me chacoalhando forte! Pegou um garfo e começou a me furar!

MUKÚ: Mas você está bem? Os furos foram fortes?

ILÊ: Não precisa se preocupar, minha pele é bem dura! O que doeu não foram os furos, mas sim aquela maldade toda me atravessando e atravessando meu amigo...

MUKÚ: Abou deve ter ficado arrasado.

ILÊ: Foi o que eu pensei. Ele já tinha passado por tanta coisa, tinha até parado de falar comigo. Pensei que aquele seria o momento do nosso adeus. Mas Abou era forte como um baobá. Em todos os momentos de pancadaria e xingamentos, ele ficou quieto, não queria se meter em brigas e dar mais trabalho pros seus pais. Mas me ver sendo perfurada por aquele grandalhão foi a gota d'água! Podiam fazer o que quisessem com ele, mas no momento que ele viu que estavam me machucando...

VOZ DE ABOU: NÃO TOQUEM NA MINHA ILÊ!

ILÊ: Abou se levantou e, naquele momento, parecia que se levantava com todos os seus ancestrais. Juro que ficou até mais alto! E então, partiu pra cima dos garotos e arreventou a cara deles! Botou todos aqueles meninos malvados pra correr e gritou no meio do refeitório...

VOZ DE ABOU: EU SOU ABOU! EU SOU ABOU!

ILÊ: Ele sentiu uma corrente elétrica passar por todo o seu corpo, anunciando pra todos seus órgãos quem ele era! Sentiu seu eu se reencontrando! Mas alguns momentos de glória duram tão pouco... No meio daquela confusão a diretora entrou, olhou pra Abou e falou:

MUKÚ: O bolo ficou pronto!

SEMENTE 15

(No abrigo, Abou arrumando sua mala)

ABOU: E aí, a diretora me chamou pra sala dela. Estava muito séria, com aquele olhar assustador de sempre. Me mandou sentar na cadeira, pegou o telefone e passou pra mim:

Tem alguém querendo falar com você

Peguei o telefone, assustado. E quando falei: *salut...* A minha iyá atendeu! Eu finalmente falei com a iyá, Ilê! Ela disse que, depois de muita luta, os habitantes do planeta Europa entenderam toda a confusão e liberaram o bàbá. E que hoje ela viria me buscar! Estamos indo pra uma casa nova, Ilê!

(Um latido de cachorro atravessa a cena. Um latido animado e festivo)

SEMENTE 16

(No quarto da Casa da Imaginação, está Mukú)

MUKÚ: Na minha última noite naquele abrigo, antes de finalmente fugir e ser resgatada, me permiti viajar nos meus sonhos... *(começa a falar como se estivesse conversando com seu sonho)* Pele que incha, rasga... E hoje me vi como nos outros dias tirando uma cutícula para observar microscopicamente o que tanto me faz arder. Hoje fiz como ontem esperando que amanhã seja diferente... Hoje fiz como ontem esperando que amanhã seja diferente... Ontem fiz como hoje esperando que amanhã seja diferente... Amanhã fiz como ontem esperando que hoje seja diferente e foi! Hoje eu vi você, mas você não me falou nada. Não chegamos nem a ficar face a face, te vi enquanto estava de passagem nas minhas sinapses. Mas te vi, os meus olhos em uma ação de captura cruzaram com o seu. Parei, não ficamos face a face mas íris a íris. Era como se eu corresse pra outra porta e você gritasse MENINA, PODE IR COM CALMA, EU TÔ AQUI!

Como é possível se conectar de forma tão profunda com quem partiu depois da Terra dar só 3 voltas? Sempre sinto você do meu lado, mas justo hoje você resolveu aparecer... Tem sido tempos difíceis, sabe? Sinto minha fala aos poucos sumindo de tanta interrupção e meu sentimento é gritar AQUI TEM VOZ! VOZ, MUITA VOZ!

Me pedem 1 minuto de silêncio por mortes matadas, mas não consigo! Se eu somar todos esses minutos me calarei para sempre e eu NÃO QUERO! EU GRITO, porque tenho que gritar, porque a voz me obriga que grite ela, sobre ela, para que todos escutem que ela existe. Para que percebam que comigo há voz, vós e também mães e todas as minhas ancestrais que me impedem de ficar muda. ORUKO MI NI MUKÚ!

(Silêncio)

Hoje vovó fez aniversário, ela fala muito bem de você. E eu sinto tudo isso também... Foram só 3 voltas, mas cada rodopio te fincou em mim. *(Volta a falar com a plateia)* Pele que incha, rasga.. a minha vinha enchendo muito nesses últimos espaços-tempos. Mas olho que incha, transborda e no entre daquela sinapse senti que a barragem no fim não rompeu... Senti minha bússola voltando para mim. Senti seu olhar me acolhendo, colhendo e ajudando a me replantar. Tento ir com calma desde então... Obrigada por ainda me olhar.

SEMENTE 17

(Em um espaço encantado que encruzilha os abrigos de Abou e de Mukú, seus corpos dançam um último poema-trilha)

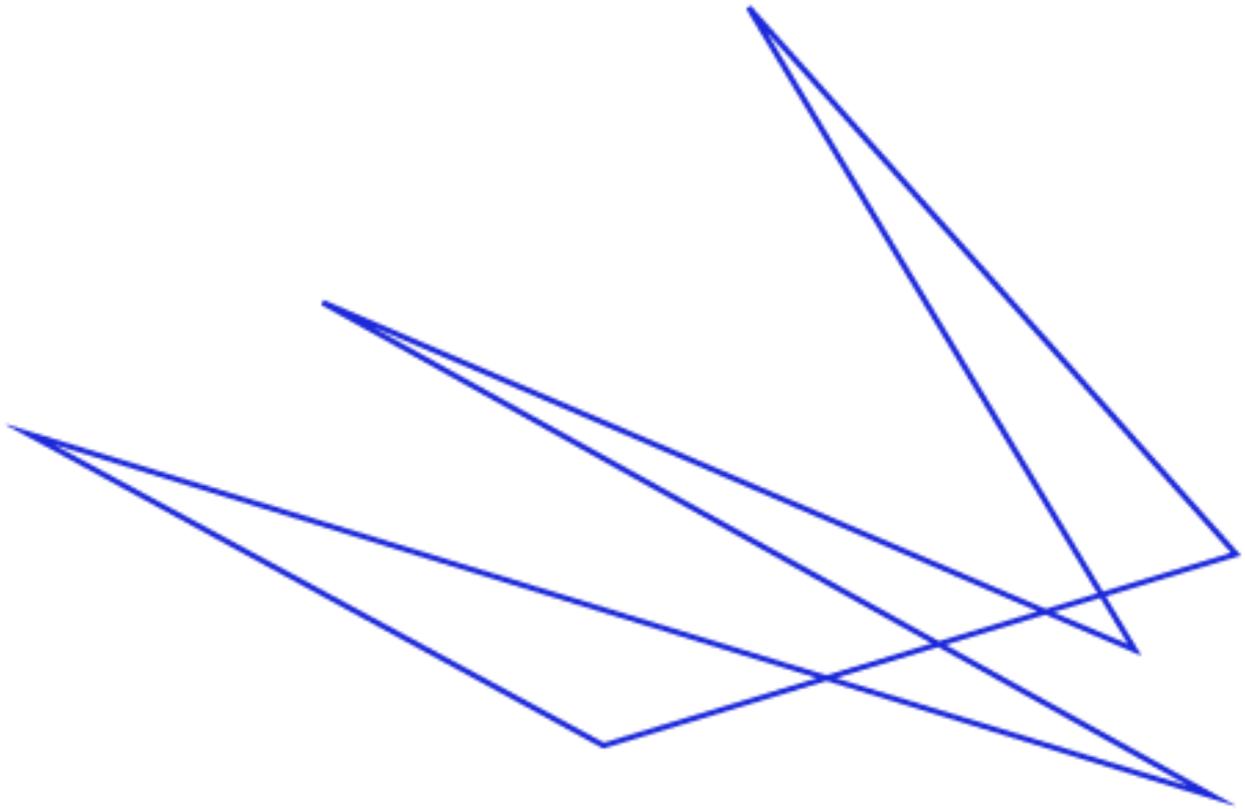
Olho para a minha foto,
Fujo.
Seus fios brancos de nylon
Me puxam para cima de seu barco,
Me impedindo de nadar.
Mas eu quero pular
E percorrer todo esse mar
Até encontrar terra firme.
PARA DE ME PUXAR!
Ondulo, você me corta.
Expiro, você me corta.
Quero inspirar, você não me solta.
Roubo sua base,
Luto com o equilíbrio.
Uivo,
Grito,
Coloco o animal acorrentado para fora.
Você ainda tenta me puxar
E me acorrentar.
Olho para foto...
Ainda fujo?

SEMENTE 18

(Abou finalmente reencontra seu lar – os braços de sua mãe)

ABOU: IYÁAAAA!!!

FIM.



Victor Timotio de Lima é formado em técnico em Teatro pela ETEC de Artes e atualmente é graduando em Artes Cênicas na UNICAMP. Em 2020-2021 foi produtor pedagógico do projeto de extensão universitária Leitura dramática em escolas públicas, de Campinas. (PROEC-PEX). Pesquisa dança, teatro e escrita, sendo autor do artigo "Olhando um teatro negro por buraquinhos", publicado na Revista Com Censo.

COMISSÃO DE SELEÇÃO DO 1º CONCURSO ESTUDANTIL DE DRAMATURGIA DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ



Antonio Salvador é sul-mato-grossense, ator e pesquisador de teatro. É mestrando em Artes Cênicas na ECA-USP. Lecionou na Escola Livre de Teatro de Santo André, Núcleo Experimental de Artes Cênicas do Sesi-SP PUC-SP. Como ator, integra a Cia Teatro Balagan. Atuou ainda em Um panorama visto da ponte, direção de Zé Henrique de Paula; Trilogia Abnegação, Grupo Tablado de Arruare Cassandra, direção de João das Neves. Recebeu o Prêmio APCA, pela atuação em Recusa, também indicado ao Prêmio Shell de Teatro. Desde 2021 é Gerente Artístico e Pedagógico de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí.

Cristiane Sobral é carioca e vive em Brasília. É Bacharel e Licenciada em Interpretação Teatral e Mestre em Artes (UnB). Tem 11 livros publicados, o mais recente Amar antes que amanheça, contos. Palestrou em 09 universidades estadunidenses, inclusive Harvard. Em 2002 atuou como dramaturga convidada do Grupo Artístico Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí onde concebeu Kitembo—entre nascedouros e poentes. Foi finalista do prêmio Jabuti de Literatura 2022 com o livro Pretos em Contos, volume 2.



Érica Pedro nasceu em Iperó, interior de São Paulo e reside em Tatuí-SP. É graduada em História e Geografia, pós-graduanda em Arte Educação. É professora da área de Artes Cênicas no Conservatório de Tatuí. Estudou com Zé Renato, Clóvis Garcia, Marcelo Lazzaratto, Gerson Steves, Erika Bodstein, Valéria Marchi, Calixto de Inhamuns, Diego Moschovich, entre outros.

Flor, Priscila (nessa ordem e com vírgula) é o nome artístico de Priscila Assis, escritora e turismóloga nascida em São Roque - SP e atualmente residente em Tatuí. Sua primeira publicação foi o livro de contos curtos A Marcha das Efêmeras. Uma Bandeira para Carlito foi seu romance de estreia, vencedor do concurso #écoisadepreto da Rico Editora. Participou da antologia Raízes: resistência histórica da Venas Abiertas e Vozes Negras do Se Liga Editorial. Experimentou a dramaturgia com os espetáculos Opinião Conta Dandaras, contemplado pelo ProAc e com Canavial da Esperança, contemplado pelo ProAc Lab.



Marcus Groza nasceu em São José dos Campos-SP e reside em São Bento do Sapucaí-SP. É escritor, dramaturgo e pesquisador. Autor das peças como Não Urine no Chão e Tambor de Couro Vivo assim como dos livros Museu da Higiene (poemas) e Pular no Rio até o Rio secar (romance). Participou com oralização de poemas do programa Manos e Minas da TV Cultura (SP), do Inverno Cultural da UFSJ (MG), do Tercer Jueves (Buenos Aires - ARG). O seu ensaio Para uma poética do esquecimento foi traduzido para o espanhol e publicado em Olvidar – Brumaria Works #9, coletânea impressa publicada em Madrid, Espanha.

Silvia Gómez nasceu em Belo Horizonte- MG e reside em São Paulo- SP. É jornalista, dramaturga e roteirista. Autora das peças teatrais Mantenha fora do alcance do bebê (ganhadora dos prêmios APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte, na categoria de melhor dramaturgia, e Aplauso Brasil) e Neste mundo louco, nesta noite brilhante (indicada ao Prêmio Shell) e A Árvore (Editora Cobogó), entre outras. Suas peças foram traduzidas para o alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, mandarim e sueco, tendo sido encenadas e lidas em países como Argentina, Bolívia, Colômbia, Escócia, Espanha, Inglaterra, México e Portugal. Mestranda na Escola de Comunicações e Artes na Universidade de São Paulo.





Tadeu Renato nasceu em São Paulo, é mestrando em Letras na UNIFESP. Graduado em Filosofia e Artes Visuais. Formado em Dramaturgia pela SP Escola de Teatro. É autor de 20 textos encenados por grupos da capital paulista e do interior do Estado. Tem 05 livros, entre poesia, prosa e dramaturgia, entre eles lenz, um outro (dramaturgia, Edições de Risco), Licantropia (dramaturgia, Selo Cesura) e A pausa, o pouso (prosas, Editora Clóe) É professor de Dramaturgia no Conservatório de Tatuí.

**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO SECRETARIA DA CULTURA,
ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS**

TARCÍSIO DE FREITAS | Governador do Estado

FELÍCIO RAMUTH | Vice-Governador

MARILIA MARTON | Secretária Titular

MARCELO HENRIQUE DE ASSIS | Secretário Executivo

DANIEL SCHEIBLICH RODRIGUES | Chefe de Gabinete

BRUNA ATTINA | Coordenadora da Unidade de Formação Cultural

DENNIS ALEXANDRE RODRIGUES DE OLIVEIRA | Coordenador da Unidade de Difusão Cultural, Bibliotecas e Leitura

GISELA COLAÇO GERALDI | Coordenadora da Unidade de Monitoramento dos Contratos de Gestão

MARIA BEATRIZ DE SOUZA HENRIQUES | Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico

MARIANA DE SOUZA ROLIM | Coordenadora do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo

NATÁLIA SILVA CUNHA | Coordenadora da Unidade de Fomento à Cultura

**SUSTENIDOS ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA / EQUIPE
COMPARTILHADA NO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ**

ALESSANDRA COSTA Diretora Executiva

RAFAEL SALIM BALASSIANO Diretor Administrativo Financeiro

CLAUDIA FREIXEDAS Superintendente Educacional

HELOISA GARCIA DA MOTA Superintendente de Desenvolvimento Institucional e Marketing

ALEXANDRE PICHOLARI Assistente Artístico

ANA CRISTINA CESAR LEITE Gerente de Desenvolvimento de Pessoas

ANA CRISTINA MEIRA COELHO MASCARENHAS Gerente Financeira

CAMILA SILVA Gerente de Produção de Eventos

LAURA RIBEIRO BRAGA Gerente de Comunicação e Marketing

LUIS CARLOS TRENTO Gerente de Contabilidade

MARIANA PEIXOTO FERREIRA Gerente de Relacionamento Institucional e Mobilização de Recursos

RAFAEL MASSARO ANTUNES Gerente de Logística/Patrimônio

SUSANA CORDEIRO EMIDIO PEREIRA Gerente de Suprimentos/Compras

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ANDRÉ ISNARD LEONARDI (Presidente), CLAUDIA CIARROCCHI, GILDEMAR OLIVEIRA, LUCIANA DE TOLEDO TEMER LULIA, MAGDA PUCCI, MONICA ROSENBERG (licenciada), RENATA BITTENCOURT, WELLINGTON DO C. M. DE ARAÚJO

CONSELHO CONSULTIVO

ELCA RUBINSTEIN (Presidente), ABIGAIL SILVESTRE TORRES, ADRIANA DO NASCIMENTO ARAÚJO MENDES, ANA MARIA WILHEIM, CELIA CRISTINA MONTEIRO DE BARROS WHITAKER, DANIEL ANNENBERG, GABRIEL WHITAKER, LEONARDO MATRONE, LUIZ GUILHERME BROM, MARISA FORTUNATO, MELANIE FARKAS (in memoriam), PAULA RACCANELLO STORTO

CONSELHO FISCAL

BRUNO SCARINO DE MOURA ACCIOLY, DANIEL LEICAND, PAULA CERQUERA BONANNO

CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

GILDEMAR DE OLIVEIRA Gerente Geral

ANTONIO SALVADOR Gerente Artístico-Pedagógico de Artes Cênicas

PEDRO PERSONE Gerente Pedagógico de Música

RENATO BANDEL Gerente Artístico de Música

JOSÉ RENATO GONÇALVES, LUCAS ALMEIDA, VITÓRIA SILVA Assistentes de Gerência

Coordenações Pedagógicas

JOÃO GERALDO ALVES Área de Música Popular

RAFAEL PELAES Cursos de Sopros/Madeiras, Percussão Sinfônica e Iniciação à Regência

JULIANO MARQUES BARRETO Cursos de Sopros/Metais e Polo São José do Rio Pardo

TANIA TONUS Matérias Teóricas

ROSANA MASSUELA Cursos de Violão Clássico, Acordeão Erudito, Canto Lírico e Área de Educação Musical

CARLO ARRUDA Cursos de Cordas Friccionadas, Luteria e Performance Histórica

FANNY DE SOUZA LIMA Cursos de Piano Clássico, Harpa e Piano Colaborativo

FERNANDA FERNANDES Área de Artes Cênicas

TULIO PIRES Música de Câmara e Prática de Conjunto

Relacionamento Institucional e Mobilização de Recursos

LUCIANA OLIVEIRA Analista

Centro de Produção

ISABEL CRISTINA MEDEIROS ÁVILA Supervisora de Produção de Eventos

EDUARDO LEAL, RENATA BRUGNEROTTO, WESLEY SALOMÃO SOARES E

GISELE DE FÁTIMA CAMARGO Produtores Culturais

ROBERTO FELIPE FRANCO DE OLIVEIRA, SAMUEL BRUNO DE MORAES Assistente de Produção

DIEGO FIGUEIREDO Inspeção de Grupos Artísticos

ALICE DE FÁTIMA MARTINS Bilheteria

WALMIR SANTOS DIAS LOPES E ELINE RAMOS Arquivistas

MARCELO VIEIRA DE SOUZA Iluminação e sonorização

GUILHERME DE MIRANDA RIBEIRO, RAFAEL MASCARENHAS DE MORAES,

REGINALDO PRESTES, VILMAR PEREIRA RIBAS Montagem

Setor de Comunicação

SABRINA MAGALHÃES Gerência

LENITA LERRI Assistente de Comunicação

JULIA HELOISA SILVA Analista de Mídias Sociais Júnior

ARTHUR GRANDO Designer Júnior

KARINE MARTINS ARRUDA Jovem Aprendiz

execução:

realização:

#SUSTENIDOS



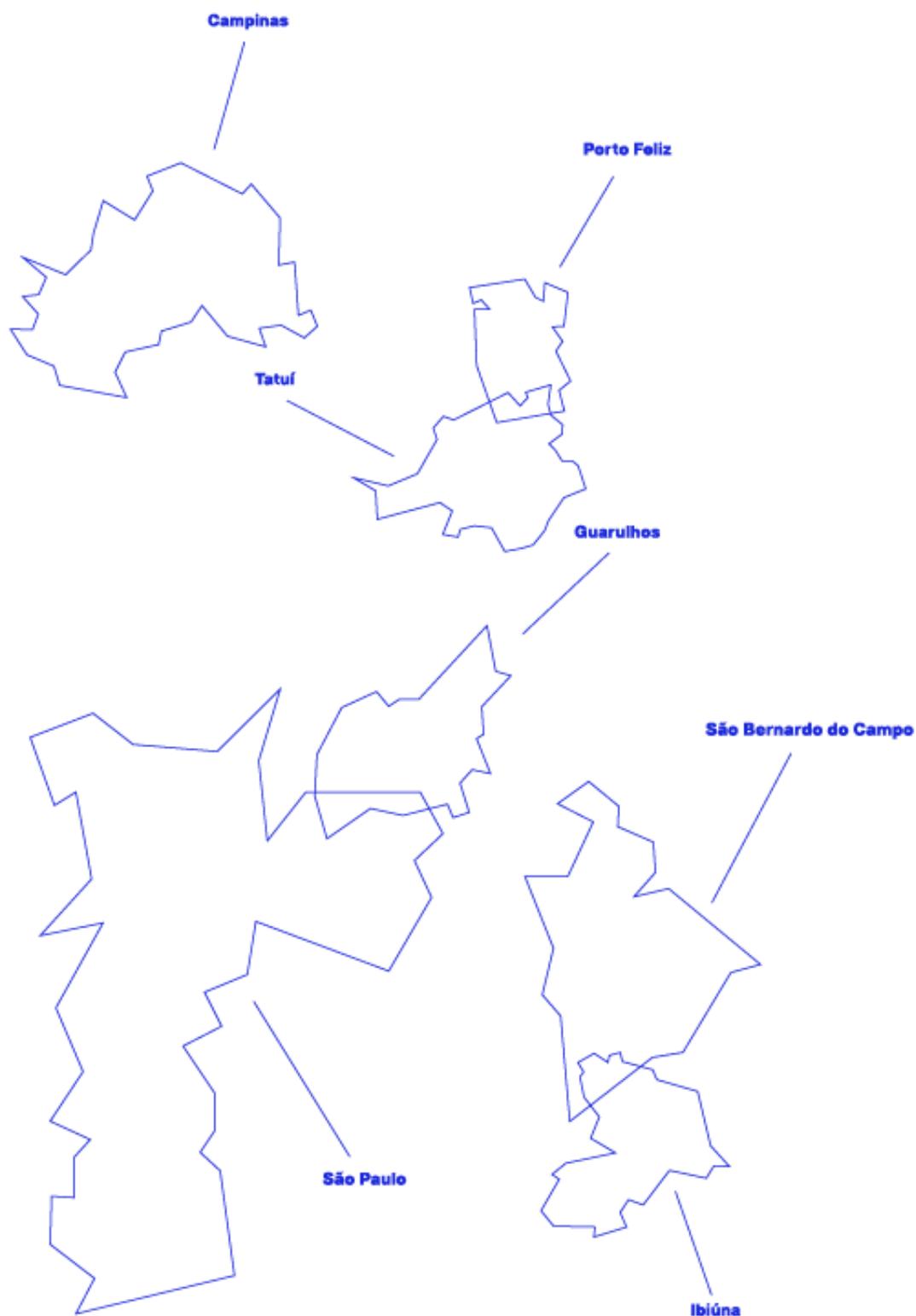
CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO

INTERIORES QUE COMPÕEM ESSA EDIÇÃO



Esta edição contempla 13 estudantes artistas de 7 cidades do Estado de São Paulo. Estudantes de escolas públicas e privadas, do ensino regular, de cursos livres e universidades.

MATERIAL EXTRA

KITEMBO

ENTRE NASCEDOUROS E POENTES

Cristiane Sobral

Kitembo, entre nascedouros e poentes – a escrita da cena em tempos de inclusão

A dramaturgia do espetáculo Kitembo, entre nascedouros e poentes, construída com os integrantes da Cia de Teatro do Conservatório de Tatuí em 2022, foi desenvolvida a partir de narrativas inspiradas nas religiões de matrizes africanas, nomeadamente o Candomblé – Angola. Na concepção bantu, o inquite africano Kitembo, também chamado Tempo, controla as estações do ano, o tempo e as mudanças na terra.

Na obra, Kitembo é o fio condutor da narrativa. Tempo se mostra aos humanos, de maneira metafórica, em uma dramaturgia conectada à audiodescrição para pessoas cegas e com baixa visão e à interpretação em LIBRAS para pessoas surdas ou com alguma deficiência auditiva.

Na cultura africana, assim como na indígena, dançar, cantar e rezar são elementos cotidianos e comunitários. Com ênfase na ancestralidade negra e indígena, à cena foi incorporado o Coco - uma dança de roda e ritmo - e alguns movimentos de danças africanas, assim como a música executada ao vivo com voz, violão e percussão.

O tecido teatral foi construído com base em três contos: “A búfala e o nascimento das gêmeas”; “A mulher que nunca se casou e o homem que enxergava no escuro”; e “As mulheres caçadoras”. Amalgamada em três atos, a escrita da cena foi adensada ao longo dos ensaios, trazendo elementos textuais do improviso. Nesta publicação constam os três contos. Pois, diferente de uma dramaturgia baseada na construção de diálogos, “Kitembo, entre nascedouros e poentes” tem na narrativa seu ponto estruturante. Assim, em cada ato, o que se verifica é um exercício de materialização poética dessas histórias.

A acessibilidade é elemento da encenação realizada com um elenco formado por pessoas com e sem deficiência, estudantes do Conservatório e integrantes da APODET - Associação das Pessoas com Deficiência de Tatuí. A linguagem inclusiva que se faz presente na obra tem o objetivo de integrar a cena de modo mais orgânico, buscando provocar reflexões sobre a importância da acessibilidade enquanto fio dramático, narrativo. Uma vez vinculados à própria escrita da cena, os elementos de audiodescrição, bem como a interpretação em LIBRAS, são aqui apresentados por meio da gravação do espetáculo, disponível no link:

<https://www.youtube.com/watch?v=4Ao0pTUsGec>

E é nesse jogo, entre as palavras presentes nos contos e a própria encenação, que a dramaturgia de Kitembo é concebida, como material vivo e singular.

Aos leitores e leitoras, fica o convite para se debruçar sobre os contos e assistir à gravação do espetáculo. Afinal, no contexto dessa publicação, configuram-se como peças de um quebra-cabeça e dependem um do outro para se fazerem completos.

Cristiane Sobral
Thiago Leite

1º ATO – A búfala e o nascimento das gêmeas

Entre nós havia uma entidade que tratava de resolver algumas questões de uma maneira que ninguém conseguia explicar bem. Um dia, uma das mulheres da nossa comunidade, grávida de gêmeos, desapareceu na beira da mata. Todos ficaram apreensivos porque foi uma gestação muito delicada, os mais velhos diziam temer pela mãe e pelas crianças. Os adultos passaram a noite procurando. No outro dia, apareceram na frente de uma das maiores árvores da região, a mãe e as duas meninas a salvo. Quando todos chegaram, eu lembro do meu espanto, todos correram pra ver, eu nunca tinha visto uma criança recém-nascida, as duas eram muito pequenas e enrugadas, eu não pude achar bonito, achei estranho, e com toda a história que contaram mais ainda. Uma vizinha disse que uma búfala aparecera e carregara a mãe para o meio da floresta, onde mulheres negras e indígenas dançavam e cantavam enquanto as meninas nasciam. Eu fiquei espantada, não sabia que alguém podia nascer em um ritual assim. Naturalmente. Nascer quando era chegado o tempo. A búfala assistia a tudo como se soubesse o que fazer e como se conduzisse as mulheres dançantes. Quando a primeira menina chorou, as mulheres passaram em seu corpo as cinzas dos ancestrais da comunidade, era realmente um hábito nosso guardar as cinzas, mas isso é outra contação.... Nasceu a segunda menina e também tomou o banho de cinzas, era como se recebesse a energia de todos que um dia ali estiveram. Depois, a mãe foi banhada com ervas e cuidada por todas as mulheres que limpavam o seu corpo, pentearam e perfumaram os seus cabelos. Perguntei à minha mãe quando cheguei em casa como sabiam que era búfala e não búfalo, ela respondeu: meu filho, não é búfalo, nem búfala, é Kitembo! Foi assim que ouvi falar de Kitembo pela primeira vez.

2º ATO – A mulher que nunca se casou e o homem que enxergava no escuro

Havia em nossa comunidade uma mulher de 50 anos, chamada Araci, que nunca se casou. Uns diziam que ela se casou sim, que fez até uma promessa pra casar. Todos percebiam que ela tinha amor sim, mas ninguém sabia com quem. Casar ou não, nunca foi problema pra nós. Cada um tinha o seu destino. Araci não costumava ser vista durante o dia, somente de noite aparecia.

Para alguns ela confessou que vivia uma história de amor com um homem que enxergava no escuro, um ser mítico que ela encontrava de tempos em tempos quando sumia pelas matas. Lá, ela passava muitos dias e ninguém sabia onde estava, do nada retornava, feliz da vida. Isso acontecia sempre uma vez por ano, durante a noite, na época da festa de Santo Antônio. O tempo deles é esse tempo que se dá no encontro nas matas e no rio.

Certo dia apareceu na beira de um rio, falava coisas estranhas, cantava e dançava, dizia que o homem que enxergava no escuro passou a noite com ela, que ele era maravilhoso. Juntos aprenderam os segredos mais íntimos de uma mulher e de um homem, que tateava o seu corpo em silêncio, e se transformavam em um só com as bênçãos de Kitembo.

Essa mulher foi escolhida pela nossa comunidade para participar e conduzir a iniciação da sexualidade das meninas, dois anos depois da primeira menstruação. Era encarregada de compartilhar com elas o segredo e os prazeres solitários do corpo feminino. O primeiro orgasmo das nossas meninas era fruto de uma experiência ritualística individual só entre mulheres.

Por outro lado, o homem que enxergava no escuro poderia ser também algum homem de nossa aldeia, encantado por Kitembo. Imaginávamos isso e ficávamos tentando saber quem seria, mas ninguém nunca descobriu. Eu sempre achei que seria um homem que se transformava com ajuda das matas e do rio, que ganhava poderes na noite, com a força e a delicadeza das águas azuis, pois lá acontecia o encontro marcado anualmente com a sua amada.

3º ATO – As mulheres caçadoras

Nos desígnios de Kitembo houve um tempo em que a escassez de alimentos atingiu a comunidade, devido a pouca chuva e tempo muito seco. Nessa época, de acordo com a orientação do sagrado, as mulheres começaram a caçar e os homens começaram a cozinhar, costurar e cuidar das crianças. Com o passar dos meses, os seios das mulheres caçadoras secaram porque não tinham mais o seu propósito. De tempos em tempos, quando a graça descia sobre nós, as mulheres retornavam com a caça e a aldeia virava uma grande festa.

As mulheres, quando grávidas, retornavam no final da gestação e os homens eram os parteiros. Também fazíamos festas para comemorar a morte daqueles entre nós que contavam mais anos, os nossos anciãos, nesses momentos fazíamos muita festa para celebrar a honra de ter entre nós alguém que morreu de tanto viver.

Quando, devido aos dias contados, as mulheres não podiam mais caçar, conquistavam o posto de anciãs e reinavam até a sua morte resolvendo com sua sabedoria várias questões entre os mundos. Os homens mais vividos também viravam anciãos.



Cristiane Sobral é carioca e vive em Brasília. É Bacharel e Licenciada em Interpretação Teatral e Mestre em Artes (UnB). Tem 11 livros publicados, o mais recente *Amar antes que amanheça, contos*. Palestrou em 09 universidades estadunidenses, inclusive Harvard. Em 2002 atuou como dramaturga convidada do Grupo Artístico Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí, onde concebeu *Kitembo—entre nascedouros e poentes*. Foi finalista do prêmio Jabuti de Literatura 2022 com o livro *Pretos em Contos, volume 2*.